

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS SÓ NA SUÉCIA.
TRADUZIDA EM 10 LÍNGUAS.

NINGUÉM VIU

MARI JUNGSTEDT

contraponto®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS SÓ NA SUÉCIA
PUBLICADO EM 10 IDIOMAS

NINGUÉM VIU

MARI JUNGSTEDT

contraponto®



TÍTULO

MARY JUNGSTEDT

NINGUÉM VIU

(Den Du Inte Ser - 2003)

Comissário Anders Knutas #01

*Para minha mãe, Kerstin Jungstedt,
que me ensinou a ver o positivo em mim mesma e na vida.*

* * *

ÍNDICE

Capa
Título
Índice
A Autora
Série
Resumo
A Ilha de Gotland
Capítulos
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito

* * *

A AUTORA

MARI JUNGSTEDT nasceu em 31 de outubro de 1962 em Estocolmo. É jornalista sueca e autora de novelas policiais e já se consolidou como uma das autoras mais famosas da novela policial escandinava. Trabalhou como jornalista na Rádio Pública Sueca e na Televisão Sueca, apresentando o talk show Förkväll na TV4. Suas primeiras três novelas se ambientam na ilha de Gotland e contam com o inspetor Anders Knutas e o jornalista Johan Berg. Adquiriu grande popularidade nos mais de quinze países onde foi publicada. No total, já foram vendidos mais de três milhões de livros em todo o mundo. Em seu país natal já foram publicados dez títulos da série. Duas de suas novelas foram filmadas pela televisão sueca. Mora atualmente em Nacka, próxima de Estocolmo. Seu marido é de Visby, Gotland, e passam suas férias em Gotland.

* * *

LIVROS DA SÉRIE COMISSÁRIO ANDERS KNUTAS

1. 2003; Den du inte ser; Unseen;
2. 2004; I denna stilla natt; Unspoken;
3. 2005; Den inre kretsen; The Inner Circle.
4. 2006; Den döende dandyn; The Killer's Art.
5. 2007; I denna ljuva sommartid; The Dead of Summer.
6. 2008; Den mörka ängeln; Dark Angel.
7. 2009; Den dubbla tystnaden.
8. 2010; Den farliga leken.
9. 2011; Det fjärde offret.
10. 2012; Den sista akten.

* * *

RESUMO

AILHA DE GOTLAND está se preparando para a temporada de verão, quando em 4 de julho, feriado nacional sueco, uma jovem mulher é encontrada brutalmente assassinada. Parece ser um crime cometido pelo marido da vítima, mas, em seguida, uma segunda vítima é encontrada. Um serial killer começa a aterrorizar turistas e moradores locais, e Comissário Anders Knutas tem que enfrentar a pressão adicional dos meios de comunicação e dos políticos locais que estão preocupados com uma temporada turística ruim para a ilha, que vive disso. Em sua busca do assassino, ele é auxiliado por Johan Berg, um jovem jornalista de Estocolmo, que foi enviado para cobrir os incidentes. Jungstedt escreveu um mistério emocionante em prosa clara e sem adornos, na tradição de Henning Mankell, Håkan Nesser, e Karin Fossum.

* * *

A ILHA DE GOTLAND



* * *

Um

Segunda-feira 4 de Junho

A TARDE passava melhor do que esperara. Certo que estivera um pouco nervosa antes, já que fazia tempo que todos não se reuniam. Mas agora sua inquietação havia desaparecido. Após um copo de boas vindas especialmente forte, vinho branco com o primeiro prato, vários copos de vinho tinto com o segundo e um porto com o último, o ambiente ao redor da mesa estava muito animado. Kristian contou outra anedota sobre o seu chefe e as gargalhadas ressoaram nas paredes de pedra da casa.

Do outro lado da janela se estendiam ondulantes campos de cereal e prados onde as papoulas ainda demorariam umas semanas para começar a florescer. Mais além dos campos se via o mar na luz vacilante do entardecer. Helena e Per haviam tirado uns dias livres e viajado até a sua casa na ilha de Gotland para passar ali a festa de Pentecostes. Queriam se encontrar com os amigos da infância de Helena alguma tarde durante essas festas, e, neste ano, a segunda-feira de Pentecostes era o único dia que conseguiriam juntar todos, e foi esse o que escolheram. A temperatura era inesperadamente fria para esta época do ano, em torno dos dez graus. O vento, que soprava com força, ululava e assoviava nas copas das árvores. As velas ardiam nos candelabros de ferro fundido sobre os aparadores das janelas e o fogo crepitava na lareira. O cachorro, deitado sobre uma pele no chão azulejado, lambeu as patas, soltou um suspiro e se enrolou numa bola sob a cálida chama do fogo e das velas.

Helena soltou uma gargalhada quando Per se uniu ao coro para cantar Gutesängen, uma canção que ela mesma havia lhe ensinado. A canção brincava com os rapazes da península Escandinava, que se dedicavam a perseguir as moças de Gotland durante as férias de verão. Em torno da mesa, todos levantaram as vozes no estribilho: Emma, a melhor amiga de Helena, com Olle, seu marido; seus vizinhos Eva e Rikard, e Beata com John, seu namorado americano e novo no grupo. Kristian era o único que ainda não tinha par. Um corajoso com vocação de solteiro, pelo que parecia. Até então, nem sequer morara com alguém, apesar de já ter trinta e cinco anos. Ela se perguntava há tempos como isto era possível.

Helena foi até a cozinha para desenvolver outro par de garrafas de vinho. Ela gostava daquela casa tão pouco acolhedora, em que havia passado todos os verões desde que era pequena. Na realidade, Per e ela precisavam ficar sós. Dispor de tempo para conversar. Estar juntos, sem celulares, sem computadores e sem despertadores. “Ainda assim, um jantar com os velhos amigos não é ruim”, pensou Helena, e compreendeu o muito que os havia deixado de lado. Alguém lhe passou um dedo pelas costas e a retirou de suas divagações.

— Que tal? Perguntou detrás dela a voz de Kristian, baixa e insinuante.
— Bem, respondeu, sorrindo algo forçada, ao se virar.
— Como vão, Per e você? Beliscou-lhe suavemente o nariz. — Continua fazendo-a feliz?
— Se você não pode ter quem quer, terá que se conformar com o segundo melhor, respondeu, e saiu da cozinha diante dele.
— Agora vamos dançar, gritou Beata, que parecia em plena forma. Saiu da mesa e começou a rebuscar entre os CD.

Uma das poucas coisas modernas que havia na sala era o equipamento de som. Condição indispensável para que Per pudesse pensar em passar mais de um dia na casa. Em seguida se escutou Hákan Hellstróm nos alto-falantes. Per seguiu o exemplo de Beata e começou a dar voltas com ela. Os demais também se levantaram e começaram a dançar de tal maneira que as vigas do chão tremeram.

Depois alguém poderá dizer em que momento as coisas mudaram. De repente, Per arrancou Helena dos braços de Kristian e saíram para o pórtico. Dentro da casa continuou a dança. Ao cabo de um tempo se abriu a porta da varanda. Helena entrou correndo, tapando o rosto com as mãos e entrou no banheiro. O seu lábio superior sangrava. De repente, a alegria da festa se transformou em confusão e abatimento.

John desligou o som. A casa ficou em silêncio. Só se ouvia o cachorro, que ladrava ante a porta do banheiro e rosnava para os que estavam mais próximos, até que Helena entreabriu a porta e o deixou entrar. Kristian saiu para falar com Per e os demais o seguiram. O soco chegou tão rápido que não teve nem tempo de reagir. Per fez alvo bem no osso nasal. Rikard e John o seguraram antes que pudesse continuar. Retiraram-no do pórtico e o levaram até o gramado úmido da noite. O vento havia amainado e uma neblina cinzenta se estendia ao seu ao redor. Emma e Beata se ocuparam de Helena. Eva ajudou a Kristian a limpar o sangue e a colocar uma compressa fria para tentar reduzir o inchaço o melhor que pudesse. Olle ligou para pedir táxis. A reunião estava definitivamente acabada.

* * *

Dois

Terça-feira 5 de Junho

QUANDO HELENA abriu os olhos no dia seguinte, às seis e meia da manhã, sentia como se a cabeça fosse explodir. Despertava sempre muito cedo quando tinha ressaca. Estava deitada de costas, com os braços rígidos ao longo do corpo, em posição de sentido. Como se durante a noite tivesse evitado se mover com medo de roçar em Per, que estava só a um decímetro dela na cama. Olhou-o. Dormia tranquilo, completamente envolvido em seu edredom. Só sobressaía o seu cabelo negro e encaracolado. A casa estava em silêncio, salvo pelos suaves roncões de Spencer, que dormia no chão. O cachorro ainda não havia notado que Helena havia despertado. Tinha o corpo tenso e se sentia mal. Ficou olhando fixamente o teto branco e se passaram alguns segundos antes de lembrar o que havia acontecido na noite anterior.

“Não”, pensou. “Não, não, não. Outra vez, não”. Per já havia feito alguns escândalos com seus ciúmes, ainda que tivesse melhorado durante o último ano, isso ela tinha de reconhecer. E agora, este retrocesso. Um papelão. A dor se apossou dela quando compreendeu a magnitude do que havia acontecido. Não só entre ela e Per, mas também com os amigos. A reunião. Havia começado tão bem... Depois do jantar estiveram dançando. Certo que Kristian havia deslizado a mão mais baixo do que o conveniente, quando seus corpos se abraçaram em uma música lenta. Pensou em retirar a mão, mas estava demasiado bêbada para se preocupar com isso.

Sem prévio aviso, tinha sido retirada da dança. Per agarrou-a com força pelo braço e a levou bruscamente até o pórtico. Ficara tão surpresa que não conseguira reagir. Ali fora, ele gritou um monte de acusações, e ela se irritou. Gritou com ele. Disse sapos e cobras. Per sacudia-a, ela lhe batia, arranhava e mordia. Tudo terminou quando ele lhe deu uma sonora bofetada. Helena correu para o banheiro. Ficara de pé diante do espelho, chocada, olhando fixamente o rosto, paralisada num esgar silencioso. Cobria a boca entreaberta com uma mão, as pontas dos dedos tremiam sobre o inchaço no lábio superior. Per nunca havia lhe batido antes.

Ouvia os demais falar do outro lado da porta. Vozes contidas, às vezes indignadas. Escutou como acalmavam e levavam Per, tranquilizavam Kristian, ligavam chamando os táxis. Emma e Olle ficaram. Não se foram até que Per adormeceu e Helena ia a caminho disso. Apesar de tudo, ficaram na mesma cama. Agora, Per estava ali, dormindo a seu lado, e ela não podia compreender aquela loucura. Pensava em como ia passar o dia. Como iam consertar aquilo? Uma discussão por ciúmes, uma briga em toda regra... Comportaram-se como jovens imaturos, que não eram capazes de beber um pouco de vinho e se divertir com uns amigos. Eram uns merdas, uns absolutos inúteis. A vergonha pesava em seu estômago como uma pedra. Levantou-se sem fazer barulho da cama,

temerosa de que Per despertasse. Foi até o banheiro, esvaziou a bexiga e olhou seu rosto pálido no espelho. Procurava sinais visíveis da noite anterior, mas não se notava nada. O inchaço já havia desaparecido.

“Talvez o golpe na realidade não tenha sido tão forte”, pensou. Como se isso fosse desculpa. Foi até a cozinha e bebeu meia lata de Coca-Cola. Voltou ao banheiro e escovou os dentes. Sentiu a frescura do piso debaixo dos seus pés descalços enquanto se movia entre os aposentos. Spencer a acompanhava como uma sombra. Vestiu-se e, para alegria incontrolável do cachorro, foi até a entrada e calçou os tênis. O ar da manhã, frio e liberador, golpeou-a ao abrir a porta. Tomou o caminho que descia até o mar. Spencer saltava a seu lado com o rabo teso e corria pela grama que crescia ao lado do caminho de barro, mijando por todo lugar. Em intervalos regulares, o animal se voltava e olhava-a.

O labrador, de um negro brilhante, era um bom cachorro guardião e assíduo acompanhante dela. Helena respirava profundamente e o frio da manhã fazia encher seus olhos de lágrimas. E quando pisou a areia da praia, se viu envolta em uma névoa cinzenta. Flutuava ao seu redor como um tapete de algodão de açúcar. O cachorro desapareceu rapidamente no silêncio, na suavidade. Não se via o horizonte. O pouco que se podia entrever da água era de uma cor cinza-chumbo e quase totalmente parada. A praia estava surpreendentemente silenciosa. Só uma gaivota solitária grasnava sobre o mar, ao longe. Ainda que a visibilidade fosse ruim, decidiu caminhar pela praia até chegar ao outro extremo e dar a volta. “Se eu seguir a linha da água não haverá nenhum problema”, pensou. A enxaqueca diminuía e começou a ordenar os seus pensamentos. A primavera havia sido esgotadora e muito movimentada, tanto para ela como para Per, e precisavam sair e ter um pouco de tempo para eles mesmos. Após o fracasso da tarde anterior, não sabia o que pensar.

Acreditava, em que pese a tudo, que era com Per com quem queria viver. Estava certa de que ele gostava dela. Ela ia fazer trinta e cinco anos no mês seguinte e sabia que Per estava esperando uma resposta. Uma decisão. Estava há muito tempo desejando que marcassem a data do casamento, que parasse de tomar a pílula e tivessem um filho. Nas vezes que haviam feito amor ultimamente ele sempre falava que desejava tê-la engravidado. Sentia-se incomoda cada vez que ele dizia isso. Ao mesmo tempo, nunca havia se sentido tão segura em uma relação, tão querida. Talvez não pudesse desejar muito mais, talvez tivesse chegado o momento de se decidir. Antes de conhecer Per não fora muito bem em suas relações amorosas. Nunca estivera apaixonada de verdade e tampouco sabia se agora estava. Ou melhor, talvez não fosse capaz de se apaixonar. Seus pensamentos foram interrompidos porque o cachorro latiu. Soou como um latido de caça. Como se tivesse descoberto o rastro de um coelho, dos que tanto abundavam em Gotland.

— Spencer! Venha cá! Ordenou.

Ele acudiu obediente, correndo, com o focinho no chão. Ela se pôs de cócoras e o acariciou. Tentou enxergar algo por cima do mar, mas pouco podia ver. Nos dias mais claros se observavam dali as silhuetas dos penhascos das ilhas Stora e Lilla Karlsö. Era difícil imaginá-los agora. Tremeu de frio. Certo que as primaveras eram frias em Gotland, mas que estivesse fazendo tanto frio já em junho não era normal. O ar úmido e gelado entrava através da roupa. Usava camiseta, camisa e casaco, mas não estava sendo suficiente. Levantou-se e apertou com força o casaco ao corpo. Deu a

volta e recomeçou a andar pelo caminho que viera. “Espero que Per já tenha despertado e possamos conversar”, pensou.

Sentia-se melhor depois do passeio. Dentro dela começava a abrir passagem a sensação de que nem tudo estava perdido. Poderia ligar hoje para os amigos, explicar, e rapidamente tudo seria esquecido e poderiam continuar como de costume. O ataque de ciúmes de Per havia passado. E a verdade é que fora ela quem começara a arranhar e bater. Quando chegou ao extremo da praia, a névoa era ainda mais espessa. Branco, branco, branco. Virasse até onde se virasse. Reparou que estava há um tempo sem ver Spencer. A única coisa que podia distinguir com nitidez eram os seus tênis meio fundidos na areia. Chamou-o várias vezes. Esperou. Não veio. Era estranho. Deu uns passos para trás e se esforçou para enxergar em meio da névoa.

— Spencer! Venha cá!

Não teve resposta. Maldito cachorro... Não devia se comportar assim. Algo não ia bem. Parou e escutou. Tudo o que ouviu foi o salpicar das ondas. Um estremecimento de desagrado lhe percorreu as costas. Mas rapidamente o silêncio foi rompido. Um latido curto, seguido de um rosnar que se extinguiu. Era Spencer. O que estava acontecendo? Permaneceu imóvel tentando conter o medo que crescia em seu peito. Fora próximo da névoa. Era como se encontrar em meio de um vazio silencioso. Gritou novamente.

— Spencer, aqui!

Então sentiu um movimento detrás dela e pressentiu que alguém se encontrava muito próximo. Voltou-se.

— Quem está aí? Perguntou em voz baixa.

* * *

Dentro da redação regional de notícias, no grande edifício da televisão pública, reinava um ambiente descontraído. A reunião da manhã havia terminado. Por todos os lados haviam repórteres sentados com sua xícara de café ao lado. Alguns com o fone na orelha, outros olhando fixamente a tela de seu computador, um par deles com as cabeças juntas falando em voz baixa. Um ou outro fotógrafo folheava sem interesse os jornais da tarde anterior, convertidos agora em jornais da manhã.

Por todos os lados papéis empilhados, jornais e revistas espalhados ao redor, xícaras de café a meio beber, telefones, computadores, faxes, arquivos e pastas. Na mesa central, ponto nevrálgico da redação, naquela hora da manhã só se encontrava o redator chefe, Max Grenfors. “A gente aqui não se dá conta do bem que tem”, pensava, enquanto digitava a ordem de emissão do dia no computador. “Deveria poder contar com algo mais de entusiasmo e de energia, em lugar desta relutância. Os repórteres não só não apresentaram ideias na reunião da manhã desta terça-feira triste, mas que, além disso, se queixaram do trabalho que têm para fazer”.

Max Grenfors acabava de superar os cinquenta anos, e fazia o que podia. Tingia com

regularidade o cabelo, agora grisalho, em um dos melhores cabeleireiros da cidade. Mantinha-se em forma com longas e solitárias sessões no ginásio da empresa. Para o almoço, preferia comer requeijão e beber iogurte sentado ante o computador, em vez dos pratos gordurosos do barulhento restaurante do edifício junto de seus companheiros, igualmente barulhentos. Max Grenfors achava que faltava entusiasmo para a maioria dos repórteres e o espírito empreendedor que ele mesmo teve quando repórter, antes de chegar à cadeira de redator chefe.

Como chefe de redação tinha que decidir o conteúdo das emissões, as reportagens que deviam ser feitas e a sua duração. Intrometia-se de boa vontade em como deviam ser elaboradas as reportagens, o que provocava com frequência a irritação dos repórteres. Mas isso não o preocupava, pois dizia a última palavra. Pode ser que a falta de entusiasmo fosse por causa do longo e frio inverno, seguido daquela primavera úmida que viera com um frio que parecia não terminar nunca, que fazia com que o cansaço caísse como uma manta mofada sobre a redação. O ansiado calor do verão parecia estar ainda muito longe.

Redigiu os títulos das reportagens que iam ser veiculadas e as dispôs na ordem de transmissão. A notícia mais destacada do dia tratava da catastrófica situação econômica que atravessava o Hospital Universitário de Uppsala, seguida da greve na prisão de Österáker, em continuação o tiroteio da noite anterior em Södertälje e por fim da gata Elsa a quem dois meninos de doze anos salvaram de morte certa em um contêiner de lixo, em Alby. “Um toque verdadeiramente humano”, ele pensou satisfeito, esquecendo por um momento o seu descontentamento. “Crianças como heróis e animais, algo que o público sempre gosta”.

Pelo rabo do olho notou que o apresentador do programa acabava de entrar na redação. Era a hora de fazer um repasse e de realizar a habitual conversa sobre o próximo convidado que seria trazido ao estúdio à tarde. Uma conversa que poderia acabar em discussão.

* * *

Erik Andersom descobriu primeiro o cachorro. Erik Anderson, de sessenta e três anos, aposentado por doença e residente na paróquia de Eksta, no interior da ilha, se encontrava de visita na casa de sua irmã, em Fröjel. Ele e a sua irmã davam longos passeios até a orla do mar, fizesse o tempo que fizesse, inclusive em dias enevoados como aquele. Mas hoje a sua irmã havia recusado. Estava resfriada e tinha uma tosse bastante persistente, por isso preferira ficar em casa. Erik estava decidido a sair. Depois de almoçar juntos, sopa de peixe, pão e doce com amoras, que ele mesmo havia feito, calçou as botas de borracha, pôs o agasalho e saiu.

Sobre os campos e prados que se estendiam de ambos os lados do estreito caminho de barro, o dia estava bastante claro. A névoa da manhã havia se dissipado. O ar era cortante e úmido. Enfiou bem o gorro e decidiu descer até a praia. O som do barro debaixo de seus pés lhe era familiar. As ovelhas negras, que pastavam próximo de onde ele passava levantaram a cabeça do pasto e olharam. Abaixo, sobre o velho portão meio podre do último canteiro do bosque, antes de chegar à praia, havia três corvos pousados em linha. Alçaram voo, ao mesmotempo, com um ofendido grasnido quando chegou próximo a eles. Quando ia fechar a enferrujada porta atrás de si, seu olhar captou algo estranho na borda da sarjeta. Pareciam restos de um animal. Aproximou-se da sarjeta e se inclinou

para conseguir olhar melhor. Era uma pata e estava cheia de sangue. Era muito grande para que fosse de um coelho. Poderia ser de uma raposa? Não, a pelagem debaixo do sangue era negra.

Seguiu o rastro do sangue com a olhar. Um pouco mais além viu um cachorro grande e negro. Jazia de lado e com os olhos abertos. A cabeça aparecia girada em um ângulo estranho e o pelo estava empapado de sangue. Destacava-se o rabo extremamente peludo e brilhante em meio da carnificina. Quando se aproximou mais, viu que havia sido degolado; a cabeça estava quase separada do resto do corpo. Sentiu-se tão mal que teve que se sentar em uma pedra. Respirava com dificuldade, tapando a boca com a mão. O coração palpitava com força. O silêncio era espantoso. Ao cabo de um tempo se levantou com esforço e deu uma olhada ao seu redor. Que havia acontecido ali? Erik Andersom se perguntava, quando a viu. O corpo da mulher jazia meio coberto de ramos. Estava nua. Tinha grandes feridas sanguinolentas, como se fossem cortes. Os cachos negros caíam sobre a frente e os lábios haviam perdido a cor. Tinha a boca entreaberta, e quando ele conseguiu ter ânimo para se aproximar descobriu que a haviam enchido com uma peça de tecido.

* * *

O alarme chegou à polícia de Visby às 13.02. Trinta e cinco minutos depois, dois carros da polícia entravam com as sirenas ululando no pátio da casa de Svea Johansson, em Fröjel. Passaram-se outros cinco minutos antes que chegasse a ambulância e se encarregassem do homem de idade, que, sentado em uma cadeira na cozinha, se balançava para frente e para trás. A dona de casa apontou a zona do bosque onde seu irmão havia feito o achado. O comissário de polícia judicial, Anders Knutas, e sua colega, a inspetora Karin Jacobson, se dirigiram a passo vivo até aquela parte do bosque, seguidos bem de perto pelo técnico criminalista Erik Sohlman e outros quatro policiais com cachorros. Ao lado do caminho, antes de chegar à praia, encontraram o cachorro morto, na sarjeta. Fora degolado e lhe faltava uma das patas dianteiras. O chão ao redor estava empapado em sangue. Sohlman se agachou sobre o cachorro.

— Degolado, observou. — As feridas parecem ter sido causadas por uma arma de gume. Provavelmente um machado.

Karin Jacobson estremeceu. Gostava muito de animais. Um pouco mais além encontraram o corpo ultrajado da mulher. Olharam o cadáver em silêncio. Tudo o que se ouvia era o som das ondas quebrando na praia. Jazia ali, nua, debaixo de uma árvore. O corpo estava coberto de sangue; em alguns lugares aparecia a pele, incrivelmente branca. Podiam-se observar profundas feridas de cortes no pescoço, no peito e no abdome. Tinha os olhos abertos de par em par. Os lábios, secos e abertos. Parecia como se estivesse gritando. Um profundo mal estar se apoderou de Knutas, que se agachou para olhar mais próximo. O autor do crime havia colocado entre os lábios uma peça de tecido listrado. Sem pronunciar palavra, Knutas apanhou o telefone celular do bolso e ligou para a Unidade de Medicina Legal do Hospital de Solna. Um legista teria de voar até ali o quanto antes possível.

* * *

O primeiro telegrama da TT, a Agência Central de Notícias Sueca, chegou às 16.07. A informação era escassa.

VISBE (TT)

Uma mulher foi encontrada morta em uma praia da costa oeste de Gotland. Segundo informações da polícia, foi assassinada. A polícia ainda não quer se pronunciar sobre como morreu a vítima. As estradas da área se encontram fechadas. Um homem está sendo interrogado.

Passaram-se dois minutos antes que Max Grenfors descobrisse o telegrama em sua tela. Levantou o fone do telefone e ligou para o oficial de plantão da polícia de Gotland. Não conseguiu saber muito mais. O policial confirmou que uma mulher, nascida em 1966, havia sido encontrada morta na praia de Gustavs pertencente à paróquia de Fröjel, na costa oeste de Gotland. A mulher, que residia em Estocolmo, havia sido identificada. O noivo estava sendo interrogado pela polícia. Os cachorros rastreavam a zona. A polícia, em busca de possíveis testemunhas, batia de porta em porta nos vizinhos da área.

Nesse mesmo tempo soava o telefone do repórter Johan Berg. Era um dos mais antigos da redação. Já haviam se passado dez anos desde que começara a trabalhar na TV. A casualidade fez com que se convertesse em repórter de sucesso desde o princípio. No seu primeiro dia de trabalho foi cometido o brutal assassinato de uma prostituta no porto de Hammarby. Johan era o único repórter que se encontrava na redação naquele momento, assim lhe deram o trabalho. Sua reportagem encabeçou a emissão do dia, e deu lugar a que seguisse fazendo reportagens de sucesso. Continuava pensando que era a seção mais apaixonante dentro do jornalismo.

Quando soou o telefone, ele estava concentrado em sua reportagem sobre a greve em Österåker, corrigindo a redação na tela. A reportagem ia ser editada em seguida e tudo devia estar preparado antes que ele e o editor pudessem começar o trabalho de montar as imagens, o texto falado e as entrevistas. Levantou distraído o fone.

— Johan Berg, Notícias Regionais.

— Encontraram uma mulher assassinada em Gotland, chiuu uma voz ao telefone. — Mataram-na, provavelmente com um machado e tinha as calcinhas enfiadas na boca. Anda solto um autêntico louco.

Quem ligava era um dos melhores informantes de Johan. Um polícia aposentado que vivia na cidade portuária de Nynäshan. Após uma operação de câncer de laringe, respirava através de um tubo que terminava na parte anterior do pescoço.

— Do que você está falando?

— Encontraram-na hoje em uma praia de Fröjel, na costa oeste.

— Está certo disso? Perguntou Johan, sentindo que o pulso acelerava.

— Totalmente.

— O que mais sabe?

— Ela é de Gotland, mas se mudou para a Península há muito tempo. Estocolmo. Só estava passando uns dias na ilha com seu noivo. Ele foi levado para as dependências policiais e está sendo interrogado neste momento.

— Como a encontraram?

— Um senhor que passava por ali. Um velho que tiveram que levar ao hospital. Sofreu uma comoção. Pode confirmar você mesmo.

— Muito obrigado. Devo-lhe umas cervejas no pub, disse Johan ao mesmo tempo em que desligava o telefone e se levantava da cadeira.

O ambiente descontraído da redação se transformou em febril atividade. Johan contou o que sabia ao redator, que no mesmo momento decidiu que Johan e um fotógrafo deviam tomar o primeiro voo que saísse para Gotland. Outro montaria o trabalho de Österåker. Agora se tratava de ir e chegar primeiro.

Na realidade, Max Grenfors tinha a obrigação de informar ao redator chefe, que tinha o controle sobre todas as redações de notícias da TV, mas isso podia esperar. “Será bom se pudermos ter um pouco de vantagem”, pensou enquanto dava instruções. Fora com o trabalho mais destacado do dia! Quem diabos se importaria agora com a economia do hospital universitário?

Johan precisou contar o que sabia a uma colega, que no mesmo momento pôs texto na informação disponível. Além disso, preparou uma entrevista com o oficial de plantão da polícia de Visby, que confirmara o achado do cadáver de uma mulher e que a polícia suspeitava que se tratasse de um assassinato. Em poucos minutos, todos os redatores dos grandes programas de notícias de TV estavam zumbindo ao redor da mesa do redator de Regionalnytt, Notícias Regionais.

— Por que mandou um repórter a Gotland? Esse assassinato tem tanto interesse? Perguntou o redator chefe.

Ele só havia lido o telegrama da Agência Central de Notícias Sueca, mas já soubera que o programa regional ia enviar uma equipe a Gotland. Quatro pares de olhos olhavam fixamente para Grenfors, que compreendeu que devia contar que a mulher havia sido vítima de uma violência brutal, provavelmente com um machado, e que a encontraram com as calcinhas enfiadas na boca. Como o panorama das notícias internacionais nesse dia estava bastante tranquilo, a reação dos redatores foi positiva. Por fim uma notícia que podia salvar a emissão! Viram claro que não se tratava de um assassinato corrente, e começaram a falar acalorados, todos à mesma vez. O redator chefe decidiu, depois de conversar um tempo, que era suficiente enviar somente um repórter a Gotland. A confiança que tinham em Johan Berg era tão grande que ficaram de acordo de que ele bastaria, até que se conseguisse algo mais. Johan soube que Peter Bylund o acompanharia, o fotógrafo com quem mais gostava de trabalhar. Teriam tempo de embarcar no avião que sairia para Visby às 20.15.

No táxi que o levou para casa, sentiu a excitação já conhecida de se encontrar no centro de um acontecimento. Uma mulher havia sido brutalmente assassinada e a aversão que sentia por isso teria que dar passagem à vontade de saber do acontecido e informar disso. “É estranho como funciona”, pensou, enquanto o carro cruzava sobre a ponte de Västerbrom e ele contemplava Riddarfjärden, com o Ajuntamento e o lado antigo da cidade ao fundo. “É como se jogasse todos os sentimentos humanos para um lado e deixasse que a profissão comandasse”.

Pensou na noite em que naufragara o barco de passageiros Estônia. Setembro de 1994. Dias depois daquela terrível catástrofe em que mais de oitocentas pessoas perderam a vida, ele tinha ido e

vindo entre os familiares que se encontravam no terminal do porto de Värtan, os empregados da companhia marítima Estline, os passageiros sobreviventes, políticos e comitês de crise. Durante aqueles dias parava em casa só para dormir umas poucas horas e voltava ao trabalho de novo. Esteve no meio de tudo, participando de todas as histórias, mas à distância. Fechou os sentimentos. A reação veio muito depois. Quando os primeiros corpos resgatados do interior do barco chegaram a Suécia e foram levados, em meio de um cortejo fúnebre, desde o aeroporto de Arlanda até a igreja de Riddarholmskyrkan, no lado antigo da cidade, onde se celebrou um ato em memória dos mortos, antes de serem trasladados aos seus lugares de residência. Ao ouvir um repórter da Rádio Estocolmo transmitindo, com voz profunda e séria, diretamente dali, desabou. Caiu no chão, em casa, e chorou. Foi como se tivesse revivido ao mesmo tempo todas as impressões que acumulara. Viu ante si os corpos se movendo dentro do barco, pessoas que gritavam, gente que ficava presa debaixo das mesas e os armários que saíam disparados. O pânico que teve que lugar a bordo. Sentiu como se fosse rebentar. Tremia só em pensar.

Uma vez no apartamento, se deu conta de como tudo estava bagunçado. Não tivera tempo de arrumar as coisas ultimamente. Seu apartamento, de sala e quarto, na Rua Heleneborgsgatan, no bairro de Södermalm, ficava no primeiro andar do edifício. Que a Baía de Riddarfjärden ficasse ao lado era algo que não se notava dentro da casa. Seu apartamento dava para o pátio interno. Estava encantado com o lugar: no centro, com toda a oferta de lojas e bares a um passo e, além disso, a ilha de Långholmem ao lado, com seus caminhos para passear e suas pedras suaves para tomar sol. Não se podia viver melhor. Naquele momento o apartamento não se encontrava em seu melhor estado. Os pratos se empilhavam na pia, o cesto da roupa suja estava transbordando e se viam embalagens de pizzas espalhados pelo chão. O típico apartamento de solteiro. Johan estava consciente de que tinha meia hora para preparar a mala. Teria de limpar só essencial. O telefone tocou duas vezes enquanto se afanava no apartamento: esfregou, airou a casa, limpou a mesa, tirou o lixo, regou as flores e fez a mala. Não atendeu ao telefone. A secretária eletrônica funcionou ao quinto toque e ele ouviu a voz de sua mãe e a de Vanja. Ainda que a relação entre eles tivesse terminado há mais de um mês, ela se negava a aceitar. Seria bom sair dali por um tempo.

* * *

Um homem solitário se apressa dentro do bosque com o olhar fixo no chão. Leva um saco às costas, um saco negro de lixo. O cabelo úmido cai sobre a testa. Já não existe volta atrás. Absolutamente nenhuma. Está alterado, mas ao mesmo tempo seu corpo vai se enchendo de uma paz interior. Dirige-se a um ponto concreto. A um objetivo fixado. Agora se vê o mar. Falta pouco para chegar. Ali está o barracão dos botes. Cinza e podre. Destruído pelo mau tempo. Nevascas e chuvas. Ao lado tem um barco a remos rachado e com um buraco no fundo. Consertará em outro momento. Primeiro precisa se desfazer de sua bagagem. Luta um tempo com a fechadura enferrujada, pois a chave não é usada há anos. Ao final ela cede e abre com um clique. Primeiro pensa em enterrar o conteúdo do saco. Mas a verdade é: Por quê? Ninguém aparece por ali. Além disso, não está totalmente disposto a se desfazer das coisas. Quer tê-las aqui, disponíveis, de maneira que possa vir aqui olhá-las. Cheirá-las. No barracão existe um velho banco de cozinha com tampa. Abre a tampa. Dentro encontra alguns jornais velhos. Uma lista de telefones. Esvazia o conteúdo do saco. Fecha a tampa. Agora está satisfeito.

* * *

A Comissaria de Polícia de Visby fica do outro lado da muralha. É um edifício francamente feio. Uma construção alongada, com placas azuis claras, que parece mais uma fábrica de pescados em algum lugar da Sibéria do que a Comissaria de Polícia desta bela cidade medieval. A gente a chama Bläkula, pela cor azul. Dentro, em uma sala de interrogatórios, Per Bergdal está inclinado sobre a mesa com o rosto entre as mãos. Tem o cabelo revoltado, e fede a vinho azedo. Não pareceu especialmente surpreso quando a polícia bateu a sua porta, pois a sua noiva havia desaparecido. Decidiram levá-lo a Comissaria para interrogá-lo. Agora estava ali com um cigarro entre os dedos trêmulos. Com ressaca e abatido. Pelo que parecia também chocado. “Ainda que, na verdade, é impossível saber se está, na realidade”, pensou o comissário Knutas quando se sentou do outro lado da mesa. Em qualquer caso, haviam encontrado a sua noiva assassinada, ele não tinha álibi e mostrava arranhões visíveis, tanto no pescoço como nos braços e rosto.

O cinzeiro que havia diante de Bergdal estava repleto de guimbas, ainda que ele habitualmente não fumasse. Karin Jacobson se sentou em uma cadeira ao lado de Knutas. Passiva, mas presente. Per Bergdal levantou a cabeça e olhou através da única janela que havia na sala. Uma chuva intensa golpeava os vidros. Ventava e, do outro lado da Rua Norra Hansegatan, mais além do estacionamento, se viam partes da muralha próximas à Porta Österport. Um Volvo vermelho passava por ali. Para Per Bergdal parecia tão longe como se tratasse da lua. Anders Knutas colocou a gravadora sobre a mesa, aclarou a garganta e apertou o botão de gravação.

— Interrogatório com Per Bergdal, noivo da mulher assassinada, Helena Hilerströn, disse algo solene. — São 16.10 do dia 5 de junho. Interrogatório realizado pelo comissário Anders Knutas junto com a inspetora Karin Jacobson como testemunha. Olhou com gravidade para Per Bergdal que estava sentado com os ombros caídos olhando a mesa. — Quando descobriu que Helena não estava em casa?

— Despertei pouco antes das dez. Não estava na cama. Levantei-me; não estava em casa. Então pensei que tivesse saído com o cachorro. Ela gosta de madrugar e acorda sempre antes de mim. Quase sempre é ela que dá a primeira volta com Spencer pela manhã. Eu tenho o sono pesado, não ouvi quando saiu.

— Que fez?

— Acendi o fogo do fogão de lenha e preparei o café da manhã. Depois me sentei para tomar o café e ler o jornal da tarde de ontem.

— Não se perguntou onde estaria?

— Quando começaram as notícias das onze no rádio, pensei que fosse estranho que ainda não tivesse voltado para casa. Sai ao pátio. Da nossa casa se pode ver até o mar, mas hoje havia uma névoa espessa e não pude ver mais que uns metros mais além. Então me vesti e saí para procurá-la. Desci até a praia e a chamei, mas não encontrei, nem a ela, nem a Spencer.

— Quanto tempo esteve procurando-os?

— Estive fora pelo menos uma hora. Em seguida pensei que; quem sabe enquanto isso ela voltara para casa, assim me apressei a voltar. A casa ainda estava esvazia, explicou. A voz quebrou e ocultou o rosto entre as mãos. Anders Knutas e Karin Jacobson aguardaram em silêncio.

— Está preparado para continuar? Perguntou Knutas.

— É que não consigo aceitar que esteja morta, balbuciou.

— O que aconteceu quando voltou para casa?

— Ainda estava vazia, assim pensei que poderia ter ido para casa de uns amigos que moram próximo. Liguei para lá, mas tampouco estava.

— Quem são?

— Os Larsson. Ela se chama Eva e o marido, Rikard. Eva é amiga da infância de Helena. Moram o ano todo nessa casa, que fica muito próxima da nossa.

— E não sabiam onde podia Helena ter ido?

— Não.

— Quem atendeu?

— Eva.

— Seu marido também estava em casa?

— Não, tem uma lavoura no campo, assim ele estava fora trabalhando. Per Bergdal acendeu outro cigarro, tossiu e deu uma tragada.

— O que fez depois?

— Deitei-me na cama e pensei nos lugares onde poderia ter ido. Então me ocorreu que podia ter caído e que não pudesse se levantar, de modo que saí para procurá-la de novo.

— Onde?

— Na praia. A névoa já havia se dissipado um pouco. Vi marcas na areia. Procurei também no bosque e não a encontrei. Então voltei para casa.

Contraíu o rosto e começou a chorar, um pranto afogado e silencioso. As lágrimas caíam e se misturavam com o muco sem que ele parecesse notar. Karin não sabia muito bem que fazer. Decidiu não intervir. Per bebeu um par de goles de água e recuperou a calma. Knutas prosseguiu com o interrogatório.

— Como conseguiu as marcas que tem no pescoço?

— Quais? Estas? Perguntou enquanto levava, irritado, as mãos ao pescoço.

— Sim, essas. Parecem arranhões, precisou Knutas.

— É que fizemos uma reunião ontem à noite. Convidamos uns amigos, bem, na realidade, amigos de Helena. Jantamos e nos divertimos. Todos beberam provavelmente algo mais da conta. Eu sou muito ciumento. Sim, às vezes fico demasiado ciumento, e isso aconteceu ontem. Um dos rapazes molestou Helena enquanto dançavam.

— De que maneira?

— Esfregava-se nela muito... Várias vezes. Eu havia bebido e... Agarrei Helena, puxei-a para fora e lhe disse o que pensava. Ficou uma fera. Também havia bebido muito, claro. Gritou e se jogou sobre mim e foi então quando me fez estas marcas...

— O que aconteceu depois?

— Dei-lhe uma tapa; então, ela saiu correndo para o banheiro e se fechou ali. Nunca lhe batera antes, assegurou enquanto olhava suplicante para Knutas. — Em seguida, Kristian saiu. O que estivera dançando com ela, e dei um soco nele também. Não teve tempo de me devolver, porque os outros nos separaram. Em seguida nos tranquilizamos e voltamos para a casa.

— O que fez então?

— Emma, a melhor amiga de Helena, e seu marido, Olle, ficaram conosco. Olle me levou para a cama e deve ter ficado comigo até que adormeci. Em seguida, não me lembro de mais nada, até que ter acordado nesta manhã.

— Por que não começou contando isso?

- Não sei.
- Quem estava na festa?
- Eram amigos de infância de Helena. Emma e Olle, como disse, nossos vizinhos: Eva e Rikard, que Helena também conhece há muito tempo, outra amiga que se chama Beata e seu marido, John. Moram nos Estados Unidos, assim era a primeira vez que os via. E esse tal de Kristian, com o qual me irritei tanto. É solteiro e também conhece Helena há muito tempo. Acho que foram ligados em algum momento.
- Como ligados?
- Creio que estiveram juntos alguma vez. Helena negava, mas eu creio que foi assim.
- E não serão os seus ciúmes que o levam a pensar isso?
- Não, não acredito.
- Quanto tempo estiveram juntos, Helena e você?
- Seis anos.
- É muito tempo. Quantos anos você tem?
- Trinta e oito.
- Como é que não casaram, nem tiveram filhos?
- Eu desejava isso há muito tempo. Helena estava indecisa. Começou a estudar muito tarde e queria trabalhar mais antes de formar uma família. Ainda que existisse o projeto de casarmos. Havíamos falado disso.
- Se sentia insegura na relação? Já que você é tão ciumento...
- Não, não acho. Havia melhorado muito. Fazia muito tempo que não me comportava dessa maneira. Ontem, sem mais, extrapolei.
- Sabe se brigou com alguém daqui, da ilha? Alguém a quem lhe caísse mal?
- Não, era desse tipo de pessoas que caem bem a todo o mundo.
- Sabe se a ameaçaram alguma vez?
- Não.
- Se relacionava com outras pessoas daqui, de Gotland, além das que foram à reunião?
- Só com alguns familiares de Helena. Sua tia, que mora em Alva e alguns primos, em Hemse... Mas, pelo geral, ficávamos em nosso canto. Viemos aqui, precisamente, para relaxar... E fugir do estresse que tínhamos em casa... E aí acontece isto.

Apenas iria continuar falando. Knutas pensou que no momento não havia motivo para continuar com o interrogatório e interrompeu-o. Em seguida, se fechou em sua sala para se concentrar e pensar uns minutos. Deixou-se cair pesadamente sobre a velha cadeira de sua mesa, desgastada pelo uso. Aquela cadeira de carvalho o acompanhara durante todos aqueles anos. Tinha o respaldo alto e o assento de pele suave. Virou-se rápido e a cadeira se balançou um pouco quando ele se apoiou em seu respaldo. Era como se com os anos tivesse se adaptado a ele. Em sua velha cadeira era onde ele pensava melhor.

Anders Knutas, comissário e chefe da polícia judicial de Visby era muito meticuloso nestes momentos especialmente importantes, quando havia muito dramatismo ao seu redor. Como agora. Sua larga experiência dentro da polícia havia lhe ensinado a aproveitar qualquer indicio no começo de uma investigação. Do contrário, era fácil que, com a pressa, se passassem por alto coisas que podiam chegar a se revelarem importantes ou, inclusive, decisivas para a solução do caso. Começou por encher o cachimbo. Com o pensamento retrocedeu às impressões que teve no lugar do crime. O

corpo ensanguentado. As calcinhas na boca. O cachorro degolado. O que lhe dizia essa cena macabra? Era difícil julgar se se tratava de uma morte planejada ou não. Que se realizara como fruto de um terrível ataque de cólera, não havia dúvida.

O legista chegou vindo de avião de Estocolmo à tarde. Já se encontrava no lugar dos fatos. Knutas decidiu voltar ao lugar do crime no dia seguinte, quando tudo estivesse mais tranquilo. Interrompeu-o uma batida na porta. Karin Jacobson assomou a cabeça.

— Já estão todos aqui. Vem?

— Claro, respondeu se levantando.

Havia doze agentes da polícia judicial em Visby. Naquele momento, a maior parte deles se encontrava fora, na zona de Fröjel, coletando informação das testemunhas. Knutas e seus colaboradores mais próximos iriam se reunir com o promotor, Birger Smittenberg, para repassar o que revelariam a imprensa e o que deviam manter em segredo. Sentaram-se ao redor da velha mesa de pinho na sala de reuniões, que ficava em frente da sala de Knutas. A sala tinha paredes de vidro que davam para o corredor, de maneira que podia se ver quem passava por ele. No entanto, agora as cortinas de algodão estavam corridas. Knutas se sentou em um dos extremos da mesa e olhou com atenção para os seus colegas. Gostava daquele grupo. Karin Jacobson, sua colaboradora mais próxima e com quem melhor debatia, vivaz e miúda, uma morena de trinta e sete anos que vivia sozinha. A seu lado, Thomas Wittberg, dez anos mais jovem, um policial muito capaz. Especialmente por sua técnica para interrogar. De alguma maneira, conseguia sempre mais daqueles a quem interrogava do que algum outro. Lars Norrby, separado, vivia com seus dois filhos em casa. Quase dois metros de estatura, de gênio agradável, perfil correto. Perfeito para tratar com a imprensa. Erik Sohlman, o técnico do grupo. Forte e temperamental, quase colérico. E, além disso, Birger Smittenberg, curtido promotor chefe de primeira instância de Gotland, nascido em Estocolmo e casado com uma cantora de Gotland, de quem se enamorou, tanto como da ilha. Já estava morando ali a vinte e cinco anos. A colaboração com ele funcionava estupendamente, Knutas sempre pensara.

— Só uma conversa rápida agora, precisou o comissário quando abriu a reunião convocada de urgência. — Estamos trabalhando com o assassinato e, ao mesmo tempo, desgraçadamente, temos que falar com a imprensa. Já começaram a ligar. Tanto daqui, os meios locais, como da Península. É incrível a rapidez com que se espalha uma notícia assim, comentou, meneando a cabeça. — Me pergunto como é possível. Pois bem, não vamos revelar a identidade da vítima. A imprensa, de todos os modos, vai descobrir, mais cedo ou mais tarde. Vamos contar que tudo aponta para assassinato, mas não daremos nenhum detalhe. Não falaremos nada do cachorro, das calcinhas ou dos cortes. Não diremos nada sobre a provável arma do crime, não desvelaremos nada de nenhuma pista. Com toda a certeza os jornalistas vão ligar para todo o pessoal da Comissaria para tentar conseguir informação. Peçam a todos a que falem comigo ou com Lars. Ninguém dirá nada. Absolutamente nada. De acordo?

Escutou-se um murmúrio de aprovação.

— Enviarei um comunicado interno com as instruções precisas depois da reunião, disse Norrby. — A regra básica continua vigente: manter os jornalistas à distância.

— Além disso, quero que nos reunamos diretamente depois da roda de imprensa em minha sala, para ver como vai o trabalho, adicionou Knutas. — Aproveitem e comam algo agora, para que possam continuar de pé. Vamos ter de trabalhar toda a noite. Já me pus em contato com a Polícia Nacional. Amanhã nos enviarão algum reforço. Isto vai ser longo e exigirá muitos recursos se não determos o assassino rapidamente.

Era terrível que ocorresse um assassinato tão brutal, mas ao mesmo tempo sentia cócegas de excitação na boca do estômago. Sabia o que significava aquelas cócegas. Estar ante a expectativa de se enfrentar com um caso complicado. Como poderia chamá-lo? Amor ao trabalho? Um paradoxo que não podia se explicar nem sequer a si mesmo. E quem sabe fosse essa a força que o impulsava.

* * *

Ainda era dia quando o avião aterrissou no aeroporto, pouco depois das nove. O trajeto de táxi até a cidade foi rápido (o aeroporto só fica a três quilômetros ao norte de Visby).

— Que impressionante é a muralha! Peter nunca estivera em Gotland.

— Foi construída no século XIII, explicou Johan. — Mede mais de três quilômetros e meio de longitude e é uma das muralhas melhor conservadas da Europa. Veja a quantidade de torres que têm. Em seguida passaremos pela Porta Norte para chegar ao hotel. Tem também vários arcos de entrada, e os grandes levam o nome de três dos pontos cardinais: Österport, Söderport e Norderport. Nunca existiu o Västerport. Ao oeste se encontra o mar com o porto de Visby. E essa, adicionou, apontando pela janela, — É a catedral de Santa Maria, também do século XIII. Suas três altas torres se alçavam até o céu.

Por sorte, haviam dado um lanche no avião. Passaram pelo hotel só para deixar as malas e seguiram diretamente até a Comissaria de Polícia, aonde ia acontecer uma roda de imprensa às dez. No táxi, Johan escreveu a informação que tinha até o momento. Poderiam editar a reportagem nas instalações que ainda tinham em Gotland, depois que o Centro Territorial de Televisão, a cadeia pública de Televisão Sueca, fechara há só meio ano. O velho material estava ainda a sua disposição.

* * *

Dentro das dependências policiais, a gente corria pelos corredores. A tensão flutuava no ar. Ali se encontravam uns quantos jornalistas e fotógrafos dos meios locais: Rádio Gotland, Gotlands Tidningar e Gotlands Alehanda. Johan e Peter cumprimentaram rapidamente os seus colegas, pois já era hora de entrar na sala aonde ia ter lugar a roda de imprensa. Anders Knutas e a inspetora Karin Jacobson se sentaram a um dos extremos da mesa.

— Bem-vindos, disse Knutas e aclarou a garganta. — Encontramos uma mulher, nascida em 1966, morta na praia conhecida como Gustavs, na área de Fröjel. Para os que não são daqui, direi que fica na costa oeste de Gotland, a uns quarenta quilômetros ao sul de Visby. O corpo foi descoberto hoje ao meio-dia, concretamente entre 12.30 e 12.45, por uma pessoa que passeava por ali. A vítima é natural de Gotland, mas a família saiu da ilha e se instalou em Estocolmo há uns quinze anos. Bebeu um gole de água e deu uma olhada em seus papéis. — A mulher se encontrava

em Gotland junto com o noivo, passando uns dias na casa de veraneio que a família dela ainda conserva na ilha, adicionou. — Saiu de manhã cedo para dar um passeio com o cachorro e em algum momento durante esse passeio foi assassinada.

— Como foi assassinada? Perguntou a repórter da Rádio Gotland.

— Isso eu não posso explicar, respondeu o comissário.

— Que arma foi usada?

— Não posso precisar para não atrapalhar a investigação.

— Por que estão tão certos de que foi realmente assassinada? Quis saber um repórter da Gotlands Alehanda.

— As feridas que apresenta o corpo só podem ter sido causadas por outra pessoa. A causa da morte não foi determinada ainda, mas partimos da base de que foi assassinada.

— Sofreu abusos sexuais? Perguntou Johan.

— É muito cedo para me pronunciar a esse respeito.

— Alguma testemunha? Perguntou o enviado da Gotlands Tidningar.

— Estamos interrogando um grande número de pessoas que moram nos arredores, ou que de alguma maneira estiveram em contato com a vítima durante os seus últimos dias de vida. Estamos muito interessados em receber informações dos cidadãos. Se alguém viu ou ouviu algo estranho nesse lugar ou nos arredores durante o último dia, deve entrar em contato com a polícia o quanto antes. E o mesmo para quem acreditar ter outro tipo de informação que possa ser de ajuda para localizar o assassino.

— Como sabem que se trata de uma só pessoa, e de um homem? Perguntou o repórter da rádio local.

— Evidentemente, não sabemos, respondeu Knutas algo irritado.

— Estava na casa de verão com o noivo. Ele é suspeito? Perguntou Johan.

— O noivo foi interrogado pela polícia. Está chocado e agora mesmo se encontra no hospital de Visby. No momento não está sob suspeita. O interrogatório dele continuará amanhã pela manhã. Durante toda a tarde, a polícia rastreou a área com cachorros e bateu nas portas em busca de possíveis testemunhas. O trabalho ainda continua. É tudo o que podemos dizer no momento. Alguma outra coisa que queiram perguntar antes de terminar?

O comissário respondeu aos jornalistas o melhor que pôde. Não havia muito mais para dizer.

Johan optou por não perguntar nada próximo das machadadas no corpo da mulher, nem sobre a calcinha enfiada na boca. Ficou claro que era o único jornalista que conhecia aqueles detalhes. Quando terminou a roda de imprensa, se aproximou de Anders Knutas para fazer uma entrevista individual. Primeiro fez as perguntas de rigor: O que havia acontecido? O que fazia a polícia naqueles momentos? Que pistas tinha? Em seguida, diretamente:

— E as conclusões de que a mulher apresentara numerosos cortes, provavelmente produzidos por um machado? Anders Knutas se sobressaltou.

— A que se refere?

— O assassino matou-a com um machado, ou algo parecido, e lhe deu um grande número de golpes. Além disso, colocou as calcinhas dela na boca. O que isso pode indicar?

Knutas, irritado, olhou ao seu redor, para ambos os lados, como procurando ajuda de algum de

seus colegas. A luz intensa da câmera, que lhe batia no rosto, deslumbrava-o.

— Sei de fonte fidedigna que estes dados são corretos, insistiu Johan.

— Não é nada que eu possa confirmar, respondeu Knutas, enquanto afastava o microfone que tinha à sua frente.

— Desconecte a câmera, disse Johan a Peter agarrando, ao mesmo tempo, o braço do comissário. — Sei que é correto. Por que não confirma? Anders Knutas olhou para Johan com dureza.

— Não posso confirmar nem desmentir o que disse, e o conselho que no momento não torne pública essas especulações. Nós enfrentamos um assassino, e temos de nos concentrar agora é em detê-lo e nada mais.

Sua voz era como uma faca afiada e ficou patente o que pensava dos jornalistas, quando deu meia volta e saiu apressado pelo corredor. Para Johan e Peter, a reação de Knutas bastou como confirmação de que seus dados eram corretos. A questão era se deviam informar. Johan ligou para Max Grenfors do táxi, a caminho da redação onde poderiam editar a reportagem. Ainda que achasse que Grenfors era um explorador, como redator Johan confiava em seu faro jornalístico. Após uma curta conversa, decidiram não tornar pública a informação de que haviam metido a calcinha na boca da vítima, por respeito a família. Decidiram dar a conhecer que, provavelmente, a arma homicida fora um machado.

Na última emissão da noite, a Televisão Sueca foi a primeira cadeia a contar como havia sido o assassinato. A reportagem começava com imagens das dependências policiais, em seguida um mapa que mostrava o lugar do crime e a imagem de Johan comentando:

Aqui, nas dependências policiais de Visby, acaba de terminar uma roda de imprensa há poucos minutos. A polícia confirmou que uma mulher foi assassinada, mas se mostra muito reservada quando se refere às circunstâncias que rodeiam este crime, e ainda não quer revelar como a mulher foi assassinada. Segundo a informação que Notícias Regionais recebeu nesta tarde de uma fonte fidedigna, se sabe que a vítima foi atacada com um machado, e o cadáver apresenta várias machadas em distintas partes do corpo. Ainda não se determinou se foi submetida a abusos sexuais, mas a mulher estava nua quando a encontraram. Suas roupas ainda não apareceram. O corpo será trasladado para a Unidade de Medicina Legal do hospital de Solna. Apesar do rastreamento intensivo da área com cachorros durante toda a tarde e parte da noite, a polícia ainda não tem nenhuma pista do assassino.

Seguia-se a breve entrevista com um Knutas pálido e sereno, antes de fechar a reportagem com o pouco que se sabia da mulher assassinada.

A jornada de trabalho foi longa para a polícia de Visby. A clara noite de junho fazia mais fácil o trabalho ali na área da praia. As investigações junto aos vizinhos se prolongaram até tarde. Todos os que estavam na reunião na casa de Helena Hilerström no dia anterior foram chamados, menos Kristian, que havia voado a Copenhague para visitar os seus pais. A polícia já havia entrado em contato com ele e não estaria de volta a Visby até quinta-feira.

Quando finalizaram os interrogatórios mais importantes, já era quase uma hora. Na primeira

hora da tarde, Knutas havia ligado para a sua esposa para dizer que chegaria mais tarde. Ela como sempre, se mostrou compreensiva e perguntou se queria que o esperasse acordada com um café. De má vontade, declinou o seu oferecimento. Não sabia a que horas iria chegar. Agora, enquanto andava pelas ruas de Visby até sua casa, se arrependeu. Seria reparador se sentar um pouco e falar dos fatos do dia. Gostava de trocar impressões com a sua esposa. Frequentemente, ela lhe sugeria novos pontos de vista, já que ela estava fora do trabalho de investigação. Muitas vezes o havia feito mudar o enfoque ou o modo de pensar, e isso ajudava a resolver o caso.

Knutas sentiu uma pontada de calor no coração. Gostava dela mais do que ninguém. Com exceção dos filhos, claro. Seus gêmeos, o casalzinho Petra e Nils. No verão tinham feito doze anos. Quando chegou a casa, olhou em seu quarto. Ainda dividiam um quarto. No outono, por fim, teriam cada um o seu. Estava trabalhando para modificar a sua sala de trabalho em um quarto. Teria que mudar a sua sala para o sótão. De qualquer maneira, utilizava-a muito pouco. As crianças dormiam com a respiração tranquila e profunda. Entreabriu a porta de seu quarto. Sua mulher, Line, dormia a sono solto, ocupando toda a cama com os braços em cima da cabeça. Sempre ocupava todo o espaço. Fazia tudo muito bem: dormia muito bem, comia muito bem, trabalhava muito bem, ria e fazia o amor muito bem. Preocupava-se realmente em viver. Se fizesse algo, fazia grande. Se fizesse docinhos, não se conformava com uma dezena; não, tinha que fazer duzentos docinhos de canela.

Quando fazia compras, ele tinha a impressão de que uma guerra se aproximava, e sempre fazia demasiada comida, assim o congelador sempre estava cheio de comida que havia sobrado. Essa era uma das coisas que faziam com que ele a adorasse. Sua entrega voluptuosa. Agora dormia profundamente, de camisola longa amarela e com uma flor grande no centro. O cabelo revoltado, as bochechas rosadas. Os braços sardentos. Era a mais bonita que conhecia. Sua profissão encaixava com a sua pessoa. Obstetra. A quantas crianças já havia ajudado a nascer? Line trabalhava meio período na maternidade do hospital de Visby e gostava do seu trabalho. Estava acostumada a que ocorressem fatos imprevistos, que as coisas não saíssem como ela as havia imaginado. E isso fazia com que não fosse tão rigorosa. Muitas vezes ficava para acompanhar uma futura mamãe, porque não tinha coração para deixá-la, ainda que o seu turno já tivesse acabado. Ou, também, por simples curiosidade. Se estivesse trabalhando muitas horas em um parto, não queria abandoná-lo até que tudo estivesse feito. Isso, às vezes, chegava a irritar os seus colegas, mas não preocupava a Line. Era a mulher mais forte e encantadora que conhecera.

Saiu com cuidado do quarto e desceu a escada; já na cozinha, se serviu de um copo de leite e enfiou a mão em um pacote de biscoitos. Apanhou um punhado e se sentou à mesa da cozinha. Sempre demorava a adormecer depois de um dia complicado. Acariciou a gata que saltou em cima da mesa e se estirava delicada até ele. “Parece mais um cachorro”, pensou. Necessitada de companhia e leal. Além disso, gostava de ir buscar as coisas. Knutas jogou várias vezes uma bola de borracha. A gata saía correndo para apanhá-la e a colocava em seus pés. “Você é uma gata engraçada”, pensou Knutas e foi se deitar. Ao contrário do habitual, adormeceu imediatamente.

Três

Quarta-feira 6 de Junho

JOHAN despertou com a alegre melodia de seu celular, que se repetia com insistência. No princípio não sabia onde se encontrava. A melodia parou de tocar. Levantou-se e ficou olhando o papel pintado com flores suaves. Tudo estava em silêncio. Nada do ruído do trânsito ao qual estava acostumado do outro lado da janela. Claro. O hotel Strand, em Visby. O assassinato. Voltou-se para olhar o despertador digital que tinha ao lado da cama. Eram cinco e meia da madrugada. O celular voltou a tocar outra vez. Saiu da cama resmungando e atendeu. Era o redator de informativos matinais.

— Alô. Acordei você? Desculpe ligar tão cedo. Gostaria de ter algo novo para contar, agora pela manhã. Se não se der tempo de montar algo, quem sabe poderíamos fazer alguma entrevista por telefone...

— Claro, respondeu meio adormecido. — Não sei agora mais do que na noite passada, mas sempre posso ligar para o oficial de plantão.

— Muito bem. Quanto tempo precisa? Uma hora talvez?

— Certo, uma hora. Ligo mais tarde.

Após um café da manhã rápido, saiu do hotel para ir até a redação seguindo por uma rua de paralelepípedos. Chovera durante a noite, as poças refletiam a luz por todos os lados. O ar cheirava a maresia. O estreito local do Centro Territorial, que ainda existia, se encontrava ao lado do edifício da Rádio Gotland, no centro da cidade. Johan se irritou ao lembrar que o centro territorial foi fechado quando a televisão instaurou um plano de economia. Tinha de amortizar a enorme dívida da Televisão Sueca e que foi feita, em parte, à custa do fechamento dos centros territoriais. Na reorganização, a cobertura informativa de Gotland se mudou da redação de Norrköping para Estocolmo. A nova direção da televisão pública achava que os habitantes de Gotland tinham mais coisas em comum com os habitantes de Estocolmo do que com os de Norrköping. Nesse ponto pode ser tivessem razão, mas era uma lástima que economizassem em repórteres e fotógrafos locais, que eram os que realmente estavam próximos de seus telespectadores. Claro que ele, pessoalmente, se alegrava de poder estar ali. Sempre havia gostado muito de Gotland.

Um homem de idade, de pele curtida, estava içando a bandeira sueca fora do hotel. “Claro, hoje é o dia da Festa Nacional”, pensou Johan. 6 de junho. Parecia que ia a fazer um bom dia para as celebrações. O sol acariciava as fachadas medievais das casas e não havia vento. A cidade estava quase deserta. Só demoraria uns minutos em chegar à redação. Naquele momento gostaria que a caminhada fosse mais longa. Decidiu ir dando uma volta, ainda que de fato não tivesse tempo. Só a

uns metros observou a parte norte da muralha, que se estendia além das casas. A muralha era arrematada neste lado, pela velha torre da pólvora, Kruttornet, que em suas origens fora uma torre defensiva. Admirou a vista antes de dobrar na Rua Rostockergränd. Passou ao lado das típicas casas baixas de pedra, com suas roseiras coalhadas de flores, e das valas que protegiam os jardins em seu interior. Em muitas casas, as janelas ficavam a só uns centímetros acima do solo. As portas que davam para a rua eram tão baixas que todo aquele que medisse mais de um metro e meio tinha que se agachar para entrar. Ouvia-se o som de uma rádio através da janela aberta de uma padaria e Johan sentiu o aroma dos pães recém-saídos do forno. Na escada arredondada de uma casa havia um gato negro que ficou olhando-o ao passar. Apanhou o telefone celular do bolso e ligou para o oficial de plantão.

— Bom dia, aqui Johan Berg de Notícias Regionais, Televisão Sueca. Descobriram durante a noite algo mais sobre o assassinato da mulher em Fröjel?

— Sim, o promotor prendeu o noivo, como possível autor do crime.

— Por que motivo?

— Isso eu não sei dizer, terá que perguntar ao responsável pela investigação, Anders Knutas.

— Está aí agora?

— Não, creio que chegará às oito, mas nessa hora entrará em reunião.

— Onde se encontra o noivo?

— Ainda está no hospital. Irão buscá-lo pela manhã para levá-lo à prisão.

— Quem é o promotor?

— O chefe, Birger Smittenberg.

— Quando decidiu a sua prisão?

— Às quatro da manhã. Não podíamos retê-lo por mais tempo.

— Sabe se Anders Knutas vai passar hoje pelo lugar do crime?

— Não tenho ideia. Terá que falar com ele.

— Ok e obrigado. Johan acelerou o passo até a redação.

O logotipo da Rádio Gotland brilhava na fachada do edifício da rádio junto com o da televisão. Os toldos das janelas azul e branco pareciam desgastados à luz do sol da manhã. No estacionamento do pátio havia alguns carros da rádio local. Observou que uma das vagas estava reservada para Notícias Regionais. Estava vazia, como brincando com ele. Em outros tempos, o carro da TV local estivera ali. Mas já não havia carro. Sentiu vergonha ao pensar na má cobertura que Notícias Regionais fazia agora na ilha. As únicas informações que chegavam dali tinham a ver, a maior parte das vezes, com o turismo, o petróleo ou o trânsito de Gotland.

Entrou e redigiu um texto em pouco mais de um minuto para o programa da manhã. Os trabalhos de edição ele mesmo fazia. Quando terminou, enviou-o com o novo sistema de comunicação por computador. Em uns minutos poderiam ver o conteúdo em Estocolmo. Além disso, foi entrevistado via telefone por uma das repórteres que mais gostava da TV, Madeleine Haga. As notícias da manhã já tinham o seu texto. Passavam das sete e Johan achava que já era uma hora aceitável para ligar a Knutas. O comissário atendeu diretamente o telefone.

— Soube que prenderam o noivo esta noite. Por quê?

— Não posso comentar.

- Algo poderá me dizer...
- Não.
- Vai estar hoje no lugar do crime?
- Sim, um tempo pela manhã. Sairei às dez.
- Quanto tempo vai ficar lá?
- Um par de horas, suponho.
- Se importaria se eu fizesse uma entrevista curta?
- Não.
- Bem, então ficamos combinados. Obrigado.

Ao guardar o celular, Knutas pensou que para aquela entrevista teria que ir preparado.

* * *

O aposento estava quase totalmente às escuras quando despertou. As persianas estavam corridas. Algo da claridade da noite se filtrava, não obstante, através delas. A chuva golpeava os vidros das janelas. Tinha o corpo dolorido e a língua anexada ao paladar. Levantou-se da cama com esforço. Podia ouvir o barulho do mar lá fora. Abriu a torneira para beber. A água da torneira caiu contra a fria porcelana do fundo antes que tivesse tempo de colocar o copo debaixo. Bebeu a grandes goles, calçou os tamancos e saiu. Apontou com o jato de urina para o mesmo orifício do muro de pedra que rodeava a casa onde sempre tentava acertar. Notou o frio saudável da noite contra a sua pele nua. Não sentia frio, ainda que só usasse a calça do pijama.

Sonhara com ela. Como a seguira pela praia. Seu medo ao se dar conta de que estava bem atrás dela no meio da névoa. Permanecera muito concentrado. Totalmente. Quando se voltou, o ódio explodiu em sua cabeça como fogos de artifício vermelhos e ele gostou de ver o medo nos olhos dela, antes que desse o primeiro golpe. Quando desabou, se sentiu como um vencedor. Continuou dando golpes. Ainda que estivesse consciente de que havia feito algo terrível, algo irremediável, nunca havia se sentido tão bem.

O cachorro retirou-o de sua euforia. Estava vivo, ainda que o primeiro golpe o alcançasse bem na cabeça. Quando acabou com ela e estava arrastando o corpo até o bosque, ouviu o grunhido lamentoso. Que o desgraçado do cachorro ainda estivesse vivo, o enfureceu.

* * *

Normalmente, Anders Knutas somente ficava na Comissaria quando acontecia algo trágico; para dirigir as operações. Como uma aranha no centro da teia. Contudo, em Gotland nunca acontecera algo parecido a aquele assassinato, e queria examinar o lugar do crime uma vez mais, com tranquilidade. Frequentemente, havia muitas coisas no lugar onde aconteceram os fatos que podiam indicar como havia se produzido o crime. Não precisava mais que abrir os olhos e observar. Já se encontrava em Fröjel, junto às escadas de acesso à casa de veraneio da família Hilerströn. Como de costume, usava jeans e camisa pólo. Como calçado, uns flexíveis mocassins. O casaco havia deixado no carro. O dia era claro e o ar, fresco. Entre as árvores podia ver lampejos resplandecentes da água. “Bem, por aqui desceu a vítima ontem pela manhã”, pensou.

Decidiu tomar o mesmo caminho que, segundo achava, Helena Hilerströn seguira. Mais além da casa, um estreito caminho descia até a água, a uns cem metros de distância. Havia vários carros policiais estacionados na praia. A faixa que cercava o lugar balançava com o vento. Ficou do outro lado para não atrapalhar o trabalho dos técnicos. Só lhe custou uns minutos descer até a praia. Teve que atravessar um banco de areia para chegar até ela. O mar estava agitado. As ondas espumavam e as gaiotas voavam em bandos sobre as ondas. As ilhas Stora e Lila Karlsö pareciam surgir do mar. As formações rochosas se viam com clareza, ao menos as da ilha Lila Karlsö. Stora Karlsö se escondia detrás, mais plana e mais longínqua. Ficou observando a praia. Não era grande, em torno de um quilômetro, com areia fina e dourada. Um pouco mais acima da linha de praia cresciam ervas daninhas e juncos. Ali havia cavidades amplas e profundas por todos os lados. Perfeitas para quem queria tomar sol ao abrigo do vento que soprava da praia. Knutas consultou o relógio. Nove e meia.

Andou pela praia fora da área fechada pela fita. Ela, pelo visto, andara com o cachorro próximo da água. Sem suspeitar de nada. No dia anterior tivera névoa pela manhã, assim o assassino não teve nenhum problema para se ocultar. Sohlman lhe informou de que haviam várias impressões de sapatos na praia. Confirmaram as impressões dos sapatos de Helena; as outras que havia no lugar do crime tinham que ser as do assassino. As manchas de sangue e outras marcas no chão mostravam que foi assassinada na praia e depois arrastada até o bosque. Os especialistas estavam concentrados em seu trabalho dentro da área marcada. Tudo o que encontrassem e que fosse de interesse nas imediações do local do crime, seria enviado ao Laboratório Nacional de Ciências Forenses, SKL, em Linköping, para análise.

Chegou até o extremo da praia sem notar nada de especial e iniciou o caminho de volta. Tudo apontava para que o assassino tivesse atacado primeiro o cachorro. Tinha que ser assim, sem dúvida. Tratava-se de um cachorro guardião obediente, assim ele fora obrigado a começar por ele. A não ser, claro, que o cachorro o conhecesse. Então as coisas mudavam. O agressor podia ser um conhecido da vítima. Era o mais frequente nos casos de assassinato. Tinha o pressentimento de que o noivo não era culpado. Era a sua teoria. Mas, no momento, a guardava para si mesmo. Alguns dos participantes na festa estavam na corda bamba. Kristian Nordströn quem sabe? Era o único com quem Knutas ainda não havia falado. O interrogatório não teria lugar até o dia seguinte.

Ele não acreditava que o assassinato de Helena Hilerströn fosse uma casualidade. Havia descartado que Helena tivesse se encontrado por azar com um assassino portando um machado naquela praia tranquila, umas semanas antes que começasse a temporada turística. O assassinato se caracterizava pela fúria, algo que somente podia estar relacionado com o desejo de vingança. Mas não tinha que ser necessariamente contra Helena. Podia se tratar de uma vingança contra as mulheres em geral. Neste ponto, Knutas se encontrava de volta no lugar onde havia iniciado a caminhada pela praia, sem que tivesse conseguido ficar com as coisas mais claras.

* * *

A estrada estava quase vazia. Passava das nove, e Johan e Peter se dirigiam até o sul. Em ambos os lados da estrada se estendia uma paisagem plana sob o sol da manhã. Na direita aparecia o mar a intervalos regulares, enquanto que campos e prados se alternavam na esquerda. Rebanhos de gado

pastavam nos verdes prados. Johan se perguntava por que as ovelhas de Gotland eram negras, e porque quase todas as vacas eram brancas. Na Península era ao contrário. Ovelhas brancas e vacas negras ou castanhas. Passaram próximo do campo de tiro de Tofta e junto à igreja com a sua torre revestida de tábuas de madeira cobertas com alcatrão, antes de reduzir a velocidade para cruzar o pequeno povoado de Västergarm e continuar em seguida pelas cercanias de Klintehan, um povoado maior.

Ao fim de uns poucos quilômetros, se encontraram diante da igreja de Fröjel, pintada de branco, que ficava à borda da estrada. Dali se podia ver o mar com maior nitidez. Alguns cavalos trotavam por um prado. Nos campos de cereal se alternavam distintos matizes de verde. Abaixo, ao lado de um pequeno bosque próximo do mar, viram os carros da polícia e a fita que bloqueava a área. Estacionaram ao lado dos outros carros. O comissário estava falando com uma colega. Levantou o olhar quando eles se aproximaram. “Poderia lhes dar uma entrevista dentro de quinze minutos, mas não poderiam ultrapassar o isolamento”, explicou.

Uma área que parecia ter várias centenas de metros quadrados estava fechada. Johan olhou o bosque, os bancos de areia e o mar. Naquele paraíso natural teve lugar um assassinato brutal. Perguntava-se como teria acontecido, se a mulher chegara a sentir medo. Desceram até a praia dando um passeio. Dentro da área fechada se movimentavam dois policiais, que com toda a segurança, seriam especialistas, olhando atentamente o chão. De vez em quando recolhiam algo que em seguida colocavam em uma bolsa de plástico.

“Foi o noivo quem a seguiu e assassinou de forma tão selvagem?”, se perguntou Johan. O caso era que estava preso. Ao mesmo tempo, sabia por experiência que o promotor, às vezes, podia prender os suspeitos sem motivos suficientes. De repente, Peter interrompeu os seus pensamentos.

— Focalize bem no meio! Gritou de detrás da câmera, concentrado e com o olhar na objetiva.

Haviam montado a enorme câmera de TV sobre um tripode e Johan estava no meio da vista panorâmica que queria rodar da praia. Eram onze horas. O redator das notícias do meio-dia havia se mostrado disposto a se conformar com o material da manhã, assim não tinha que se preocupar.

— Acho que deveríamos passar pela casa da irmã do velho que encontrou o cadáver, disse Johan quando entraram no carro. — Se chama Svea Johansson e mora próximo daqui. Poderíamos tentar que nos concedesse uma entrevista.

— Claro, concordou Peter, complacente como de costume.

Svea Johansson abriu depois da quarta batida. Um aroma de bolo recém-cozido lhes deu boas vindas.

— Vocês quem são? Perguntou-lhes sem rodeios com a voz cantante própria do dialeto de Gotland e olhando-os diretamente ao rosto.

Nunca haviam visto uma mulher tão baixinha. Usava o cabelo branco recolhido em um coque na nuca. O rosto tinha uma boa cor, com pequenas e delicadas rugas. Protegia-se com um avental de

algodão listrado e estava com a ponta do nariz manchada de farinha. “Não pode medir mais de 1,40 de estatura”, pensou Johan fascinado, enquanto se apresentavam.

— Bem, então entrem, disse Svea e franqueou a passagem ao vestíbulo, estreito e escuro. — Estou fazendo um bolo, assim se sentem na cozinha.

Sentaram-se nas cadeiras da cozinha e em seguida apareceu um par de xícaras de café sobre a mesa.

— Um pouco de café, se quiserem, claro, murmurou a anciã, sem esperar resposta. — Tiveram sorte, porque em um momento o bolo estará pronto.

— Excelente, disseram os dois quase ao mesmo tempo.

Johan olhou para fora, até o pátio, consciente de que aquilo seria bem difícil.

— Queríamos saber se poderia falar sobre o que aconteceu quando seu irmão encontrou a mulher assassinada, Perguntou Johan.

— Sim, claro que posso, respondeu ao tempo que apanhava a bandeja do bolo de canela do forno. — Ficou mal, o pobre. Ainda está no hospital. Querem que ele fique mais uns dias. Falei com ele esta manhã, e parecia muito animado.

— O que aconteceu quando a encontrou?

— Íamos sair para dar uma volta. Sempre damos uma volta a cada dia. Mas ontem eu não quis acompanhá-lo, porque a garganta me doía e, além disso, tossia muito. Hoje estou melhor, constatou, levando a mão ao pescoço cheio de rugas. — Ele chegou às onze, como sempre. Comemos um pouco juntos, como costumamos fazer. Depois voltou a sair, também sozinho. Eu fiquei aqui e me pus a coser. Não passou muito tempo antes que ele voltasse e começasse a bater à porta, mesmo estando aberta. Encontrei-o totalmente fora de si; desvariava falando de uma mulher e de um cachorro mortos e que tinha que ligar para polícia. Johan se sobressaltou.

— Um cachorro morto? Pode nos contar algo mais sobre isso?

— Sim, pelo visto também mataram um cachorro. A cabeça estava quase fora do corpo e era algo absolutamente terrível, se lamentou, meneando a cabeça. Johan e Peter se olharam. Aquilo era novidade...

— Era o cachorro da mulher? Perguntou Johan.

— Sim, era o seu cachorro. Isso a polícia me disse quando estive aqui.

Meia hora mais tarde, Johan e Peter saíram da casa. Levavam o relato de Svea gravado em uma fita.

* * *

Emma Winarve despertou toda suada. Tinha um sabor repugnante na boca e um nó de angústia na garganta. O pesadelo a tinha assustado. Helena e ela passeavam juntas pela praia, como haviam feito em tantas ocasiões. Helena ia um trecho à frente dela. Emma gritava que a esperasse, mas Helena não respondia. Então, apertou o passo e voltou a chamá-la. Sua amiga continuava sem se voltar. Emma tentava correr, sem conseguir. Os pés se levantavam do chão como em câmera lenta e,

ainda que se esforçasse o quanto podia, não conseguia se aproximar. Não conseguia alcançar Helena e despertou com um grito.

Furiosa, retirou com um pontapé o edredom de Olle, que estava em seu lado da cama, por cima do seu, e era a causa de ter tanto calor. Sentia vontade de chorar, mas se dominou e levantou da cama. O sol da manhã se filtrava através das finas cortinas de algodão e iluminava o amplo quarto. Não havia ido trabalhar, apesar de só faltarem dois dias para que acabasse o ano letivo e tinha um monte de coisas para fazer. Não queria deixar os alunos, mas naquele momento não tinha força para se encontrar com eles. Tentaria fazer os últimos trabalhos antes do fim do ano letivo em casa. O diretor havia compreendido. A comoção. A pena. Emma e Helena. Helena e Emma. Havia sido as melhores amigas. Fez o asseio diário de forma mecânica. Os jatos da ducha caíam sobre o seu corpo febril, sem que sentisse que a refrescava. A pele era como uma grossa couraça, que não tinha nada a ver com o que havia dentro. O contato entre o exterior e o interior havia se quebrado.

Olle havia levado as crianças para a escola antes de ir para o trabalho. Ofereceu-se para ficar em casa, mas ela havia rechaçado o oferecimento, queria ficar só. Pôs uns jeans e uma camiseta e foi descalça até a cozinha. Sempre andava descalça em casa, inclusive no inverno. Depois de um café bem forte e um par de torradas se sentiu algo melhor. Mas a sensação de irrealidade se agitava dentro dela. Como pudera acontecer aquilo? Sua melhor amiga assassinada em “sua” praia. Onde haviam brincado com o balde e a pá; onde haviam galopado aos doze anos, quando estavam loucas pelos cavalos; onde haviam passeado e falado de seus problemas na adolescência; onde haviam dirigido moto e tomado a sua primeira bebedeira. Ela inclusive perdera a virgindade na praia. O telefone interrompeu as suas divagações. Era o comissário Knutas.

— Sinto ter que incomodar, mas gostaria que conversássemos um tempo o quanto antes possível. Também queria informar que Per Bergdal foi preso esta manhã. Posso passar em sua casa depois do almoço?

Ficou gelada. Per preso. Não podia estar acontecendo aquilo. “A polícia tem de saber tudo o que aconteceu durante a briga”, pensou.

— Por que o prenderam?

— Por várias razões, a as explicarei quando nos encontrarmos.

Chocada e perplexa como estava, não queria ter nenhum policial em meio do seu inferno particular. O melhor seria se encontrarem em terreno neutro.

— Podemos nos encontrar na Comissaria? Às duas?

— Perfeito. Como disse, sinto ter que incomodar, mas é importante, repetiu Knutas.

— Está bem, confirmou com a voz apagada.

* * *

Knutas tomou um gole de café de uma jarra de porcelana decorada com o emblema do clube de futebol AIK. Um presente de seu irmão que conseguira de seu colega Erik Sohlman, torcedor do

Djurgården desde que nasceu. Deu uma olhada ao relógio da parede. Quinze para o meio-dia. O estômago fazia ruídos. Dormira pouco, e quando dormia pouco tinha que compensar com comida. Menos mal que rapidamente seria a hora de almoçar. O grupo que realizava a investigação se reunia para repassar a informação de que dispunham até o momento. O promotor também se encontrava presente.

Na sala fazia calor e rescendia a fechado. Wittberg abriu a janela que dava para o estacionamento da polícia. Os raios de sol brincavam de esconder entre as folhas verdes claro das árvores. A bandeira sueca ondulava ao vento. Uma van cheia de barulhentos estudantes com seus gorros brancos de graduados passava pela Rua Birkagatan. Fim de ano letivo e festa nacional. E eles ali dentro, falando do que, quem sabe, seria o pior assassinato acontecido em Gotland.

— Estamos aqui para recapitular a situação, disse Knutas. — Helena Hilerströn foi assassinada entre as 8.30 e 12.30. As pisadas, o sangue e as impressões do arrastamento, abaixo na praia, de mostram que a morte foi em Gustavs, já que o corpo não foi transferido para ali de nenhum outro lugar. O relatório preliminar do legista informa que morreu em consequência dos violentos golpes que recebeu na cabeça. O tipo de lesões do crânio leva a pensar que foram realizados por golpes desferidos com uma arma de gume, provavelmente um machado. O corpo também apresentava vários cortes de machado. Além disso, o assassino colocou a calcinha dela em sua boca. Helena Hilerströn estava nua. Se ela foi violentada, ainda não sabemos, mas não existe nenhum indício externo de violência sexual. Tampouco se encontrou algum tipo de violência dirigida contra os órgãos sexuais. O corpo está a caminho da Unidade de Medicina Legal do hospital de Solna. Parece que demorará um par de dias para conhecermos o resultado preliminar da autópsia. As calcinhas foram enviadas ao Laboratório Nacional de Ciências Forenses, SKL, para análise. Os especialistas não encontraram restos de sêmen nem no corpo, nem na calcinha. Veremos o que dirá a análise. O resto de sua roupa não foi encontrado.

— E o arma do crime? Perguntou Wittberg.

— Tampouco apareceu, respondeu Sohlman. — Rastreamos detidamente a área onde apareceu o cadáver. Não encontramos nada de interesse, salvo umas guimbas de cigarros que também enviamos para a SKL para que sejam analisadas. Entrevistamos os vizinhos da área, ninguém ouviu nada, ninguém viu nada. A única pista importante que temos até agora são as impressões dos sapatos. As mesmas impressões aparecem tanto na praia como no bosque, tênis de marca desconhecida, tamanho 45. Têm que ser do assassino. Levantou-se.

Estendeu com certa dificuldade um mapa e o fixou na parede. Era um mapa da praia de Gustavs e seus arredores. Secou o suor da fronte com um lenço e assinalou o lugar onde havia aparecido o cadáver.

— Aqui estava o corpo. As impressões mostram que a vítima fez este percurso ao longo da praia. Depois deve ter regressado e percorrido o mesmo caminho na volta. Em um dos extremos da praia, de onde saiu Helena, a grama está pisoteada. Parece que o assassino estava ali, esperando-a. Pode ser que soubesse que caminho ia seguir e a alcançou antes que tivesse tempo de chegar a este caminho. Não existe nenhuma marca de carro, de modo que o assassino teve que chegar até ali andando. O mais provável é que a matou ali. As manchas de sangue no chão parecem indicar isso. Depois, arrastou o corpo até o pequeno bosque.

— E o cachorro? Interveio Karin Jacobson.

— Tem que tê-lo atacado antes. Segundo o noivo, era um cachorro guardião atento e obediente, que sempre se mantinha próximo de sua dona, disposto a defendê-la. Foi golpeado na cabeça e no pescoço com um machado. A cabeça estava praticamente seccionada. Além disso, ele cortou uma pata. Pergunto-me qual seria o motivo. Os presentes se mexeram em suas cadeiras. Karin fez um gesto de desagrado.

— Quantas pessoas sabiam que ela estava na ilha? Perguntou Norrby.

— Umas trinta pessoas, se somei direito, respondeu Karin rebuscando entre os seus papéis. — Sua família, os colegas do trabalho e um par de amigos em Estocolmo, sua amiga Ema Winarve, os vizinhos mais próximos e, claro, os convidados à reunião.

— O que induz a pensar que tenha sido o noivo? Quis saber Wittberg, se voltando até o promotor.

— A briga entre ele e Helena na reunião e que terminou com ele batendo nela, respondeu Smittenberg. — Ficou com ciúmes. Ela estava dançando com um antigo colega de escola, Kristian Nordström. Para Bergdal parecia que esse tal Kristian estava abusando e que ela consentia. Então puxou Helena para fora, começaram a discutir e ele lhe deu uma bofetada. Bergdal tem arranhões e a marca de uma mordida que ela lhe deu. A confusão só durou um momento. Em seguida Nordström saiu para falar com Bergdal. Também recebeu um soco. Os amigos intervieram e não chegou a acontecer uma briga. Dizem que já estava tudo calmo quando deixaram a casa. Bergdal havia adormecido e Helena inclusive havia se deitado a seu lado. Os agravantes em seu caso são que foi a última pessoa que viu Helena com vida e o fato de que brigaram na noite anterior ao assassinato. A mim me parece que é suficiente para prendê-lo nas circunstâncias atuais. Contudo, para poder solicitar a sua prisão definitiva preciso de algo mais. Se não conseguir mais provas, como por exemplo, provas técnicas, eu terei que colocá-lo em liberdade. Dispomos de três dias para isso.

— Que se sabe de Helena? Perguntou Karin. — Que tipo de vida levava? Knutas olhou para o seu bloco de notas.

— Levava uma vida normal, segundo parece. Nasceu em 5 de julho de 1966, assim tinha trinta e quatro anos. Nascida e criada em Gotland. A família se mudou para Estocolmo em 1986, quando Helena tinha vinte anos. Conservaram a casa de veraneio em Fröjel, aonde vinham um par de vezes ao ano. Passavam aqui todos os verões. Tinha se formado como analista de sistemas na Universidade de Estocolmo e trabalhava para uma empresa de informática há três anos. Tinha muitos amigos. Antes de conhecer Bergdal não havia mantido longas relações amorosas, segundo parece. Nunca foi casada nem noiva. Segundo Bergdal, teve uma relação com esse tal Kristian que estava na reunião. Mas também pode ser pura fantasia. Pelo que sabemos, o noivo é muito ciumento, mas nenhum dos amigos confirmou a tal relação. E o mais lógico é que algum deles soubesse de uma coisa dessas. Ainda não interrogamos Kristian Nordström, porque foi para Copenhague no dia seguinte à reunião. Seus pais vivem ali. Falei com ele por telefone e voltará amanhã.

— Helena Hilerström tinha algum tipo de antecedente policial? Inquiriu Wittberg.

— Não. A questão é o que vamos fazer agora. Reinterrogaremos todos os que estiveram na reunião. Sobretudo, quero falar com Kristian Nordström. Alguém terá de ir a Estocolmo para interrogar os familiares de Helena, seus colegas de trabalho, os amigos e, além disso, pessoas de seu entorno. Devemos fazer isso o quanto antes. Temos de trabalhar sem hipóteses, não temos provas de que tenha sido Bergdal. Se não foi ele, então não sabemos se o assassino é da ilha ou a seguiu desde a Península. Ou se trata de alguém a quem a vítima nem sequer conhecia, alguém a quem encontrou por casualidade.

— Eu posso ir a Estocolmo, disse Karin. — Temos que falar o quanto antes com quem a conhecia. Posso viajar esta tarde.

— Ótimo, disse Knutas. — Leve mais alguém. Há muito que fazer em Estocolmo e muitas pessoas a interrogar. Sem dúvida, ali terá a ajuda da Polícia Nacional, mas me parece que deveriam ir dois.

— Eu posso viajar com ela, se ofereceu Wittberg. Karin olhou-o agradecida.

— Está bem. Além disso, continuaremos à espera dos resultados da SKL. Enquanto isso, iremos confeccionando uma lista da rede de amigos e conhecidos que Helena tinha aqui, na ilha. Com que gente se relacionava quando estava aqui? Além de sua melhor amiga, claro. Temos de interrogar os vizinhos uma vez mais. Quero um interrogatório mais profundo com Ema Winarve. O que Helena fez nos dias anteriores à sua morte? Conversas através do celular, mensagens de SMS... O noivo disse que desligaram os celulares apenas para desembarcar. De qualquer maneira, teremos que verificar tanto o seu telefone quanto o do noivo.

— Que podemos fazer para achar a roupa?

— Aumentaremos o perímetro ao redor do lugar onde foi encontrada, tanto no que se refere à busca sobre o terreno, como perguntas aos vizinhos. Bem, tudo isso é o que previ que devemos fazer no momento. O que acham? Perguntou Knutas para terminar.

Ninguém teve nada a objetar e dividiram as tarefas.

* * *

Depois de comer com algum atraso, Johan e Peter regressaram de carro até a Comissaria de polícia para a entrevista com Knutas. Queriam que confirmasse os novos dados sobre o cachorro, antes de preparar a reportagem para o informativo da tarde.

Na porta de vidro que dava acesso à seção da polícia judicial, Johan tropeçou com uma mulher com o cabelo cortado em meia melena, de cor areia, e uns olhos escuros, que olhavam de frente. Cumprimentou-os de forma apressada e desapareceu pelo corredor com a bolsa pendurada no ombro. Alta e graciosa, ela usava jeans e calçava botas.

— Quem era? Perguntou Johan, antes sequer de cumprimentar Knutas.

— Uma amiga da mulher assassinada, respondeu Knutas secamente. — Bem, o que querem? Perguntou algo cansado, se sentando pesadamente atrás da mesa. — Estou muito ocupado. Johan se sentou em uma das cadeiras colocadas para as visitas. Decidiu ir direto ao ponto.

— Por que não disse nada sobre o cachorro? Knutas não se imutou.

— Dizer o quê?

— Que o assassino havia cortado a cabeça do cachorro da mulher, ou pouco menos. Que o cachorro foi encontrado próximo do cadáver. Em Knutas começaram a aparecer manchas avermelhadas no pescoço.

— Não posso confirmar o que está dizendo. Essas são suas informações, e terá que responder por elas.

— Que conclusões retirou disso?

— Já que não posso confirmar nem desmentir o que disse, tampouco posso retirar alguma conclusão.

— Sabemos por duas fontes distintas, que a mataram com um machado. Já foi publicado e está em todas as manchetes dos jornais. Não seria melhor que confirmasse?

— Não importa a quantidade de fontes que tenha, não vou dizer nada para não atrapalhar a investigação. Peço que aceite isso, respondeu Knutas com impaciência contida.

— De qualquer maneira, tenho que fazer a pergunta.

— Sim, claro, mas não vou contar mais do que já contei. De nossa parte, não estamos dispostos a dizer mais na situação atual. O suspeito não está no momento na cadeia e o promotor não apresentou ante o juiz alguma acusação. Por isso, para não atrapalhar a investigação, não podemos confirmar o que diz sobre o cachorro. Pode ser que o assassino ainda esteja solto e, em tal caso, é importante que a informação sensível não saia à luz. Espero que seja bastante sensato para não contar isso e espere até que saibamos mais, disse Knutas olhando-os seriamente.

Depois de uma entrevista incômoda para ambas as partes, Johan e Peter se apressaram a voltar à redação. Ficaram trabalhando um par de horas para montar três reportagens que se diferenciavam o suficiente para satisfazer as distintas redações da Televisão Sueca. Os programas de notícias não podem se parecer uns com os outros. Combinando com Grenfors, decidiram contar sobre o cachorro e apresentar a entrevista com Svea Johansson. Os dados pareciam ser relevantes, porque de alguma maneira davam conta da índole do assassino. Além disso, pensaram que podia ser interessante para os espectadores ouvir o relato da irmã do homem que havia encontrado o cadáver.

Grenfors ficou satisfeito de que tivessem conseguido entrevistar a irmã, que não duvidou em dar o seu consentimento para que a entrevista aparecesse na TV. Quando Johan lhe falou do impacto que podia ter, ela se limitou a responder que as coisas aconteceram assim, que não havia nenhuma razão para que a gente não pudesse saber. “Esta velha deveria ter sido jornalista”, pensou Johan.

Quando acabaram de montar a reportagem, ligou para Knutas e disse que iam mostrar a entrevista com Svea Johansson, aonde ela falava do cachorro. Sabia como era importante não ficar mal com a polícia, porque em tal caso seria mais difícil obter informação mais adiante. Knutas não se irritou, parecia que se rendera. Como compensação, Johan prometeu que incluiria na reportagem que a polícia aceitaria agradecida qualquer informação que os cidadãos pudessem dar.

Foram andando para o hotel naquela tarde cálida de princípios de verão. Peter propôs a Johan dar uma volta e comer em alguma varanda, em lugar de voltar diretamente ao hotel. Johan conhecia bem Gotland. Esteve na ilha muitos verões, sobretudo andando de bicicleta, nos anos oitenta, quando estava na moda todo o mundo andar na ilha de bicicleta no verão. Famílias, escolares, jovens, casais de namorados... Perguntava-se onde fora parar tudo aquilo. A ilha continuava sendo igual e boa para ele, com seus terrenos planos, com as calçadas cheias de flores e as longas praias de areia fina junto às estradas.

Desceram até a Rua Strandgatan e passaram através de uma saída da muralha indo até o parque de Almedalen, um espaço amplo e aberto, com bancos, fontes, gramado e um cenário em que os políticos adoravam fazer discursos durante a tradicional semana dos políticos, em julho. No verão, o parque ficava transbordando de turistas que tomavam sol e de famílias com crianças. Agora estava deserto. Cruzaram o parque e deram um passeio pelo porto, onde o vento procedente do mar era fresco. No porto apenas havia barcos. A maioria dos restaurantes e varandas ainda estavam fechadas.

Dentro de duas ou três semanas, estariam repletos a cada tarde.

A cidade tinha um aspecto totalmente distinto quando não estava abarrotada por hordas de turistas. Subiram pela escada ao lado da igreja, Kyrktrappan, até as casas de Klinten. Visby se estendia a seus pés como um formigueiro de casas, antigas ruínas e ruas estreitas, que se apinhavam dentro da muralha. Com o mar ao fundo. Já escurecera quando desceram pela costa de Rackarbacken e passaram o lado da catedral. Dentro, o coro estava ensaiando. As notas suaves de **EM VÄNLIG GRÖNSKAS RIKA DRÄKT** fluíam para o exterior através da porta de madeira. Quando voltaram ao hotel, já noite, acertaram que no dia seguinte entrevistariam a amiga de Helena Hilerströn.

* * *

Quatro

Quinta-feira 7 de Junho

A CASA ficava em uma antiga área no município de Roma, no centro de Gotland, ao lado da escola e do ginásio poliesportivo. Era rodeada de chalés com jardins bem cuidados. Respirava paz, e o ambiente era idílico. Johan conseguira o nome da amiga de Helena, com quem cruzara no corredor da Comissaria, e havia ligado. Ela se mostrara a princípio muito reticente a ser entrevistada. Mas Johan se dava bem em convencer à gente e, após um tempo de conversa, ela, de má vontade, aceitou ao menos recebê-los.

Estacionou o carro ao lado do cerca de lilases, cujas flores brancas e roxas já haviam começado a se abrir. O jardim era impressionante, uma extensa superfície gramada e canteiros com todo o tipo de flores cujo nome Johan não conhecia. Ao norte se acumulavam umas nuvens negras. Com certeza iria chover antes do meio-dia.

Ema Winarve abriu a porta vestida com uma camiseta branca e calças cômodas de cor cinzenta. Estava descalça. O cabelo caía úmido em ambos os lados do rosto. “Como é bonita!”, pensou Johan, antes que pudesse reagir, ao qual demorou uns segundos. Ela começava a se mostrar indecisa.

— Sou Johan Berg de Notícias Regionais, de Televisão Sueca. Este é Peter Bylund, cinegrafista. Obrigado por aceitar nos receber.

— Ema Winarve, disse estendendo a mão. — Entrem.

Os fez passar a sala de estar. Tinha o chão de madeira escura, as paredes pintadas de branco e grandes janelas que davam para o jardim. O mobiliário era simples. Ao lado de uma das paredes ficavam dois sofás cinza-azulados, um frente ao outro. Eles ocuparam um. Ema se sentou no outro e ficou olhando-os. Pálida e com o nariz avermelhado.

— Não sei se poderei lhes contar grandes coisas.

— Queremos saber qual era a sua relação com Helena, começou Johan. — Conhecia-a bem?

— Era a minha melhor amiga, ainda que não nos víssemos muito nos últimos anos, respondeu a jovem com suave acento de Gotland. — Na escola nós fizemos juntas todos os anos letivos e nos conhecíamos desde o berçário. Depois do nono ano, passamos para turmas distintas, mas, apesar disso, continuamos juntas quase tanto como antes. Então morávamos em Visby, na mesma área de casas duplas, na Rua Rutegatan, próxima da Ericsson. Bem, agora Flextronics.

— Continuaram se vendo em adultas?

— A família de Helena se mudou para Estocolmo quando acabamos o colégio. Bem, não, foi

durante o verão, depois que ela fez vinte anos. Lembro-me bem porque fizemos uma grande festa aqui em Gotland quando fez vinte anos. Mudou-se para Danderyd. De qualquer maneira, mantivemos o contato; ligávamos várias vezes por semana e eu viajava a Estocolmo para visitá-la. Ela vinha sempre aqui no verão. Sua família conservou a casa de Gustavs.

— Como era como pessoa?

— Era muito alegre. Inquieta, poderia se dizer. Aberta, muito aberta, tinha facilidade para fazer amizade com outras pessoas. Era otimista. Via sempre as coisas pelo melhor lado.

Ema se levantou apressadamente e saiu do quarto; voltou momentos depois com um copo de água e um rolo de papel de cozinha.

— Como é o noivo de Helena? Perguntou Johan.

— Per? Muito bom. Simpático, amável e sempre com Helena. Estou convencida de que é inocente.

— Há quanto tempo estavam juntos? Ema bebeu um gole de água. “É maravilhosa”, pensou Johan.

— Há quase seis anos, porque começaram a sair juntos no mesmo verão que eu me casei.

— Então, se davam bem? Continuou Johan, ao mesmo tempo que sentia uma pontada de desilusão quando ela mencionou o casamento. Era evidente que era casada. Casa grande, caixa com areia e bicicletas pequenas no jardim. “Que idiota!”, disse a si mesmo. “Pare de pensar nela como a sua próxima conquista!”.

— Sim. Claro que às vezes ela ficava cansada dele e se perguntava se estaria realmente apaixonada. Isso é algo que sentem a maioria das pessoas que vivem em casal. Mas creio que eram crises momentâneas. Costumava dizer que se alguma vez se decidisse a ter filhos, seria com Per. Ele a fazia se sentir segura.

— Podemos fazer umas perguntas diante da câmera? Só utilizaremos as que você autorizar.

— Não sei. Não sei o que dizer.

— Poderíamos tentar. Se se sentir incômoda, paramos.

— Certo.

Peter apanhou a câmera. Não se incomodou em montar o tripé nem os focos. A situação já era bastante delicada. Johan se sentou no mesmo sofá que Ema. Notou o aroma do seu cabelo recém-lavado. A entrevista ficou boa. Ema falou de Helena e de sua amizade. De seu próprio medo e de como a sua vida havia baqueado em consequência daquele assassinato.

— Deixo-lhe o meu cartão, e se lembrar de algo que queira me dizer, ou se quiser ligar para qualquer coisa, ligue, disse Johan ao se despedir.

— Obrigada.

Deixou o cartão em cima de um móvel sem olhá-la. Quando já estavam na estrada de barro que havia frente à casa, Johan recuperou o alento.

— Que mulher! Disse bufando e se voltando para Peter que ia atrás dele com a câmera ao ombro.

— Sim, fazia tempo que eu não via uma mulher tão bonita, pontuou o seu colega. — Que

pronúncia bonita ao falar. Que olhos. E que corpo. Estou como um pudim.

— Você também? É uma pena que seja casada e com filhos.

— É o meu destino, brincou Peter. — Vou realizar também algumas tomadas do exterior. Não demorarei mais que uns minutos, disse, e desapareceu após dobrar a esquina.

* * *

O estacionamento do supermercado Obs estava quase vazio. “Dentro de um par de semanas será impossível estacionar aqui”, pensou Knutas sentado atrás da mesa de sua sala. Falara por telefone com sua mulher, que descreveu com grandes rasgos o parto de gêmeos que realizara nesse dia. Mostrava-se entusiasmada, sendo como era ela mesma mãe de gêmeos. Contagiou-se com o otimismo de sua esposa, mas só por uns momentos. O calor que sentira durante a conversa rapidamente se convertera em desassossego ao pensar no assassinato de Helena Hilerströn.

Até então, Gotland estava relativamente livre de assassinatos. Desde 1950 só haviam acontecido uns vinte na ilha, dez deles nos anos noventa. Preocupava-se com aquele. Quase todas as mortes tinham a ver com relações pessoais, comum dentro da própria família; ciúmes e brigas de bêbados em sua maioria. Dois assassinatos haviam ficado sem resolver. Um, o de uma senhora de idade a quem mataram às pauladas em sua casa de Fröjel em 1954, e outro no hotel Wisby em dezembro de 1996, quando a porteira da noite fora assassinada, provavelmente em relação com um roubo. O fato aconteceu quando Knutas era chefe da polícia judicial. Em que pese que a Polícia Nacional tenha acompanhado desde o primeiro momento e três homens do corpo tenham permanecido em Gotland até meio ano depois do assassinato, não conseguiram solucionar o caso.

Aquilo ficara cravado como um espinho, ainda que tentasse não pensar demasiado nele. O assassinato do hotel já o deixara demasiadas noites sem dormir. Apanhou o cachimbo e começou a enchê-lo com cuidado. E agora, aquilo. “Isto é algo completamente diferente”, pensou. Uma mulher jovem assassinada de uma maneira brutal e com a calcinha enfiada na boca...

Haviam chegado dois investigadores da Polícia Nacional pela manhã e ele já tivera um primeiro encontro com eles. O comissário Martim Kihlgård era um tipo cordial, agradável e animado, quase demasiado cordial. Knutas só o conhecia de vista e sabia que era competente. Apesar disso, não se sentia a vontade com ele. Com certeza que tudo iria melhor quando se conhecessem melhor. O acompanhante de Kihlgård, o inspetor Björn Hansson, dava impressão de seriedade e lucidez que encaixava melhor com o carácter de Knutas. O legista, não obstante, quis fazer um reconhecimento no lugar dos fatos, detalhe que ele agradecia. A experiência lhe dizia que as possibilidades de esclarecer um assassinato aumentavam consideravelmente se o corpo era examinado por um médico legista no mesmo lugar do crime. Além disso, isolaram uma ampla área quando se descobrira a vítima. Isso também havia aprendido com o passar dos anos. Quanto maior fosse o espaço isolado, melhor. A falta de testemunhas era um problema. Ninguém havia visto nem ouvido nada. A área próxima à praia não era povoada. As poucas casas que havia na área se encontravam mais acima.

Não encontrara a arma do crime. Nem se encontraram outras pistas de carácter decisivo. A única que tinham eram as guimbas de cigarros, que podiam ter caído ali anteriormente, e as impressões de uns sapatos. Tudo quanto conseguiram saber do assassino era que tinha os pés grandes.

Após interrogar a todos que estavam na reunião, salvo Kristian Nordström, não conseguiram nada de útil. Knutas estava quase certo de que Per Bergdal era inocente. Já tinha realizado tantos interrogatórios policiais para confiar no que lhe dizia a sua intuição. Havia uma espécie de franqueza e de sinceridade na maneira de responder de Per Bergdal. Os arranhões, a julgar pelos fatos, fora causado por Helena, e o médico legista comprovava a existência de marcas na face de Helena e atrás da orelha, que indicavam que havia sofrido maltratos antes do seu assassinato. Além disso, sabiam da discussão. Que Per Bergdal não o tivesse reconhecido imediatamente, era inclusive compreensível. Agora precisavam encontrar algo novo.

Deu meia volta na cadeira e olhou pela janela. O dia era triste e cinzento. A chegada do verão não havia sido muito boa até então. O sol do dia anterior havia propiciado uma mudança benvinda, mas já estava nublando outra vez. Karin Jacobson e Thomas Wittberg estavam investigando em Estocolmo. Karin havia ligado. Estavam ocupados interrogando as pessoas do entorno mais próximo de Helena e, provavelmente, ficariam na capital mais uns dias. Knutas sentia falta Karin quando ela não estava no edifício. E ainda que mantivesse uma boa relação com o restante do grupo, a verdade era que entre eles dois havia algo especial. Desde o dia em que apareceu na Comissaria de Visby, uns anos atrás como aspirante vinda de Estocolmo, haviam se entendido muito bem. Em seguida passou a confiar nela. No princípio, quando ainda estavam se conhecendo, Knutas chegou a pensar durante um breve lapso de tempo que estava apaixonado por Karin. Mas por então conhecera a sua esposa e sentira a flechada do amor. Karin não tinha namorado, ou ao menos não lhe constava. Ainda que trabalhassem muito cotovelo com cotovelo, ela pouco falava de sua vida particular.

* * *

Já eram três da tarde quando Johan e Peter terminaram de editar a entrevista com Ema Winarve e a enviaram. Não se passaram nem dez minutos e Grenfors já estava ao telefone. Elogiou-os por seu trabalho, que seria apresentado em todos os informativos da tarde. Contudo, o chefe, que nunca parecia totalmente satisfeito, queria que falassem também com os vizinhos da área, já que o assassinato acontecera próximo deles, argumentou.

— Mas se já estivemos lá e falamos com a senhora de Fröjel, respondeu Johan, com um tom de voz que mostrava descontentamento. Peter, sentado em uma cadeira, o observava.

— A TV Quatro tinha os vizinhos em sua emissão do meio-dia, apontou o redator.

— E só por isso, nós também precisamos ter? Respondeu Johan irritado.

— Com certeza você mesmo está consciente, de que é importante falar com os que moram próximo do lugar do crime.

— Sim, claro, mas não acho que poderemos conseguir para a emissão da noite.

— Tente, insistiu Grenfors. — Se não, talvez consigam para a última emissão.

Saíram imediatamente. Desceram outra vez até o porto de Klintehan e seguiram até Fröjel. Só haviam se passado dois dias desde o assassinato. Parecia a Johan que já tivesse passado muito mais tempo. “É incrível a quantidade de coisas que podemos ser capazes de fazer”, pensou. Pararam ante a primeira casa, após tomar o desvio até Gustavs. Uma casa tradicional com um galinheiro. As galinhas escavam próximo deles enquanto cacarejavam alto. Um cachorro se aproximou, com a cauda abanando. Com certeza, não se tratava de um bom cachorro guardião. Bateram à porta.

Imediatamente uma mulher abriu a porta. Com cachos ruivos e o olhar vivo.

— Olá... Cumprimentou, e os olhou com cara de estranheza. Um gato de pelo longo se esfregava contra as suas pernas. Ouviram vozes de crianças no interior da casa. Johan foi direto ao tema:

— Estamos aqui para falar com a gente que mora nos arredores sobre o assassinato. Conhecia a mulher assassinada?

— Não, não posso dizer que a conhecesse. Claro, conhecíamos a família, mas não tínhamos relação com eles.

— E o que comenta sobre isso?

— É terrível que uma coisa assim possa acontecer aqui. Só espero que prendam o culpado. E que seja o mais rápido possível. É muito desagradável, não posso deixar de pensar nisso. E com crianças... Agora eu os vigio muito mais. Temos cinco filhos. A mulher avisou as crianças, fechou a porta e se sentou em um dos bancos da entrada. Apanhou uma caixinha de tabaco de mascar e colocou com desenvoltura um pedaço debaixo do lábio. Ofereceu-lhes a caixa. Mas tanto Johan como Peter declinaram da oferta. — Esta noite estive dando voltas num detalhe. A polícia já esteve aqui perguntando coisas. Então falaram mais com o meu marido. Mas esta noite não conseguia dormir e me ocorreu pensar nisso.

— Em quê? Perguntou Johan.

— Tenho problemas de insônia e fico acordada boa parte da noite. Na outra noite, a da segunda-feira para terça-feira, ouvi um carro que entrava no caminho de descida bem aqui ao lado. Por aqui de noite nunca passa carro, assim pensei que era estranho. Levantei-me para ver quem era, mas quando olhei não vi nada. Era como se a terra o tivesse engolido. E é estranho, porque o caminho desce diretamente para o mar. Tive que sair e olhar. Quando abri a porta da rua eu voltei a ouvi-lo outra vez. Nesse momento passava diante de nossa casa. O caminho faz uma curva justo aqui fora, assim não tive tempo de ver que carro era.

— Não ficou com nenhum detalhe?

— Lembro-me do ruído. O motor soava... Como diria eu... Soava como se fosse velho. Não soava como o de um carro novo.

— Poderia ser de algum vizinho?

— Não, hoje perguntei a todos os vizinhos, precisamente porque me parecera estranho que passasse alguém aqui, dirigindo na metade da noite. Mas nenhum deles estava fora e, além disso, eu sei como soam os carros dos vizinhos. Aqui mora pouca gente.

— Quantos são?

— Nós e o veterinário que mora na casa de ao lado. Depois vem os Johnson, que são agricultores e donos das terras ao redor. Moram na casa maior, a que fica à esquerda do caminho, um pouco mais abaixo, passando a do veterinário. E também uma família com crianças, os Larsson, na casa próxima da água, à direita.

— Sabe a que horas ouviu o carro?

— Ao redor das três, eu diria.

— Contou isso à polícia?

— Sim, liguei esta manhã. Já estive lá hoje para que me interrogassem.

— Entendo. Podemos fazer algumas perguntas diante da câmera? Pediu Johan.

Depois de pensar um pouco, a mulher aceitou. O restante dos vizinhos da área se negou.

Contudo, Johan teve que reconhecer que Grenfors tinha razão. Fora uma boa ideia ir e entrevistar os vizinhos. Voltaram à redação e montaram uma reportagem de dois minutos, que enviaram a Estocolmo cinco minutos antes de começar a principal emissão de notícias, para satisfação do redator.

* * *

Kristian Nordström chegou às dependências da polícia as cinco em ponto, como havia marcado. Tinha bom aspecto, constatou Knutas quando apertaram as mãos. Decidira realizar o interrogatório em sua sala, acompanhado do inspetor Lars Norrby.

— Um café? Ofereceu Norrby.

— Sim, obrigado, com leite. Vim diretamente do aeroporto e o café dos aviões é uma droga. Retirou o cabelo da testa com uma mão e se ajeitou na cadeira. Cruzou uma elegante perna de calça sobre a outra e sorriu algo tenso para o comissário, que apanhou a gravadora e a colocou sobre a mesa diante deles.

— Temos que usar isso?

— Sinto muito, mas é necessário, afirmou Knutas. — Espero que não se incomode.

— Eu sei, mas tudo isso é muito difícil.

— Tente fazer como se não fosse. Isto, como lhe disse pelo telefone, é um mero interrogatório de rotina. Já falamos com todos os que estiveram na reunião exceto consigo. Por isso está aqui.

— Sim, claro. Norrby voltou com o café e puderam começar o interrogatório.

— O que fez na tarde/noite de 4 de junho, o segundo dia de Pentecostes?

— Estive, como já sabem, jantando na casa de minha velha amiga Helena Hilerström e de seu noivo Per Bergdal. Helena e eu nos conhecíamos há muitos anos. Desde a escola.

— Foi sozinho?

— Sim.

— Pode nos contar o que aconteceu aquela noite?

— No princípio foi tudo muito agradável. Jantamos e bebemos vinho. Há um ano que não juntávamos todo o grupo. Depois do jantar começamos a dançar. Nenhum de nós tinha de trabalhar no dia seguinte, assim eu acho que todos estavam dispostos a se divertir.

— Como começou a briga entre você e Per Bergdal? Kristian sorriu nervoso e passou a mão pela incipiente e bem arranjada barba, que apenas era muito mais que uma sombra escura.

— Bem, foi um absurdo. Não sei que como pôde imaginar... Comportou-se como um neandertal. Tudo começou quando eu estava dançando normalmente com Helena. De repente, Per chegou uma fúria e a afastou de mim. Não tive tempo de reagir. Em seguida os vi sair para fora, até a varanda que dá para a parte de trás. Não dei muita importância e me pus a dançar com Beata. Pouco tempo depois Helena entrou correndo. Chorava, e entrou no banheiro. Ficou ali. Não a vi mais naquela noite. “Quer dizer que não verá nunca mais”, pensou Knutas, ainda que não dissesse nada.

— Que aconteceu em seguida?

— Saí para falar com Per. Apenas cheguei à porta, recebi um soco no rosto. O estúpido... Murmurou quase para si mesmo, meneando a cabeça.

— Não devolveu?

— Devolveria, se os outros não tivessem apartado. Depois daquilo, logicamente acabou a reunião. Consegui fodê-la de todo.

— Como saiu de lá?

- Dividi um táxi com Beata e com John. Eles moram em Visby e eu, em Brissund.
- Então eles desceram do táxi e seguiu para a sua casa?
- Sim.
- Mora sozinho?
- Sim.
- Tem namorada?
- Não.
- Por quê? Sua reação a essa pergunta os surpreendeu. Kristian ficou muito vermelho.
- E o que interessa isso a vocês?
- Claro que nos interessa, respondeu Knutas com calma. — Ao menos enquanto esta investigação estiver aberta. Responda à pergunta.
- Não tenho nenhuma resposta.
- É gay? Nordström ficou ainda mais vermelho.
- Não.
- Vamos, vamos... Insistiu Knutas. — É bem parecido e não duvido de que seja consciente disso. Parece que tem um bom emprego, é solteiro e está na melhor idade. Teve alguma relação especialmente duradoura?
- Mas que merda é essa? São psicólogos ou o que é isso?
- Não, somos polícias. E queremos saber.
- Nunca fui casado, nem noivo e não morei com ninguém. Meu trabalho exige que viaje duzentos e cinquenta dias por ano. É totalmente descabelado pensar que isso tenha a ver com o assunto, disse Nordström sarcástico. — Se querem saber se faço sexo, então a resposta é sim. Isso eu posso conseguir de várias maneiras e não preciso de mais neste momento de minha vida. Levantou-se até metade da cadeira. — É suficiente ou querem saber algo mais? Que posições são as que eu mais gosto?

Norrby e Knutas ficaram surpresos pela violenta reação.

- Fique tranquilo. Sente-se, pediu Knutas. Kristian Nordström voltou a sentar e secou o suor da testa com um lenço. “Parece um homem sensível”, pensou Knutas. Aqui teriam que avançar com mais cuidado. — Como era a sua relação com Helena Hilerström?
- Boa. Éramos bons amigos. Conhecíamos-nos desde o ciclo superior da escola básica.
- Houve alguma vez entre vocês algo mais que amizade?
- Não. Não, isso nunca chegou a acontecer.
- Abrigou algum sentimento para ela mais que os puramente amistosos?
- Claro que me parecia bonita. Como a todos.
- Não houve nada entre vocês?
- Não.
- Por que acha que não houve?
- Não tenho ideia. Nunca apareceu a ocasião.
- Segundo Per Bergdal, vocês foram namorados, a expressão é dele, durante um tempo, há anos.
- Bobagem.
- De onde acha que ele tirou isso?
- Não tenho ideia. É tão malditamente ciumento... Imagina qualquer coisa.

Não conseguiram muito mais de Kristian Nordström durante o primeiro interrogatório. Deixaram-no voltar para casa e ele prometeu mantê-los informados se precisasse sair da ilha. Depois, os dois policiais tomaram um café juntos para trocar impressões.

— A este não temos de perdê-lo de vista, disse Knutas.

— É, parece que se move em terreno minado. Uma pessoa muito temperamental, Norrby conveio pensativo. — Deveríamos interrogar as outras pessoas do grupo de amigos para descobrir se é verdade o que disse. Knutas era da mesma opinião.

— Vou colocar imediatamente alguém o vigiando.

* * *

Cinco

Sexta-feira 8 de Junho

EM UMA SALA de aula da pequena escola de Kyrkskolan, na cidadezinha de Roma, Ema Winarve dava voltas fazendo os últimos preparativos para comemorar o fim do ano letivo. Do outro lado da janela se alçava para o céu cinzento a torre de madeira da igreja, as macieiras estavam em flor e junto ao pátio da escola pastavam as ovelhas de Mattsson, ávidas pela primeira grama do verão. A sala, decorada com folhas de bétula e lilases, não demoraria a se encher com dezesseis crianças de oito anos, que teriam ante si umas longas férias de verão. Ela estivera ausente uns dias e queria ficar um tempo a sós, antes que a turma entrasse como um redemoinho de vento.

Desde o assassinato de Helena já haviam se passado três dias. Não podia entender que aquilo tivesse acontecido de verdade. Chorara e falara e falara e chorara. Com Olle, com os amigos comuns que ela e Helena tinham. Com todos os presentes na reunião. Com os pais de Helena, com os vizinhos e com seus colegas da escola. Per Bergdal estava preso na Comissaria de Visby e não podia falar com ninguém. Ema manteve contato com a polícia e com o promotor. Rogou e suplicou que a deixassem falar com Per, sem resultado. Estavam inflexíveis. O promotor havia decretado que Per ficasse incomunicável. Tinha proibido qualquer tipo de contato com o exterior, por razões da investigação. Estava certa de que ele era inocente. Perguntava-se como seria a vida de Per quando tudo aquilo tivesse passado. Condenado pela imprensa e por todos. Todos duvidariam, até que encontrassem o verdadeiro assassino. E quem era? Estremecia só de pensar. Seria alguém a quem Helena encontrara por acaso? Ou alguém a quem conhecia? Alguém de quem Ema não sabia nada?

Era verdade que Helena e ela se conheciam bem e também era que contavam tudo uma a outra. Ou, ao menos, era isso em que acreditava. Ou Helena teria segredos que Ema não conhecia? Esses pensamentos a atormentavam. Faziam-na se sentir cansada e irritada em meio à dor. Discutiou com Olle, porque parecia que ele era incapaz de compreender. Gritou e chegou a jogar uma embalagem de leite no chão, que sujara toda a cozinha. Salpicara até as vigas do teto, segundo pôde notar na manhã seguinte, quando estava limpando. Tudo aquilo era um pesadelo. Como se na realidade não tivesse acontecido. Apanhou as últimas jarras com flores meio murchas que estavam na janela. “Levarei-as para casa, para ver se se recuperam”, pensou.

Deu uma olhada no relógio. Quase nove. Tinha que abrir a porta da sala. As crianças a cumprimentaram com timidez, quando entraram em tropel e se colocaram ao lado de suas mesas. Ficava claro que sabiam que a mulher assassinada era a melhor amiga de sua professora. Ema deu a boas vindas e se sentiu comovida. Usavam cores claras e tinham o cabelo recém-lavado. Com vestidos e camisas bem passadas e os sapatos reluzentes. As meninas com flores no cabelo. Sentou-se ao piano.

— Estão todos preparados? Perguntou, e os alunos assentiram.

No momento seguinte as vozes claras das crianças encheram a sala. Cantaram **DEN BLOMSTERTIDE NU KOMER**, acompanhados por Ema ao piano. Estava seguindo ao pé da letra a tradição do fim do ano letivo. Ema deixou voar seus pensamentos no meio da canção, cujos versos ela sabia de memória ao cabo de tantos anos como professora. Férias de verão... De sua parte, não nutria nenhuma expectativa. Naquele momento, só tentava não vir abaixo. Não ter um colapso. Tinha que se ocupar de seus filhos. Sara e Filip tinham direito a umas estupendas férias de verão. Estavam entusiasmados com todas as coisas que iam fazer juntos. Viajar, tomar banho de praia, ir ver seus primos, fazer uma excursão à ilha de Gotska Sandön, quem sabe ir a Estocolmo e dar uma volta. De onde retiraria forças para tudo? Era certo que a comoção sairia de foco. Que a tristeza iria se afastando. Mas a ausência de Helena doía. E disso não se recuperaria com facilidade. E como ia conseguir aceitar o que acontecera? Que sua melhor amiga tivesse sido assassinada de uma maneira que só acontecia nos filmes. Ou longe, em algum lugar remoto. A data do enterro estava marcada. Seria em Estocolmo. Os olhos se encheram de lágrimas só de pensar. Descartou aqueles pensamentos. Rapidamente, notou que as crianças haviam se calado. Não tinha ideia de quanto tempo continuara tocando o piano depois de que terminara a canção.

* * *

Para Johan, a estadia em Gotland estava a ponto de chegar ao fim. Ao menos daquela vez. Comentara com Grenfors sobre quanto tempo estaria justificado a permanecer na ilha. A polícia silenciara sobre a investigação do caso. Tudo indicava que não haviam aparecido novas pistas ou indícios. O noivo continuava preso, e o mais provável era que solicitassem para ele que fosse para a prisão. Ignorava as razões pelas quais era suspeito. A sensação que causou ao princípio a notícia do assassinato já havia esfriado, agora só aparecia de forma esquemática nas transmissões. Já era sexta-feira, e durante o fim de semana não acontecia nenhuma emissão das Notícias Regionais. De sua parte, as Notícias Nacionais não tinham interesse em manter um repórter na ilha, salvo se surgisse alguma novidade. Decidiu-se que Johan e Peter regressaram a Estocolmo na manhã seguinte.

Johan disporia de uns dias livres. Primero limparia e lavaria tudo. Depois iria ver sua mãe e ficaria um pouco com ela. Ainda estava triste após a morte de seu pai, falecido de câncer no ano anterior. Os quatro irmãos faziam o que podiam para se ocupar dela, e, já que Johan era o mais velho, era natural que assumisse mais responsabilidade. Tentaria animá-la. Convidaria para ir ao cinema e, quem sabe, a um restaurante. Em seguida ia se dedicar a relaxar. Ler. Escutar música. Ir ao futebol. No domingo, o Hamarby enfrentaria o Futebol Club AIK em Råsunda. Seu amigo Andreas conseguiria os ingressos. Teria de passar pelo local da redação para apanhar umas coisas, mas decidiu primeiro dar uma volta pela cidade. Uma chuvinha suave e fina molhava as ruas. Não quis levar um guarda-chuva. Levantou o rosto até o céu, fechou os olhos e deixou que as gotas caíssem sobre o seu rosto. Sempre havia gostado da chuva. Tranquilizava-o. No sepultamento de seu pai choveu e a chuva fez que com que o recordasse melhor. Mais digno e sereno, de alguma maneira.

Viu-a na Rua Hästgatan, através das grandes janelas do café que havia do outro lado da rua. Estava só, sentada em uma das mesas situadas junto à janela, folheando um jornal. Tinha diante de si um copo grande que parecia ser de café com leite. Parou. Não sabia o que fazer. Disponha de um

tempo livre antes de se encontrar com Peter na redação. Sem saber como ia se aproximar dela, nem o que ia dizer, ele decidiu entrar.

O café estava quase vazio. Surpreendeu-se de como a decoração era moderna. Tetos muito altos, banquinhos retos ao lado de um balcão grande, onde as baguetes se apinhavam junto a queijos e embutidos italianos. Umhas barras de chocolate enormes se destacavam nas bandejas. Máquinas de café brilhantes, e na caixa, uma linda garota com os cabelos em um belo coque despenteado. Como qualquer café italiano. “É incrível encontrar um café assim em um lugar tão pequeno como Visby”, pensou. Desde que a universidade havia aberto as suas portas na ilha há uns anos, foram surgindo novos lugares, e a cidade tinha vindo à vida durante a baixa temporada. Ema estava sentada ao fundo do local. Ao ver Johan se aproximar, levantou os olhos.

— Alô, ele cumprimentou, e pensou no ridículo que devia parecer o seu sorriso. O que tinha aquela mulher que o colocava daquela maneira? Ela o olhou com expressão interrogativa. Meu Deus, nem sequer o reconhecia! Quase de imediato, ela mudou a expressão do rosto e afastou o cabelo para um lado.

— Alô. Você é o da TV. Johan, não?

— Sim. Johan Berg, de Notícias Regionais. Posso me sentar?

— Claro, ela concordou enquanto retirava o jornal.

— Vou pedir um café. Quer beber algo?

— Não, obrigado. Não quero nada.

Pediu um expresso duplo. Enquanto esperava no balcão não conseguia parar de olhá-la. O cabelo caía reto e abundante em ambos os lados do rosto. Usava um casaco jeans em cima de uma camiseta branca. Calças também de jeans lavados à pedra, como da outra vez. Sobrancelhas bem marcadas e grandes olhos escuros. Ela acendeu um cigarro e voltou a olhar para ele. Sentiu que ruborizava. Merda! Pagou o café e se sentou em frente a ela.

— Não achava que ia voltar a vê-la outra vez.

— É... Concordou, e o olhou inquisitiva dando uma tragada no cigarro.

— E como está? Perguntou e se sentiu como um idiota.

— Não muito bem. Mas, ao menos, começaram as férias de verão. Sou professora, explicou. — Hoje foi o fim do ano letivo e nesta tarde, a escola organizou uma reunião de pais e alunos. Não tive forças para ficar. Sinto-me mal pelo assassinato de Helena. Não consegui assimilar ainda que seja verdade. Penso nela o tempo todo. Deu uma nova tragada no cigarro.

Sentiu-se tão atraído por ela como da vez anterior. Gostaria de tomá-la nos braços, consolá-la e abraçá-la. Reprimiu o desejo.

— É difícil de aceitar, continuou Ema. — Que tenha acontecido de verdade.

Olhava o cigarro sem se fixar nele, enquanto o sacudia no cinzeiro e a cinza soltando pequenas faíscas caíam dentro dele.

— Penso, sobretudo, em quem pode ter sido. E me desespera pensar que alguém me arrebatou-

a. Que já não está. Em seguida, me envergonho de ser tão egoísta. E a polícia parece que não sabe para aonde vai. Não entendo como podem ter prendido o Per.

— E por quê?

— Ele gostava de Helena mais do que tudo no mundo. Acho que estavam planejando se casar. Com certeza é pela briga daquela noite e por isso a polícia acha que ele é o assassino. A verdade é que foi desagradável, sim. Mas isso não quer dizer que foi ele quem a matou.

— De que briga está falando?

— Foi durante a reunião, na noite antes de Helena ser assassinada. Uns quantos amigos se reuniu para jantar na casa de Per e de Helena.

— O que aconteceu?

— Per ficou com ciúmes por Helena estar dançando com um dos rapazes, o Kristian. Golpeou Helena de tal maneira que ela começou a sangrar, e em seguida golpeou também o Kristian. Foi uma loucura. Não estavam fazendo nada. Estavam dançando como os outros.

— Isso aconteceu na noite anterior ao assassinato?

— Sim, não sabia?

— Não, não sabia, sussurrou Johan. “Ah, então, essa é a razão”, pensou. Ai estava a explicação de por que Per Bergdal havia sido preso.

— É tão desagradável... Tão... Tão irreal... Sepultou o rosto entre as mãos.

Ele estendeu a mão por cima da mesa e lhe acariciou timidamente o braço. Os ombros de Ema tremiam. Seu choro era irregular, entrecortado. Johan se sentou com cuidado a seu lado, e ofereceu uns guardanapos de papel. Ela se assoou ruidosamente e apoiou a cabeça no ombro masculino. Johan a abraçou tentando consolá-la.

— Não sei o que vou fazer, se lamentou. — Só quero sair daqui.

Quando se tranquilizou, acompanhou-a até o carro, que estava estacionado em uma rua transversal. Seguia-a uns passos mais atrás com o olhar fixo naquelas costas aflitas. Ao chegar ao carro pararam, enquanto ela procurava as chaves na bolsa. Justo quando disse adeus e se inclinou para abrir a porta do carro, ele a tomou pelo braço. Com delicadeza. Ela se voltou e ficou olhando. Ele acariciou-lhe a face e então Ema se inclinou um pouco para frente. Só um pouco, o suficiente para que ele se atrevesse a beijá-la. Um beijo fugaz, de apenas um segundo, antes que ela o afastasse.

— Perdão, disse envergonhado.

— Está bem. Não tem que se desculpar.

Ema entrou no carro e o pôs em marcha. Johan ficou extasiado em meio da chuva, olhando-a através da janela do carro. Ainda lhe ardiam os lábios após o beijo e ele ficou olhando abobado como ela desaparecia rua acima.

* * *

Chops, chops. As botas de plástico de números 32 e 33 afundavam na terra argilosa. Matilda e Johanna se encantavam com aquele ruído da terra argilosa que tentava absorber e reter as suas botas. Por todos os lados se haviam formado pequenos lagos entre os sulcos. Elas davam chutes e espirravam

lama. Chovia a cântaros e seus rostos rosados refletiam satisfação. Afundavam os pés com força no barro e em seguida os levantavam. Chops, chops. À distância se podiam distinguir as duas pequenas figuras com impermeáveis em meio do lodaçal. Entretidas com a brincadeira, as meninas haviam se afastado demasiado da casa. A verdade é que não deviam se afastar tanto. Sua mãe não notara. Estava dando o peito ao irmão pequeno, ao mesmo tempo em que assistia a um debate sobre infidelidade no programa de Oprah Winfrey na TV.

— Olhe lá, gritou Matilda, que era a mais velha e atrevida das duas.

Vira algo debaixo de um arbusto na superfície da terra e teve que puxar com todas as suas forças para conseguir levantar o objeto. Era um machado. Levantou-o na frente da sua irmã.

— O que é isso? Perguntou Johanna com os olhos como pratos.

— Um machado, boba, esclareceu Matilda. — Vamos mostrá-lo a mamãe.

Como o machado estava manchado com o que parecia ser sangue e as meninas o haviam encontrado próximo do lugar do crime, sua mãe ligou imediatamente para a polícia.

* * *

Knutas foi um dos primeiros que teve conhecimento do achado. Cruzou apressado o corredor e desceu as escadas até a seção onde ficavam os especialistas. Começavam a ter notícias. Pela manhã chegara o relatório preliminar da autópsia, que mostrava que, como todos acreditavam, Helena Hilerströn havia morrido em consequência de uma machadada na cabeça e que não fora violentada. Em troca, tinha restos da pele de Bergdal debaixo das unhas. O fato em si não era especialmente surpreendente, já que sabiam da briga. Falou também com a SKL e lhe informaram de que não havia restos de sêmen na calcinha.

Quando Knutas apareceu arquejante na porta de vidro, Eric Sohlman acabava de receber o machado, envolto em uma bolsa de papel.

— Recebeu-o? Perguntou Knutas, e se inclinou sobre a bolsa.

— Sim, respondeu Sohlman, enquanto calçava um par de luvas finas de látex. — Agora vamos ver.

Acendeu uma lâmpada fluorescente que estava sobre a mesa branca de trabalho e abriu com cuidado a bolsa, que tinha uma etiqueta onde se lia:

Encontrado em 08-06-2001, às 15.30 aprox. em uma terra de cultivo, na área de Lindarve, Fröjel. O achado foi obra de Matilda e Johanna Laurel, Lindarve árde, Fröjel. Tel.: 0498—515 7763.

Sohlman começou a fotografar o machado. Virava-o com cuidado de um e outro lado para captar diferentes ângulos. Quando terminou, se sentou com as pernas abertas em um tamborete ao lado da mesa de trabalho.

— Vamos ver se podemos encontrar algo interessante, disse ajeitando bem os óculos. — Que vê aqui, na folha? Anders Knutas observou a pesada folha do machado. Pôde ver com nitidez umas manchas escuras.

— É sangue?

— Parece. Vamos enviá-lo ao SKL para que analisem o DNA. O mal é que eles são muito lentos. A resposta pode demorar várias semanas, murmurou Sohlnian.

Apanhou uma lupa e passou a estudar o cabo.

— Tivemos sorte. Como o cabo está pintado e envernizado, são maiores as possibilidades de que as impressões digitais não tenham desaparecido. Depois de algum tempo assobiou. — Olhe aqui. Knutas esteve a ponto de tropeçar ao se levantar da cadeira.

— O que é?

— Aqui, no cabo. Vê?

Sohlnian lhe passou a lupa. Via-se a impressão de um dedo no cabo. Moveu a lupa e notou mais impressões digitais.

— Parece que pertencem pelo menos à duas pessoas, disse Sohlnian. — Vê que existem dois tamanhos diferentes? Um pequeno e outro maior. Isso significa que teremos que recolher as impressões digitais das meninas que encontraram o machado. Deve ter ficado protegido de alguma maneira, se não a chuva borraria as impressões.

— Acha que pode ser a arma do crime?

— Sem dúvida. O tamanho e o tipo coincidem com as feridas. Sohlnian apanhou um tubo que continha um pó e espalhou-o com um pincel sobre o cabo do machado. Apanhou mais dois tubos e mesclou o seu conteúdo até obter uma massa plástica que também espalhou sobre o cabo com uma pequena espátula de plástico. — Agora isto tem que endurecer. Teremos de esperar dez minutos.

— Está certo, concordou Knutas com impaciência contida. — Enquanto isso eu vou apanhar as impressões de Bergdal.

Quando passou o tempo, Sohlnian retirou a massa com os dedos. Apareceram impressões digitais nítidas.

— Bem, agora vamos comparar. Sohlnian se inclinou sobre o papel com as impressões digitais de Per Bergdal. Em poucos minutos, se levantou e olhou para Knutas.

— Coincidem. Em torno de noventa e cinco por cento. Knutas ficou admirado e olhou para o seu colega.

— Para ficarmos completamente certos, posso escaneá-las e enviá-las por correio eletrônico à Central de Impressões Digitais de Estocolmo. Com um pouco de sorte, teremos a resposta dentro de uma hora.

— Faça isto, ordenou Knutas.

A resposta chegou quarenta e cinco minutos mais tarde. A impressão digital que aparecia no cabo do machado pertencia a Per Bergdal. Assim era o que havia acontecido, constatou Knutas decepcionado. Per Bergdal, provavelmente, havia matado a sua noiva na praia. Totalmente certos

não poderiam estar até que obtivessem o resultado da análise de DNA do sangue. Se o sangue que aparecia no machado coincidissem com a de Helena, então não havia nenhuma dúvida. O noivo era o assassino. “Talvez esteja começando a ficar velho”, pensou. Reuniu em sua sala o restante da equipe que dirigia a investigação, para informá-la dos resultados.

— Que bom, murmurou Norrby.

— Isto pede uma comemoração, estalou Sohlman. — O que significa obrigatoriamente uma cerveja na cidade. Eu convido para a primeira rodada.

Todos se levantaram fazendo pequenos comentários engraçados. Anders Knutas informou imediatamente ao chefe provincial de polícia e ao promotor Smittenberg. Ligou para Karin Jacobson e a Thomas Wittberg em Estocolmo e lhes disse que já podiam voltar para casa. Uma hora depois enviaram um comunicado à imprensa. Naquela mesma tarde foi solicitada a prisão preventiva para Per Bergdal. Sua tramitação teria lugar durante o fim de semana. A notícia apareceu na imprensa, na rádio e na televisão e o caso se deu por resolvido. Gotland podia voltar a respirar.

* * *

Seis

Segunda-feira 11 de Junho

PARA JOHAN, a semana ia ser mais dura do que havia calculado. Na segunda-feira, havia apenas colocado o pé na redação, quando Grenfors o chamou.

— Bom trabalho o de Gotland.

— Obrigado, respondeu Johan na expectativa, por que sempre tivera a impressão de que quando os redatores começavam uma conversa fazendo elogios era porque queriam pedir algo.

— Suponho que ali não acontecerá mais nada, já que pelo que parece o noivo é o culpado.

— Pode ser.

— O ruim é que agora estamos atolados, prosseguiu Grenfors.

— Bem, já ouvi isso outras vezes, comentou Johan cortante. O outro ignorou o tom.

— A longa reportagem que íamos apresentar no sábado foi para o espaço. Não sabemos o que fazer. Você falara em preparar um trabalho sobre a guerra de bandos rivais em Estocolmo. Acha que dará tempo para fazê-lo?

Johan e não queria se envolver com bandos agora, ainda mais que contara com mais um dia de folga depois da viagem a Gotland, mas compreendia o problema. A lembrança de Ema Winarve havia lhe rondado a cabeça todo o fim de semana e não conseguira dormir bem. Não entendia o que se passava com ele. Uma mulher de Gotland, casada e mãe de filhos pequenos e que conhecia apenas há pouco tempo. Aquilo era absurdo. Precisava dar um tempo nesse assunto. Olhou para Grenfors.

— Posso. Já tenho uma parte gravada anteriormente. Não terei tempo de fazer uma longa reportagem, mas sete ou oito minutos com certeza sairão, sem dúvida. Grenfors parecia aliviado.

— Bem. Então ficamos combinados. Já sabia que podia contar consigo.

Quando voltou a se sentar diante da sua mesa na sala da redação, Johan começou a repassar o material que tinha. Disparos em Várberg, onde uma pessoa com antecedentes criminais morrera assassinada em plena rua com três tiros na cabeça. Pura execução. A vítima estivera implicada dois meses antes na morte do dono de uma pizzaria em Högdalen, que fora crivado de balas no seu carro dentro de um estacionamento. O dono da pizzaria, por sua vez, tinha uma grande dívida pendente com o dono de um bar do submundo de Estocolmo, e que todos sabiam que tinha contatos com a máfia russa. Além disso, participou no assassinato do dono de um ginásio de Farsta, liquidado a tiros no hipódromo de Täby uns anos antes. E assim seguia o material. Tiros, roubos e inclusive assassinatos, se haviam convertido em algo cotidiano em Estocolmo. A redação havia deixado de informar de todos os ataques a mão armada. Aconteciam tão frequentemente que já não eram mais

classificados como notícia dentro dos informativos. A maior parte dos assassinatos e delitos graves em Estocolmo era cometido por um pequeno grupo de criminosos, essa era a tese que Johan pensava sustentar em sua reportagem.

Tinha boa relação com a noiva de uma das vítimas dos últimos anos. Discou o seu número de telefone. Ela anteriormente havia prometido conceder uma entrevista. Havia chegado o momento de cumprir aquela promessa.

* * *

Sete

Sexta-feira 15 de Junho

COM BRAÇADAS longas e enérgicas, Knutas ia deixando para trás após atrás metro. Retirava a cabeça fora da água um escasso segundo, para tomar ar, e mergulhava outra vez. Na água não sentia o peso, nem o passar do tempo. Adquiria outra perspectiva que o fazia ver as coisas mais claras. Eram sete da manhã e estava só na piscina de vinte e cinco metros de Solbergabadet. Passara-se uma semana desde que Per Bergdal entrara na prisão, e ainda que o assassinato de Helena Hilerströn se desse por resolvido, o comissário não havia ficado tranquilo. Bergdal teria que se apresentar ante o juiz de Gotland no dia 15 de agosto acusado do assassinato de sua noiva. Ele continuava negando. E Knutas se sentia inclinado a acreditar. A incerteza o atormentava como um dor de dentes pertinaz. Falara com a SKL em Linköping no dia anterior. Fora confirmado que o sangue do machado era de Helena. Com o que se podia dar por certo que o machado fora a arma do crime. E, claro, haviam encontrado as impressões de Bergdal nela. Contudo, continuava tendo a impressão de que o noivo era inocente. Passou a nadar de costas.

Segundo Bergdal, o machado pertencia à família Hilerströn e devia ter sido roubado da casinhola sem fechadura que havia no terreno. Tinham-no há muitos anos e Per Bergdal havia cortado lenha com ele muitas vezes, assim não era de estranhar que as suas impressões digitais aparecessem no cabo. Knutas comentou suas dúvidas com o promotor Smittenberg em uma de suas conversas. O promotor era um homem com quem se podia arrazoar, que defendia o princípio da imparcialidade. Animou o comissário a continuar o trabalho e tentar conseguir provas. O certo era que as provas técnicas eram de peso, adicionou, mas se aparecessem novas circunstâncias que apoiassem a versão de Bergdal, ele não seria um obstáculo. Por desgracia, ainda não havia conseguido. O fato de que Per Bergdal também calçasse 45, coincidente com as impressões encontradas no lugar do crime, não melhorava as coisas. Em troca, a polícia não conseguira encontrar na casa de Bergdal nenhum sapato que encaixasse com as impressões. Desconcertava-o a circunstância de que Helena Hilerströn não tivesse sido violentada, nem tampouco submetida a algum tipo de abuso sexual. A questão era: o que significava a calcinha na boca, se o assassinato não tivera nenhuma motivação sexual. “Algo não encaixa”, pensou Knutas e nadou com todas as suas forças os últimos metros.

Quando chegou a mil metros, se sentiu satisfeito. Um tempo na sauna, depois uma ducha fria e se sentiu como novo. No vestiário se posicionou ante o espelho de corpo inteiro sob a luz impiedosa e observou o seu corpo com olhar crítico. A barriga havia aumentado ultimamente, ficava claro, e os músculos dos braços já não eram para se vangloriar. Quem sabe devesse começar a fazer pesos. Havia um pequeno ginásio nas dependências da polícia. Olhou com atenção o cabelo. Cheio de grisalhos, é verdade, mas ainda forte e brilhante.

De volta à Comissaria, tomou café da manhã em sua sala. Pãezinhos de queijo recém-cozidos e café. No seu retorno de Estocolmo, Karin Jacobson e Thomas Wittberg haviam apresentado um relatório detalhado dos interrogatórios realizados. Não encontraram nada que chamasse a atenção na vida de Helena Hilerströn. A vítima praticava judô várias vezes na semana, alternando com a ida a uma academia Friskis & Svettis, e entre os amigos era considerada como uma viciada em exercícios físicos. Além disso, há alguns anos mostrava muito interesse por cachorros. Ia frequentemente a cursos para cães com o seu labrador de pelo liso, Spencer, de quem não se separava em seu tempo livre. Todos haviam observado que o animal tinha indubitáveis qualidades de cachorro de guarda.

O encontro com os pais de Helena tampouco trouxe grandes novidades; ambos ainda estavam chocados e era muito difícil falar do tema. A mãe tivera que ser internada de urgência na seção de psiquiatria do hospital de Danderyd, onde permaneceu um par de dias. Quando Wittberg e Jacobson entrevistaram os pais, ela acabava de voltar para casa. Apenas respondeu às perguntas que lhe formularam. O pai não podia se lembrar de nada estranho na vida de sua filha. Nenhum antigo noivo ciumento, nenhuma ameaça, nem qualquer outra coisa que pudesse ser de interesse para a investigação do caso. Os irmãos, os amigos e os colegas de trabalho de Helena, todos, haviam dado a mesma imagem dela. Uma mulher estável, dedicada a seu trabalho. Inteligente e com facilidade para se relacionar com todos. Tinha muitos amigos, mas se mostrava relutante a deixar que outras pessoas se intrometessem em sua vida. A pessoa que parecia estar mais próxima dela era Ema Winarve, apesar de morarem longe uma da outra.

Os pais de Per Bergdal estavam logicamente desesperados ao saber que o seu filho era considerado suspeito do assassinato. A maioria de quem o conhecia, com os quais falara a polícia, estavam certos de sua inocência. O único que parecia convencido de sua culpa era Kristian Nordströn. “Nordströn, sim”, pensou Knutas. Havia algo estranho naquele tipo. O comissário não sabia dizer exatamente o que era, mas havia algo. Além disso, estava certo de que Nordströn não contara tudo o que sabia.

Knutas dedicou a manhã a dar saída ao monte de papéis que se acumulavam em sua mesa. Deixou de pensar no assassinato de Helena Hilerströn por umas horas. Sua sala era grande, ainda que estivesse muito deteriorada. A pintura das janelas estava descascada em vários pontos, e o papel pintado amarelara devido à passagem dos anos. A parede que tinha atrás dele estava coberta de pastas de arquivo nas cores laranja, verde e amarelo. Ao lado da janela que dava ao estacionamento, quatro cadeiras para visitas rodeavam uma mesa, pensada para reuniões pequenas. Sobre a mesa se amontoavam alguns folhetos informativos sobre a polícia de bairro. Não havia dedicado maior cuidado ao aspecto da sala durante anos, e isso se notava.

Uma fotografia sobre a mesa deixava claro de que tinha uma vida fora das dependências policiais. Line e as crianças, rindo na areia da praia de Tofta. Na janela, uma jarra com uma planta solitária. Um gerânio de flores brancas com quem falava quase todos os dias quando regava. Fora um presente de Karin no seu aniversário há vários anos. Sempre dava bom dia e perguntava com estava. Esse costume mantinha em segredo.

Saiu para almoçar sozinho. Foi uma liberação sair. O verão estava na esquina. Na cidade

também se notava que ele estava próximo; cada vez mais restaurantes abertos, turistas apareceram e havia mais vida e mais movimento pelas tardes em Visby. Por esses dias chegavam a Gotland turmas de estudantes e grupos para assistir a congressos. Depois de almoçar se fechou em sua sala com uma xícara de café. Não tinha vontade de falar com nenhum colega. E naquela sexta-feira a Comissaria estava tranquila. Começou a folhear os papéis da investigação do assassinato de Helena Hilerströn. Observou as fotografias. Interrompeu-o uma batida discreta na porta. Karin assomou a cabeça. Seu amplo sorriso deixava a descoberto a falha que tinha entre os incisivos.

— Ainda está aqui? Hoje é sexta-feira, por Deus. Já passou das cinco. Tenho que ir ao supermercado comprar alguma coisa. Quer algo?

— Vou acompanhá-la, respondeu se levantando da cadeira. Um jantar com uma boa garrafa de vinho tinto com certeza que o faria se sentir melhor.

* * *

O Munkkälarem estava lotado. O local continuava sendo um lugar muito frequentado. O estabelecimento, de estilo rústico, com seus arcos medievais, abrira há mais de trinta anos e já era uma instituição em Visby. No inverno só permaneciam funcionando um bar e a área do restaurante, que ficava pequeno nos fins de semana. Durante a alta temporada, “Munken”, segundo a denominação popular, se transformava em um centro de diversão, com várias áreas de restaurantes, bares, pistas de dança e um palco. Já nesse dia, sexta-feira à tarde, abriam alguns dos bares pequenos: o bar da dança, o bar do vinil e a pequena e íntima cervejaria. Todos ficavam cheios. Frida Lindh e suas amigas estavam sentadas ao redor de uma mesa redonda no centro do bar do vinil. Haviam sentado ali estrategicamente para poderem ver e serem vistas.

O ambiente era ruidoso e desenfreado. Nos alto-falantes tocava **RIDERS ON THE STORM** do The Doors a todo volume. Estavam bebendo cervejas em copos grandes e umas batidas em copos pequenos. Na mesa do lado, rapazes mais jovens jogavam gamão. Frida se sentia bem depois de já ter bebido um pouco. Vestia um top justo e uma minissaia negra de um tecido suave. Achava-se, naquele momento, bonita, sexy e cheia de energia.

Era muito agradável sair com as suas novas amigas. Havia se mudado para morar em Gotland, com a sua família, só há um ano e não conhecia ninguém em Visby. Mas através da creche que seus filhos iam e do trabalho no cabeleireiro, conheceu outras jovens e ficaram boas amigas. Ela as apreciava muito. Já era costume sair ao menos uma vez por mês para tentar se divertir. Aquela era a terceira saída e o humor na mesa estavam a mil. Frida gostava dos olhares de interesse dos homens que havia ao redor. Riu às gargalhadas de uma piada e observou com o rabo do olho a presença de alguém que acabara de chegar. Um homem alto e ruivo, que se encostara ao balcão do bar. Sobrancelhas escuras, cabelo bem penteado, camisa pólo e largos ombros. Parecia um marinheiro. O tipo estava só. Observava o local e seus olhares se encontraram. “Um homem de verdade”, ela pensou. Ele bebeu um gole da cerveja, cravou seu olhar nela outra vez, agora mais demorado, e sorriu. Frida corou encantada. Não conseguia se concentrar no que diziam na mesa. As amigas conversavam sobre tudo. Desde livros e filmes até receitas de cozinha. Naqueles momentos comentavam como seus maridos pouco ajudavam nas tarefas de casa. Todas eram da mesma opinião: aos homens faltavam sentido prático e capacidade para compreender que uma criança não podia ir

com a camisa suja para a creche ou para ver que o cesto da roupa estava transbordando. Frida ouvia sem prestar muita atenção, dava goles em sua bebida e olhava de vez em quando ao homem do balcão. Quando a conversa da mesa começou a tratar de como funcionavam mal as creches e de como as crianças eram arruaceiras, perdeu totalmente o interesse. Decidiu ir ao banheiro para poder passar próximo do recém-chegado. Dito e feito. Quando voltava, ele bateu levemente em suas costas e perguntou se podia convidá-la a beber algo. Agradeceu encantada e se sentou a seu lado no bar.

— Como se chama? Ele perguntou.

— Frida. E você?

— Henrik.

— Não é daqui, não é?

— Se nota tanto? Sorriu. — Não. Sou de Estocolmo.

— Está aqui de férias?

— Não. Sou dono, com o meu pai, de uma cadeia de restaurantes, e estamos pensando em abrir um aqui em Visby. Estou sondando um pouco o terreno. Tinha olhos verdes que a olhavam na escuridão. Eram terrivelmente verdes.

— Que ótimo. Já estive em Gotland antes?

— Não; é a primeira vez. Mas o meu pai já veio muito aqui. Acha que seria uma boa ideia abrir um local com comida sueca de qualidade e com música ao vivo à noite. Para quem quer comer bem e se divertir, sem necessidade de ir a uma discoteca. E não seria só um local de verão, mas algo que ficasse aberto o ano todo. O que acha?

— Sim, me parece bom. Isto aqui não é tão morto no inverno como muitos pensam.

Suas amigas já haviam notado o que acontecia. Laçavam olhares ao casal que continuava no balcão, olhares interrogadores, com uma mescla de admiração e ciúme. Frida esticava a minissaia, dava goles na bebida que tinha ante ela e olhava lateralmente ao homem que estava à seu lado. Tinha um furinho no queixo e parecia ainda mais bonito de perto.

— E você, a que se dedica? Perguntou ele.

— Sou cabeleireira. Henrik alisou o cabelo com a mão de forma instintiva.

— Aqui, na cidade?

— Sim, em uma sala no centro comercial Östercentrun. Chama-se Hárfástet. Passe por lá quando precisar de um corte.

— Obrigado. Levarei em conta. Você não fala o dialeto de Gotland?

— Não, me mudei para aqui há um ano. Quanto tempo vai ficar?

Mudou bruscamente de tema para evitar ter que dar explicações de por que se mudou e falar de seu marido, seus filhos e de tudo, além disso. Frida estava consciente de que atraía os homens. Gostava de flertar e queria seguir mantendo o interesse daquele bombom. Ao menos, por um tempinho. Só porque era divertido.

— Não sei. Depende de como andem as coisas. Talvez uma semana. E, se encontrar um bom local, com certeza passarei aqui a maior parte do verão.

— Que bom. Espero que encontre algo.

Deu outro gole na bebida. “Que homem mais interessante”, se disse. Observou o local e quando voltou a cabeça, teve certeza. Usava peruca. “Por que será?”, pensou. “Quem sabe tenha pouco cabelo”. Não parecia muito velho. Da sua idade, mais ou menos. “Existem muitos que ficam calvos muito jovens. Jesus! os homens também querem ficar bonitos”. Seus pensamentos se interromperam ao ouvir a pergunta:

- Em que está pensando?
- Ah, em nada. Sentiu que ruborizava de novo.
- Como você é bonita, disse lhe acariciando o joelho.
- Você acha? Perguntou tontamente, enquanto retirava a mão dele.

Passado algo mais de uma hora, as amigas chamaram e decidiu voltar para a mesa. Henrik, de qualquer maneira, já ia embora. Havia pedido o seu número de telefone. Então, decidiu romper o encanto. Confessou que era casada e telefonar não seria uma boa ideia.

À uma o bar fechou e o grupo de moças se dissolveu. Separaram-se na porta, depois de se abraçarem e prometer que rapidamente se reuniriam outra vez. Frida era a única que morava na área de Södervärn, um par de quilômetros ao sul da muralha. Subiu em sua bicicleta e começou a pedalar em direção a casa. Quando cruzou a porta de Söderport, notou um golpe de ar frio. Sempre fazia mais vento fora da muralha. “Menos mal que pelo menos a noite está clara”, pensou. Seguiu pedalando, travou com o pedal e arranhou a perna, que começou a sangrar. Merda. Deu-se conta de que estava mais bêbada do que imaginava, mas seguiu adiante. Queria chegar em casa o quanto antes possível. Virou à esquerda junto ao estacionamento e passou ante as instalações esportivas de Gutavalen. Atravessou a rua e seguiu pela longa, interminável encosta, ao lado dos depósitos de água. No meio da encosta teve que parar e descer da bicicleta. Não podia mais.

À esquerda do caminho ficava o cemitério. As lápides estavam como em uma parada tétrica no interior do muro debaixo de pedra. Ainda que estivesse embotada pelo álcool, sentiu que o desânimo ia invadindo-a. Por que havia se empenhado em ir de bicicleta? Stefan tentara convencê-la para que apanhasse um táxi na volta para casa, sobretudo depois do assassinato de Helena Hilerström, apenas duas semanas antes. Frida resolveu o assunto dizendo que ficaria muito caro. Tinham que economizar. A situação estava difícil agora que haviam comprado a casa. Além disso, o assassino estava preso, já que fora o noivo. Agora se arrependia. Mas que boba era. O táxi talvez não custasse mais de cem coroas. Teria valido a pena. Estava só no meio do caminho. Não se via nem uma alma. A única coisa que se ouvia eram seus próprios passos com os sapatos de salto alto. Estavam machucando-a. O cemitério se estendia ao longo de cem metros. E tinha que passar junto a ele.

Quando se encontrava a meio caminho, ouviu passos atrás dela. Fortes e decididos. Queria se voltar, mas não se atrevia. Apertou o passo. Os passos se ouviam cada vez com mais clareza. Teve a certeza de que a estavam seguindo. Ou era imaginação sua? Decidiu parar. Parou de ouvir as passadas. Ainda se encontrava no meio da encosta e não valia a pena tentar subir na bicicleta. Em um lado da rua ficava o cemitério e do outro, casas rodeadas de jardins. Todas as janelas estavam às escuras. Ia tão depressa quanto podia, já não sentia o frio. Maldita saia curta e os sapatos que lhe torturavam os pés. Pensou em jogar a bicicleta para um lado e tentar se meter em algum jardim. Mas, em vez de fazer isso, desatou a correr. Isso fez também a pessoa que estava atrás dela. Aterrorizada, correu com todas

as forças. O caminho ficou mais plano e começava a descida encosta abaixo. Estava a ponto de subir na bicicleta, quando duas mãos poderosas a agarraram atrás do pescoço apertando os dedos ao redor de sua garganta. Não podia respirar e soltou a bicicleta, que caiu encosta abaixo.

* * *

Oito

Sábado 16 de Junho

STEFAN LINDH denunciou o desaparecimento de sua esposa no sábado pela manhã. Havia acordado as oito quando o filho menor entrara em seu quarto. E o lado de Frida na cama estava vazio. A primeira coisa que pensou foi que estivesse no banheiro. Não custou muito a descobrir que a sua mulher não estava em casa. Ligou para as amigas, mas não estava com elas. Depois, ao hospital e à polícia, sem resultado. O policial de plantão pediu que aguardasse mais umas horas. Quando à hora do almoço ainda não aparecera, colocou as crianças no carro e foi até Munkkälaren. Percorreu de carro o caminho que achava que Frida seguira com a bicicleta. As duas já não pôde mais e voltou a ligar para a polícia, cheio de inquietação. Knutas foi informado e, pensando no assassinato da mulher acontecido apenas há duas semanas atrás, decidiu reunir a equipe de investigação. Enquanto esperava que chegassem, ligou para o preocupado marido, que estava desesperado e pedia que a polícia o ajudasse. Sua esposa nunca demorara daquela maneira.

— Acalme-se, fique tranquilo, animou-o Knutas. — Agora mesmo vamos realizar uma pequena reunião aqui na Comissaria, em seguida eu ou algum colega iremos diretamente à sua casa. Marcamos, digamos, dentro de uma hora?

Terminou a conversa. Os demais chegaram, um após outro, e foram se sentando ao redor da pequena mesa que havia diante do sofá: Karin Jacobson, Thomas Wittberg e Lars Norrby.

— Bem, temos uma mulher que desapareceu, começou Knutas. — Chama-se Frida Lindh, trinta e quatro anos, casada e mãe de três filhos. A família mora em Södervärn, na Rua Apelgatan. Desapareceu à noite, depois de uma ida ao centro com três amigas. Estiveram no Munken, onde jantaram, e em seguida se sentaram em um dos bares dali e ficaram tomando umas bebidas até a hora de irem embora. Segundo as amigas disseram ao marido, se separaram fora do local. Então já passava da uma. Frida, a única que mora para o sul, se despediu das demais e foi sozinha de bicicleta para casa. Depois disso, ninguém a viu. Isto é o que disse o marido. E como Frida Lindh parece que é uma mãe normal, eu acho muito estranho esse desaparecimento. O marido diz que nunca ficou fora tanto tempo dessa maneira.

— Não pode ser que fosse para a casa de alguém? Perguntou Norrby sorrindo. — Alguém que seja mais interessante que o marido...

— Claro que pode ter acontecido isso, mas nesse caso já teria voltado para casa a estas horas, não? Diabo, que são quase quatro e meia. Esta mulher tem três filhos pequenos.

— Sim, isso seria o mais lógico, mas neste trabalho nunca deixamos de nos espantar, respondeu Norrby.

— Não parece que estamos extrapolando um pouco? Interveio Wittberg se voltando para Knutas. — Não é exagerado tocar a sirene só porque uma mulher esteve em um bar e não foi diretamente para casa? Passou a mão pela abundante cabeleira castanha encaracolada e em seguida pela barba que cobria o queixo e as faces. Tinha ante si uma garrafa de Coca-Cola pela metade.

— Está de mau humor pela ressaca? Brincou Karin dando uma pancadinha em suas costas.

— Ah... Limitou-se a grunhir Wittberg. Knutas olhou-o irritado.

— Temos o assassinato recente de uma mulher sobre a mesa, e me parece que devemos começar a trabalhar neste caso imediatamente. Começaremos interrogando as amigas. Karin, poderá falar com a amiga da Rua Bogegatan? As outras duas moram na Rua Tjelvarvägen, vocês vão falar com elas, ordenou se dirigindo a Wittberg e Norrby. — Eu irei ter com o marido. Depois nos encontraremos aqui. Às oito.

Houve um ruído de cadeiras quando todos se levantaram da mesa. Norrby e Wittberg cochicharam entre eles: “Merda, é uma loucura. Fazer-nos vir num sábado para isto... Por que uma mulher foi infiel...” Houve negações com a cabeça e suspiros. Knutas fez como se não notasse nada.

* * *

Estava metido até a cintura dentro da água fria. Estava gelado por dentro, e adorava. Lembrava-se que, quando pequeno, tomava banho com seu pai e sua irmã junto à casa de veraneio. O primeiro banho nas águas do mar ainda geladas. Como riam e como gritavam. Uma das poucas lembranças felizes que tinha da infância.

Sua mãe, claro, não viera. Nunca participava. Sempre estava ocupada fazendo alguma coisa. Esfregando, lavando, cozinhando, fazendo as camas, recolhendo roupas. Lembrava que achava muito estranho que aquilo pudesse exigir sempre tanto tempo. Só eram quatro na família e o seu pai também fazia muitas tarefas de casa. Mas, fosse como fosse, o caso é que ela sempre estava ocupada. Nunca tinha tempo para estar com eles. Para brincar. Se sobrasse tempo, se dedicava a fazer palavras cruzadas. Sempre aquelas malditas palavras cruzadas. Algumas vezes tentou ajudá-la. Sentava-se a seu lado e propunha soluções. Então ela dava um suspiro e dizia que ele estava estragando a distração. Não queria nenhuma ajuda. Era rechaçado. Como de costume.

Levantou a vista sobre o mar. Estava cinzento e calmo. Como o céu. Teve um sentimento quase religioso. Tudo estava calmo. Como se o tempo e o espaço tivessem parado. E ali estava ele. Já havia se acostumado um pouco mais à fria temperatura da água. Tomou coragem e mergulhou. Depois saiu da água, sentou no banco e se secou rapidamente. Sentia-se purificado. Estava acabando com tudo aquilo que o havia oprimido durante tantos anos. Era como se quanto mais sangue derramasse, mais limpo se sentisse.

* * *

Södervärn fica a pouco mais de um quilômetro da muralha. Essa parte da cidade está ocupada em sua maioria por casas da primeira metade do século XX, mas aqui e ali também se veem casas de construção recente. A família Lindh ocupava uma delas. Era uma casa de um só andar com a fachada de ladrilhos brancos, a entrada de garagem bem arrumada e a caixa de correio de inspiração

americana. Na rua crianças brincavam com uma bola. Alternavam-se para chutá-la no gol, desenhado na calçada. Knutas estacionou o seu velho Mercedes na vaga pintada de branco. Observou que havia adesivos nas janelas que avisavam que a casa tinha instalado uma alarma antirroubos de uma das mais reputadas empresas de segurança. Aquilo era bastante inusual em Gotland. Tocou a campainha e soou um timbre dentro da casa. Stefan Lindh abriu a porta quase no mesmo momento. Tinha os olhos avermelhados e mostrava sinais de desespero.

— Soube de algo? Fez a pergunta sem sequer cumprimentar.

— Será melhor que nos sentemos e falemos um pouco primeiro, respondeu Knutas, que entrou diretamente na sala de estar e se sentou no sofá de três lugares forrado com um tecido de flores estampadas, sem retirar os sapatos nem o casaco. Apanhou o seu bloco de notas. — Quando descobriu que Frida não havia voltado para casa?

— Esta manhã, as oito, quando Svante me acordou. É o nosso filho menor, tem dois anos. Stefan se sentou em uma cadeira de vime, ao lado do comissário. — As crianças foram para a casa de meus pais. Não queria que ficassem aqui, agora que estou tão nervoso. Temos mais dois, uma menina de cinco anos e um menino de quatro.

— O que fez ao ter certeza que Frida não estava em casa?

— Tentei ligar para o celular, mas ela não respondeu. Em seguida liguei para as suas amigas, mas nenhuma sabia de algo. Então avisei à polícia. Tempos depois fui com o carro até Munkkälarem e segui o mesmo percurso que ela deveria ter feito para voltar, mas também não vi nada.

— Falou com seus pais ou com outros membros da família?

— Ela é de Estocolmo. Seus pais e irmãos moram lá. Mas não se veem nem se falam, não têm muito boa relação. Frida e seus pais, eu me refiro. Por isso ainda não lhes disse nada. Para a sua irmã não liguei porque só quero preocupá-la quando for necessário.

— Onde moram os seus pais?

— Em Slite. Vieram buscar as crianças há uma hora.

— Há quanto tempo vocês estão morando aqui?

— Cerca de um ano. Antes morávamos em Estocolmo. Mudamo-nos no verão passado. Eu nasci e cresci aqui e tenho toda a minha família em Gotland.

— Como Frida estava quando saiu daqui? Refiro-me ao seu estado de ânimo.

— Como sempre. Alegre, com vontade de se divertir.. Está muito contente por ter conhecido essas meninas... Bem, eu também, claro. No princípio não foi muito fácil para ela vir morar aqui.

— Entendo. Perdoe a pergunta, mas com estão Frida e você? Refiro-me à relação. Stefan se mexeu um pouco em sua cadeira. Tinha uma perna cruzada sobre a outra. Mudou de perna e enrubesceu um pouco.

— Bem, muito bem. A verdade é que temos muito para fazer. Com três crianças, estamos quase sempre ocupados. Não sobra muito tempo para outras coisas. Temos brigas como a maioria da gente, mas não existe nenhum problema mais sério. Tampouco vivemos no sétimo céu, claro.

— Discutiram ou aconteceu alguma crise há pouco?

— Não, pelo contrário. A mim me parece que tudo está melhor ultimamente. Foi duro quando nos mudamos. Agora parece que Frida se sente bem. As crianças estão bem, acham divertido ir à creche.

— Aconteceu recentemente algo fora do normal? Receberam ligações estranhas pelo telefone, ou sua mulher conheceu alguma nova pessoa de que tenha comentado? No trabalho, talvez?

— Nãoooo... Respondeu Stefan Lindh alongando a resposta e franzindo o cenho. — Nada que

eu me lembre neste momento.

— Em que ela trabalha?

— É cabeleireira, trabalha no salão de cabeleireiro que fica defronte do supermercado Obs, em Östercentrun.

— Então conhece muitas pessoas diferentes. Não falou de algum cliente especial ultimamente?

— Não, claro que fala de muitos clientes chatos. Mas não houve nada de especial nestes últimos dias.

— Notei que tem alarme na casa. Por quê?

— Frida quis instalar um quando nos mudamos. Tem medo da escuridão e não se sentia segura. Eu viajo bastante por causa do meu trabalho, e às vezes fico fora de casa vários dias seguidos. Tudo vai muito melhor agora que temos alarme. Knutas lhe deu o seu cartão de visitas.

— Se Frida voltar para casa ou se ligar, avise imediatamente. Pode entrar em contato comigo a qualquer hora pelo celular. Estou sempre com ele ligado.

— O que estão fazendo? Perguntou Stefan Lindh.

— Procurando. Estamos procurando, respondeu Knutas, e se levantou do sofá.

Knutas voltou diretamente à Comissaria. Os demais foram chegando um após outro. Já passavam das nove quando se reuniram todos na sala do comissário. Todos haviam escutado mais ou menos a mesma história. Que Frida havia se encontrado com um homem com quem esteve conversando mais de uma hora. Nenhuma das amigas o havia visto antes. Descreveram-no como um tipo alto, bonito, com abundante cabelo ruivo e de uns trinta e cinco anos. Uma das amigas notara uma barba incipiente. Frida e aquele desconhecido estiveram flertando à vista de todos e algumas vezes ele havia segurado na mão dela. Para as amigas aquilo parecia uma loucura. Casada e mãe de três filhos! Que diria a gente? Visby não era grande, e havia muitos rostos conhecidos no local. As outras saíram juntas, pois iam na mesma direção, mas Frida saiu só em sua bicicleta. Era certo que gostava de flertar, mas não acreditavam que fosse capaz de ir para a casa de um desconhecido. Nisso estavam todas de acordo.

Soou o telefone celular de Knutas. No curso daquela ligação, que por parte de Knutas consistiu de afirmações e murmúrios circunspectos, o comissário foi mudando a cor do rosto, que adquiriu um tom acinzentado. Todos os olhares estavam voltados para Knutas quando ele desligou o telefone. Podia se cortar com uma faca o silêncio na sala.

— Encontraram uma mulher morta no cemitério, explicou muito sério enquanto colocava o casaco. — Tudo aponta para um assassinato. O rapaz que encontrou o corpo estava dando um passeio com o seu cachorro, que ia sem a coleira. Ao passar pelo cemitério, o animal foi correndo para a área das sepulturas e farejou o corpo dentro de um matagal.

* * *

Quando a equipe de investigação chegou ao lugar, já se havia reunido um grupo de pessoas no cemitério. Vários policiais isolavam a área e impediam que os curiosos soubessem demasiado. Um dos policiais levou ao grupo até o lugar do achado. O cadáver da mulher fora ocultado com ramos, colocados de tal maneira que não chamariam a atenção. Knutas olhou horrorizado o delicado corpo estendido no chão. Jazia deitada de costas, nua. O pescoço aparecia coberto de sangue que havia

escorrido sobre o peito. Apresentava feridas pequenas, de uns centímetros de longitude, no abdômen, nos músculos e em um dos ombros. Tinha os braços estendidos ao longo do corpo, sujos de barro. Nas pernas se viam com clareza marcas de arranhões. O rosto espantosamente lívido. “Parece uma boneca de cera”, pensou Knutas. Como se tivessem lhe retirado todo o sangue. Tinha a pele de uma cor branco-amarelada e sem brilho algum. Os olhos, abertos de par em par e opacos. Quando Knutas se inclinou sobre a sua cabeça sentiu calafrios. Fechou os olhos e os abriu de novo. Uma peça de renda negra sobressaia da boca da vítima.

— Está vendo? Perguntou a Karin Jacobson.

— Sim, estou vendo. Sua colega levou uma mão à boca. Sohlnian apareceu por trás deles.

— O legista está a caminho. Casualmente se encontrava em Visby neste fim de semana. Às vezes, precisamos ter sorte. Ainda não pudemos confirmar a identidade da vítima. Não tinha bolsa, nem moedeiro, nem carteira de identidade, mas só pode se tratar de Frida Lindh. A idade e a descrição coincidem. Além disso, encontramos uma bicicleta entre uns arbustos, no outro lado do caminho.

— Isto é terrível, disse Knutas. — Só a umas centenas de metros de casa...

* * *

O longo corredor do edifício de TV, na área de Gardel, em Estocolmo, estava cheio de gente. Aquela tarde se realizava a reunião anual de verão da Televisão Sueca e todos os empregados de Estocolmo eram convidados. Vieram mais de mil e quinhentas pessoas, que davam voltas pelos enormes estúdios dispostos ao longo do corredor. Nos dias de trabalho os estúdios eram utilizados para gravar programas de entretenimento e algumas séries, mas agora estavam preparados para a reunião e o baile. O corredor havia se transformado em uma enorme área de coquetel, com a oferta de diferentes bebidas.

Ali se via o inabalável meteorologista, sorrindo para a jornalista de moda. O apresentador de um programa dava voltas com o olhar observador, como sempre, à caça de alguma colega com curvas e pouca roupa à quem fincar o dente. A gente bonita dos programas de entretenimento se divertia em uma das pistas de baile, claramente à margem do restante das pessoas que pululavam ao redor.

Johan e Peter estavam junto dos seus colegas de Notícias Regionais em um dos bares e bebiam “bombas” mexicanas: tequila com soda, suco de limão, ou laranja, sal e muito gelo. Johan bebeu um bom gole daquela mistura gelada. Havia se estressado até o último momento com a reportagem sobre a guerra de quadrilhas em Estocolmo. Levava mais tempo do que imaginava e teve de trabalhar até muito tarde toda a semana. A reportagem não ficou pronta até apenas quinze minutos antes da emissão. O trabalho o havia deixado esgotado e agora era agradável relaxar e esquecer a dura semana de esforço. Em que pese a que teve muito que fazer, havia pensado em Ema. E se irritou consigo mesmo. Não tinha nenhum direito de se aproximar dela, e talvez colocá-la em alguma confusão, mas Ema havia causado uma agitação que não desaparecia.

O caso da mulher assassinada já estava mais ou menos resolvido e isso significava que não haveriam mais viagens para Gotland. Ao menos, não em um futuro imediato. O melhor seria esquecer ela. Havia pensado cem vezes ao longo daquela semana. Sabia seu número de telefone de

memória e esteve várias vezes a ponto de ligar, mais se arrependia no último momento. Era consciente de que a coisa ia mal. Suas expectativas não podiam ser piores. Tomou outro gole da bebida e passou o olhar pelo mar de gente com vontade de se divertir. Algo longe dali descobriu Madeleine Haga. Estava falando com uns repórteres da redação central. Baixinha, morena e bonita, de calças jeans negras e um top brilhante lilás. Decidiu se aproximar dela.

— Olá. Como vai!

— Bem, ela sorriu. — Só um pouco cansada, estive todo o dia trabalhando. Estou agora com um trabalho longo. E você?

— Bem... Bem, bem. Quer dançar?

Estava interessado em Madeleine desde que ela começou a trabalhar como repórter na redação central. Era bonita, de uma beleza atrevida. O cabelo curto e grandes olhos castanhos. Johan se irritava por que pouco se encontravam. Normalmente tinham diferentes horários e quando, por fim, se encontravam alguma vez, ela sempre estava ocupada. Em certas ocasiões, não tinha nem sequer tempo para cumprimentá-lo. Agora iria aproveitar tendo-a à sua frente. Dançava seguindo o ritmo da música, com os olhos entrefechados e gingando. Ao fim, decidiram se sentar em algum lugar e pedir cervejas. Enquanto retirava as duas cervejas geladas no balcão do bar, soou o celular. Pensou antes de atender, mas por fim o fez. Reconheceu no mesmo momento aquela voz rouca.

— Encontraram outra mulher morta em Gotland. No cemitério de Visby. Foi assassinada.

— Quando? Perguntou, procurando com a vista Madeleine, que já havia dado a volta e estava falando com outro.

— Esta tarde, às nove, assobiou o informante. — Só sei que apareceu morta e que não podia estar à muito tempo ali. E agora, se segure: Também tinha uma calcinha na boca.

— Está certo disso?

— Absolutamente. A polícia já começa a falar de um assassino em série.

— Sabe como foi morta?

— Não, mas imagino que terá sido de uma forma parecida ao assassinato da mulher de Fröjel.

— Está bem. Obrigado. De sua parte, a festa terminara.

* * *

Ema estava sentada à mesa da cozinha; tomava um prato de leite e agia de modo maquinal. Essa era a expressão. Levava a colher à boca, abria-a automaticamente, colocava lá dentro o leite e em seguida voltava a colocar e encher a colher no prato. Pequenas manchas de leite salpicavam a mesa redonda da cozinha. Pra cima até a boca e para baixo até o prato, acima e abaixo. Uma e outra vez, de forma mecânica e com o mesmo ritmo todo o tempo. Olhava fixamente para baixo, para o prato, sem vê-lo. As crianças estavam dormindo. Olle havia saído para tomar uma cerveja com os amigos. Estava cansado dela e de seu distanciamento, havia dito isso naquele mesmo dia. Era sábado à noite e não tinha vontade de ligar a televisão.

Lá fora soprava o vento suave do oeste. Não viu como as frágeis bétulas se agitavam e se inclinavam fora da janela. Não notava nada naqueles dias. Passou a última semana dando voltas, fechada em seu próprio mundo. Havia se distanciado. Abraçava e beijava as crianças, sem sentir nada

na realidade. Observava seus rostos alegres e sentia seus bracinhos suaves. Fazia a comida, limpava o catarro, preparava mochilas, fazia camas, dobrava a roupa, lia estórias e os beijava todas as noites, mas não estava com eles. Não estava ali. Menos presente ainda com Olle, que tentou falar com ela. Consolá-la. Abraçá-la. Tudo o que ele dizia parecia ridículo, sem sentido, e não escutava. Tentou inclusive fazer amor. Sentiu-se ofendida e o rechaçou. Estava há anos luz de distância. Como ia poder fazer sexo naquele momento?

Pensava em Helena à todo o momento. No que haviam feito juntas. No que ela falava. Em como jogava o cabelo para trás. Em sua maneira de tomar café. Em como haviam se distanciado desde que Helena se fora da ilha, ainda que tivessem mantido o contato. Já não sabia tanto de Helena. Como pensava? Como se sentia? Como era na verdade a sua relação com Per? Contudo, apesar desses pensamentos, estava convencida da inocência de Per. Discutiu com o marido também por isso. Olle achava que o aparecimento das impressões digitais no machado era uma prova decisiva, em especial depois da briga que tiveram durante a reunião. “Aquele homem estava louco”, afirmou Olle com raiva, olhando-a com tristeza, enquanto ela dizia que Per jamais iria fazer uma coisa assim.

Como se já não tivesse problemas suficientes, aparecera àquele jornalista em seus pensamentos. Johan. Ela não entendia o que acontecera no café. Aqueles olhos. Perigosíssimos. Aquelas mãos... Secas e cálidas. Havia-a beijado. Não passara de um beijo fugaz, mas suficiente para que lhe comichasse todo o corpo. Uma lembrança do passado. Assim podia ser. Já havia acontecido anteriormente. Antes de encontrar Olle, esteve com um monte de rapazes. Sempre era ela quem se cansava. E quando a relação ficava mais séria e começava a se sentir dependente, pulava fora. Olle fora um amigo, um da velha turma. No princípio, quando ele fez algumas tentativas torpes para convidá-la a sair, não se interessou. Contudo, começaram a se ver e quando se deu conta já estava com ele há um ano. Era agradável e relaxante ficaram juntos. Os dois sozinhos. Havia se cansado de brincar de amor. De esperar que tocasse o telefone, ou de ligar ela mesma com o coração aos pulos. Encontros em restaurantes acolhedores, ir para cama, a conversa depois. “Gostou?”. “Os meus seios parecem muito pequenos?” Em seguida, tempos curtos de felicidade, exigências, decepções, e ao final indiferença. Com Olle se divertia. E se sentia segura. Com o tempo, chegou a se apaixonar de verdade. E haviam sido muito felizes. Durante muitos anos. Ultimamente os seus sentimentos para com ele haviam esfriado. Não tinha mais vontade de fazer amor. Considerava-o mais como um amigo. Mas, Johan a havia feito relembrar antigos sentimentos.

Ligou o rádio e do aparelho brotou a suave melodia de Aretha Franklin. Tinha vontade de fumar, mas não se sentia com forças para sair e acender um cigarro na escada da entrada. Voltou a pensar em Johan. Um rapaz de Estocolmo que talvez não voltasse a aparecer pela ilha. Melhor assim. Ela, quem sabe, estivesse especialmente sensível naquele dia, justo porque estava tão esgotada. O primeiro dia na escola depois do assassinato. E quase o último. Retornou ao trabalho um par de dias depois, para despachar o que tinha pendente, antes das férias de verão. Agora só queria tempo para si mesma. Ter a possibilidade de recuperar o equilíbrio de algum modo e reordenar os pensamentos. Por sorte, as crianças queriam participar um par de semanas mais no centro de atividades extraescolares.

Aquela apatia a atormentava. Antes, aquele tempo de férias era maravilhoso. Agora não era mais uma sombra do que fora. Sua energia havia desaparecido. Cansava-se só em sair para jogar o lixo fora.

Consultou o relógio que havia na parede. Quase onze. “Tenho que ligar a lavadora antes de me deitar. Merda! Se anime!”, pensou enojada. Com os braços cheios de roupa suja se agachou para encher a lavadora, mas ficou paralisada no meio do movimento. O locutor do rádio acabava de comunicar que havia aparecido outra mulher assassinada, agora no cemitério de Visby.

* * *

Nove

Domingo 17 de Junho

QUANDO Johan e Peter desceram do táxi ante o hotel Strand de Visby, no domingo pela manhã, foram açoitados por um vento frio. O tempo havia piorado consideravelmente. Notaram inclusive como balançava o táxi quando vinham do aeroporto. Tiritando, entraram apressados na recepção. A ressaca não contribuía para melhorar a situação. Deram-lhes os mesmos quartos que da vez anterior. “Pergunto-me se é casualidade ou atenção”, pensou Johan enquanto colocava a chave na porta. Em seguida, após entrar, discou o número de telefone de Knutas, que explicou que estavam atrapalhados com tantos jornalistas que ligavam e que fariam uma roda de imprensa às três da tarde. Não pensava em fazer alguma declaração antes que tivesse lugar essa roda de imprensa.

— Algo poderá dizer, insistiu Johan. — Foi um assassinato? A voz de Knutas parecia muito cansada:

— Sim.

— Como?

— Não posso dizer nada sobre como foi assassinada.

— Que arma foi utilizada?

— Isso eu também não posso dizer.

— Foi identificada?

— Sim.

— Tinha quantos anos?

— Nascida em 67. Trinta e quatro.

— Figurava nos arquivos policiais?

— Não.

— É de Visby?

— Sim. Bem; terá que esperar a roda de imprensa.

— Só uma última pergunta. Estivera nos bares à noite?

— Sim, estive no Munkkälarem com umas amigas. Separaram-se fora do bar, e a vítima se dirigia para casa de bicicleta, sozinha.

— Então, provavelmente foi assassinada quando voltava para casa, não é?

— Poderíamos tirar essa conclusão, conveio Knutas impaciente. — Agora não tenho tempo para continuar falando.

— Muito obrigado. Veremos-nos na roda de imprensa. Até lá.

Johan e Peter se dirigiram à Rua Peder Hardingsväg para tomar imagens do lugar do achado e

tentar conseguir que alguém aceitasse ser entrevistado.

O ponto onde haviam encontrado o corpo estava isolado, mas viram que havia um policial um pouco afastado controlando para que ninguém passasse o isolamento. Tentaram falar com ele, mas em seguida viram que era inútil. O policial se negara a responder às suas perguntas. Johan deu uma volta pelo cemitério tentando imaginar o que acontecera enquanto Peter filmava. A mulher havia ido de bicicleta do bar até sua casa. Foi ali onde encontrou o assassino? Apenas haviam se passado duas semanas desde a morte de Helena Hilerström. O noivo estava preso, mas se o seu informante havia entendido bem as coisas, a polícia estava acreditando que o autor era o mesmo. Tratava-se, em tal caso, de um assassino em série que poderia voltar a atacar a qualquer momento. Ali, na pequena ilha de Gotland! Incrível. Seu informante tentaria conseguir mais informações. E ainda que a polícia acreditasse que se tratasse do mesmo assassino, duvidava de que confirmassem. Duas mulheres brutalmente assassinadas em um par de semanas. Justo antes que começasse a temporada turística! A polícia estaria mais do que interessada em que a informação fosse mantida em segredo.

* * *

Remava com movimentos tranquilos, decididos. As cavilhas rangiam. Teria de engraxá-las. Fazia muito tempo que não saía com o bote. Vários anos. Havia consertado o buraco do fundo. Agora o havia levado para a água. Sabia aonde queria chegar. Queria chegar até o cabo e em seguida se daria por satisfeito. Vira o lugar. A ideia lhe ocorrera à noite. Ficara acordado, pensando. Não ia cometer o mesmo erro que da outra vez. Então perdera o controle. Embriagado pelo triunfo, mesclado com o medo. Surpreso por sua própria capacidade. Fora capaz de levar a cabo o seu plano. Estava tão orgulhoso quanto assustado. Sobretudo, orgulhoso. Agora se sentia mais tranquilo. Sabia do que era capaz. Desta vez não encontrariam a arma do crime.

Por sorte o mar estava calmo. Ficara pensando se não deveria levar uma vara de pescar, só como engodo se alguém lhe visse. Mas não, não precisava. Quem ia se preocupar com o que fazia no bote? Não tinha por que dar explicações a alguém. À merda com toda a gente que não tinha nem ideia do que estava fazendo. À merda com o resto do mundo. Depois de tudo, não havia alguém que se preocupasse. Que compreendesse. Estava só. Sempre esteve. Mas agora era forte. Os generosos raios do sol o tonificavam. Estava de bermuda. Remava de tal maneira que estava começando a suar. Desceu a vista até o seu próprio peito. Peludo e musculoso. Seria capaz de sair vitorioso daquilo, se sentia imbatível. Riu às gargalhadas. Só o ouviram as gaivotas.

* * *

Na sala de reuniões da polícia judicial, reinava um ambiente tenso. Era meio-dia e o grupo de investigação havia se reunido para repassar as últimas informações sobre o novo assassinato antes da roda de imprensa. A chefe provincial da polícia se achava presente. Sentada ao lado de Knutas, se mostrava preocupada. Sohlman, Wittberg, Jacobson e Norrby estavam sentados a um lado da mesa e ao outro lado, o promotor Smittenberg, o comissário Martin Kihlgård e Björn Hansson, da Polícia Nacional.

— Estamos ante uma situação nova e extremadamente grave, começou Knutas. — Parece que

nos encontramos ante a um único assassino. Com o que, o noivo de Helena Hilerströn, Per Bergdal, já não pode ser considerado como suspeito do assassinato. Birger decidiu que o ponham em liberdade imediatamente.

O promotor concordou com a cabeça. Knutas continuou:

— Pois bem, existem muitos indícios que apontam para o mesmo individuo por trás dos dois assassinatos. Existem semelhanças que apontam nessa direção. As mulheres foram atacadas fora de casa e as duas foram encontradas com a calcinha na boca. Contudo, o assassino usou armas distintas. Como todos vocês com certeza já sabem, isso é raríssimo se tratando de um assassino em série e é a única coisa que fala contra, de que seja o mesmo individuo. A primeira vítima, Helena Hilerströn, foi assassinada com um machado. Morreu do primeiro golpe que recebeu na cabeça. Depois, o assassino assestou dez machadas mais contra diferentes partes do corpo, no que parece que tenha sido um acesso de fúria. Segundo o estudo preliminar do legista, a segunda vítima, Frida Lindh, morreu de um corte que lhe seccionou a carótida. Depois, assassino retalhou diferentes partes do corpo. Ao menos dez, neste caso. Não dirigiu nenhum golpe contra os órgãos sexuais. A arma empregada é algum tipo de elemento cortante, provavelmente uma faca, navalha, ou algo pelo estilo. Não apareceu. Helena Hilerströn, como sabem, não foi submetida a nenhum tipo de abuso sexual e nada aponta para isso tampouco neste caso, ainda que não saibamos com certeza até que tenhamos o relatório preliminar da autópsia de Frida Lindh. Demorará uns dias. Como já falei, as duas vítimas foram encontradas com a calcinha metida na boca. Nas de Helena Hilerströn não havia restos de esperma. As de Frida Lindh estão a caminho do SKL para que analisem. Vamos ver algumas imagens.

Apagaram a luz e Knutas projetou uma após outra imagens em uma tela. Reinava na sala um silêncio total.

— Primero as imagens de Helena Hilerströn, assassinada em 5 de junho. Como estão vendo, seu corpo foi submetido a uma violência brutal. Nenhuma parte do corpo foi objeto de maior violência que as demais, mas sem violência dirigida contra os órgãos sexuais. Projetaram-se uns primeiros planos de Helena Hilerströn.

— Merda! Sussurrou Norrby.

— Depois temos a outra vítima, continuou Knutas, — Frida Lindh, assassinada dez dias após o primeiro crime. O corpo apareceu no cemitério. Também estava nua. Neste caso, a vítima perdeu muito sangue, como veem. Também recebeu vários golpes. Tampouco existe neste caso sinais de violência sexual.

— O que significa a calcinha na boca? Perguntou Wittberg, como para si mesmo.

— Sim, é muito estranho, conveio Kihlgård. — O assassino conheceria as mulheres? Teria anteriormente tido alguma relação sexual com elas? Deixaram-no e agora queria se vingar? Ou se trata de um assassino que odeia às mulheres em geral?

Kihlgård se calou e colocou um biscoito de chocolate na boca. Umas migalhas caíram nas calças. Knutas sentiu repugnância e se perguntou como aquele tipo conseguia comer num momento assim. Apagou o projetor.

— Precisamos encontrar a relação entre as vítimas. Se é que existe alguma, precisou, e

continuou falando às escuras: — O que sabemos até agora, o que ambas as mulheres têm em comum, é o seguinte: as duas tinham estreitas relações tanto em Estocolmo como em Gotland. Helena Hilerströn nasceu e cresceu aqui, e a família conserva a casa de veraneio à que ela vinha pelo menos um par de vezes ao ano. Além disso, tinha familiares e muitos amigos na ilha. Frida Lindh era de Estocolmo, mas era casada com um rapaz de Gotland. Faz algo mais de um ano que se mudou para aqui com sua família e foram morar em Södervärn. Segundo o seu marido, queriam tentar viver em Gotland, já que ele é daqui e tem muitos familiares. Ainda não sabemos se as vítimas se conheciam entre si. As duas mulheres tinham ao redor dos trinta e cinco, só havia um ano de diferença entre elas, e eram atraentes. É o quanto sabemos neste momento. Quero que formemos um grupo de trabalho que se encarregue de investigar a vida das duas mulheres e das pessoas ao seu redor. Outro grupo se encarregará de consultar o arquivo de assassinos e violadores da Suécia, em primeiro lugar os de Estocolmo, para ver se existe algum que tenha relação com Gotland. Todo o país tem o olhar posto em nós. Para não falar dos meios de comunicação. Desde agora temos que juntar todas as nossas forças para deter o assassino antes que cometa um novo assassinato. Pedi a Estocolmo mais reforços da Polícia Nacional. Vamos nos organizar para realizar uma busca interna e outra externa. Kihlgård e Hanssom nos ajudarão, sobretudo, com os interrogatórios e no rastreamento de violadores que apareçam no registro de delinquentes. Temos que explorar todas as vias que possam levar à prisão desse tipo. Alguns policiais daqui terão que se deslocar outra vez para Estocolmo. As possibilidades são as mesmas de que o assassino se encontre lá como aqui.

— A verdade é que parece muito provável que o assassino seja de Estocolmo, interveio Wittberg. — Helena Hilerströn só vinha a Gotland um par de vezes ao ano, e nesta ocasião só teve tempo de ficar aqui dois dias antes que morresse. E Frida Lindh vivia em Estocolmo até um ano atrás. Existe a possibilidade de que tenham entrado em contato com ele lá, pode ser até que tenham tido uma relação com ele. Ou melhor, talvez até ainda continuasse. Sabemos se Frida Lindh ia a Estocolmo? Quantas vezes ela esteve lá desde que se mudou para cá? Talvez viajasse para se reunir com seus familiares e manter uma relação ao mesmo tempo.

— Nesse caso, seria muito astuto de sua parte assassinar as mulheres aqui. Então a atenção se fixa em Gotland e ele pode viajar tranquilo de volta a Estocolmo, disse Norrby.

— Estamos certos de que não conhecia de antes o homem do bar em Munkkälaren? Talvez só simulasse que não o conhecia diante de suas amigas. E se já tivessem uma relação? Soltou Sohlman.

— Também pode ser um cliente, opinou Karin. — Frida trabalhava em um salão de cabeleireiro em Östercentrun, na galeria, ao lado do supermercado Obs. Pode ser que o conhecesse dali, é um trabalho público. Qualquer louco pode tê-la espionado durante dias, sem que ela notasse.

— É uma possibilidade, admitiu Knutas. — Ainda não tivemos tempo de falar com suas colegas de trabalho. Você pode se encarregar disso? Karin concordou ao mesmo tempo em que o anotava em sua caderneta.

— Me parece que pode se tratar perfeitamente de um louco que escolhe as suas vítimas ao azar, comentou Kihlgård. — Quem sabe Helena Hilerströn só teve a má sorte de se encontrar em Gotland justo quando ele começou a atuar. Viu-a em algum lugar, seguiu-a e esperou a melhor ocasião, assim simples.

— Isso seria terrível, se manifestou Karin. — Então pode atacar qualquer mulher, à qualquer momento.

Uma sensação de mal estar se estendeu pela sala. Todos começaram a pensar em suas esposas, noivas, irmãs e amigas. Ninguém estava seguro.

— Poderíamos continuar especulando até o infinito, mas agora se trata de investigar os fatos, cortou Knutas, para adicionar, após olhar o relógio: — Bem, paramos por aqui no momento. Como sabem, teremos uma roda de imprensa às três. Voltaremos a nos reunir depois, para falar de como vamos dividir o trabalho. Às cinco.

Karin Jacobson e Anders Knutas foram a uma pizzaria que ficava a umas quadras da Comissaria. Comeram depressa e em silêncio. Depois de ter trabalhado juntos durante quinze anos, se entendiam perfeitamente. Às vezes faziam piadas deles mesmos, se tachando de velho casal de lutadores, ainda que a diferença de idade fosse notável. Karin Jacobson iria fazer nesse ano trinta e sete e Anders Knutas tinha quarenta e nove. Para ele ela parecia encantadora. Sempre achara isso. A falha que tinha entre os incisivos não a impedia mostrar sempre um amplo sorriso. Muitas vezes, trabalhando com ela, ele havia pensado que; com aquele sorriso, ela poderia chegar longe.

Trabalhar com colegas masculinos não fora sempre fácil, e menos ainda quando Karin se juntou ao grupo. O fato de ser baixinha (media só 1.55) não contribuía para facilitar as coisas, e fazia com que os colegas adotassem ainda mais a postura de irmãos mais velhos. Mas demonstrou ser esperta e ter iniciativa e ganhara rapidamente o respeito deles. Karin comeu o último pedaço da pizza.

— Em que está pensando? Perguntou ao comissário.

— No homem do bar. Frida Lindh esteve falando com ele mais de uma hora. A questão reside em saber quem é. Deveria se colocar em contato conosco quando soubesse do assassinato.

— Saíram juntos?

— Não. Parece que ele saiu do local meia hora antes delas. Segundo as suas amigas, Frida estava só quando subiu na bicicleta.

— O que acha de que tanto Helena quanto Frida possam ter mantido uma relação com o mesmo homem? Quem sabe o mesmo que Frida encontrou no Munken?

— Claro que pode ter sido assim. Ainda que não tenham sido violentadas, a motivação pode muito bem ser do tipo sexual. A calcinha na boca parece indicar isso. O estranho é que tenha utilizado armas distintas. Primeiro um machado, depois uma faca. Pergunto-me por quê.

— Sim, é incompreensível, concordou Karin. — Pode ser que tenha feito isso para nos confundir. Knutas voltou a apoiar a costas no respaldo da cadeira.

— Me pergunto se não deveríamos nos concentrar em Estocolmo. É muito provável que conhecessem o assassino ali. Ele pode ter as assassinado em Gotland para despistar. Quer que procuremos aqui.

— De qualquer maneira, temos que investigar os clientes de Frida, disse Karin. — Pode ser um deles. Não estava há muito tempo trabalhando aqui. Acho que uns cinco ou seis meses. Só morara aqui há um ano e todos os seus conhecidos eram novos. É possível que o assassino seja de Estocolmo, mas de qualquer maneira deve ter ficado algum tempo em Gotland para espreitá-las. Saber onde moravam, o que faziam e por onde andavam. A mim me parece que tivesse tudo bem planejado.

— Estou de acordo consigo. Também penso que as mortes foram planejadas, mas temos que tentar manter abertas todas as vias de investigação. É muito fácil se bloquear. Este caso é malditamente desagradável, resumiu Knutas meneando a cabeça. — Temos tempo para tomar um café rápido?

— Sim. O meu com leite. Sem açúcar.

— Já sei. Já haviam tomado café juntos muitas vezes.

* * *

Johan já não se importava. E ainda que soubesse perfeitamente que não deveria, decidiu ligar. Contra todos os prognósticos se encontrava de novo em Gotland, e havia pensado tanto em Ema que não poderia deixar de ligar. Tinha muita vontade de fazê-lo. Estava sentado na cama do quarto do hotel, angustiado. “Isto não tem que significar nada”, pensou. “Poderemos conversar um pouco. Além disso, não é tão perigoso”. Tinha de sair em seguida pra a roda de imprensa e depois estaria muito ocupado durante o restante da tarde. Isso já sabia. Levantou o fone e discou o número, que tinha anotado em um papelzinho amassado. Ouviu o primeiro toque, o segundo... “Imagine se o marido atender... Não, merda, o mando ao caralho”, Pensou. Em que pese as dúvidas, não desligou o telefone.

— Ema Winarve. Uma gostosa quentura percorreu o seu corpo ao ouvir a voz dela.

— Alô, sou eu. Johan Berg. De Notícias Regionais. Como está? Três segundos de silêncio. Apertou os dentes angustiado.

— Estou bem. Está aqui, em Gotland? Parecia notar um tom de alegria em sua voz.

— Voltei. Por causa desse outro assassinato. Estou atrapalhando?

— Não, não tem problema. Olle foi com as crianças à piscina. E você, como está?

— Pensei em você, disse contendo a respiração.

— Ah, sim? Ouviu-a dizer em tom vacilante. Sentiu desejos de morder a língua. Merda! — Eu também tenho pensado em você, adicionou. Johan pôde respirar de novo.

— Poderíamos nos encontrar?

— Não sei se posso.

— Só um momentinho... Havia despertado uma esperança! — Pode ser esta tarde?

— Não, não pode. Talvez amanhã. De qualquer maneira, tenho que ir ao centro.

— Ótimo. Então, amanhã.

* * *

A sala aonde ia ter lugar a roda de imprensa já estava transbordando de gente, quando Anders Knutas e Karin Jacobson entraram, antes da hora indicada. Desta vez não só estavam representados os meios locais, mas também os diários da manhã de difusão nacional, os jornais vespertinos, a agência de notícias TT, Ekot, vários canais comerciais de televisão e o canal público da Televisão Sueca, além de Johan e Peter de Notícias Regionais. A sala era um enxame de murmúrios. Os repórteres procuravam lugar entre as filas de cadeiras. Preparavam as canetas e faziam ruído ao virar as folhas de seus blocos. Alguns levavam aparelhos para transmitir por rádio. Os fotógrafos e os câmeras de televisão se situavam em lugares estratégicos e instalavam os seus equipamentos. Os microfones estavam colocados um junto do outro em um dos lados da mesa alongada.

A avalanche de jornalistas obrigara o grupo de investigação a mudar a sala no último momento. Agora estavam na grande sala de reuniões, em outra parte das dependências policiais. A governadora civil havia ligado para comunicar que queria estar presente. “O que acontecerá aqui?”, pensou Knutas enquanto abria passagem entre aquele monte de gente e notava que Martim Kihlgård e o chefe

provincial da polícia já se encontravam sentados à mesa.

O murmúrio da sala cessou quando Knutas deu as boas vindas. Apresentou-se a si mesmo, apresentou os colegas que dividiam a mesa com ele, e começou informando, de forma breve, sobre o último assassinato. A polícia desejava ser generosa com a informação, e ao mesmo tempo era importante evitar que aparecessem informações que pudessem prejudicar a investigação. Um equilíbrio difícil. Quando terminou, abriu um turno livre de perguntas.

— Existem semelhanças entre este assassinato e o de Helena Hilerström? Perguntou um jornalista.

— Existem algumas semelhanças. Mas, lamento muito, não posso falar delas.

— A arma, por razões evidentes, não pode ter sido a mesma, disse um dos repórteres da imprensa local se passando por sabichão. — Mas foi utilizado agora o mesmo tipo de arma? A segunda vítima, também foi assassinada com um machado?

— Não. O último assassinato foi cometido com uma arma perfurante.

— Uma faca, então? Perguntou Johan.

— É muito cedo para dizer de que tipo de arma perfurante se trata.

— Existem testemunhas? Perguntou o repórter de GT.

— Até o momento, parece que ninguém viu ou ouviu nada. Estamos entrevistando numerosas pessoas.

— Suspeitam de que possa se tratar da mesma pessoa que da vez anterior?

— Sim e não, as duas coisas. Alguns indícios parecem dar a entender que esse não é o caso, como, por exemplo, que o autor tenha usado uma arma diferente. Mas, outras circunstâncias apontam para que pudesse se tratar do mesmo indivíduo, assim que; na situação atual, ainda não sabemos. Logicamente, não podemos descartar essa possibilidade.

— Encontraram alguma relação entre as vítimas, além de que ambas fossem mulheres e da mesma idade?

— Isso eu não posso comentar para não atrapalhar a investigação. A única coisa que direi é que as duas tinham relações em Estocolmo e em Gotland.

— Poderia se dar o caso de que o assassino tivesse vindo de Estocolmo?

— Claro.

— Então, por que não se investiga lá também?

— Estamos fazendo isso.

— Onde?

— A isso não posso responder, como compreenderá.

— Existem coincidências na forma em que ambas foram assassinadas? Perguntou Johan.

— Sobre isso também não posso dizer nada.

A frustração era enorme entre os repórteres, mas Knutas não cedeu. A equipe de investigação havia decidido não revelar nada sobre como fora assassinada Frida Lindh. O campo ficava aberto para especulação.

— Trata-se de um assassino em série? Perguntou uma jornalista da Rádio Gotland.

— É muito cedo para se pronunciar. Não sabemos nada ainda para afirmar isso.

— Mas não descarta?

— Não, evidentemente.

— O que vai acontecer com o noivo da primeira vítima? Continuou a repórter local.

— Foi colocado em liberdade. Já não é suspeito. Um murmúrio percorreu a sala.

— Por que não?

— Sinto muito, mas não posso dizer nada à respeito.

— Como pode estar tão certo de que ele é inocente?

— Não posso revelar as razões. Limitar-me-ei a dizer que o noivo está livre da suspeita de ter participado no assassinato de Fröjel, repetiu comissário, que começava a ficar vermelho de pura irritação.

— Isto só pode significar que acham que o autor dos dois assassinatos é a mesma pessoa, comentou Johan. — O da mulher no cemitério Per Bergdal não pôde cometer, já que estava preso em Visby.

— Como já repeti várias vezes, não podemos comentar com mais detalhes essas circunstâncias, insistiu Knutas com calma forçada. Johan optou por mudar de pergunta:

— O que aconteceu com a arma do crime? Foi encontrada?

— Não.

— O que a polícia pensa em fazer agora? Indagou o repórter da Eko.

— Pedimos reforços da Polícia Nacional. Investigaremos tanto dentro como fora da ilha, e estamos tentando encontrar pontos em comum entre as duas vítimas.

— As vítimas se conheciam entre si? Perguntou outro repórter da TV.

— Não, segundo a informação de que dispomos no momento. O trabalho para conhecer mais detalhes de seus passados está em andamento.

Quando, uma hora mais tarde, os jornalistas haviam concluído as suas entrevistas individuais, Knutas se apressou a sair da sala. A governadora civil o tomou pelo braço.

— Tem um momento?

— Claro, respondeu cansado. Encaminhou-se até a sua sala fechando a porta atrás deles.

— Isto é grave, disse a governadora, uma dama enérgica de uns cinquenta e cinco anos. Normalmente pacífica e risonha, agora se refletia uma profunda inquietação em seu rosto. Afundou com um suspiro no sofá que Knutas tinha para as visitas, retirou os óculos de grossas lentes e secou a testa com um lenço. — É muito grave, repetiu. — Estamos em meados de junho. Neste momento, os trabalhos para o início da temporada turística estão em andamento. Hotéis, campings, albergues, aluguéis de casas... As reservas chegam aos montes... No momento. Pergunto-me o que vai acontecer. Parece que se trata de um assassino em série, e uma coisa dessas não é precisamente algo que atraía os turistas. Preocupo-me que estes dois assassinatos os espantem.

— Sim, claro, concordou Knutas. — Mas não podemos fazer nada a respeito. Nenhum de nós deseja que um assassino ande solto.

— O que pensa em fazer agora? Compreenda como é importante que se prenda o assassino o quanto antes possível...

— Por favor, interrompeu o comissário com irritação. — Fazemos o possível com os escassos meios de que dispomos. Todo o meu departamento, ou seja, os doze componentes da polícia judicial que ficaram depois de todos os cortes e reorganizações trabalham em dedicação plena neste caso. Além disso, já pedi outros quatro investigadores da Polícia Nacional e que permanecerão aqui o tempo que for necessário. Solicitei que me emprestem alguns homens da polícia local, ainda que já

estejam até o pescoço de trabalho. Rapidamente nos veremos invadidos por mais de meio milhão de turistas e teremos que nos arrumar com oitenta e três homens para toda a ilha. Incluindo também a de Faro. Você mesma pode calcular a proporção. Não temos mais recursos para colocar a mão, concluiu olhando fixamente à governadora.

— Sim, eu compreendo. Só que me preocupam as consequências. Os postos de trabalho. O turismo é o pão de muitos.

— É preciso nos dar um pouco de tempo. Apenas se passaram dois dias desde que aconteceu o segundo assassinato. Quem sabe pegaremos o assassino em mais uns dias. Então, todo isso terá passado. Não vamos pensar no pior.

— Queira Deus que tenha razão, suspirou a governadora.

— Merda! Knutas acabara de dar uma mordida no sanduíche seco que havia apanhado da máquina expedidora e tinha se engasgado, o que provocou um prolongado acesso de tosse.

Os outros colegas, que haviam se reunido na cafeteria diante do televisor para ver as notícias do domingo pela tarde, pediram se calasse. Knutas sentiu como se golpeavam as têmporas. A reportagem sobre a última mulher assassinada continha demasiadas informações.

— Como é possível que saibam tanto? Como descobriram sobre o esfaqueamento? E a calcinha? Explodiu quando parou de tossir. Estava vermelho, tanto por causa da tosse quanto pela fúria. — Como demônios sabem tudo isso? É preciso saca para investigar nestas condições! Quem está dando informações para a imprensa?

Olhou rapidamente um por um aos colegas presentes na sala da polícia judicial. Todos se entreolharam surpresos. Ouviram-se algumas negações isoladas. Outros menearam a cabeça. Alguns decidiram que o melhor era ir embora. O comissário entrou à grandes passadas em sua sala. Bateu a porta com tanta força, que o vidro da metade superior da janela tremeu. Apanhou apressado o cartão de visitas de Johan. Este atendeu depois de dois toques.

— Que demônios estão fazendo? Tronou Knutas sem se apresentar.

— Como? Perguntou Johan que sabia perfeitamente ao que ele se referia.

— Como pôde trazer à luz informações como as que deram há um momento? Parece que não compreende que está jogando por terra todo o nosso esforço? Estamos trabalhando na procura de um assassino! Que provas você tem? Onde conseguiu essas informações?

— Compreendo que esteja indignado, respondeu o jornalista com o seu tom de voz mais suave. — Mas precisa tentar enxergar pelo nosso ponto de vista.

— De que fodido ponto de vista está me falando? Nós estamos fazendo uma investigação!

— Em primeiro lugar, nunca levaríamos ao ar nada de que não estivéssemos certos, e sem nenhuma margem de dúvida, sei que estas informações que demos são corretas e são como as contamos na reportagem. Em segundo lugar, consideramos que é relevante informar de que tudo indica que está agindo um assassino em série. A calcinha na boca é a melhor prova disso e essa informação é de importância primordial e interessa tanto à opinião pública que tivemos de transmiti-la.

— Como você sabe? Interesse geral! Knutas cuspiu as palavras. Johan pôde imaginar como salpicava o fone. — Mas toda a informação vai também diretamente ao assassino, e isso pouco importa a vocês! Uivou o policial.

— A população tem o direito de saber que um assassino em série anda solto. Nós só fazemos o nosso trabalho. Sinto de verdade se isso atrapalha o seu, mas eu tenho que pensar no meu.

— E quem lhe disse que isso é assim realmente? Como sabe se é verdade?

— Isso eu não posso dizer, mas disponho de uma fonte confiável.

— Uma fonte confiável, você diz. Então, só pode se tratar de alguém daqui de dentro. Algum dos meus colaboradores mais próximos. Tem que me dizer quem é. Do contrário, não poderemos continuar trabalhando em grupo. Knutas parecia um pouco mais tranquilo. Mas Johan sentia que a sua paciência estava se esgotando.

— Você, que é policial, deveria conhecer a Lei suficientemente bem para saber que nem sequer pode me fazer esse pedido, respondeu mordaz. — Não têm o direito de investigar a fonte. Mas, já que respeito o seu trabalho, vou dizer que não é nenhum dos seus colaboradores mais próximos, alguém do grupo que coordena a busca. Ao menos, eu não recebi a informação de nenhum deles. Mais, não posso dizer. E se lembre do fato de que nós, os jornalistas, mesmo quando descobrimos alguma coisa, não significa que vamos veicular imediatamente. Depende de se estiver justificado ou não. Eu sabia da calcinha no assassinato de Helena Hilerström. Mas até agora não havia motivos para informar. O comissário suspirou.

— Espero que pelo menos me avise da próxima vez que pensar em dar a conhecer informações sensíveis e segredos. Prefiro evitar um infarto.

— Certo, farei isso. Espero que compreenda a minha forma de ver as coisas.

— Ah, terei de aceitar, mas não me peça que compreenda como pensam os jornalistas, finalizou Knutas, e desligou o telefone.

Já eram mais de oito da noite, e até esse momento não se havia dado conta de quão cansado estava. Largou-se na cadeira. Quem demônios seria a fonte? Confiava em seus colaboradores. Já não sabia o que pensar. Ainda assim, acreditava que era como Johan dissera, que não se tratasse de alguém do grupo que dirigia a busca. Ainda que aquele jornalista já o houvesse irritado várias vezes no transcurso daquela investigação, tinha a sensação de que o tal Johan Berg parecia sério. Não era como certos jornalistas, que não entendiam o que lhes diziam e continuavam perguntando insistentemente sobre coisas das quais já havia dito que não poderia falar. A razão de sua irritação com Johan não era pela sua forma de atuar, mas por que estava sempre muito bem informado. Reconheceu com relutância que poderia compreender como pensava Johan. Mas como saberia tanto? Claro que Knutas compreendia de sobra com que facilidade se espalhava as notícias. Teria de fazer algo. Seria através da emissora de rádio da polícia? Teriam que controlar o quanto se falava e o quê se falava. A polícia de Gotland carecia de experiência na hora de encarar semelhante avalanche de jornalistas. Bateram à porta. Karin apareceu.

— Uma das amigas de Frida Lindh, Malin Backman está aqui.

— Já vou, e se levantou.

Malin Backman era a única das amigas que ele ainda não havia interrogado. Era uma das que moravam na Rua Tjelvarvägen, com quem Wittberg e Norrb falaram na noite anterior, quando ainda não sabiam que Frida Lindh fora assassinada. Agora a situação era muito diferente, e Knutas quis conversar pessoalmente com as amigas de Frida. Além disso, Malin Backman era colega de trabalho da vítima. Os interrogatórios a que submeteu pela manhã às outras amigas não trouxeram nada de novo. Karin Jacobson estava presente no interrogatório. Sentaram-se na sala de reuniões.

— Sente-se, disse Knutas. Malin sentou na cadeira defronte a ele.

— Sinto ter chegado tarde. Meu marido está viajando e não chegou em casa até agora. Não tenho ninguém com quem deixar as crianças. Knutas interrompeu a sua explicação com um gesto.

— Não tem importância. Agradecemos que tenha conseguido vir. Como conheceu Frida Lindh?

— Trabalhávamos no mesmo salão de cabeleireiro.

— Desde quando a conhecia?

— Desde que começou a trabalhar ali. Quanto tempo poderia fazer? Meio ano, creio eu. Sim, porque começou depois do Natal. Em princípios de janeiro.

— A conhecia bem?

— Muito bem. Víamo-nos todo dia no trabalho e, além disso, às vezes saíamos juntas.

— Notou algo estranho ultimamente?

— Não. Estava como sempre. Alegre e animada.

— Não comentou que tivesse acontecido algo especial? Algum cliente que se tivesse mostrado desagradável?

— Não, não creio.

— Sabe se alguém se havia comportado de forma estranha com ela ou a havia ameaçado?

— Não; os clientes são normalmente agradáveis. Conhecemos a maioria.

— Mas, suponho que às vezes entram clientes totalmente desconhecidos, não?

— Sim, claro. Trabalhamos também sem marcação prévia. Nos sábados.

— Lembra-se de alguns dos clientes do sábado?

— Não. Estava de folga.

— Quem estava trabalhando?

— Frida e a dona do salão, Britt. Nos sábados só trabalham duas.

— Até que horas o local fica aberto?

— Até as três. Nos sábados, quero dizer. Se não, fechamos às seis. Nos domingos fica fechado.

— Quero que seja totalmente sincera comigo. Sabe se Frida tinha alguma aventura amorosa? Encontrava-se com alguém?

— Não, não tinha. Me contaria. Não creio que fosse capaz de fazer uma coisa assim.

— Como era Frida no trabalho?

— Era uma excelente cabeleireira. E os clientes a apreciavam muito. Era muito simpática, alegre e comunicativa.

— Acha que pode ter flertado com algum cliente?

— Isso eu já não sei. É verdade que falava e ria muito. Isso pode ser mal interpretado, claro.

— Pode me contar o que se passou na noite em que foram ao Munkkälare?

— Jantamos no restaurante. Depois nos sentamos no bar do vinil. Estava cheio de gente. Frida encontrou um homem com quem ficou falando durante muito tempo.

— O apresentou?

— Não; ficou no balcão o tempo todo.

— Que aspecto ele tinha?

— Cabelo ruivo; alto, parecia fisicamente em forma; barba incipiente e olhos escuros, creio.

— Como se vestia?

— Usava uma pólo de pescoço alto e jeans. Era roupa boa, elegante em qualquer caso, quero dizer, respondeu dubitativa.

- Quanto tempo eles ficaram conversando?
- Uma hora provavelmente. Frida voltou à mesa depois e nos disse que o desconhecido já fora embora.
- Comentou algo sobre ele?
- Que era de Estocolmo, que ia comprar um restaurante em Visby com o seu pai. Pelo que entendi, têm alguns bares em Estocolmo.
- Disse como se chamava?
- Sim; Henrik.
- Não disse o sobrenome?
- Não.
- Estava hospedado aqui, em Gotland?
- Isso eu não sei.
- Quanto tempo ia ficar?
- Também não sei.
- Deu a impressão de que conhecia alguém no Munken?
- Não acho. Não o vi falando com mais ninguém além da Frida.
- Você não o conhecia de outro local?
- Não.
- O que mais Frida contou dele?
- Que o achava muito bonito. Ele pediu o número do telefone, mas ela não deu.
- Quando saiu do Munken?
- Provavelmente quando Frida voltou para a nossa mesa. Nós ainda ficamos mais uma meia hora. Até quando fecharam.
- Notou em que momento ele saiu?
- Não. Frida disse que estava a ponto de ir embora...
- Como Frida estava quando se separaram?
- Como sempre. Nos despedimos e ela foi embora de bicicleta para casa.
- Estava embriagada?
- Não. Bem, nós estávamos um tanto altas... Karin decidiu mudar o tema.
- Que tal Frida estava com o marido?
- Bem, creio. Nunca a ouvi falar de algum problema sério. Nenhuma relação é perfeita. Eram muito ligados nas crianças, esse desde em seguida.
- Só mais uma pergunta. Você tem alguma ideia se alguém poderia querer machucá-la?
- Não. Não tenho ideia.

* * *

Dez

Segunda-feira 18 de Junho

O SEGUNDO ASSASSINATO ocupou a primeira página de todos os jornais. O fato de que as vítimas tivessem aparecido com a calcinha metida na boca contribuiu evidentemente para que fosse ainda mais impactante. Depois de que o Rapport, programa de domingo à noite na televisão, deu a notícia, o restante dos meios de comunicação se atrelou ao carro. Nem é preciso dizer que as teorias sobre um assassino em série afloraram imediatamente. Foi a notícia de capa de todos os jornais na segunda-feira de manhã. O rosto de Frida Lindh aparecia na primeira página com títulos que gritavam:

**ASSASSINO EM SÉRIE ATERRORIZA GOTLAND.
UM ASSASSINO SOLTO NO PARAÍSO DAS FÉRIAS.
MORTE NO POMAR DO VERÃO.**

Os programas de notícias de TV abriram as suas transmissões com a notícia. A divulgação do assunto da calcinha fora precedido de uma reunião dos diretores da TV. Todos ficaram de acordo que veicular a notícia era o mais importante. Se se sopesassem o mal-estar dos parentes frente ao interesse geral, a balança se inclinava para o lado da população, que tinha o direito a estar informada. Nos debates matinais da televisão se discutia o assunto com criminólogos, psicólogos e representantes das associações de mulheres. O rádio repetia a notícia num boletim após outro.

Em Gotland, os assassinatos eram o tema de conversa que estava na boca de todos. Falava-se disso no trabalho, nos coletivos, nas lojas, nos bares e restaurantes. O medo do assassino havia ultrapassado as paredes. Muitos tiveram a oportunidade de conhecer Frida Lindh. Uma mulher tão bonita e alegre... Mãe de três crianças. Quem pôde fazer algo assim? Os assassinatos eram raros em Gotland, e os assassinatos em série, algo que só se lia em jornais.

* * *

Johan e Ema escolheram um restaurante italiano um pouco afastado, num trecho mais abaixo de uma ruela que começava na Praça Stora Torget. Naquele momento, antes que a temporada turística começasse a sério, estava meio vazio. Sentaram-se em uma mesa ao fundo do local. Ema se sentia culpada, ainda que não tivesse acontecido nada entre eles. Não informou Olle de que ia almoçar com Johan. Mentiu e disse que ia ver uma amiga. A mentira a fazia consciente de sua culpa, porque sempre fora sincera com Olle. Um pouco antes do encontro esteve a ponto de ligar para Johan e desmarcar. Sentia que estava a ponto de se meter em águas tempestuosas, não foi capaz de

fazê-lo. Seu interesse por Johan foi mais forte. Quando permitiu a ele puxar a cadeira, já se sentiu perdida. Pediram um prato de massa cada um. O garçom serviu a bebida. Vinho branco e água. “Um copo de vinho me cairá bem”, pensou Ema, nervosa, enquanto acendia um cigarro e o observava por cima da mesa.

— Me alegro de voltar a vê-la, disse Johan.

— Sim? Não pôde conter um sorriso.

Ele o devolveu, ressaltando as covinhas. Incrivelmente atraente. Os olhos castanhos de Johan a deixavam paralisada. Tentava não olhá-lo demasiado.

— Se achar melhor, não falaremos dos assassinatos. Ao menos, por um tempo. Quero saber mais de você, pediu o jornalista.

— Certo.

Falaram deles. Ele fez muitas perguntas, tanto sobre ela quanto de seus filhos. Para Ema parecia que estava realmente interessado. Ela perguntou sobre o seu trabalho. Por que se formara em jornalismo.

— Quando estudava no instituto, normalmente ficava irritado com tudo, respondeu. — Sobretudo, pelas injustiças sociais. Tinha-as muito próximas, no bairro onde cresci, sem ir mais longe. O trem atravessava a área e a dividia em duas partes. De um lado ficavam as residências para a gente com dinheiro. No outro, somente blocos de apartamentos, com as fachadas cheias de pinturas e os vidros das janelas quebrados. Ali moravam principalmente viciados em drogas e desempregados. Eram dois mundos separados, uma loucura na realidade. No último ciclo da escola básica ficaram juntos os jovens de todo bairro na mesma escola, e aquilo me fez ver melhor as coisas.

— O que aconteceu então?

— Tive colegas que vinham da área dos blocos de apartamentos. E compreendi que não tínhamos as mesmas oportunidades. Uns quantos de nós começaram a fazer um jornal na escola, onde escrevíamos artigos sobre as injustiças. Assim foi como comecei. Com paixão e idealismo, e agora me vê: um triste repórter criminal, disse sorridente ao mesmo tempo em que balançava a cabeça. — Quando comecei a carreira de jornalista, queria ser da imprensa escrita, imagino que como a maioria. Mas me ensinaram umas práticas de TV e sigo aí. E você, por que se tornou professora?

— Eu não senti o mesmo entusiasmo que você. Foi o de sempre. Meus pais eram professores. Comecei para agradá-los. Sempre gostei da escola. E, além disso, as crianças me encantam, adicionou, e a lembrança de seus filhos veio a sua mente como uma acusação por estar onde não deveria estar de maneira alguma. Johan notou que o rosto lhe ensombrecia e mudou em seguida de tema:

— O que pensa do último assassinato?

— É uma loucura total. Como pôde acontecer uma coisas dessas aqui? Na pequena ilha de Gotland. Não entendo nada. Primero Helena, e agora...

— Conhecia Frida Lindh?

— Não. Só estava morando aqui a um ano, não é? Ainda que que o seu rosto não me seja estranho.

— Trabalhava como cabeleireira em Östercentrun. Pode ser que a tenha visto ali.

— Talvez tenha razão. Fui a esse salão um par de vezes, para cortar o cabelo das crianças.

— Sabe se Helena e ela se conheciam?

— Não tenho ideia. Pergunto-me se é uma casualidade que justo elas duas tenham sido assassinadas ou se existe alguma relação. Pensei muito em Helena, tentando compreender o que pode estar por trás. Quem poderia tê-lo feito. Estive em Estocolmo no sepultamento e ali encontrei um monte de pessoas que conheciam Helena. Seus pais, seus irmãos e seus amigos. Os pais de Per, claro, também estavam na cerimônia. Ninguém pensava, nem por um minuto, que ele pudesse ser o assassino. Em seguida nos reunimos, todos os que estavam na naquela tarde na casa de Helena e Per. Não nos ocorreu nenhuma explicação. Eu tenho pensado muito nisso. Pergunto-me se havia conhecido algum novo homem e que ninguém soubesse de nada. Alguém com quem tivesse iniciado uma relação, que depois descobrisse que era louco e... Sussurrou enquanto mexia com o garfo entre os restos de comida que ficaram em seu prato. — Talvez tentasse romper a relação, porque se dera conta de que amava a Per, e então o outro teve um ataque de ciúmes...

— Sim, concordou Johan. — Claro, é uma possibilidade. Sabe se ela era infiel a Per?

— Sim, foi. Pelo menos uma vez, há vários anos. Conheceu alguém em uma festa, e acabaram na cama. Ficaram juntos umas semanas. Então tinha dúvidas a respeito de Per. Não sabia o que sentia. Parecia que a relação com Per havia se convertido em algo rotineiro. Ficara totalmente apaixonada por esse outro. Não fazia outra coisa a não ser falar dele, dizia que era como uma droga à que havia se viciado. Chegou inclusive a faltar ao trabalho algumas vezes para se encontrar com ele. Não era próprio dela.

— Como se chamava?

— Não sei. Não queria falar. Parecia-me ridículo. Não queria dizer nada sobre quem era, nem o que fazia, onde morava...

— Por quê?

— Não tenho ideia. Claro, eu tentei convencê-la para que me dissesse, mas era inútil. Saberá no momento certo, respondia.

— O que aconteceu depois?

— Um dia me contou que havia acabado. Não sei o que aconteceu nem por quê. Só me disse que havia terminado e que ficaria com Per.

— Quando foi isso?

— Não sei, já tem uns quantos anos. Quanto tempo faz...? Três ou quatro anos talvez.

— Não falou mais dele depois?

— Não. Com o tempo esqueci. Até agora.

— Seria bom confirmar, disse Johan. — Alguém mais deve saber. Falou disso com algum de seus amigos quando esteve em Estocolmo?

— Não, claro que não. Nem pensei.

Ema olhou o relógio. Duas e meia. Já sentia o efeito do vinho, porém deu mais um gole e olhou para ele.

— Tenho que pegar o ônibus daqui a pouco, para não chegar tarde para apanhar os meus filhos depois das atividades extraescolares.

— Posso levá-la. Só tomei um copo de vinho.

Cruzaram a cidade em silêncio. Ema se encostou no assento e fechou os olhos; há tempos que

não se sentia tão bem. Abriu os olhos e ficou olhando-o. “Meu Deus, estou me apaixonando por ele!”, pensou. “Isto é uma loucura”. Porém ao mesmo tempo não podia deixar de desfrutar do momento. Com ele relaxava. Fazia tempo que não se sentia tão alegre e faladora. Olhou a sua mão em torno do volante. Muito morena, viril. Unhas curtas e limpas. Johan se voltou e a olhou.

— Em que pensa? Ruborizou-se.

— Em nada. Ficou consciente de seu próprio sorriso.

Sem prévio aviso, ele saiu da estrada principal, que ia para Roma, e entrou em um caminho de barro. Parou o carro junto à borda do bosque. Não se sentiu particularmente surpresa, nem assustada. Só notou umas leves cócegas no estômago. Johan não disse nada. Só se inclinou para ela e a beijou. Ela devolveu o beijo. Johan se surpreendeu com a intensidade daquele beijo. Acariciou-lhe o cabelo, os braços, as pernas. Ema sentiu como ficava úmida. “Só um pouco mais”, pensou, enquanto a sua língua se enredava em um terno combate com a dele. “Um pouco mais”. Quando a mão do homem começou a deslizar por baixo de sua roupa, o afastou.

— Olha, temos de parar. Isto não pode prosseguir.

— Um pouco mais, suplicou.

Ema foi forte. O bom senso começou a voltar a sua cabeça. O resto da viagem até Roma foi feito em silêncio. Quando chegaram à escola, o jornalista se voltou para ela e perguntou.

— Quando voltaremos a nos encontrar?

— Isso eu não posso dizer neste momento. As crianças estão me esperando. Preciso pensar. Liguei. Sentiu-se aliviada quando viu Sara no pátio saudando-a com a mãozinha.

* * *

A dor de estômago ficava mais intensa no caminho para a escola. Cada passo que dava ficava pior. Quando chegava à Rua Brömsebrovägen e via a fachada de ladrilhos vermelhos da escola Norrbackaskolan, sempre sentia uma opressão no peito que o impedia de respirar. Tentava retirar de cima aquela sensação. Comportar-se com normalidade. Aparentar indiferença. Ali estavam Jonas e Pele. Chegando juntos, conversando, brincando com uma pedra como se fosse uma bola, empurrando divertidos uns aos outros. Normais e seguros de si mesmos. Há só uns meses, ele fora um deles. Agora tudo era diferente. Chegaram ao pátio da escola ao mesmo tempo. Deu uma cusparada na parede. Olhou de soslaio aos seus colegas. Os rapazes faziam como se não o vissem. Sentia como ia enrubescendo e baixou a cabeça. Atravessou às pressas o pátio da escola. O desespero crescia no estômago.

Como poderia ter mudado tudo em tão pouco tempo? A escola já não era senão um grande motivo de raiva. Totalmente escuro. Aquilo acabaria alguma vez? Como gostaria que as coisas fossem como antes. Como eram no outono, então ia à escola e brincava com seus amigos como se fosse à coisa mais natural do mundo. Jogavam futebol e hóquei no recreio. Naquele tempo, a escola era a maior diversão de sua vida. Não gostava quando estava em casa. Na escola tudo era normal. A gente ao seu redor estava contente e era amável. Não era como em casa, com vibrações estranhas, que não podia

compreender, e ante as quais não sabia que postura adotar. Em casa, frequentemente ficava paralisado. Tentava agradar a sua mãe. Não irritá-la. Havia se acostumado ao fato de que seus pais pouco se falavam entre eles e que o ambiente era tenso ao redor da mesa. Tentava só sair daí o mais rápido possível, enquanto não acontecia alguma discussão. Antes não parecera tão preocupante a situação em casa, tinha amigos a quem procurar. Para sair e para brincar. Já não tinha mais. Por isso ficara mais insuportável o ambiente desagradável de sua casa. Não tinha aonde ir. Em vez disso, se refugiava em seu quarto. Em si mesmo. Lia livros. Fazia puzzles complicados e de difícil solução e que levavam muito tempo. Fazia os deveres com esmero. Deitava na cama olhando para o teto. Mas, sobretudo, se sentia só e fracassado. Ninguém queria mais estar com ele Ninguém perguntava por ele. Não era querido nem em casa nem na escola. Sua irmã tinha as suas amigas e passava a maior parte do tempo livre com os cavalos. Mas quem queria ficar com ele? Havia chegado à porta de sua sala. Pendurou o casaco e mochila no cabide.

Quando soou a sineta que avisava do começo da primeira aula, pareceu uma libertação. Ainda que soubesse que era só provisório.

* * *

A emissora de rádio Mix Megapol se ouvia ao fundo, quando Karin entrou no salão de cabeleireiro. A única cliente era uma senhora de meia idade a quem estavam enrolando as mechas do cabelo em papel alumínio. Em um dos cantos viu um cesto no chão com um cachorrinho peludo que balançou a cauda quando viu Karin. A cabeleireira vestia uma saia vermelha com uma blusa de linho natural; tinha as pernas esbeltas e morenas, e calçava sapatos vermelhos. Voltou-se até a porta quando Karin entrou.

— Alô, cumprimentou olhando com curiosidade a Karin, que em seguida se apresentou. — Termine aqui num momento, disse com amabilidade. — Pode se sentar e esperar, a cabeleireira ofereceu apontando com um gesto para um sofá castanho.

Karin se sentou e começou a folhear uma revista de penteados. O local não era grande. Três cadeiras se alinhavam ao longo da parede. A cliente da única cadeira ocupada dava olhares de curiosidade a Karin. As paredes, claras, estavam nuas. Com certeza, ninguém havia se preocupado com a decoração. Espelhos, um relógio na parede, e nada mais. Lembrava mais a um salão masculino. Austera e algo antiquada. Ao cabo de uns minutos, a cabeleireira terminou de aplicar a tinta. Pôs na cliente um secador na cabeça, deixou-a com revistas e uma xícara de café, e fez sinais a Karin para que passasse para trás de umas cortinas.

— Em que posso ajudá-la? Perguntou quando se sentaram junto a uma mesinha.

— Quero que me fale de Frida Lindh.

— Sim; Mas o que posso dizer? Estava trabalhando aqui à meio ano. Quando lhe dei o emprego, me arrisquei. Era de Estocolmo e a verdade é que não sabia muito dela. A única experiência que tinha era de um trabalho em tempo parcial, durante dois anos, em um salão de cabeleireiro de Estocolmo, e de isso já tinha algum tempo. Mas foi um êxito, como se viu. Ao menos do ponto de vista econômico. Era habilidosa, rápida, alegre e simpática com os clientes. Era muito apreciada. Alugou uma cadeira aqui e em poucas semanas já estava sempre ocupada. Tinha tantos clientes que às

vezes nós tínhamos que tratar deles, porque ela não tinha tempo.

— O que pensava pessoalmente dela?

— Na verdade, eu não gostava. Dava demasiada confiança aos clientes masculinos, e isso também explica por que a maioria dos seus clientes fossem homens.

— Por que não gostava?

— Gosto de que quem trabalhe aqui tenha uma postura profissional com os clientes. Mas Frida não sabia onde estavam os limites. Ria e falava com os clientes em voz alta, e para mim, em muitas ocasiões, parecia que eram assuntos pessoais. Aqui não podemos evitar ouvir o que dizem os demais e, na verdade fica um tanto embaraçoso. Ela passava um pouco, simplesmente.

— De que maneira?

— Às vezes o cliente e ela brincavam com alusões sexuais, por exemplo. Isso não me parece de bom tom. Visby é uma cidade pequena. Aqui muita gente se conhece.

— Falou com ela sobre isso?

— Sim, na semana passada. Frida e um cliente estavam brincando e ela ria tanto que não conseguia parar. Era sábado, trabalhávamos sem hora marcada, e havia um monte de pessoas sentadas esperando. Comportava-se como se não notasse nada. Demorou mais de uma hora para fazer um corte masculino normal. Então falei com ela.

— Como Frida reagiu?

— Se desculpou e prometeu que não voltaria a acontecer. Acreditei.

— Quando isso aconteceu? Na semana passada, você disse, não?

— Sim, no sábado passado.

— Já tinha visto este cliente anteriormente?

— Não, era novo. Nunca o havia visto antes.

— Pode descrevê-lo?

— Diria que era algo mais alto que ela. Alto, de aspecto agradável. Por isso Frida ficara assim.

— Acha que era de Gotland?

— Não, não falava com acento de Gotland. Teria notado, pelo tempo que estiveram conversando... Tinha acento de Estocolmo.

— Deu a impressão de que já se conheciam?

— Não acho.

— Lembra-se de como estava vestido?

— Não, a verdade é que não. Só se sua roupa tivesse algo especial, aí eu teria reparado.

— E o nome? Anotam os nomes dos clientes que entram sem hora marcada?

— Não, isso não. Não fazemos.

— Voltou a ver a esse cliente depois?

— Não.

— Notou algo estranho no trabalho? Alguém que tenha mostrado algum interesse especial por Frida?

— Não. Sem dúvida era popular, mas não observei nada especial. Ainda que possa perguntar a Malin, que também trabalha aqui.

— Já falamos com ela. Tem mais algum empregado?

— Não, somente nós três. Bem, éramos. Naquele momento soou um apito no salão. Já terminara o tempo do secador e a cabeleireira se levantou.

— Terá que me desculpar, mas agora preciso trabalhar. Queria algo mais?

— Não. Se lembrar de algo, não duvide em me ligar. Aqui está o meu cartão.

— Existem motivos para que Malin e eu nos sintamos ameaçadas? Acha que algum de nossos clientes é o assassino?

— Pelo que sabemos até agora, não existe nada que aponte nessa direção. Ainda que nunca seja de mais prestar especial atenção às pessoas que andem por aqui. Se vir ou escutar alguma coisa suspeita, não duvide em ligar.

* * *

Sentado em sua sala, Knutas enchia o cachimbo. Estava repassando de novo o que sabia dos dois assassinatos. Havia, sobretudo, duas questões que não saíam de sua cabeça. As armas dos crimes e a calcinha. Helena Hilerströn fora assassinada com o machado de sua família. O autor do crime o roubara do galpão, tal como afirmara Bergdal. Como era possível que tivesse ficado tão próximo de Helena? Deveria estar a um tempo espionando-a, a não ser que fosse algum conhecido dela, claro, algum dos que participaram na reunião, por exemplo. Frida Lindh fora morta com uma faca. Por que o assassino decidiu utilizar diferentes tipos de arma? Quem sabe não queria andar pela cidade com um machado escondido dentro da bolsa. Uma faca era muito mais fácil de levar. Poderia ser assim simples. Provavelmente a estava esperando junto ao cemitério. O que significa que sabia onde morava. Seria alguém a quem ela conheceria? Aquele homem misterioso do bar em Munkkälaren não havia dado sinais de vida.

O barman se lembrava dele muito bem, mas não achava que já o tivesse visto antes por ali. Nem tampouco depois daquela noite. Dos interrogatórios do resto dos empregados que trabalharam na sexta-feira não haviam surgido nada. Se o assassino a estivesse seguindo durante algum tempo e decidira matá-la, por que escolhera aquele momento? Correu um grande risco ao agir na cidade, onde seria muito fácil que o vissem. Além disso, o risco de que o corpo fosse descoberto muito rapidamente também era evidente. E por cima, a calcinha. Knutas havia analisado todos os casos similares acontecidos na Suécia, e inclusive no estrangeiro. Em todos eles, quando o criminoso havia feito algo parecido, também violentara a vítima ou cometera outros abusos sexuais. Não saberia se Frida Lindh fora violentada até que recebesse o relatório preliminar da autópsia, mas nada fazia supor que tivesse sido assim.

Um grupo de especialistas da polícia nacional estava trabalhando, para reunir dados sobre casos anteriores de assassinos que haviam agido de maneira semelhante. Seus colaboradores mais próximos, Wittberg, Norrby, Jacobson e Sohlman, estavam ocupadíssimos fazendo interrogatórios e resumindo os que já haviam realizado. A seção de medicina legal de Solna ainda iria apresentar um relatório preliminar sobre Frida Lindh, e com respeito às análises do SKL, não poderia fazer outra coisa além de esperar a resposta. Tudo estava em marcha. Contudo, a impaciência o corroía. Olhando como olhasse, sempre chegava à mesma conclusão: havia muitos detalhes que apontavam a que as vítimas conheciam o seu assassino. Também era o mais frequente nos casos de assassinato. Frida tinha um grupo reduzido de amizades em Gotland. Certo que muita gente a conhecia, mas não fizera muitas amizades. Não era improvável que tivesse encontrado o seu assassino no salão de cabeleireiro. No caso de Helena Hilerströn tampouco eram muitas as pessoas com quem se relacionava em Gotland, além dos familiares. Em resumidas contas, não eram mais que os presentes na reunião. De novo foi o rosto de Kristian Nordströn que veio a sua mente. Ainda que já tivesse interrogado Nordströn, Knutas queria falar com ele de novo. Decidiu ir até sua casa. Sem avisar.

Eram quatro da tarde. O calor do verão por fim havia chegado, e de verdade. Fazia vinte e oito graus e o vento estava calmo. Seu automóvel estava estacionado na sua vaga habitual fora das dependências policiais, e Knutas notou irritado que estava recebendo o sol em cheio. Quando abriu a porta do carro foi como entrar em um forno. Jogou o casaco para a parte traseira e se queimou no assento quando se sentou. O carro não tinha ar condicionado. Desceu a janela. Isso foi um alívio. Mas os jeans se pegavam às pernas. “Teria de usar bermudas”, pensou. O calor o irritava e impedia de pensar com clareza. Saiu do estacionamento, entrando na Rua Nora Hansegatan e uns minutos depois já se encontrava fora da cidade. Na direção norte até Brissund, a dez quilômetros de Visby e quando chegou ao endereço de Kristian Nordström, ficou impressionado pela maravilhosa vista.

A moderna casa de madeira se elevava só e majestosa sobre uma alta pedra com vistas para o mar e para o antigo povoado pesqueiro de Brissund. A casa fora construída em forma de semicírculo seguindo a forma da pedra, e aparentava que a construção tivesse trepado pela parede da rocha. Enormes janelas se abriam em toda a fachada, e tinha uma amplíssima varanda de madeira virada para o mar. Um jipe Cherokee verde escuro estava estacionado próximo da entrada. Knutas estava suando. Saiu do carro, apanhou o cachimbo e o pôs na boca sem acendê-lo. Dirigiu-se até a porta, pintada de azul. “Como na Grécia”, pensou, e tocou a campainha. Fazia muito tempo que não ia para o estrangeiro. Ouviu o som da campainha no interior da casa. Esperou. Nada. Voltou a tocar. Esperou. Chupou o cachimbo. Nada.

Decidiu dar uma volta ao redor da casa. O mar estava calmo. O sol abrasava. Entornou os olhos até o sol fazendo uma viseira com a mão. Milhares de pontos altamente concentrados caíam do céu como um enxame gigante. Era quase insuportável. Ele olhou para o chão, e notou que eram joaninhas. Os diminutos insetos vermelhos com seus pontinhos negros brilhavam no gramado diante da casa. Em cada lâmina de grama havia uma joaninha. Que curioso. Voltou a olhar até o sol. Parecia como um redemoinho de neve no inverno. Sim, era isso. Um redemoinho de joaninhas. Subiu pela varanda até a parte traseira. A casa parecia vazia e desabitada. Deu uma olhada para o interior através de uma das janelas que chegava até o chão.

— Posso ajudar em algo? Ficou a ponto de deixar cair o cachimbo sobre as tábuas da varanda. Kristian Nordström aparecera vindo detrás de uma quina.

— Alô, cumprimentou Knutas estendendo a mão. — Gostaria de conversar um pouco contigo.

— Claro. Vamos entrar? Knutas seguiu ao elegante jovem até o interior da casa. Lá dentro estava bem mais fresco. — Quer beber algo? Perguntou Kristian.

— Um copo de água cairia bem. Faz um calor tremendo lá fora.

— Eu preciso de algo mais forte.

Serviu uma cerveja Carlsberg para ele e encheu um grande copo de água com gelo para o comissário. Sentaram-se cada um em uma das duas poltronas de pele que ficavam junto a uma das janelas panorâmicas. Knutas apanhou seu velho bloco de notas, gasto pelo uso, e uma caneta.

— Já sei que me contou antes, mas conhecia bem Helena Hilerström?

— Sim. Conhecíamos-nos desde a adolescência.

— Boas relações?

— No colégio formávamos uma turma e sempre íamos juntos. Tanto dentro como fora da escola. Muitos dos que estavam na reunião de Pentecostes faziam parte dessa turma. Estudávamos juntos, íamos ao cinema, nos víamos depois das aulas e nos fins de semana. Sim, nos relacionamos muito bem durante aqueles anos.

— Houve entre Helena e você algo mais que simples amizade? A resposta chegou muito rápida. Talvez demasiado rápida, pensou o comissário.

— Não. Como já falei, ela me parecia bonita, mas nunca houve nada entre nós. Quando eu estava livre, ela saía com algum rapaz ou ao contrário. Nunca ficamos livres ao mesmo tempo.

— O que sentia por ela? Kristian o olhou diretamente nos olhos quando respondeu. Com certa irritação no tom de voz, disse:

— Eu já expliquei. Parecia-me uma moça divertida e atraente, mas não significava nada de especial para mim. Knutas optou por mudar de assunto.

— O que sabe de seus antigos namorados?

— Bem, teve um bom número deles. Quase sempre estava com alguém. No geral, não durava mais de um par de meses, ou três. Eram rapazes do instituto e outros que encontrava fora. Rapazes da península que vinham passar as férias, e com quem mantinha uma relação de umas semanas antes de passar para o seguinte. No geral era ela quem se cansava. Com certeza destruiu muitos corações. Knutas pôde notar uma pontada de amargura em sua voz. — Em seguida veio esse professor com que se via às escondidas. Knutas enrugou a fronte.

— Quem era?

— Era o professor de ginástica no instituto. Como se chamava...? Hagman? Göran? Não, Jan. Jam Hagman. Era casado, assim houve muito falatório.

— Quando foi isso? Kristian tentava se lembrar.

— Deve ter sido no ano que estávamos no segundo, porque no primeiro tivemos outro professor que logo após se aposentou. Helena e eu estávamos na mesma turma, no instituto também. Nas aulas de ciências sociais.

— Quanto tempo durou essa relação?

— Não sei com certeza. Mas acho que bastante. Durou mais de meio ano, sem dúvida. Acredito que começou antes do Natal, porque Helena disse a Ema que o veria durante as férias de Natal. Ema me contou em uma reunião, quando estava um pouco alta. O mais provável é que não tivesse intenção de contar. Mas, ao mesmo tempo, estou certo que estava preocupada com Helena, porque eram muito amigas. Ao fim e ao cabo, ele era casado, tinha filhos e era muito mais velho que ela. Lembro que estavam juntos em uma viagem do instituto que fizemos a Estocolmo, antes que comessem as férias de verão. Hagman era um dos professores que foram conosco. Alguém o viu entrar no quarto dela à noite, e isso chegou aos ouvidos dos outros professores. Quando voltamos da viagem circularam um monte de comentários a respeito. Em seguida, chegou o verão e todo o mundo saiu de férias. Depois, não voltei a ouvir mais nada sobre o assunto. No outono, ele já não estava no instituto.

— Falou com Helena sobre essa relação dela com o professor?

— Não, a verdade é que não. Todos nós nos demos conta de que a afetara bastante. Lembro que não se deixou ver em todo o verão. Quando começou o novo ano depois das férias, havia emagrecido muito, diria que mais de dez quilos. Parecia pálida e desfigurada, quando todas as demais estavam bronzeadas. Com certeza que a maioria se lembrará disso, porque não era próprio dela.

— Por que não nos disse nada disto antes?

— Não sei. Não me lembrei. Já se passou já tanto tempo... Mais de quinze anos.

— Tem alguma ideia de quem pôde tê-la matado? Algo que tenha se lembrado desde a última vez que conversamos?

— Não. Não tenho a menor ideia.

Kristian Nordström acompanhou Knutas até a porta. Sentiram o calor quando saíram à escada depois da frescura do interior. No exterior, a natureza estava em plena floração, própria dos princípios do verão.

Em Knutas os pensamentos giravam na cabeça, enquanto dirigia sob o sol da tarde, de volta para Visby. O que significaria a história com o professor? Por que alguém não a havia mencionado, nem sequer Ema, sua melhor amiga? Foi há muito tempo, mas de qualquer maneira... Quando chegou à Comissaria, se deu conta do apetite que tinha. Ir comer em casa parecia impensável. Depois de conhecer aqueles novos detalhes, queria convocar uma reunião imediatamente. Discou o número de telefone de sua casa e informou que ia a chegar tarde. Sua esposa, já acostumada, recebeu a notícia com tranquilidade. Há muitos anos que havia se despedido das refeições diárias em família. “Quem sabe seja por isso que o nosso casamento funciona bem”, se dizia Knutas enquanto subia a escada até a seção judicial. “O fato de que cada um de nós se sinta seguro em sua plataforma vital, sem ter como objetivo estar sempre juntos”.

Os colegas da polícia que se encontravam ali fizeram juntos um pedido para a sua pizzaria habitual. Entre pedaços e mastigadas, o comissário resumiu o seu encontro com Kristian Nordström e o que este lhe contara da relação amorosa de Helena Hilerström com o professor de ginástica, Jan Hagman.

— Disse que se chamava Hagman? Interrompeu Karin. — Estive com ele há pouco tempo, na sua casa em Grötlingbo, disse, e se voltou até Wittberg. — Se lembra? Sua mulher havia se suicidado.

— Sim, é verdade. Há poucos meses. Enforcou-se. É um tipo esquisito. Muito reservado; difícil de falar com ele. Lembra-se que pensamos que era muito estranho que não parecesse triste, nem sequer surpreso, de que sua mulher tivesse se suicidado? Disse Wittberg.

— Fizemos uma investigação, é claro, disse Karin. — Mas tudo apontava para um suicídio e quando chegou o relatório da autópsia ficamos convencidos. Ela se enforcou em um celeiro na propriedade.

— Esses vocês têm de observar, comentou Knutas.

— Mas por que Hagman teria algo a ver com esta morte? Perguntou Wittberg. — Já faz mais de vinte anos que tiveram uma relação. Não entendo por que vamos dedicar tempo a uma história tão velha. Um caso com um professor do instituto! Diabos, ele tinha trinta e cinco anos na época!

— Eu também acho que parece um pouco exagerado, disse Norrby.

— Talvez, mas de qualquer maneira pode ser que valha a pena falar com Hagman, insistiu Knutas. — Karin o que você acha?

— Claro, já que não temos nenhuma pista concreta para seguir. Ainda que pareça estranho que em todos os interrogatórios que fizemos, ninguém tenha falado desse professor de ginástica. E por que Kristian Norström solta isso precisamente agora?

— Me disse que não havia se lembrado, respondeu Knutas. — Que faz tanto tempo que... De fato, tampouco outra pessoa o mencionou.

— Se nos concentramos no presente, temos algo novo para investigar das vítimas? Perguntou

Karin.

— Sim, o grupo de trabalho sobre a pesquisa de suas vidas está envolvido nisso... Kihlgárd da polícia nacional está a caminho. Estava dormindo quando liguei, disse Knutas. — Uma cabeçadinha depois do almoço, ele falou. Norrby elevou as sobrancelhas.

— Sim, eu também gostaria de fazer isso. Alguns têm tempo para se recuperar.

O murmúrio que se seguiu foi interrompido quando a porta se abriu e em no vão apareceu o imponente corpo de Kihlgárd.

— Alô. Sinto chegar tarde, olhou com aidez as caixas das pizzas. — Sobrou algum pedaço para mim?

— Fique com o meu. Não posso com tudo, ofereceu Karin, e passou o seu pedaço.

— Muito obrigado, grunhiu Kihlgárd e enrolando com a mão o que sobrava da pizza, fincou o dente. — Como está boa! Exclamava entre uma mordida e outra. Os demais pararam a conversa para olhá-lo fascinados. Por um momento esqueceram por que se encontravam ali.

— Mas não acabou de comer? Perguntou Knutas.

— Sim, mas um pedaço de pizza sempre cabe, balbuciou Kihlgárd e deu outra mordida. — Onde estavam? Repitam essa historia do professor.

Knutas voltou a contar outra vez toda a conversa que tivera com Kristian Nordström.

— Bem. Nós estamos investigando a vida dessas mulheres e até agora não ouvimos nada disso, manifestou Kihlgárd. — Certo que teve um monte de relações, mas nenhuma com um professor, que eu saiba. Assim, isso deve ter acontecido há ainda mais tempo, no instituto, suponho.

— Sim. Pelo visto, iniciaram uma relação amorosa no outono, quando Helena cursava o segundo. Ficaram de se ver durante o Natal, segundo Kristian Nordström. Em seguida, a coisa deve ter continuado durante a primavera, mas se rompeu em algum momento daquele verão. O professor, Jam Hagman, era casado e tinha filhos, e evidentemente, optou por ficar com a esposa. Quando chegou o outono, ele havia pedido transferência para outro instituto.

— Sabe se o professor continua morando na ilha? Perguntou Kihlgárd enquanto com o olhar dava uma busca no monte caixas de pizza que havia sobre a mesa, vendo se sobrara mais algum pedaço.

— Sim, mora no sul de Gotland. Jacobson e Wittberg estiveram ali há uns meses. Sua mulher se suicidou.

— Não me diga! Kihlgárd elevou as sobrancelhas. — Então, o tipo é viúvo. Quantos anos ele tem?

— Deveria ter uns quarenta anos quando tiveram a tal relação, o que significa que ele dobrava a idade de Helena. Agora deve andar pelos sessenta.

* * *

O sol vespertino caía forte sobre os bancos da cozinha e o cabelo das crianças brilhava com a sua luz. Ema se inclinou sobre Filip e aspirou ao seu aroma com satisfação. Seus cabelos suaves e ruivos lhe faziam cócegas no nariz.

— Hummm, como cheira bem, comentou com ternura, e seguiu até a cabeça seguinte. O cabelo de Sara era mais alto e mais escuro, como o dela. Voltou a aspirar profundamente. As mesmas cócegas no nariz. — Hummm, repetiu, — Você também tem um cheiro maravilhoso, minha criança. Beijou sua filha na cabeça. — Vocês são os meus anjinhos.

Sentou-se ao lado deles na ilha, no centro da grande cozinha. A cozinha era a parte da casa onde melhor se sentia. Olle e ela haviam-na montado juntos. Uma parte, onde agora estava sentada, era a área de trabalho. Tinha azulejos de cerâmica na bancada de uma grande ilha para cozinhar, com o exaustor pendurado livremente por cima da placa do fogão. Gostava de ficar cozinhando e aproveitar ao mesmo tempo a vista do jardim através da janela. Dispunha de espaço para quatro pessoas, perfeito para um café da manhã rápido ou para tomar um aperitivo antes de um jantar com amigos. Um par de degraus mais abaixo ficava a sala de jantar com o chão de madeira de pinho tratado, vigas no teto e uma mesa grande em estilo rústico. As janelas, que davam para todos os lados, faziam com que as plantas que tinha na cozinha se sentissem tão à vontade quanto ela.

As crianças, empoleiradas cada um em um tamborete, bebiam uma vitamina com chocolate e comiam bolo de canela recém-feito. Um prêmio, após a ardência do xampu nos olhos e da água umas vezes fria e outras quente que a mamãe havia jogado durante o banho que acabavam de tomar. Ema os observava enquanto comiam. Sara, de sete anos, havia terminado o primeiro ano. Era uma criança alegre, querida e aplicada na escola. Com os olhos escuros e as bochechas rosadas. “Fora muito bem até agora”, pensou Ema agradecida. Pousou o olhar em Filip, que tinha seis anos. Ruivo, com a tez clara, olhos azuis e covinhas nas bochechas, bonito ainda que muito travesso.

No princípio foi duro, com uma criança em cada braço. Sara não havia aprendido a andar, quando Filip nasceu. Além disso, ambos ainda não haviam terminado os estudos. Terminou o último ano na universidade com uma criança ao peito e outra na barriga. Neste momento não poderia compreender como fora capaz de fazer aquilo. Mas fez. Com muita ajuda de Olle, claro. Ele estava também no último ano de Economia, assim faziam turnos para cuidar dos bebês e estudar. Haviam lutado com a falta de dinheiro, os estudos, as crianças. Então moravam em um apartamento alugado em Estocolmo. Lembrava que utilizavam as embalagens das fraldas como sacos plásticos para lixo e assim economizar. Olle se sentava à noite e dobrava as embalagens de fraldas vendo Rapport, enquanto ela dava o peito. Como haviam lutado. Ao mesmo tempo, seu amor florescia e dividiam tudo. Então acreditava que iam ficar juntos para sempre. Agora já não estava tão certa disso.

Sara bocejava. Já eram oito da noite. Hora de deitar. Depois de escovaram os dentes, contou uma estória curtinha e, após lhes dar um beijo de boas noites, se sentou em um dos sofás da sala de estar. Não se incomodou em ligar a televisão. Ficou olhando através da janela. O sol estava ainda alto no céu. “Que estranho, como mudava a perspectiva com a luz”, pensou. Agora, com o jardim inundado de luz, parecia absurdo levar as crianças para dormir. Em dezembro, às quatro da tarde já parecia hora de ir para a cama. Aconchegou-se em uma quina do sofá após se servir de uma xícara de café. Seus pensamentos voltaram outra vez ao passado. Ela e Olle tiveram uma boa relação durante muito tempo, claro que sim. Quando as crianças eram pequenas, ela se preocupava com que ambos continuassem tendo seus agradáveis jantares na sexta-feira à noite, apesar do choro dos pequenos e das mudanças de fraldas. Muitas vezes se sentavam com um bom jantar na mesa e as velas acesas, mas ao mesmo tempo, um deles tinha que ficar um pouco com as crianças, enquanto o outro comia rápido

para que a comida não esfriasse. E ela era consciente de que aqueles momentos foram muito importantes.

Não haviam se esquecido um do outro porque tiveram filhos. Uma falha que muitos do seu círculo de amizades incorriam, e que frequentemente tinha como consequência o divórcio. Havia continuado bem juntos, entre risos e brincadeiras. Ao menos nos primeiros anos. Então, Olle comprava flores a miúdo e lhe dizia como era bonita. Ela nunca se sentira tão realizada com alguém. Inclusive, quando engordara quase trinta quilos na primeira gravidez, ele ficava olhando o seu corpo com admiração, quando ela estava nua, e dizia:

— Como você está sexy!

E ela acreditava. Quando davam uma volta pela cidade, se sentia bonita de verdade, até que via sua silhueta refletida em uma vitrine e se lembrava de que estava três vezes mais gorda do que o seu marido. Havia cuidado do seu amor e ela estivera apaixonada por ele durante muito tempo. Nos últimos dois anos, porém, algo mudara. Não sabia com exatidão quando acontecera a mudança, só que havia acontecido. Começou pelas relações sexuais. Ela achava que eram cada vez mais enfadonhas, mais previsíveis. Olle fazia o que podia, mas ela cada vez mais custava a sentir desejo de verdade. Continuavam fazendo amor, mas cada vez com menos frequência. Frequentemente, ela só queria colocar uma camisola cômoda e ler um bom livro até adormecer. No fundo, sentia uma sensação de tristeza. Seriam capazes de voltar a ter as relações sexuais que tiveram antes? Duvidava.

Outras coisas haviam mudado também. Agora, Olle era capaz de seguir pela vida como um robô e se contentar com isso. Parecia que já não tinha nenhuma necessidade de pensar em algo divertido, algo que pudessem fazer juntos. Se saíam para jantar ou ir ao cinema, ela tinha que organizar. Olle ficaria satisfeito se ficassem em casa. Os ramos de flores e os detalhes chegavam mais de tarde em tarde. A diferença era enorme se comparada aos primeiros anos, e só aumentava com o tempo.

Voltou a olhar para fora. Olle havia ido à Península para umas reuniões. Ficaria fora três dias. Havia ligado duas vezes naquele dia. Inquietude na voz. Havia perguntado como se sentia. Claro que agradecia a sua consideração, mas naquele momento só queria que a deixassem em paz. Pensou em Johan. Não poderia voltar a vê-lo. Estava descartado. Aquilo já fora longe demais. Mas como a fez se sentir bem. Havia esquecido como era. Só sentir aquele desejo selvagem. E de alguma maneira estranha, aquilo havia caído bem. Como se tivesse direito a sentir todo o seu corpo queimando. Johan a havia feito se sentir viva, como uma pessoa completa. Doía estar consciente disso.

* * *

Onze

Terça-feira 19 de Junho

KNUTAS cumprimentou rapidamente os seus colegas, quando chegou quase sem respirar na sala de reuniões, quinze minutos depois que os demais. Havia passado da hora naquela manhã. Kihlgård o despertara, quando telefonara para a sua casa. Deixou-se cair na cadeira e apanhou a xícara de café que tinha diante, na mesa.

— O que descobriram sobre Hagman?

Kihlgård estava sentado a um extremo da mesa com uma xícara de café e um sanduíche enorme de queijo em um prato demasiado pequeno. Knutas o olhou estupefato, enquanto pensava que deveria ter cortado o pão na diagonal.

— Bah, não muito, respondeu Kihlgård depois de dar uma boa mordida e tomar um pouco de café sorvendo ruidosamente. — Trabalhou no instituto Säveskolam até o verão de 1983. Depois o deixou a próprio pedido, segundo o diretor, que ainda é o mesmo. Nisso tivemos sorte, constatou Kihlgård satisfeito e deu outra mordida no sanduíche de queijo. Os que estavam presentes na sala esperavam impacientes que terminasse de mastigar. — O fato de que tivesse mantido uma relação com uma aluna ficou conhecido e, evidentemente, foi muito duro para Hagman. O tema deu o que falar, claro. Ele, como sabemos, era casado e tinha dois filhos. Foi trabalhar em outro instituto e toda a família se mudou para Grötlingbo, no sul de Gotland, adicionou Kihlgård, como tivesse esquecido que todos os que se encontravam ali, exceto ele, eram de Gotland. Deu uma olhada em seus papéis. — O instituto para onde foi se chama Öja Skola e fica próximo de Burgsvik. Hagman trabalhou ali até que se aposentou há dois anos. Aposentadoria antecipada.

— Aparece nos arquivos policiais? Perguntou Knutas.

— Não, nem sequer por excesso de velocidade, respondeu Kihlgård. — É certo, de qualquer maneira, que teve uma história de amor com Helena Hilerströn. O diretor me confirmou. Todos os professores sabiam. Hagman pediu desligamento antes que o centro tivesse tempo de tomar alguma medida. Kihlgård se recostou com o sanduíche na mão e olhou expectante ao seu redor.

— Vamos falar com ele, disse Knutas. — Karin me acompanha?

— Claro.

— Posso ir também? Perguntou Kihlgård.

— Não, claro, disse Knutas. — Venha.

Johan e Peter finalizaram a correção de uma extensa reportagem sobre o ambiente que se respirava na ilha depois do último assassinato. Havia incluído várias entrevistas: a mãe preocupada, o dono de um restaurante que já notava uma retração do negócio, e umas jovens as quais tinham medo de sair à noite. Contudo, o redator não ficou contente. Max Grenfors nunca se mostrava satisfeito se a reportagem não fosse exatamente tal como ele a teria feito. “Que babaca”, pensou Johan. Ao menos havia concordado que ficassem uns dias mais, ainda que não tivesse novidades. Tinham alguns trabalhos pendentes. Para o dia seguinte, Johan marcara uma nova entrevista com o comissário judicial Anders Knutas, para se informar de como avançava a investigação.

O fato de que Johan ficasse na ilha significava que teria mais possibilidades de ver Ema. Se ela quisesse, claro. Temia tê-la assustado da última vez com o seu atrevimento. E por dentro lhe corroía uma sensação de culpa. Era casada. Apesar disso, não parava de pensar nela. Descobria-se pronunciando o seu nome em voz alta. Ema. Ema Winarve. Soava tão bem... Tinha que voltar a vê-la. Ao menos, mais uma vez. Decidiu tentar a sorte. Ela estava em casa, e seu marido, não. Atendeu no primeiro toque. Algo agitada.

- Alô, sou eu, Johan. Uma pausa curta.
- Alô.
- Está sozinha?
- Não, as crianças estão aqui. E a avó paterna. Merda!
- Podemos nos encontrar?
- Não sei. Quando?
- Agora. Ouviu-a rir.
- É louco.
- A avó ouve o que diz?
- Não; estão fora, no jardim.
- Preciso vê-la. Você quer me ver?
- Quero, mas não pode ser. É uma loucura.
- Deixe que seja uma loucura. É uma necessidade.
- Como sabe se é para mim?
- Não sei. Desejo-a.
- Uf! Não sei.
- Por favor. Pode vir?
- Espere um pouco.

Pode ouvir como deixava o fone e se afastava. Demorou um minuto. Talvez dois. Conteve a respiração. Ela voltou e deu a resposta:

- Sim, está bem.
- Vou apanhá-la?
- Não, não. Irei de carro até o centro. Onde nos vemos?
- No estacionamento do Stora Torget. Dentro de uma hora?
- Certo.

“Fiquei maluca”, se disse Ema quando desligou o fone. “Perdi totalmente o juízo”. Mas naquele

momento pouco se importava. Fora muito fácil. Disse a sua sogra que uma amiga estava deprimida e chorando e que teria de ir imediatamente. “Não se preocupe”, tranquilizou-a a mãe de Olle. Ela se ocuparia das crianças e prepararia algo para comer. Claro que tinha que ir. Sua sogra se ofereceu para ficar toda à tarde, e toda a noite também, se fosse necessário. Olle não retornaria até o dia seguinte.

Ema se apressou a tomar um banho. Como estivera fora tomando sol toda à tarde, tinha calor e estava suada, se justificou em voz alta, ao mesmo tempo em que acendiam em sua cabeça as luzes de alarme. Lavou o cabelo, colocou uma loção corporal aromática e umas gotas de perfume com o coração acelerado. Pôs o sutiã mais bonito, uma saia e uma blusa. Um beijo nas crianças e adeus. Respirou fundo e prometeu ligar mais tarde. Quando se deixou cair no assento do carro, suave de novo.

Ao mesmo tempo em que entrava na estrada principal em direção a Visby e, aumentou o volume do rádio ao máximo e abriu a janela. Deixou que entrassem no carro os cálidos aromas do começo de verão e que seus remorsos saíssem pela janela. Quando estacionou o carro no único lugar livre que restava em todo o estacionamento, viu-o fora da loja Sestembolaget. Usava jeans e uma camiseta negra. Tinha o cabelo alvoroçado. O que aconteceu depois foi o lógico. Não tiveram que falar nada. Só caminharam pela rua, um ao lado do outro, e seus passos se dirigiram automaticamente para o hotel onde se hospedava o repórter. Como se fosse a coisa mais natural do mundo. Cruzaram a recepção, subiram a escada, chegaram até a porta do quarto e entraram. Pela primeira vez estavam sós em um espaço privado. Continuaram sem dizer nada. Johan a abraçou após fechar a porta. Observou que ele fechava com a chave.

* * *

Knutas dirigia rápido em direção a Sudret. Karin Jacobson e Martin Kihlgård iam nos assentos traseiros. Haviam entrado na estrada 142 que passava bem pelo centro da ilha. Ultrapassaram Träkumla, Valí e Hejde. Contornaram em seguida o pântano de Lojsta, onde os cavalos nativos de Gotland, Gotlandsrus, vivem quase selvagens. Karin, que trabalhara como guia turística em sua juventude, falou a Kihlgård dos cavalos de Gotland, o carneiros do bosque como também são conhecidos.

— Viu a placa onde diz Russpark? Se continuar mais uns quilômetros, se chega à área de Lojsta, onde ficam os cavalos. Estão lá em manada o ano todo, faça o tempo que fizer. São cinquenta éguas e um macho. O macho fica de um a três anos, em função de quantas éguas tenha conseguido cobrir. Nascerem uns trinta potrinhos por ano.

— O que comem? Perguntou Kihlgård, ao mesmo tempo em que seus olhos se concentravam em uma quina de um pacote com biscoitinhos salgados, que lutava por abrir; por fim desistiu e abriu-o com os dentes.

— Feno durante o inverno e no resto do ano grama e o que a mata oferece. Só os prendem um par de vezes ao ano, uma para tratar dos cascos, e a outra, em julho, para o concurso de prêmios dos cavalos.

— E que sentido têm manter estes cavalos, se estão fora o ano todo?

— É para proteger a raça. O cavalo de Gotland é a única raça nativa que se conserva na Suécia. A sua origem remonta a Idade de Pedra. Em princípios do século XX estiveram em perigo de

extinção. Então começaram a cuidá-los, e agora o grupo de éguas aumentou. Existem cerca de dois mil exemplares em Gotland, e uns cinco mil no resto da Suécia. São cavalos de montaria muito populares. Como são pôneis só têm uns 1.25 centímetros de altura e são perfeitos para as crianças. Também por seu temperamento. São cavalos obedientes, dispostos a trabalhar e resistentes. Além disso, são bons para o trote. Meu irmão tem cavalos aqui. Eu o acompanho no dia dos prêmios. Reunimo-nos de manhã cedo, umas trinta pessoas, e ajudamos a levar os cavalos. É uma experiência maravilhosa, concluiu Karin com uma expressão feliz nos olhos.

Continuaram a viagem falando de coisas sem importância. Kihlgård ofereceu os biscoitos, ainda que a maioria acabasse em sua própria boca. Karin Jacobson gostava dos conhecimentos e o bom humor de Kihlgård. Estava fascinada por seus hábitos alimentares, que eram, no mínimo, curiosos. Parecia comer à todo momento. Sempre tinha algo na boca, e se não fosse assim era porque se dispunha a comer ou acabava de fazê-lo. Apesar disso, não tinha sobrepeso. Era um tipo de constituição robusta.

Ainda que não tivesse nada contra Kihlgård, o certo é que Knutas começava a se sentir irritado com ele. Era tão resolvido e agradável que ficara popular entre os colegas da polícia. E ainda que fosse um bom tipo, tomava demasiadas liberdades. Tinha que palpitar sobre tudo e se metia até em como o comissário dirigia o trabalho. Knutas havia notado que seu colega tratava de ignorar as suas críticas e diminuir as suas opiniões. E ainda que não quisesse reconhecer, apreciava nele a atitude de irmão mais velho. Os policiais de Estocolmo pensavam, no fundo, que ser policial na pequena ilha de Gotland era algo insignificante. O que acontecia ali? Claro que os delitos que se cometiam na ilha, na maioria roubos e brigas de bêbados, não se podiam comparar com os casos graves e complicados que aconteciam em Estocolmo. E se, além disso, quem trabalhava na Polícia Nacional, deveria ser mais qualificado e mais inteligente. Havia uma espécie de autossuficiência em Kihlgård, por mais amigável que se mostrasse com todos. Knutas não se considerava uma pessoa orgulhosa. Mas agora começava a notar que havia iniciado uma luta para marcar o seu território. E não gostava. Decidira fazer caso omissis e adotar uma atitude positiva com seu colega, que tinha mais idade que ele. Mas nem sempre era fácil. Sobretudo, porque ele não parava de estar sempre mastigando algo ruidosamente. Além disso, por que se havia sentado no assento traseiro com Karin? Um fulano tão corpulento deveria ter sentado na frente. E, se ainda fosse pouco, pelo que parecia, estavam se divertindo os dois ali atrás. Sobre o que bisbilhotavam? O comissário sentia que sua irritação ia aumentando. Seus pensamentos foram interrompidos quando Kihlgård lhe ofereceu a pacote com três míseros biscoitos que sobraram no fundo.

— Quer?

A estrada serpenteava pelo interior. Passaram por granjas, prados com vacas brancas e ovelhas negras. No pátio de um sítio, três homens corriam atrás de um porco enorme, que evidentemente havia fugido. Passaram por Hemse, depois Alva e, por fim, Grötlingboudd no centro da área de Sudret, antes de pegar a estrada que ia para o mar até o cabo de Grötlingboudd. Comentaram como iam se portar quando chegassem. O que sabiam sobre Jam Hagman? Na realidade, muito pouco. Que estava aposentado e viúvo há um par de meses. Dois filhos maiores. Interessado em mocinhas. Ao menos estivera.

— Teve histórias com outras alunas? Perguntou Karin.

— Não, que saibamos. Ainda que possa ser que as tivesse, claro, completou Kihlgård.

* * *

Quatro grandes aerogeradores dominavam a árida paisagem de Grötlingboudd. Campos próximos com muros baixos feitas de pedra bordeavam a estrada que se dirigia para o mar. As típicas ovelhas de Gotland, hánnlamb, de lã grossa e chifres retorcidos, pastavam entre zimbros baixos, pinos açoitados pelo vento e grandes blocos de pedra espalhados aqui e ali. A propriedade de Hagman se encontrava quase no extremo do cabo, com vista para a baía de Gansviken. Foi fácil localizá-la entre as poucas casas que se viam. Karin indicou o caminho, já que estivera ali antes. Não haviam avisado de sua visita. HAGMAN dizia a caixa do correio, escrito a mão. Estacionaram no pátio e saíram do carro. A propriedade constava de uma velha casa branca de madeira, com as janelas, marcos das portas e quinas, pintadas de cinza. Com certeza um dia fora bonita. Agora tinha a pintura descascada. Um pouco mais longe se via um galpão grande, que parecia a ponto de cair a qualquer momento. “Lá dentro foi onde a mulher se enforcou”, pensou Knutas. Quando se aproximavam da casa, notou que algo se movia atrás da cortina de uma das janelas do andar de cima. Subiram ao pórtico meio podre e bateram. Não havia campainha. Tiveram que golpear três vezes antes que a porta se abrisse. Um homem, demasiado jovem para ser Jan Hagman, apareceu no vão da porta. Olhou-os com expressão inquisitiva. Knutas se apresentou e apresentou os seus acompanhantes.

— Procuramos Jan Hagman, adicionou. A expressão atenta e agradável do homem se transformou e refletiu inquietação.

— Que aconteceu?

— Nada grave, tranquilizou Knutas. — Só queremos fazer umas perguntas.

— É sobre a mamãe? Sou Jens Hagman, o filho de Jan.

— Não. Trata-se de outro assunto completamente diferente, assegurou Knutas.

— Ah! Jan está cortando lenha. Um momento. Virou-se, apanhou um par de tamancos e calçou-os. — Acompanhem-me. Está do outro lado da casa.

Deram a volta na casa e ouviram os golpes rítmicos de um machado. O homem a quem procuravam estava inclinado sobre um talho, e pelo que parecia muito concentrado olhando uma acha de lenha. Levantou o machado e golpeou. A folha fendeu a acha, que se partiu e foi ao chão. O cabelo alto caía sobre o rosto enquanto trabalhava. Usava bermudas e uma camiseta de algodão. Tinha as pernas peludas e muito bronzeadas. Os músculos dos braços incharam quando descarregara o golpe. A camiseta já estava manchada de suor.

— Jan! A polícia está aqui e quer falar consigo, gritou o filho. Knutas franziu o cenho e pensou que era estranho que o filho insistisse em chamar o pai de Jan. Jan Hagman deixou cair o machado e a deixou a um lado.

— Que querem? A polícia já esteve aqui uma vez, grunhiu mal-humorado.

— Agora não se trata da morte de sua esposa, mas de outro assunto, respondeu o comissário. — Podemos entrar e nos sentar? O imponente Hagman os ficou olhando em atitude expectante, sem dizer nada.

— Sim? Interveio o filho. — Eu posso preparar café.

Entraram na casa. Knutas e Karin se sentaram no sofá e Kihlgård se deixou cair em uma cadeira. Permaneceram em silêncio, observando ao seu redor. Era uma sala sombria em uma casa sombria. Tapete de cor marrom escuro no chão, papel de parede pintado de verde, também escuro. As paredes estavam cobertas de quadros, a maioria de animais em paisagens inverniais. Alces na neve, perdizes na neve, corças e lebres na neve.... Nenhum dos três era um entendido em arte, mas sentiram que não se tratava precisamente de alguma obra de Bruno Liljefors. Uma das paredes era ocupada por rifles de diferentes tipos. Em um pedestal coberto por uma peça de crochê, Karin viu sobressaltada uma periquita verde dissecada em um poleiro.

Reinava na casa um ambiente silencioso e agonizante, como se as paredes sussurrassem. Um cortinas pesadas, com elaboradas dobras, ocultavam a maior parte da luz das janelas. Os móveis, escuros e pesados, haviam conhecido tempos melhores. Knutas se perguntava como ia conseguir se levantar daquele sofá vacilante sem precisar de ajuda, quando Jan Hagman apareceu na sala. Havia colocado uma camisa limpa, mas não havia mudado as feições mal-humoradas. Sentou-se em uma cadeira ao lado de uma das janelas. Knutas tossiu.

— Não estamos aqui por causa da trágica morte da sua esposa. Hum... O acompanhamos no sentimento, naturalmente, disse, e tossiu de novo. Jan Hagman olhava-o com animosidade. — Trata-se de um assunto diferente, continuou o comissário. — Suponho que terá ouvido falar dos assassinatos de duas mulheres aqui em Gotland. Bem, pois a polícia está tentando retroceder no tempo e investigar o passado dessas mulheres. Segundo sabemos, teve uma relação amorosa com uma delas, Helena Hilerström, em princípios dos anos oitenta, quando trabalhava em Säveskolan. É verdade?

O ambiente que reinava no quarto, já de por si pesado, piorou. Hagman nem se perturbou. Seguiu-se uma pausa longa. Kihlgård suave e se mexia tanto que a cadeira rangia. Knutas esperava com o olhar fixo em Hagman. Karin gostaria de um copo d'água. Quando o filho entrou no aposento com a bandeja do café, foi como se alguém tivesse aberto uma janela.

— Pensei que vocês talvez gostassem de tomar um café, comentou circunspecto enquanto deixava sobre a mesa uma bandeja com xícaras e um prato com biscoitos industriais recheados de geleia.

— Sim, obrigado, murmuraram os três polícias à vez, e a tensão do ambiente se reduziu por um momento com o barulho e o murmúrio líquido que aconteceu ao se servirem de café.

— Agora vá e nos deixe tranquilos, ordenou o pai bruscamente. — Feche a porta quando sair.

— Sim, claro, aceitou o filho, e desapareceu.

— Bem. Como foi essa história com Helena Hilerström? Insistiu o comissário quando a porta se fechou.

— É verdade. Tivemos uma relação.

— Como começou?

— Assistia a um de meus cursos e tínhamos contato durante as aulas. Era alegre e...

— E?

— Sim, fazia com que fosse mais divertido dar aulas.

— Como começou a relação?

— Foi em um baile que o instituto organizou no outono. Helena cursava o segundo ano. Portanto, em 1982.

— E o que você fazia ali?

— Eu era um dos professores que estava de vigia.

— O que aconteceu entre Helena e você?

— À noite, quando estávamos arrumando tudo depois de terminado o baile, ela ficou para ajudar. Sim, era uma moça muito prestativa... Hagman desceu a voz e suas feições se suavizaram.

— O que aconteceu?

— Queria que alguém a levasse para casa depois da reunião. Como morávamos na mesma direção, eu me ofereci para levá-la. Depois, não sei como começou o que aconteceu. Nos beijamos. Era jovem e bonita. Ninguém é de pedra...

— E depois?

— Começamos a nos encontrar às escondidas, porque eu era casado e tinha filhos.

— Com que frequência se encontravam?

— Com bastante frequência.

— Quanto?

— Bem, um par de vezes ou três à semana.

— E a sua mulher? Não notava nada?

— Não. Quase sempre nos encontrávamos de dia, à tarde. E meus filhos já eram bem grandinhos para se cuidarem sozinhos.

— Como estava o casamento?

— Mal. Completamente morto.

— Como era Helena como pessoa? Perguntou Kihlgård.

— Era... Era... Bem, o que posso dizer, vacilou. — Era maravilhosa. Fez-me recuperar a vontade de viver.

— Quanto tempo durou a relação?

— Terminou quando começaram as férias de verão.

Hagman ficou olhando as mãos. Karin Jacobson havia observado que dava voltas com os polegares, de forma quase contínua. Lembrou-se que também fizera isso da vez que ela estivera ali, após a morte de sua esposa. “Curioso que ainda tenha gente que faça isso”, pensou.

— No final da primavera, acho, o instituto fez uma viagem a Estocolmo. Vários professores acompanharam os alunos.

— O que aconteceu ali?

— Uma noite, depois de jantar, ficamos imprudentes. Fomos para o quarto dela. Sem dúvida, alguém nos viu e espalhou a notícia. Uma das professoras comentou comigo que sabia. Não pude negar. Disse que a coisa poderia ser abafada se eu promettesse nunca mais voltar a me encontrar com Helena. Eu prometi.

— O que aconteceu depois?

— Regressamos da viagem e rompi com Helena. Ela não entendeu. Não se passou muito tempo antes que começamos a nos encontrar de novo. Não pude resistir. Um dia à tarde um colega nos surpreendeu no vestiário. Foi na semana depois de que as férias de verão tinham começado para os alunos. Nós, os professores, trabalhávamos uma semana a mais.

— Como a escola reagiu?

— O diretor não fez nenhum drama sobre o assunto. Consegui um trabalho para mim em outro instituto. Houve muitos comentários, tive que ouvir muitas coisas. Aos olhos da maioria, eu era um pobre boneco. Minha mulher soube. Eu queria me separar, mas ela se negou. Decidimos nos mudar. Meu novo emprego era em Öja, assim compramos esta casa. Era próximo e bem, também nos afastaríamos das fofocas. Por outro lado, não poderia continuar me encontrando com Helena. Quando seus pais souberam de tudo, ficaram como loucos. Escreveram uma carta onde ameaçavam me matar se voltasse a ver a sua filha.

— Como Helena reagiu?

Hagman permaneceu um bom tempo em silêncio, girando os polegares de maneira frenética. O silêncio se fez pesado; Knutas estava a ponto de voltar a formular a pergunta quando chegou a resposta.

— Não voltou a entrar em contato comigo. Era tão jovem... Imaginei que seguiria com a sua vida.

— Você não tentou entrar em contato com ela? Hagman levantou a vista e olhou fixamente para Knutas quando respondeu.

— Não. Nunca.

— Quando foi a última vez que a viu?

— Foi ali. No vestiário.

— E você decidiu não deixar a sua mulher?

— Sim. Ela queria esquecer tudo e seguir adiante. Ignoro a razão. Na realidade, nunca me amou. Nem a as crianças tampouco, adicionou olhando para a porta fechada, como se quisesse ter certeza de que o filho não estava escutando.

— Seus filhos souberam do que aconteceu?

— Não, não souberam de nada. Jens nem sequer morava conosco. Mudara-se para a casa de minha irmã e meu cunhado em Estocolmo, quando terminara a escola básica. Desde então mora em Estocolmo. Só vem de vez em quando me visita. Minha filha Elim mora em Halmstad. Encontrou o seu noivo ali e foi morar com ele.

Houve uma nova pausa. Knutas observou que uma joaninha começava a subir por uma das pernas da mesa. “Estão por todos os lados”, pensou. Kihlgård rompeu o silêncio:

— Teve relações com outras alunas, além de Helena? Espetou. A mudança não se fez esperar. Os nós dos dedos de Hagman ficaram brancos quando apertou os braços da cadeira. Cravou o olhar enfurecido em Kihlgård.

— Que merda está dizendo? As palavras saíram de sua boca como mísseis. Kihlgård lhe devolveu olhar.

— Quero saber se se deitou com mais alunas.

— Não, não o fiz. Para mim só existiu Helena. Hagman respirou com ímpeto pelo nariz.

— É verdade? Se você teve algum caso com outra aluna, vamos descobrir de qualquer maneira. Só ganharíamos tempo se o revelasse agora.

— Não me ouviu? Só foi Helena. Não houve ninguém antes ou depois dela. Agora já basta. Não tenho nada mais nada para dizer.

Jan Hagman havia empalidecido debaixo do bronzeado. Levantou-se da cadeira. Knutas compreendeu que seria melhor deixá-lo. O homem estava tão alterado que, de qualquer maneira, não iam conseguir mais nada. Ao menos, não desta vez.

* * *

A sineta, que assinalava que a aula havia terminado, soou justo quando ia começar a resolver o problema seguinte. Estivera tão concentrado nos problemas do livro que se esquecera da hora. Matemática era a única matéria que conseguia absorvê-lo por completo. Transformar o mundo por um momento de maneira que pudesse se esquecer do espaço e do tempo. Fazer que se sentisse quase feliz. Seus colegas se levantaram ao seu redor. Arrastar de cadeiras, livros que eram guardados, mesas que se fechavam. Em seguida começaram a falar, podia escutar alguns comentários dispersos.

Como era possível que a mesma sineta significasse o céu algumas vezes e o inferno em outras? Às vezes gostava. Chegava como uma liberação, como um cálido abraço que o salvava em momentos de apuro e o ajudava a se esconder em seu refúgio temporal dentro da turma. Outras vezes odiava-a mais do que tudo no mundo. Ficava nervoso, assustado, começava a suar e tremer. Enchia-o de terror ante o que se avizinhava. Nesses momentos, seus pensamentos reviravam pela cabeça como pássaros enjaulados, enquanto guardava depressa os seus livros. Ficou olhando a tampa da mesa. Que faria nesse recreio? Deveria se atrasar tudo o que pudesse? Então, talvez se cansassem de esperar. Ou deveria se apressar e tentar sair correndo, de modo que tivesse tempo de se colocar a salvo em seu esconderijo?

A incerteza não lhe deixava, enquanto apanhava os livros mecanicamente. Quando alcançou a porta, a dor de estômago o golpeou com força. Quase o afogava. Em seguida, passou o umbral da porta com a sensação no corpo de que iria enfrentar um precipício. O corredor estava cheio de crianças e bolsas e botas e casacos e gorros e mochilas e material de ginástica na cor azul escuro e vermelho. Tudo quanto representava a escola e tudo o que ele odiava. Tinha vontade de urinar. O melhor seria correr até os banheiros.

Primero tinha que apanhar a bolsa de ginástica. O olhar se fixou no reluzente gancho de aço. Seu gancho na longa fila de ganchos que ficavam nas paredes de ladrilho amarelo. Não se via nenhum dos odiosos. Quando chegou, agarrou a bolsa, deu a volta e entrou às carreiras no banheiro, que estava livre. Uma vez lá dentro, conseguiu respirar. Agora se sentaria no sanitário até que soasse de novo a campainha e o recreio terminasse. Isso significava, sem dúvida, que iria chegar uns minutos atrasado na ginástica. O professor Stuessom lhe daria uma bronca, mas ele preferia isso.

* * *

Doze

Quarta-feira 20 de Junho

JOHAN se encontrava no quarto, deitado na cama, e olhava fixamente para o teto. Acabava de ter uma longa conversa com sua mãe. Esta consistira em grande medida nas reclamações dela, que contava como tudo era difícil, enquanto ele fazia o possível para consolá-la. Além da dor e do vazio após o falecimento de seu marido, sua mãe começara a ter consciência de outras consequências da sua morte. As puramente práticas. Quando queimava um fusível ou a pia entupia, não sabia o que fazer. As finanças eram agora mais precárias, já não podia realizar, do mesmo modo, as mesmas coisas que fazia antes e precisava planejar para que as contas se enquadrassem. As visitas de familiares e amigos dos primeiros dias, após o falecimento, foram se espaçando com o tempo até desaparecer totalmente. Os conhecidos que viviam em casal, já não a convidavam tão frequentemente como antes. Bem, na realidade, não a convidavam mais. Ele tinha pena, mas não sabia de que maneira poderia ajudá-la a reorganizar a sua vida. Era frustrante. Só queria que a sua mãe ficasse bem.

Ainda não tivera tempo de enfrentar a sua própria dor pela morte do pai. O tempo imediatamente após fora absorvido por todas as questões práticas: sepultamento, inventário de bens, a papelada que se seguia. Sua mãe se mostrava apática, e como era o filho mais velho, seus irmãos se dirigiam a ele em busca de consolo. Cada um a sua maneira. Ficara totalmente dedicado a cuidar dos demais e em seguida o trabalho o ocupara muito, e não tivera o tempo necessário para a sua própria dor. Gostava muito de seu pai, com quem podia conversar de tudo. Precisava dele agora, para falar de Ema, quando se sentia tão confuso. Os remorsos o consumiam. Quem ele era na realidade? Estava tão frustrado que não seria capaz de encontrar alguém que estivesse livre, disponível? Que direito ele tinha de entrar na vida de Ema? Nenhum em absoluto. Ali existia um homem que vivia com Ema, que compartilhava o dia a dia com ela. Um homem, da mesma idade, que cuidava de sua família. O que ele mesmo faria se alguém tivesse seduzido a sua esposa e mãe de seus filhos? Matá-lo, quase certo. Ou, ao menos, deixá-lo ferido. Com sequelas para toda a vida.

Levantou-se e acendeu um cigarro, enquanto andava de um lado a outro pelo quarto. Pense se Ema, no fundo, ainda tivesse uma boa relação familiar, e se ela e seu marido só passassem uma época ruim? Não seria de estranhar depois de tudo o que aconteceu. Abriu o minibar e apanhou uma cerveja. Aqueles pensamentos o atormentavam à toda hora. Agora, e se Ema, realmente, não se sentia a vontade em seu casamento? E se estivesse em uma relação que estava morta? Morta e bem morta, de modo que nunca pudesse voltar a ser feliz com seu marido? Quem sabe as crianças estivessem sofrendo as consequências de que seus pais estivessem continuamente brigando. Más caras e irritação. Vozes furiosas. Broncas por pequenas coisas. Ambiente tenso em torno à mesa. O que ele sabia da situação? Ema não explicara nada. Se nem sequer se conheciam! Só haviam se visto umas poucas

vezes. Por que ela absorvia o seu pensamento daquela maneira? Estava assustado.

Precisava de ar. Amarrou os cordões dos tênis e saiu. Na rua, a gente, já com roupa de verão, dava voltas de um lado a outro e tomava sorvete, como se não existissem outras preocupações no mundo. Encaminhou-se até o porto dando um passeio. Passou ao lado dos barcos, a cada dia mais numerosos. Sentou-se à borda do molhe e olhou o mar, brilhante sob o sol. Aspirou profundamente a brisa fresca do mar. Que bem fazia a proximidade do mar...

No fundo, que sentido tinha a sua vida? Só fazia trabalhar. Os dias eram muito parecidos uns com os outros. Entregava reportagem após reportagem. Uma apreensão de drogas aqui, um roubo ali, um assassinato mais além. E assim ano após ano. Vivia em seu pequeno apartamento, via os seus amigos, saía para se divertir nos fins de semana. Pela primeira vez encontrara a uma mulher que o fazia vibrar de verdade. Que se deslizava por debaixo de sua pele. Que o fazia pensar.

As gaivotas gritavam. Viu entrar no porto um barco vindo da Península. Mais turistas alegres a caminho da maravilhosa ilha de Gotland. Por que não se mudava e vinha viver aqui, sem mais? Poderia começar a trabalhar no diário Gotlands Alehanda ou no Gotlands Tidningar. Sempre quisera escrever, mas não tivera oportunidade. Aqui poderia informar sobre outras coisas. Estar em contato com a gente. Pense em tudo o que precisam aqueles que moram em Gotland e compare com os residentes em Estocolmo: trânsito, filas, estresse, metrô... Tudo precisa andar a toda velocidade. Sem ir mais longe, na última vez que estivera em casa depois da primeira viagem à ilha, notara a diferença com toda a clareza. No momento em que descera do barco no porto de Nynäshan, acelerara o passo sem se dar conta. Sentia-se irritado nas lojas quando tinha de esperar. O estresse fazia parte das grandes cidades. As pessoas não se viam da mesma maneira que em Gotland, onde havia tempo para conversar e para ver os demais. A vida era mais pausada e mais agradável. Mais repousante. Além disso, sempre gostara muito de Gotland, com sua natureza e o mar tão próximo. E agora Ema. Seria capaz de se mudar por ela. Queria Ema? Não sabia. Teria que esperar para ver o que aconteceria. Sobretudo, tinham que se ver mais.

* * *

Treze

Quinta-feira 21 de Junho

O ZUMBIDO do torno de argila era o único ruído que se ouvia. Gunila Olsson estava sentada com as pernas abertas em uma simples cadeira de madeira, trabalhando, com um pé no pedal que controlava a velocidade do torno. Alto no princípio, quando começava com uma massa nova de argila, depois mais baixo. O sol do entardecer brilhava através das janelas que se abriam em uma das paredes. Era a véspera do solstício de verão, o dia com mais horas de luz do ano. Fora, os gansos ainda não tinham ideia de que fosse hora de se retirar. Andavam dando voltas, picotavam a grama e grasnavam em coro. Colocou outro monte de argila de Gotland no torno. Molhou as mãos no recipiente que tinha ao lado e deixou que os dedos pousassem com suavidade e precisão sobre a massa de argila, enquanto o torno dava voltas e mais voltas. A oficina estava cheia de prateleiras com cerâmicas: potes, jarros, pratos, tigelas, vasos. Nas paredes de madeira se viam restos de argila ressecada. Um espelho estava pendurado na parede. Empoeirado e manchado, era quase impossível se olhar nele.

Começou a cantarolar uma canção enquanto trabalhava. Esticou um pouco as costas e jogou outra vez a trança por cima do ombro. Só moldaria mais outro par de jarros. Depois pararia. O pedido que estava a ponto de terminar levava muitas semanas de trabalho duro, mas ia dar um bom dinheiro com o qual poderia se manter boa parte do inverno. Decidira tirar um par de dias livres durante o fim de semana em que se realizava o Midsommar, a festa do solstício de verão. O comemoraria tranquilamente com sua amiga Cecilia, que também era artista e vivia só. Há um par de meses que se saíam juntas. Conheceram-se em uma exposição de arte em Ljugarn na Semana Santa, simpatizaram e se tornaram boas amigas. Ia passar o fim de semana na casa de Cecilia, em Katthamarsvik.

Fazia muitos anos que Gunila não comemorava a festa de Midsommar na Suécia. No inverno passado retornara ao país depois de dez anos no estrangeiro. Quando estudava na Universidade de Arte e Desenho, Konstfack, ela conhecera Bernhard, um estudante de arte holandês, livre pensador e Indômito. Gunila interrompeu os estudos e foi com ele para Mauí, uma das ilhas do Havaí, para começar uma nova vida em liberdade e sob o sol. Moraram em uma comuna, trabalhando como artistas. A vida era perfeita. Mas tudo mudou quando ficou grávida. Bernhard largou-a por uma francesa de dezoito anos que o olhava como se fosse Deus. Gunila voltou para casa para abortar. Deprimida e sem amigos, se concentrara em seu trabalho. E foi bom. Participou de várias exposições nas que vendeu muito e agora o negócio estava encarrilhado. Além disso, havia feito novas amizades ultimamente. Cecilia era uma delas.

Os grasnidos dos gansos a retiraram de seus pensamentos. Gritavam alvoroçados. “Merda!”, resmungou para si, porque não queria interromper o trabalho justamente quando estava dando forma à parte superior do jarro. “Que merda estará acontecendo?”. Levantou-se um pouco e olhou pela janela. Os gansos estavam apinhados no pátio. Olhou para um e outro lado. Não notou nada estranho, e voltou a se sentar, decidida a terminar os dois últimos jarros. Quem sabe fosse uma sonhadora, mas sempre fora disciplinada. Os gansos se calaram e, de novo, o zumbido rítmico do torno foi o único som a se ouvir. Tinha o olhar concentrado na massa do torno. A forma do jarro já estava quase pronta. De repente se imobilizou. Algo havia se movido fora da janela. Ou alguém. Como se uma sombra tivesse cruzado. Ou era imaginação sua? Não estava certa. Parou o torno. Escutou, ficou esperando, sem saber com exatidão o quê.

Girou na cadeira com cuidado. Percorreu a oficina com o olhar. Até a porta. A porta que dava ao pátio estava entreaberta. Viu passar um ganso correndo. Isso a tranquilizou. Talvez não fosse mais que o ganso. Pisou de novo no pedal e o torno voltou a girar. O chão fez um barulho. Então soube que havia alguém ali. O espelho da parede atraiu a sua atenção. Era ali onde havia visto algo? Interrompeu de novo o trabalho e aguçou o ouvido. Estava com os cinco sentidos alertas. Afrouxou a pressão do pé sobre o pedal. Instintivamente secou as mãos no avental. Outro barulho. Havia mais alguém no aposento, mas não anunciara a sua presença. A loja profetizava perigos. A lembrança das duas mulheres assassinadas cruzou por sua cabeça, veloz como uma andorinha. Ficou quieta, incapaz de se mover. Então viu refletida uma figura no manchado espelho da parede. Sentiu um alívio infinito. Deixou escapar o ar que estava paralisado nos seus pulmões e tomou alento.

— Ah! É você, disse sorrindo. — Me deu um bom susto. Voltou-se para quem chegara. — Ouvi ruídos e pensei imediatamente nesse louco que anda por aí matando mulheres e...

Não teve tempo de dizer mais; a machadada a pegou em cheio na testa e jogou-a de lado e para atrás. Na caída levou o braço até o jarro que acabava de dar forma, e que ainda conservava o último calor de suas mãos.

* * *

Quatorze

Sexta-feira 22 de Junho

AO VER QUE GUNILA não atendia ao telefone na quinta-feira à tarde, nem no dia de *Midsommarafton* pela manhã, Cecilia se preocupou. Se bem que em algumas ocasiões, Gunila parecera meio amalucada como se estivesse nas nuvens, a verdade era que nas vezes que havia marcado anteriormente sempre fora pontual. Além disso, era madrugadora e dissera que sairia às oito de casa. Inclusive brincara que iria despertar Cecilia levando o café da manhã na cama. E por quê essa mulher ainda não ligara? Gunila dissera que ligaria na quinta-feira. Quem sabe estivera trabalhando e se deitara tarde. Cecilia sabia o que acontecia. Pois ela também era artista.

Cecilia já se encontrava na casa de Katthamarsvik, aonde chegara na tarde anterior, trazendo a comida e o vinho. Comeriam arenques com batatas ao meio-dia, e depois, à noite, iam jantar fatias de salmão grelhado. Nada de pistas de baile, nem reuniões e, o mais importante, sem mais ninguém. Só elas duas. Beberiam vinho e falariam de arte, da vida e do amor. Nessa ordem. Cecilia havia preparado um arranjo floral com uma decoração simples, flores e alguns ramos de bétula. Iam comer no exterior da casa, desfrutando da tranquilidade e do silêncio. O noticiário meteorológico do rádio anunciara tempo firme para todo o fim de semana. Onde estaria Gunila? Já eram mais de onze, e já ligara várias vezes, tanto para casa como para a oficina e o celular. Por que não respondia? Talvez tivesse ficado doente de repente, ou quem sabe se machucado. Poderia ter acontecido qualquer coisa. Os pensamentos se atropelavam em sua cabeça, enquanto preparava as coisas. Quando deu meio-dia, decidiu apanhar o carro e ir até a casa de sua amiga.

Gunila mora afastada de Katthamarsviken. Sua casa ficava no campo, na paróquia de När, a mais de 20 quilômetros. Cecilia dirigia o carro com um desassossego que aumentava a cada momento. Quando entrou no pátio, os gansos corriam enlouquecidos de um lado para o outro. Grasnavam histéricos. A porta da oficina estava encostada. Empurrou e entrou. A primeira coisa que viu foi o sangue. No chão, nas paredes, no torno. Gunila estava deitada de costas no meio da oficina, estendida no chão cobrindo a cabeça com os braços. O grito de Cecilia afogou em sua garganta.

* * *

Knutas olhou para a sua mulher com ternura. Ele acariciou a sua face, sardenta e bronzeada. Era a pessoa mais sardenta que havia visto em sua vida, e amava cada uma das suas sardas. O sol esquentava o chão, de maneira que as crianças poderiam correr descalças. A mesa alongada estava disposta com a fina porcelana de Rörstrand, com suas diminutas flores azuis, os guardanapos estavam alinhados com os copos e os talheres rebrilhavam. Os jarros de porcelana explodiam de flores dos

prados: margaridas, gerânios silvestres e papoulas. Os arenques já estavam dispostos em seus pratos: arenques com molho de mostarda, arenques com aguardente, arenques ao escabeche e sua própria especialidade doméstica, arenques ao Jerez, que queimava suavemente na língua. As batatas, que acabavam de serem levadas à mesa, ainda soltavam vapor em suas travessas. Suaves e brancas, cobertas com raminhos de endro que realçavam o sabor do verão.

O cesto do pão estava cheio de fatias crocantes, redondas e quadradas, e do elogiado pão plano de sua mãe. Havia gente que viajava a Gotland só para comprar esse pão, que era vendido na padaria de seus pais em Kappelshan. Olhou para o jardim, onde os convidados estavam terminando o arranjo floral que se erguia, alto e magnífico, no meio do gramado. As crianças ajudavam com entusiasmo. Vieram a sua irmã e seu irmão com as respectivas famílias. Seus pais e os seus sogros também se encontravam ali, além de alguns vizinhos e amigos. Sua mulher e ele haviam convertido em uma tradição o convite para comemorar o midsomaraftom em sua casa de veraneio.

Sentiu umas cócegas na mão. Uma joaninha subira até o seu pulso. Com um peteleco jogou-a no chão. A reunião do solstício de verão significava um parêntesis agradável na investigação dos assassinatos. Sobretudo, porque tinha a impressão de que estavam atolados. Era frustrante ver que não avançavam, enquanto o assassino talvez já estivesse planejando o crime seguinte. Knutas pensava que deviam se voltar para o passado na investigação. Havia discutido isso com Kihlgård. Seu colega deixara claro: estava convencido de que o assassino era alguém a quem as mulheres haviam conhecido recentemente. Claro, não era capaz de apontar nenhuma prova concreta que embasasse a sua tese. Algo consistente. Em troca, o comissário da polícia nacional não ficava atrás na hora de criticar o trabalho de seus colegas policiais de Visby. Kihlgård tinha ideias próprias sobre tudo, desde as pequenas rotinas diárias até como se desenvolviam a investigação e os métodos que utilizavam nos interrogatórios. Inclusive havia chegado a se queixar de que o café das máquinas da Comissaria era muito fraco. Bobagens. Agora o que deviam fazer era se concentrar na perseguição do assassino.

Mas hoje não. Precisava deste parêntesis. Passar umas horas agradáveis com a família e os amigos. Inclusive pensara em tomar um porre. A investigação teria que esperar até o dia seguinte. Então ia orientar os detetives para que investigassem o passado das vítimas. Voltou a assaltá-lo a inquietação, mas desapareceu quando sua esposa apanhou as garrafas de snaps gelado e as colocou na mesa. A boca se encheu de água. Cortou um pouco de queijo de Västerbottenost curado e o comeu. Em seguida fez soar o velho chocalho que usavam sempre para chamar à mesa.

— Vamos comer! Gritou.

Quando os convidados haviam se servido, levantaram seus copinhos de snaps e Knutas deu a boas vindas a todos brindando pelo verão. Justo no momento em que levava o copinho à boca, soou o celular que estava no bolso interior de seu casaco. Esticou a mão algo indeciso. “Quem poderia estar ligando agora, na metade da festa de midsomarafton?”, pensou irritado. “Só pode ser trabalho”.

A casa de veraneio do comissário ficava na parte mais alta de Lickershan, no noroeste de Gotland. Gunila Olsson, a nova vítima, morava em När, no sudeste. Knutas demoraria pelo menos uma hora e meia para ir de carro até lá. Passava da uma, no dia do solstício de verão mais quente em muitos anos. O termômetro marcava quase trinta graus. Pelo caminho apanhou Karin Jacobson e

Martim Kihlgård em Tingstád, onde moravam os pais de Karin. Ela havia convidado Kihlgård para a sua festa. O restante dos colegas da polícia nacional fora para Estocolmo, passar o fim de semana com as suas famílias. Kihlgård quisera ficar na ilha.

— Isto é precisamente o que precisávamos, Kihlgård comentou no carro, enquanto a paisagem coalhada de flores próprio do verão passava a toda velocidade ante a janela. — Precisava acontecer algo novo para que pudéssemos avançar. Estávamos bloqueados.

Kihlgård tivera tempo de comer uns pedaços de arenque e tomar uns copinhos de aguardente, e expelia vapores ao falar. Knutas ficou branco como o papel. Aproximou-se de uns contêineres que havia ao lado da estrada e freou. Saiu apressado do carro, abriu a porta de trás e tirou Kihlgård do veículo.

— Que imbecilidade você está dizendo? Ficou maluco? Gritou. Kihlgård ficou tão pasmado que não conseguiu reagir. O fez se defendendo.

— Tenho razão, e você sabe. Precisava acontecer algo. É claro que não íamos à parte alguma.

— O que quiser dizer, bastardo? Uivou Knutas. — Como pode dizer que está bem que uma mulher jovem tenha sido assassinada por um psicopata? Você também está ruim da cabeça?

Karin, que havia saído de dentro do carro, os separou. Conseguiu afastar Knutas que segurava Kihlgård pela gola da camisa. Dois botões haviam saltado pelo ar.

— Os dois ficaram loucos? Gritou. — Como podem se comportar assim? Não se dão conta de que tem gente olhando?

Os dois homens, muito corados, olharam com surpresa para a estrada. Do outro lado havia uma granja onde um grupo de pessoas vestidas para festa com coroas de flores na cabeça olhava para o carro policial e os dois homens enfurecidos.

— Que! Merda! Exclamou Knutas recuperando a compostura. Kihlgård ajeitou a roupa, fez uma leve inclinação dirigida ao público e se voltou a sentar em seu lugar.

Continuaram a viagem em silêncio. Knutas apesar de estar furioso, pensou que seria melhor deixar a discussão para outro momento. A frustração por não conseguir encontrar o assassino afetava a todos eles. Karin se sentou no assento do copiloto. Não disse nada. Knutas notou que estava descontente. Para evitar ouvir os comentários de Kihlgård, Knutas ligou o rádio. Desceu o vidro da janela. Um assassinato mais. Loucura. Outra mulher. Machadadas e calcinhas na boca. Quando iria acabar aquilo? Não haviam avançado nada na investigação. Nesse ponto, Kihlgård tinha razão. Ia se preparando mentalmente para o espetáculo que presenciariam em uns momentos. Deu uma olhar para o lado. Para Karin. Permanecia calada e olhando em frente.

— Em que pensa? Perguntou.

— Temos que prender o assassino. Já! Disse com determinação. — Isto vai assustar muito à gente.

A polícia já havia isolado o lugar quando chegaram à casa. Sohlnian e seus colegas estavam trabalhando para proteger as possíveis impressões. Estacionaram o carro no pátio de barro e se apressaram a subir pela empinada escada de pedra. Quando entraram na oficina, os três retrocederam instintivamente. Havia salpicos de sangue nas paredes, no chão, nas estantes. O aroma doce e pesado a cadáver fez com que cobrissem a boca com as mãos. Karin se voltou e vomitou na escada.

— Merda! Exclamou Kihlgård. — É o pior que vimos.

O corpo nu da mulher estava no chão, banhado em sangue, com profundas feridas no pescoço, ventre e músculos. Knutas obrigou a si mesmo a fazer um esforço para se aproximar do cadáver. Exato: na boca tinha uma calcinha branca de algodão. Karin apareceu no vão da porta e se apoiou no marco. Os policiais olhavam impotentes ao seu redor. Só havia uma entrada e era a porta pela qual eles mesmos haviam entrado. No chão se via um espelho quebrado. As peças brilhavam à luz do sol. Um monte de argila estava um pouco mais longe.

— Deveria estar sentada trabalhando, concluiu Knutas. — Veem a peça de argila que está no torno?

— Sim, respondeu Karin e se voltou para Sohlnian, agachado ao lado do corpo. — Há quanto tempo acha que ela está morta?

— Está totalmente rígida. Levando em conta isso e as manchas do cadáver, eu diria que está morta a pelo menos doze horas. Mas não muito mais. O corpo está ainda quente.

— Quem deu o aviso?

— Uma amiga. Cecilia Ångström. Ainda está aqui.

— Vou falar com ela, disse Knutas se levantando.

Vista desde fora, a casa de Gunila Olsson se mostrava muito grande para ser habitada por uma só pessoa. Era uma casa de pedra calcária de dois andares e parecia muito antiga. O comissário entrou na casa tentando não pensar na imagem violenta que fora obrigado a ver pouco antes. À mesa da cozinha estava sentada uma mulher jovem com o queixo enfiado no peito. As melenas longas e escuras ocultavam o rosto. Usava um vestido de verão claro e com ombreiras. Uma policial de uniforme estava sentada a seu lado, com uma mão entre as suas. Knutas cumprimentou; conhecia a sua colega só de vista. A mulher do vestido teria uns vinte e cinco anos, imaginou. Observou-a, estava com o olhar perdido. Tinha o rosto coalhado de lágrimas. Knutas se apresentou e se sentou em frente a ela.

— Pode me contar o que aconteceu?

— Sim. Gunila deveria a ir hoje para a minha casa. Havíamos planejado comemorar juntas o solstício de verão, em minha casa de veraneio em Katthamarsvik. Deveria chegar logo após o café da manhã. Como não ligava e não aparecera até o meio-dia, comecei a me preocupar. Não respondia em nenhum de seus telefones. Então decidi vir aqui de carro.

— Quando chegou?

— Deveria ser quase uma da tarde.

— O que aconteceu então?

— A porta da oficina estava aberta, assim entrei. A vi imediatamente. Estendida no chão. Havia sangue por todos os lados.

— O que fez?

— Saí, entrei no carro e fechei as portas. Depois que me acalmei, liguei para a polícia. Tinha medo e queria sair daqui, mas me disseram que ficasse. A polícia chegou dez minutos mais tarde, mais ou menos.

— Viu alguém?

— Não.

— Notou alguma outra coisa estranha?

— Não.

— Conhecia Gunila bem?

— Muito bem. Conhecemo-nos há um par de meses.

— A comemoração era somente das duas?

— Gunila terminava um pedido importante. Trabalhou muito nas últimas semanas e só queria um pouco de tranquilidade. A mim acontecia o mesmo. Por isso decidimos comemorar o solstício juntas.

— Quando falou com ela pela última vez?

— Anteontem. Deveria ter me ligado ontem à tarde, mas não o fez.

— Sabe se pensava em fazer algo diferente ontem ou ia se encontrar com alguém?

— Não. Tinha imaginado trabalhar todo o dia.

— Sabe onde vive mora a família? Seus pais? Seus irmãos?

— Seus pais já morreram. Tem um irmão, mas não sei onde mora. Com certeza, aqui em Gotland, não é.

— Tinha namorado?

— Não, que eu saiba. Não estava aqui há muito tempo. Havia morado no estrangeiro um monte de anos. Acho que voltou para a Suécia em janeiro.

— Entendi. Bem, chega por agora, concluiu Knutas, antes de dar uma palmadinha no braço de Cecilia Ångström e pedir a sua colega que a levasse ao hospital. — Depois conversaremos mais depois. Eu ligarei.

Saiu da cozinha e deu uma volta pela casa. Sentiu desânimo ao olhar pela janela. Nem um só vizinho à vista. A sala de estar era ampla e luminosa. Alguns quadros de cores alegres estavam pendurados nas paredes. Obras de pintores desconhecidos para ele. Subiu a escada e entrou no quarto. Uma cama de casal. Ao lado havia um outro quarto, este para hóspedes; estava vazio. Um estúdio, um amplo banheiro e uma salinha de estar. Não descobriu nada que chamasse a atenção. Ao menos, não à primeira vista. Nenhum dano ou destruição que pudesse notar. Sohlman se ocuparia mais tarde da casa, por isso teve o cuidado de não tocar em nada. O andar inferior era igualmente amplo e luminoso. Ao lado da cozinha havia uma sala de jantar grande com uma lareira. Outro quarto cheio de livros e uma cadeira de leitura. “Na verdade para quem vivia só, sobrava espaço”, pensou. A voz de Karin Jacobson interrompeu seus pensamentos.

— Anders, venha cá, gritou quase sem fôlego. — Encontramos algo.

* * *

Faltavam menos de cinco minutos para que terminassem as aulas. Depois da escola, iria diretamente para casa. Depressa. Depressa. Levava a chave pendurada em um cordão ao redor do

pescoço. Já que a única maneira de evitar os seus torturadores era conseguir uma vantagem muito grande para que não pudessem alcançá-lo, iniciou os seus preparativos vários minutos antes que terminasse a última aula. Começou a guardar suas coisas com cuidado. Fechou o livro sem fazer ruído. Em seguida, colocou o lápis em seu pequeno compartimento no interior da bolsa, a borracha no seu. Em todo momento manteve o olhar fixo na professora, que não podia notar nada. Fechou em silêncio o zíper da bolsa. Parecia-lhe que fazia tanto ruído que se ouvira em toda a sala. A professora tampouco notou algo desta vez. Comumente, o silêncio em aula era absoluto, a professora era severa e não tolerava que conversassem nem que se fizessem brincadeiras. Então se voltou de costas. Bem. Aproveitou para abrir a tampa da mesa. Só uma pequena abertura, o suficiente para poder colocar os livros dentro. Depois, a bolsa. Pronto. Notava as batidas do coração, rápidas e nervosas. Em breve tocaria a sineta. Sobretudo, se a professora não notasse nada antes. Lisa, que se sentava a seu lado, viu o que estava fazendo; mas não se importava. Ela fazia como os demais, o ignoravam. Exatamente como os outros covardes. Ninguém se atrevia a ser seu amigo, com medo de serem vítimas eles mesmos da turma dos odiosos.

* * *

Johan desligou o fone depois de falar com o seu informante em Nenäshan. Como ele conseguia saber de tudo tão rápido? Perguntava-se como o seu informante tinha tão bons contatos. Apanhou rapidamente o bloco, celular e canetas, e saiu às pressas do aposento. Havia cometido outro assassinato. Três em menos de três semanas. Era aterrador, incrível. Os redatores em Estocolmo queriam que fosse diretamente à casa de När e que informasse dali, por telefone, direto, para os noticiários *Aktuelt* e *Rapport*. Teria que conseguir o maior número possível de informações antes das emissões. Segundo a sua fonte, era tudo como nos dois assassinatos anteriores: uma mulher assassinada a machadas e com a calcinha enfiada na boca.

Ligou para Knutas enquanto esperava que Peter passasse pelo hotel para apanhá-lo. O fotógrafo fora a um dos muitos campos de golfe que havia em Gotland e ele o interrompera na metade do percurso. O comissário não atendia. Karin Jacobson, tampouco. O oficial de plantão, nada; pediu que ligasse para o chefe da investigação, quer dizer, Knutas. Merda. O oficial de plantão só estava autorizado a dizer que havia acontecido algo em uma casa em När. Mas se negava a precisar o quê. A polícia já estava no lugar e precisava trabalhar com tranquilidade. Johan, impaciente, acendeu um cigarro, enquanto olhava para a rua. Um repórter da redação central chegaria no próximo avião. Nos dias seguintes, ele cobriria a notícia para os informativos nacionais da cadeia pública da Televisão Sueca, enquanto que Johan continuaria trabalhando para a programação regional. Dessa maneira, achavam os chefes, poderiam oferecer diferentes pontos de vista sobre os fatos que aconteciam em torno do caso. Os repórteres dos informativos nacionais só apareciam quando a notícia era quente. Como agora, quando, de maneira tão incompreensível como inesperada, fora cometido o terceiro assassinato. Em condições normais, Johan se sentiria ofendido se não considerassem as suas reportagens boas para os seus programas. Mas naquele momento se alegrava. Se trabalhasse para todos os informativos, ficaria sem tempo para ver Ema. Como Peter estava demorando...

* * *

Karin parecia alterada. Seguiu-a até o pátio. Ao lado de uns arbustos, um pouco mais além, viu Sohlnian e Kihlgárd inclinados sobre algo. Correu até eles. Sohlnian apanhava um objeto do chão com uma pinça. Era alongado e de plástico. Observou-o de um e outro lado. O suor lhe corria pelas costas.

— Que demônios é isso? Grunhiu Kihlgárd.

— Um inalador para asmáticos.

— Gunila Olsson tinha asma? Perguntou Knutas. Seus colegas deram de ombros. Apressou-se a entrar na casa de novo. Cecilia Ångström e a policial uniformada estavam a ponto de sair.

— Sabe se Gunila sofria de asma?

— Não, acho que não... Respondeu Cecilia Ångström dubitativa. — Não, adicionou depois, mais segura. — Não poderia ser asmática. Estivemos em uma reunião há umas semanas na casa de uns amigos que tinham um cachorro e um gato. Gunila não comentou nada sobre isso.

— E você, é asmática?

— Não. Knutas regressou para onde estavam os seus colegas, voltados para ele em atitude expectante.

— Sim, anunciou. — Parece que sabemos algo novo sobre o nosso assassino. É asmático.

* * *

Johan não conhecia muito När, além de que era o lugar de origem do grupo musical Ainbusk Singers. Tentando chegar à casa de Gunila Olsson, Peter e ele acabaram na estrada que ia para o porto de Närhan, constantemente açoitado pelos ventos. O pequeno povoado pesqueiro lhe recordava a Noruega ou a Islândia. Um molhe entrava mar adentro. Nele, uma fileira de barracas dos pescadores. Redes e caixas de pescado de porexpan branco aos montes. Os barcos que não haviam saído para pescar estavam amarrados ao molhe. Viram ao longe um par de turistas que pedalavam com força em suas bicicletas em direção ao farol de Närsholmen. As ondas se sucediam a um ritmo que parecia prestabelecido. Johan desceu a janela do carro. O aroma de algas lhe trouxe recordações. Sentiu desejos de ir direito até a ponta do molhe e deixar que o vento o enchesse de energia. Ema rondava a sua cabeça e estava presa em seu coração, sua cabeça, seu sexo e seu estômago. Mas agora era um outro tipo de realidade que requeria a sua atenção. Peter deu a volta.

— Merda! Erramos o trajeto...

Depois de se confundir mais um par de vezes mais, por fim chegaram à casa. Se no porto o ar era violento, fora da casa da mulher assassinada não nem uma folha se movia. A polícia havia isolado uma área ampla e alguns curiosos, após interromper a celebração, se concentravam ao lado do cordão policial. Do povoado chegavam notas suaves de um acordeom. Os festejos do solstício de verão estavam em seu ponto culminante, a escassa distância do lugar do crime.

Depois de muito perguntar, Johan descobriu que Knutas havia saído da casa a só quinze minutos, da mesma maneira que Karin Jacobson. Dos policiais de Visby, eram os únicos com quem tinha boa relação. Ligou novamente para Knutas. Ele confirmou que uma mulher de trinta e cinco anos havia sido assassinada em sua casa. A hora exata que se tinha cometido o crime ainda não se sabia

com precisão. O policial não quis revelar nenhum detalhe sobre como a haviam assassinado.

Knutas sabia que os jornalistas descobririam a identidade da vítima, e pediu a Johan que não a tornasse pública, nem reproduzissem imagens dela. A polícia ainda não conseguira entrar em contato com os familiares. Johan teve tempo de falar com um rapaz que estava no monte de gente que havia se reunido fora do cordão policial antes da hora de emissão. Tratava-se de uma mulher que vivia ali sozinha. Teria uns trinta anos, conseguiu saber. Dedicava-se à cerâmica.

Faltavam uns minutos para as seis quando ligou para a redação da *Aktuelt* em Estocolmo. O colocaram em conexão com o estúdio e contou direto aos espectadores o que descobrira. Quando finalizou a conexão, pensou que devia tentar buscar material para a emissão seguinte. Haviam avisado que haveria uma roda de imprensa nas dependências da polícia às 21.00 horas. Então já deveria ter chegado o repórter das notícias nacionais e poderiam colaborar. Magnífico.

Peter ia dando voltas e filmando fora da área isolada. A polícia não dizia nada. Johan decidiu então falar com a gente que se encontrava no caminho de barro que havia fora da casa. Alguns haviam chegado ali de bicicleta, um par de jovens em uma motocicleta e se via algum que outro carro estacionado no caminho. A maioria era de vizinhos que haviam visto os carros da polícia ao redor da casa. Johan se aproximou de uma mulher de meia idade, de formas arredondadas, vestida com umas bermudas e camiseta colorida. Trazia um cachorro na corrente e estava sozinha, algo afastada do restante dos curiosos. Apresentou-se.

— Conhecia a mulher que morava aqui? Perguntou.

— Não, respondeu a mulher. — Pessoalmente, não. Escutei que foi assassinada. É verdade? É o mesmo tipo que assassinou as outras mulheres? A mulher continuava falando sem esperar resposta. — Isto é coisa de loucos, é como nos filmes. Não consigo acreditar que esteja acontecendo aqui.

— Como se chamava?

— Gunila Olsson.

— Tinha família?

— Não, morava só. Era ceramista. Trabalhava na oficina, aí ao lado. A senhora apontou uma construção baixa com grandes janelas dentro da área isolada.

— Tinha quantos anos?

— Entre trinta e trinta e cinco.

— Mora aqui próximo?

— Sim, moro mais além, seguindo o caminho.

— Boas relações?

— Bem, eu conheci a sua mãe quando viva, porque íamos ao mesmo grupo de costura, mas com a filha não tive muito contato. Cumprimentávamo-nos quando nos víamos, mas parecia que não queria conversar. Mantinha-se bastante afastada. Mudou-se para cá há relativamente pouco tempo. Pode ter meio ano. Viveu no estrangeiro muitos anos. Muito longe, no Havaí. Seus pais viviam em Ljugarn, que foi aonde ela nasceu. Morreram há vários anos, em um acidente de carro, quando Gunila estava no estrangeiro. E imagine, nem sequer veio ao sepultamento! Haviam perdido o contato quase todo, quando ela ficou adulta. Não queria usar o sobrenome deles. E quando ficou maior de idade, mudou o sobrenome pelo de Olsson, ainda que seus pais se chamassem Broströn. Sei que sua mãe passou muito mal então. Também tem um irmão, que vive na Península. Parece que

manteve o sobrenome Broströn. Acho que foi a moça quem deu mais problemas aos pais.

— Que tipo de problemas?

— Faltava muito à escola, se vestia de uma forma estranha e cada vez que a encontrava usava uma cor de cabelo diferente. O pai era pastor protestante. Suponho que deve ter sido especialmente duro para ele. Gunila era, como diria eu... Rebelde. Quando era jovem, quero dizer. Mais tarde foi para Estocolmo estudar na Escola de Arte, e em seguida só sei que foi para o estrangeiro.

Johan ficou atônito com sua interlocutora, que parecia uma agência de informações. Peter se juntara a eles, com a câmera ligada enquanto a mulher falava.

— Realizou um par de exposições na primavera passada, prosseguiu a mulher. — E creio que foi muito bem. Bem, a verdade é que fazia coisas muito bonitas.

A loquaz senhora acariciou o cachorro, que começava a se impacientar.

— Uf! Isto é espantoso. Já não nos atrevemos nem a sair de casa. Eu estive em uma de suas exposições e tentei falar um pouco com ela, mas não consegui. Apenas me cumprimentou.

— Sabe se tinha alguma relação?

— Não. Bem, agora que falou, ultimamente tenho visto por aqui um tipo que não conheço. Saio muito a passeio com o cachorro e o vi várias vezes.

— Ah, sim? Quando?

— A primeira vez há umas semanas. Passava por aqui uma tarde, e vi que saía da casa.

— Falou com ele?

— Não. Acho que não me viu.

— Pode descrevê-lo?

— Era alto e de cabelo muito ruivo.

— Que idade teria?

— Era jovem. Uns trinta, quem sabe. Em seguida, vi um homem um par de vezes, e estou quase certa de que era o mesmo.

— Quando?

— Voltei a ver a esse homem uma semana depois da primeira vez. Vinha da casa dela e descia andando pelo caminho. Parecia que tinha pressa, porque caminhava com rapidez. Encontrei-o no caminho e me fixei bem nele. Parecia elegante, bem vestido. Com certeza, não se trata de nenhum desocupado.

— E acha que tinha uns trinta anos?

— Sim, mais ou menos. Não posso afirmar. Johan sentiu que o pulso se acelerava. Era possível que aquela mulher tivesse visto o assassino.

— Sabe se tinha carro?

— Sim, um carro desconhecido tem estacionado aqui um par de vezes. Um Saab, muito velho. Não sei de que modelo, mas me parece que tenha mais de dez anos.

Johan terminou a entrevista e voltou ao carro para se dirigir à Comissaria, onde teria lugar a roda de imprensa. Ali se encontrou com o repórter das notícias nacionais, Robert Wiklander, que já havia chegado. Aktuelt ia transmitir direto. Em Gotland não havia nenhum equipamento celular e a equipe técnica necessária para transmitir direto, mas já saía uma de Estocolmo, que chegaria a tempo

para a emissão das nove. O que significava que Johan e Peter poderiam ir ao local da antiga redação a editar o seu material para as últimas emissões da noite. Depois ficariam livres, Notícias Regionais não eram emitidas nos dias festivos. Robert e o seu fotógrafo se encarregariam de cobrir a informação pelo resto do dia. Tinham prometido a Johan que no dia em que se celebrava o solstício de verão, ele ficaria de folga. Robert já havia trabalhado antes em Gotland e conhecia as condições. Prometeu não ligar para Johan no dia seguinte, salvo se fosse absolutamente necessário.

* * *

Mamãe venha. Está escuro. Mamãe me ajude. Chorava com a boca apertada contra o suave travesseiro. Repetia as mesmas palavras uma e outra vez. Fechava os olhos com tanta força que via figuras macabras se retorcendo em meio da negrura. Detrás de suas pálpebras se moviam vermes, serpentes de cabeças enormes e monstros que se agitavam por todos os lados. Estava deitado de lado, com os joelhos dobrados e abraçado ao travesseiro. O estômago doía como se tivesse dentro dele uma pedra. Mexia-se de um lado para outro. O travesseiro já estava molhado de lágrimas e de muco.

Eram quatro da tarde. Sua irmã estava na quadra e seus pais não voltariam para casa antes das seis. O dia fora mal de verdade. Pegaram-no no caminho da escola para casa. Fora demasiado confiado. Fazia tanto tempo que quase esquecera como era. Umas cócegas na boca do estômago, mesclada com uma pontada de esperança de que talvez a situação estivesse mudando. Haviam-no deixado em paz, não haviam se metido com ele durante todo o dia e, no recreio, um rapaz de outra turma inclusive falara com ele. Haviam marcado que trocariam figurinhas no dia seguinte. Quando cruzou correndo o pátio, depois de ter saído apressado, como sempre, após a última aula, os odiosos já estavam ali.

Cortaram-lhe a passagem. Tentou escapar. Foram mais rápidos. Agarraram-no e o arrastaram escada abaixo para fora do ginásio. Entre a entrada do ginásio e a escada havia um quartinho que não era utilizado, e ali o enfiaram. O pânico mergulhou-o nas trevas. Umas mãos fortes, secas e implacáveis lhe tampavam a boca. Notou o sabor salgado de suas próprias lágrimas que resvalavam entre os dedos e chegavam à sua boca. Dois deles o seguravam pelos braços, enquanto os outros o empurravam. Beliscaram todo o seu corpo, aranharam e morderam. A coisa ficava a cada vez pior. Quando um deles começou a desabotoar as suas calças, pensou que ia morrer. Uns braços fortes o agarraram e o obrigaram a ficar de quatro. Bateram na sua bunda com uma corda de pular. Açoites fortes e decididos. Eles se revezavam, de um em um. Todos queriam bater. Fechou os olhos e tentou pensar em outras coisas. O sol, o mar, os sorvetes italianos. Os dias de pesca com o avô. Eles continuavam incansáveis, enquanto cuspiam insultos. Vozes cheias de desprezo. Asqueroso, gordinho, bolão, porco... Ao fim de um tempo não conseguia mais respirar direito. A pressão sobre a boca era tão forte que lhe faltava o ar. Gritava sem que ouvissem. Aquele grito ficaria dentro do corpo para o resto da sua vida. Sentiu algo quente que lhe descia pelas pernas.

— Merda, ele se mijou, ouviu que alguém dizia.

— Vamos embora, decidi outro.

Soltaram-no e desapareceram correndo pela escada. Desabou sobre o chão de cimento. Não sabia quanto tempo permanecera assim. Por fim conseguiu se colocar de pé, apanhar as suas coisas e sair. Já

em casa, subiu para o seu quarto. Fechou a porta. Chorou e gritou alternadamente. Enfiou-se na cama. A bunda já havia começado a sangrar. Nunca batiam no rosto. Imaginava que era porque não queriam que se notasse. Em meio do seu desespero, se envergonhava. Deveria ser um monstro para que o submetessem a tudo aquilo. Não se atrevia a contar para alguém.

— *Mamãe! Gritava contra o travesseiro. — Mamãe!*

Ao mesmo tempo estava consciente de que, quando ela voltasse para casa, ele se comportaria como sempre. Então já teria secado as lágrimas e lavado o rosto. Além disso, beberia vários copos de água para se tranquilizar. Como em tantas outras ocasiões anteriores, sua mãe não notaria nada. Odiava-a por isso.

* * *

Para a roda de imprensa, a polícia local havia escolhido a maior sala de que dispunham nas dependências. Estava abarrotada. Agora, até a imprensa dos outros países escandinavos se interessaram pelo caso do misterioso assassino que colocara em xeque a polícia sueca. O chefe da investigação pediu à imprensa que ainda não revelasse a identidade da vítima. Nem todos os familiares foram informados. A polícia não havia conseguido entrar em contato com o irmão, que se encontrava fora navegando pela costa oeste. Não revelaram nada sobre o inalador.

Knutas nunca se sentira tão irritado. Estava morto de cansaço. Irritado por ter ficado sem a festa. Irritado por causa do novo assassinato. Irritado porque não haviam avançado nada na investigação. Várias vezes teve que pedir ajuda a seus colegas, para que respondessem às perguntas dos jornalistas. Sobretudo Karin Jacobson, mas também a Martim Kihlgård, que demonstrou ser firme como uma rocha naquela situação. Ele se sentia obrigado a defender o enorme trabalho que havia feito a polícia, apesar do absoluto fracasso à hora de prender o assassino. As palavras soavam ocas, mesmo em seus ouvidos. A imagem de Gunila Olsson morta ficara gravada em sua retina durante toda a roda de imprensa.

O grupo de jornalistas ali reunido fez o possível para pulverizar os argumentos policiais e criticar o trabalho realizado até o momento. Knutas às vezes se perguntava como os jornalistas conseguiam suportar a sua profissão; essa atitude sempre crítica; essa busca constante de enfrentamento; se concentrando sempre no negativo. Como conseguiam suportar a eles mesmos? De que falariam em suas casas durante as refeições? Da guerra no Oriente Médio? Da situação na Irlanda do Norte? Da união monetária? Da política tributária de Persson? De repente, sentiu um enorme cansaço. As perguntas zumbiam no ar como marimbondos irritados. Perdeu a concentração. Bebeu um copo de água e conseguiu se tranquilizar. Por último, os repórteres lhe solicitaram entrevistas individuais.

Ao cabo de duas horas, por fim, havia acabado tudo. Disse a seus colegas que não queria ser incomodado e se fechou em sua sala. Quando se sentou ante a sua mesa se sentia quase a borda do pranto. Deus Santo, uma pessoa adulta. Estava morto de cansaço, faminto e se dava conta de que só havia comido um pouco entre o café da manhã e o almoço, interrompido daquela forma tão brutal. Não era de estranhar que lhe doesse o estômago de fome. Telefonou para a sua mulher na casa de veraneio em Lickershan.

— Venha para casa, amor. Já há um bom tempo que os convidados se foram. A festa foi se estragando aos poucos. Sobrou um monte de comida. Eu vou fazer um bom prato de festa, e ainda temos cerveja gelada. O que você acha? Venha já. A voz suave de sua mulher o fazia se sentir como uma criança.

* * *

Johan respeitara o pedido da polícia de não tornar público o nome nem a fotografia da mulher assassinada, Gunila Olsson. Nem sequer disse que era ceramista. Quando terminaram o trabalho, Johan e Peter decidiram sair para dar uma volta, em que pese a que já passasse da meia-noite e estavam cansados. Depois de tudo, era a noite do solstício de verão, como assinalou Peter. Johan estava de acordo: Estivera tentando ligar para Ema e enviando SMS, sem receber resposta. Com certeza que estava fora, em alguma casa de veraneio celebrando a reunião do verão com a família. Não valia a pena insistir na tentativa. Aquilo não poderia funcionar de nenhuma maneira. A ausência lhe doía e só poderia se curar com álcool. Queria esquecer Ema, os assassinatos, a mãe deprimida... Sim, ao diabo com tudo. Dirigiram-se a um bar da parte baixa, no porto. Ali estavam comemorando, sem ter ideia do último assassinato, ou ao menos parecia isso. “A maior parte da gente tem coisas melhores para fazer na noite do midsomaraftom do que escutar noticiosos”, pensou Johan. No momento, eram felizmente ignorantes. Pediram uma cerveja cada um.

— Como está com Ema? Perguntou Peter.

— Ah, acho que não existe nada mais para fazer. Nunca funcionará.

— E você está apaixonado?

— Demasiado, provavelmente. Não sei. Nós nos temos visto muito pouco, mas ainda não conheci alguém como ela. É incrível, explicou, e sorriu.

— O que vai fazer?

— Não sei; a única coisa sensata a fazer é mandar tudo à merda, simplesmente. Mas não tenho vontade de falar disso agora. Hoje já tivemos mais do que o suficiente.

— Certo. Feliz verão, Peter brindou e engoliu de uma só vez a cerveja que restava.

Um par de moças jovens, com tops muito curtos, as barrigas à mostra e cabelo comprido, abriam passagem a cotoveladas, sorrindo para tentar chegar ao balcão. Lábios pintados e olhos faiscantes. Peter não perdeu tempo.

— Alô, meninas, o que vai ser? Elas cruzaram uma olhar de cumplicidade. Observaram Johan e Peter, flertando com suas pestanas espessas e encurvadas.

— Um copo de vinho, obrigado, responderam em coro.

Para Peter a noite foi mais divertida do que havia imaginado. Johan se esforçou para entrar no clima festivo, sem conseguir. Bebeu uma barbaridade. Quando o dia despontou, estava inclinado sobre o sanitário do seu quarto botando tudo para fora.

* * *

Quinze

Sábado 23 de Junho

EMA LIGOU no dia seguinte.

— Alô, sou eu.

— Alô, respondeu meio adormecido.

— Perdoe por não ter ligado, mas passei estes dias fora. E precisava pensar, adicionou.

A sonolência foi dando passagem à esperança, que aumentava gradualmente.

— Parece cansado. Acabou de acordar?

— Mmm.

— Mas são duas da tarde...

— Tão tarde?

— Temos que nos encontrar. Discutimos. Disse a Olle que precisava ficar só um tempo. Pelo menos, uns dias. Ele ficou com as crianças na casa de seu irmão em Burgsvik. Preciso vê-lo.

Parecia quase transparente. Apagada e encolhida. Como se tivesse diminuído de altura desde a última vez que se viram. Só estava ali, de pé. Com o nariz avermelhado e os olhos inchados. Arrastou-a para dentro.

— O que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Estou totalmente esgotada. Não sei se vou ou venho.

— Sente-se. O nariz de Ema escorria. Johan foi buscar papel higiênico. Sentaram-se na cama.

— A reunião foi horrível, disse ela. — Fomos para a casa do irmão de Olle. Pensei que tinha de me afastar de você, voltar para a vida normal. Distanciar-me. Lá tomamos banho, brincamos e fizemos churrasco à tarde. As crianças se divertiram muito, claro, com seus primos, os avós e tudo. Foi muito duro. Às vezes me sentia completamente vazia. Foi uma tensão enorme, porque todos se comportavam como se não tivesse acontecido nada. Faziam todas as coisas normais, já sabe. Preparar os filés, fazer café, jogar kubb, cortar grama... É como se quanto mais caótica me sinto por dentro, mais difícil fica enfrentar as coisas normais. Entende? Continuou sem esperar resposta. — Vai ficar ali uns dias com eles. Eu falei que tinha que voltar para casa. Para poder ficar só. Olle acha que é por tudo o que aconteceu. Que sofri algum tipo de comoção e é uma crise que superarei. Ligou para um psiquiatra e marcou uma consulta. Mas eu não acho que seja só isso. Não sinto assim. É como se já não tivesse mais nada para lhe dizer. Como se não tivéssemos mais nada em comum. Assoou-se várias vezes. — Não sei o que vou fazer. Não pode ser só por causa desta relação entre nós. Só nos vimos umas poucas vezes. Isto é uma loucura. Não sei o que me acontece, acho que estou ficando maluca.

— Nunca conheci alguém como você, mas não quero machucá-la, nem a você, nem a sua

família.

— A culpa não é só sua. Eu me coloquei nisso conscientemente. E por que o fiz? É porque para Olle e para mim não existe mais nada em comum, simples assim. Já não existe mais nada entre nós. Terminou. No fundo creio que não tem nada a ver com que tenhamos nos conhecido. De qualquer maneira, acabou a relação entre Olle e eu.

Começou a chorar. Johan a abraçou.

— Talvez devêssemos terminar. É isso o que quer?

— Não, não quero. Ficaram um tempo em silêncio. Johan lhe acariciava o cabelo. Abraçava-a. Sentia o calor de seu corpo. — Tenho que fumar um cigarro, disse Ema se levantando. Sentou-se na cadeira que estava junto à janela. — Tem algo para beber?

— Sim; o que quer?

— Uma Coca-Cola. Tem algum chocolate? Johan abriu o minibar e apanhou duas garrafas e um tablete de chocolate.

— E o que soube do último assassinato? Isto é como um pesadelo. Daqui a pouco não me atreverei nem a sair de casa. Quem foi assassinada? Já sabe?

— Uma ceramista; se chamava Gunila Olsson. Trinta e cinco anos. Pelo visto viveu no estrangeiro alguns anos. Morava sozinha. Era de Ljugarn. Sabe quem é?

— Não, não acredito. Por que mata precisamente a estas moças? Não me parece que haja algo em comum entre elas. Uma era casada e tinha filhos, outra morava com o marido e a terceira, sozinha. Uma morava em Estocolmo, a segunda em Visby e a outra no campo. Ema bebeu um pouco da Coca-Cola e acendeu um cigarro. — Uma trabalhava com computadores, outra era cabeleireira e a terceira, segundo você disse, se dedicava à cerâmica. Pergunto-me se não pertenciam a alguma seita estranha ou participariam em algum chat na Internet. Ou quem sabe tinham uma vida dupla. Não descobriu nada?

— Não, reconheceu envergonhado. — Não tive muito tempo para investigar.

Viu-se obrigado a aceitar que Ema tinha razão. Quanto havia investigado para conseguir novas informações? Não muito. Claro, esteve em contato com o seu informante e com outras pessoas da polícia, mas ele, pessoalmente, não havia feito nenhum esforço para descobrir respostas. Não era próprio dele. “Devia-se a Ema”, pensou.

— Suponho que andei pensando muito em você.

— E eu também, respondeu ela. — Penso em você a todo o momento. Sem interrupção. Aconchegou-se em seus braços. Juntos formaram um só corpo.

— Amo-a, murmurou Johan com seus lábios no cabelo de Ema. Era a primeira vez que amava uma mulher. — Sonho contigo, prosseguiu. — Quero viver ao seu lado. Ter uma casa aqui em Gotland. Cuidar de seus filhos e dos nossos. Cultivar nossas próprias batatas. Começou a rir e tomou a cabeça dela entre as mãos. — Imagine só, isso é algo que sempre desejei. Ter minha própria horta com batatas e só sair colhendo-as para o salmão no verão. Fazíamos isso na casa de veraneio na minha infância.

Ema se deu conta de que estava apaixonada quando voltava de carro para casa. Apaixonada até a raiz dos cabelos.

Karin Jacobson tinha razão. O fato de que tivesse acontecido um terceiro assassinato, no curso de umas semanas, assustara tanto aos habitantes de Gotland como aos turistas. Muitas mulheres já não se atreviam a sair de casa sozinhas. A alta temporada em Gotland começava a sério naqueles dias e duraria quase dois meses, até a Semana Medieval, na segunda semana de agosto. Em poucos dias acabariam as férias de verão para os estudantes, e os turistas regressariam à Península. Em finais de agosto a vida recobriria a normalidade, a não ser algum que outro veranista retardatário. Agora estavam em finais de junho, época de início da alta temporada. Contudo, os cancelamentos começavam a acontecer em agências de viagens, hotéis e campings.

A polícia de Visby e se via submetida a pressões vindas de todos os lados. No dia do solstício de verão, pela manhã, Knutas recebera ligações do chefe provincial da polícia, do encarregado do escritório de turismo, do secretário da indústria e comércio, do prefeito e da governadora. Isso, sem mencionar a conversa com o chefe da polícia nacional. A exigência comum era clara e simples: tinha que prender o assassino.

Os integrantes do grupo de investigação já haviam regressado à Comissaria de Visby e naquele momento todos estavam na sala de reuniões. Eram onze da manhã. Knutas havia convocado mais uma reunião. Estava agradecido aos meios de comunicação por terem respeitado o pedido de não revelar a identidade de Gunila Olsson. A polícia ainda não conseguira quase um dia depois de achado o corpo, entrar em contato com o irmão.

— Bom dia, cumprimentou Knutas. — Fico satisfeito que todos estão aqui. Bem, vamos aos fatos. A nova vítima é Gunila Olsson, de trinta e cinco anos de idade, que provavelmente foi assassinada no dia 21 à noite. Trabalhava como ceramista, ia muito bem, e morava só em När, em uma casa no campo. Não tinha filhos. Vamos começar com umas fotografias.

Apagaram as luzes e fecharam as cortinas negras das janelas, de modo que ficaram quase às escuras. As fotografias se sucediam enquanto Knutas falava. A maioria desviou o olhar com náuseas.

— Como está no relatório preliminar do legista, a vítima recebeu uma maior quantidade de golpes que as anteriores. As lesões inclusive têm um carácter diferente das que apresentavam as outras vítimas. Neste caso, o assassino agiu de um modo ainda mais bárbaro. Descarregou o machado de forma selvagem em todo o corpo; ainda é muito cedo para determinar o modelo exato do machado que utilizou. Não se trata de golpes limpos, alguns foram muito profundos, e nenhum dirigido aos órgãos sexuais. Nada aponta a que tenha sido estuprada. Do mesmo modo que das outras vítimas, colocou as calcinhas dela na boca. A arma empregada não foi encontrada, mas encontramos algo no lugar do crime que pode ter pertencido ao assassino.

A foto do inalador apareceu na tela.

— Isto é um inalador para asmáticos, esclareceu o comissário. — Estava jogado no pátio, fora da oficina. A vítima não sofria de asma, nem a sua amiga. Claro, pode pertencer a qualquer outra

pessoa, algum vizinho ou algum conhecido. As indagações porta por porta na área estão em marcha. No inalador foram encontradas impressões digitais, que estamos analisando, para vermos se coincidem com alguma impressão do arquivo de criminosos. No momento, não se encontrou mais algo digno de menção no lugar do crime. E quando ao passado da vítima, nasceu em Visby. Há vinte anos a família se mudou para Ljugarn. Nos últimos dez anos, Gunila viveu no Havaí, em uma ilha do arquipélago que se chama Mauí. Voltou para a Suécia este ano, em janeiro, e comprou a casa de När, provavelmente com o dinheiro que herdou de seus pais após o seu falecimento. Os pais morreram em um acidente de trânsito há seis anos. Quem sabe vocês se lembrem, foi um acidente na saída de Lärbro, onde um ônibus bateu num um carro e cinco pessoas morreram. Foi no inverno e na estrada havia gelo. Duas das vítimas eram crianças.

Ouviu-se um murmúrio dos policiais locais que se lembravam do fato.

— Os pais de Gunila Olsson eram os ocupantes do carro. Família Broströn. Quando completou a maioridade, Gunila adotou o sobrenome Olsson, que era o de solteira de sua avó. Pelo visto não se dava bem com os pais. Alguma pergunta até aqui?

— Sabe se foi assassinada na oficina? Perguntou Wittberg.

— Sim, tudo aponta para isso.

— Descobriu-se algo novo sobre a relação entre as vítimas? Inquiriu Norrby.

— Alguma informação Kihlgård? Perguntou Knutas, com um olhar desafiador ao seu desafeto.

— Hum. O grupo de em Estocolmo levantou alguns detalhes. Duas moraram em Estocolmo. Frida, toda a sua vida e Helena, desde que tinha vinte anos. Ultimamente, as duas residiam no bairro de Södermaln. Na realidade moravam muito próximas uma da outra. Helena Hilerströn dividia um apartamento com o seu noivo, Per Bergdal, na Rua Hornsgatan e Frida Lindh morava com a sua família na Rua Brännk Erkagatan. Não tinham amigos comuns, mas levantamos uma coisa: as duas eram clientes da Friskis & Svettis. Têm uma academia em Hornstul, que ambas frequentavam. Helena Hilerströn nas quintas e sábados, enquanto que Frida Lindh normalmente ia às segundas e quartas, inclusive um que outro sábado. Pode ser que se conhecessem dali. Falamos com o pessoal da academia e mostramos fotos das vítimas; reconheceram as duas. Interrogamos todos os monitores, homens e mulheres. Até agora não apareceu nada de estranho. Ninguém tem relação alguma com Gotland, a não ser que a maioria já esteve aqui nas férias, claro.

— Pois não é grande coisa o que levantaram, comentou Sohlman com sequidade.

— Não obstante, achamos que o assassino pode ser em Estocolmo e que na capital é aonde podemos encontrar alguma relação, prosseguiu Kihlgård imperturbável. — Gunila Olsson também foi várias vezes a Estocolmo durante a primavera. Numa antiga loja, Gamla Stan, vendia suas peças de cerâmica.

— Admitamos a hipótese de que o assassino seja de Estocolmo, interveio Karin Jacobson. — Ainda assim, a questão é: por que matou estas mulheres em Gotland?

— Seja pelo que for, respondeu Knutas, — Temos que indagar mais a respeito. Penso em viajar amanhã para Estocolmo. A polícia nacional e a de Estocolmo já estão nisso, mas quero ir lá pessoalmente. Ao menos, um par de dias. Proponho que Karin me acompanhe.

— Certo, concordou ela.

— Bem. Kihlgård, enquanto isso você ficará à frente aqui. Alguém precisa investigar o que fizeram Jan Hagman e Kristian Nordströn durante o fim de semana. Investigaram o seu passado e que relações têm em Estocolmo? Temos que aprofundar mais essas questões. Imediatamente. Norrby

e Wittberg podem se ocupar disso. Não me fio no do tal Hagman. Também quero que voltem a levantar as circunstâncias que envolveram a morte de sua mulher. Aí pode ter gato. Teremos que trabalhar vinte e quatro horas por dia. Não podemos permitir que o assassino volte a agir.

* * *

Dezesseis

Domingo 24 de Junho

NO DIA SEGUINTE, Knutas e Jacobson foram para Estocolmo. Tomaram um táxi do aeroporto até a Comissaria de Kungsholmen. O sol era abrasador, com quase trinta graus de temperatura. Quando se aproximavam de Norrtul, o trânsito se intensificou. O ar vibrava pelo calor e a contaminação dos tubos de escape. Knutas se impressionava com o trânsito cada vez que visitava a capital. Ainda que fosse um domingo de verão, os carros avançavam a passo de tartaruga. Cruzaram a ponte de Sankt Eriksbron, atravessaram a rotatória de Fridhemsplan engarrafada pelo trânsito e com inumeráveis semáforos no vermelho, e entraram na Rua Hantverkargatan indo até a Praça de Kungsholmstorg.

Kungsholmen era imponente, sempre lhe parecera. Com os edifícios de Landstingshuset (A Câmara Provincial), Stadshuset (A Prefeitura) e Rådhuset (O Tribunal). Knutas se lembrou de que alguém lhe contara que Rådhuset fora construída pelo arquiteto que ficara em segundo no concurso para decidir quem ia construir a prefeitura de Estocolmo, em princípios do século XX. O ganhador foi Ragnar Östberg, seguido de Carl Westman; em lugar da prefeitura, Westman construiu Rådhuset na Rua Scheelegatan. Para o comissário, o edifício parecia, pelo menos, tão elegante quanto o da prefeitura. Por trás ficava a Comissaria Central da Polícia. Iam a uma reunião nas antigas dependências policiais, em um bonito edifício amarelo rodeado pelo verde de um parque.

“Muita diferença, comparado com o nosso”, pensou Knutas enquanto subiam bufando a suntuosa escadaria de pedra, debaixo de um sol escaldante. Havia retirado o casaco e olhava com inveja as pernas nuas de Karin. Se pudesse usar saia! As dependências policiais estavam tranquilas um domingo de verão como aquele. Somente algumas pessoas, poucas, trabalhando em algumas salas. Notava-se que haviam começado as férias. Reuniram-se em uma sala com vista para o parque, com o Chefe de Polícia e um grupo da polícia nacional.

Após a reunião almoçaram em um agradável restaurante enfrente do tribunal, Rådhuset. Em seguida, foram de carro junto com o comissário da polícia judicial, Kurt Fogestan, até o bairro de Södermaln em que Helena morara. O edifício era quase no final da Rua Hornsgatan, muito próximo da água e das antigas piscinas de Liljeholmsbadet, uns tubos verticais flutuantes, construídos sobre pontilhões dentro do lago. Ameaçados de fechamento muitas vezes, ainda continuavam ali. Na esquina das Ruas Hornsgatan e Långholmsgatan ficavam as dependências da Friskis & Sveltis. “Então é aqui aonde vinha a se manter em forma”, pensou Knutas. Quem sabe foi ali que conheceu o seu assassino.

O apartamento ficava no último andar do edifício. Como não cabiam todos no vetusto elevador, Karin Jacobson se ofereceu para subir pelas escadas, o que foi um notável alívio para os notáveis cavalheiros. O edifício estava bastante maltratado. Detrás de uma porta tocava música pop a todo volume. Após outra, as notas débeis de piano. “Por que esta gente fica em casa em um dia de verão tão bonito como este?”. Perguntou-se Karin. Per Bergdal, ainda de licença, abriu a porta após um par de batidas. Custou a reconhecê-lo. Estava bronzeado e com muito bom aspecto. Cumprimentou-os seriamente.

— Entrem.

O apartamento contrastava radicalmente com a deteriorada entrada do edifício. Era amplo e luminoso, com os tetos altos e um chão de parquet que brilhava com a luz do sol. Desde a janela, em diagonal, se viam as águas da Baía de Árstaviken. A cozinha, ampla e moderna, estava ligada com a sala de estar. A geladeira, o freezer e extratora de sucos eram de aço inoxidável. As paredes estavam cobertas com azulejos decorados. “Bela coqueteleira”, Knutas notou. Um bar alongado, com banquinhos altos de ambos os lados, separava a cozinha da sala de estar, mobiliada com poltronas de pele e uma mesa cuja tampa era de mosaico corrido. Um elegante equipamento de música, de marca exclusiva, ocupava uma das paredes. Na mesma parede, em cima, havia uma bela estante de bétula repleta de CDs. Com certeza, Per Bergdal tinha gostos caros.

— Vou diretamente ao ponto, começou Knutas. — Como já deve saber, foram assassinadas três mulheres em Gotland. Nos três casos, o modo de agir foi semelhante. Acreditamos que se trate do mesmo assassino. Estamos aqui para procurar pontos de contato que possam existir entre Helena e a segunda vítima, Frida Lindh. Frida Lindh morou aqui, em Södermaln, concretamente na Rua Brännk Erkagatan, até a um ano, quando ela e sua família se mudaram para Visby. Seu marido é de Gotland. Tanto Frida como Helena frequentavam o local que Friskis & Svettis tem aqui em Hornstul. Perguntamo-nos se chegaram a se conhecer lá. Se lá foi onde conheceram o seu assassino.

Knutas fez uma pausa e olhou com atenção para Per Bergdal. Parecia chocado.

— Quer dizer que o assassino é daqui, de Estocolmo?

— Sim, é uma boa possibilidade. Sabe com quem Helena se encontrava quando ia à academia?

— Bem... Respondeu como que duvidando. — A maioria das vezes ia com um par de amigas que moram próximas aqui. Não sei se encontrava com outras. Não me lembro de alguém em especial. Sei que às vezes falava de gente à qual havia visto. Gente com quem havia falado. De forma ocasional chegou a se encontrar com algum antigo colega de trabalho, mas alguém com quem começasse a se relacionar, não acredito. Podem perguntar às amigas com as quais fazia exercício. Talvez saibam melhor...

— Sim, faremos isso. Já ouvira antes o nome Frida Lindh?

— Não.

— Aconteceu algo mais antes da morte de Helena? Algo que quem sabe tenha reparado somente depois...

— Não faço outra coisa além de pensar em Helena e em quem pôde tê-la assassinado, mas não me ocorreu nada. Só quero que o prenda. Para que este horrível pesadelo se acabe de uma vez.

— Fazemos tudo o que podemos, declarou Knutas.

— Existe uma coisa que preciso lhe mostrar, encontrei ontem no desvão. Um momento.

Per Bergdal se levantou, para voltar em seguida com uma caixa de papelão. Abriu a tampa e apanhou um monte de papéis.

— Não sei se isto terá algum interesse para vocês, mas, de qualquer maneira, eu tinha razão neste ponto.

Entregou o monte de papéis a Knutas, que os folheou. Eram cartas de amor e mensagens. Correios eletrônicos dirigidos a Helena Hilerström, que ela havia copiado e guardado.

— A caixa estava escondida no fundo do desvão. Dentro de um armário velho. Por isso não a encontrara até agora. Meu irmão se mudou para uma casa maior e queria o armário. Subi para dar uma olhada, para ver se havia algo guardado nele. Então encontrei esta caixa.

Os correios eram de quatro anos atrás. Foram escritos durante o período de um mês aproximadamente. Outubro. “Um romance outonal”, Knutas pensou, e um romance ardente, a julgar pelas cartas. O remetente era Kristian Nordström. Então era verdade. A questão era por que Kristian Nordström se negara peremptoriamente a reconhecer que tivesse havido algo entre Helena e ele, apesar das vezes que haviam perguntado no interrogatório. Era incompreensível. Ligou para Kihlgård e pediu que detivesse imediatamente Nordström para interrogá-lo de novo. Maldisse a si mesmo por não ter ficado em Visby. Gostaria muito de ter se ocupado pessoalmente daquele interrogatório. Mas as coisas eram como eram. Eles se encontravam em Estocolmo, e o melhor que poderiam fazer era se dedicar a resolver os temas pelos quais haviam ido ali. Tampouco era verdade que a aventura com Nordström adicionasse algo a investigação. Levaram a caixa com as cartas.

Depois de anotar os nomes e os números telefônicos das amigas que iam com Helena à academia, se encaminharam para Friskis & Svettis. Em que pese que fizesse um calor de verão e que eram ainda três da tarde, ali dentro reinava uma atividade febril. Dirigiram-se à recepção, ampla e luminosa, cruzando adiante de uns bancos debaixo os quais havia inumeráveis pares de sapatos. Através de uma vidraça puderam ver na academia umas trinta pessoas bronzeadas, que davam saltos ao ritmo de música latina, dirigidas por uma jovem atlética, sem nenhuma gordura, de malhas justas. Chegou ante a recepcionista, uma mulher ruiva de uns quarenta anos, de bom aspecto, que usava uma camiseta branca com o logotipo da empresa estampado no peito. Knutas se apresentou, apresentou os seus colegas e pediu para falar com o gerente.

— Sou eu, disse a ruiva.

— Estamos procurando alguém que possa nos dar informações sobre duas mulheres que frequentaram este local, explicou Knutas. — Foram assassinadas. Conhece alguma delas? Perguntou ao mesmo tempo em que apanhava um envelope do bolso interior do casaco, de onde tirou duas fotografias. — Esta é Helena Hilerström, a primeira vítima. A mulher deu uma olhada na fotografia e negou com a cabeça.

— Não, não a conheço. Vi a foto na imprensa. Por aqui passa tanta gente... Também depende de quando fazia exercício. Pode ser que seus horários não coincidiram com o meu horário de trabalho. Knutas mostrou a fotografia de Frida Lindh. A expressão de seu rosto mudou.

- Sim, essa eu conheço. Frida. Frida Lindh. Vem há vários anos.
- Costumava vir aqui sozinha?
- Sim, creio que sim. Quase sempre.
- Conhecia-a bem?
- Não. Costumávamos nos falar às vezes, quando nos encontrávamos aqui. Nada mais.
- Sabe se se relacionava com alguém aqui?
- Não, não acredito. A maioria das vezes vinha só. Muito de vez em quando vinha acompanhada.
- Por um homem ou por uma mulher?
- Acho que se tratava de alguma amiga, que eu lembre.
- Obrigado.

Do restante dos empregados, nenhum trouxe nada de novo. A maioria conhecia as mulheres assassinadas, mas não se lembravam de nada especial delas. Uma hora mais tarde saíram do local, com SHE BANGS de Rick e Martin zumbindo nos seus ouvidos.

* * *

A parte da muralha denominada Nordergravar ficava do outro lado da estrada, vista desde a escola, bem na parte exterior da área norte. Aquele dia era sexta-feira e havia se ausentado da aula chamada de “A hora divertida”, com a desculpa de que tinha que ir ao dentista, mas havia se esquecido de levar a justificativa escrita. Aquilo lhe dava a possibilidade de sair da escola antes que os demais. A professora acreditou e lhe deu permissão para sair. Parecia incrível que ela não tivesse notado nada. Não sabia o que os demais estavam lhe fazendo ou fazia como se não soubesse? Não sabia o que pensar.

Quando deixou a escola para trás, se sentiu aliviado. Quase feliz. Faltava pouco para as férias de verão, e então a turma se dispersaria. Ia começar o ciclo superior em uma escola que ficava do outro lado da cidade e com isso tiraria de cima quem o atormentava. Pensava em comemorar dando a si mesmo um prêmio. Vira uma nota de dez coroas caída no chão debaixo de uma cômoda em casa. Apropriou-se dela. Compraria umas guloseimas. “E não umas guloseimas quaisquer”, pensara em seguida. Dirigiu-se até a loja de guloseimas que havia na Rua Hästgatan, próximo da Praça Stora Torget. Era um estabelecimento antigo, com grandes pirulitos de caramelo que ficavam pendurados nas janelas. Entrar nela era uma das coisas que mais gostava. Quando a sua irmã e ele eram pequenos, iam ali com seu pai nos sábados; agora apenas eles iam. Seu pai se distanciava deles à cada dia, ficando mais calado e mais brusco à medida que os filhos cresciam.

A loja o fascinava e começou a correr por Nordergravar. Escolheu aquele caminho porque lhe parecia divertido. Chegava a se imaginar nas batalhas medievais entre suecos e dinamarqueses, aonde o combate ia até a última gota de sangue. Enquanto corria, subindo e descendo entre os montículos, se esquecia de sua horrível vida cotidiana. Encontrou um pedaço de pau comprido e começou a brandi-lo no ar. Fazia como se fosse um daqueles guerreiros que lutaram ao lado do monarca sueco contra o dinamarquês, Valdemar Atterdag, que conquistou Gotland e transformou a ilha em uma província da Dinamarca no século XIV. Estava tão concentrado em sua brincadeira que não notou as quatro figuras que o estavam observando do alto de um dos montículos. Dando um grito todas ao mesmo tempo,

desceram correndo do montículo e se lançaram sobre ele. Não tinha escapatória. Fora surpreendido e não pôde dar nem um pio.

— *Belo susto, eh, gordinho? Gritava a pior de todas, a líder, enquanto as outras riam com malícia e o seguravam pelas mãos.*

— *Não vai se mijar outra vez, não é? Teremos cuidado para que não molhe as calças, se não vai irritar a mamãe. Não, não vai fazer isso. Divertia-se e, para o seu horror, agarrou-o pelo cinto e o desafivelou.*

Quando começou a desabotoar os botões da calça, ficou histérico. Aquilo era quase o pior que poderia lhe acontecer. Tentou se soltar com todas as suas forças, deu chutes, gritou. Não conseguiu. Com gesto triunfal, a líder lhe arriou as calças. Sentiu vergonha quando o seu ventre e pernas ficaram nus. Tentou morder as mãos que o seguravam.

— *Olha gordinho, é hora de você começar a perder peso. Você está ouvindo? A líder puxou as cuecas e também as arriou. — Que pinto tão pequeno! Gritou e as demais riram àsgargalhadas.*

A humilhação queimava como o fogo e se sentiu preso do pânico. Fechou os olhos e gritou com todas as suas forças até que notou que lhe metiam algo na boca e sentiu o cheiro de suas próprias cuecas. A líder e uma das odiosas a apertavam dentro de sua boca.

— *Assim se calará de uma vez, gritou a líder lhe fechando a boca com força para que as cuecas ficassem lá dentro.*

Achou que ia se afogar. Faltava-lhe o ar e chutava desesperado sob as suas mãos. Tudo ficou negro. Ao longe ouviu uma voz.

— *Deixe-o. Solte-o. Não consegue respirar. Soltaram-no e ouviu como desapareciam.*

Permaneceu um tempo estendido com os olhos fechados, pois podiam se arrepender e voltar. Quando por fim se atreveu a levantar, não sabia quanto tempo estivera estirado naquele buraco. As cuecas e as calças estavam ali ao lado. Vestiu-se rapidamente. Quando meteu a mão no bolso das calças, descobriu que a nota de dez coroas havia desaparecido.

* * *

Os pais de Helena Hilerströn moravam em uma área residencial para gente aposentada, em Stocksund, ao norte de Estocolmo. Karin Jacobson e Anders Knutas haviam decidido ir até lá pessoalmente e falar com eles. Hans e Agneta Hilerströn estavam em casa e o pai disse por telefone que seriam bem-vindos. Nenhum dos dois estivera antes em Stocksund e admiraram aquelas casas enormes rodeadas de amplos jardins. Passaram pela Baía de Värtan, com suas águas resplandcentes. Os vizinhos de Danderyd, bem vestidos, davam uma volta pelo passeio marítimo. A casa dos Hilerströn, de princípios do século, se encontrava em uma colina e estava rodeada de um jardim enorme. Viram parte do edifício através do cerca alta de lilases. O pai de Helena lhes abriu a porta. Um homem alto, esguio, com pouco cabelo, aspecto saudável e muitas rugas no rosto bronzeado e

sério.

— Bom dia, cumprimentou algo formal. — Entrem.

Entraram no vestíbulo, que tinha um teto de imponente altura. Umhas colunas marcavam a suntuosa escada de madeira que se dirigia ao andar superior. Karin suspirou interiormente. Que casa! Do vestíbulo podiam ver parte da sala e várias saletas de estar com grandes janelas corridas que davam para o jardim. Em seguida apareceu Agneta Hilerströn, também alta e delgada, com o cabelo cinzento e um corte estilo pajem que lhe assentava muito bem. Sentaram-se em uns cômodos sofás no salão. Sobre a mesa havia umas xícaras de café e uma bandeja com doces. “São doces de coco”, constatou Knutas colocando um na boca. Que estranho, este tipo de doce, de alguma maneira, não encaixa neste ambiente. São doces que somente fazemos no aniversário dos gêmeos...

— Sabemos que já falaram com a polícia em várias ocasiões, mas queria falar com vocês pessoalmente. Eu dirijo a investigação em Gotland. No momento, não temos nenhum suspeito, mas no curso da investigação foram aparecendo certas informações que quero discutir com vocês. Está bem?

— Claro, responderam os dois à vez, olhando-o com curiosidade. Knutas tossiu.

— Bem, sem rodeios: Descobrimos que sua filha manteve uma relação amorosa com um de seus professores no instituto. Um professor de ginástica que se chama Jan Hagman. Sabem do assunto? Foi o homem quem respondeu, com um tom de voz que parecia resignado:

— Sim, sabemos. Helena nos contou passado um tempo. Porque ficou grávida desse canalha. Só tinha dezessete anos. Hans Hilerströn endureceu a expressão; esfregava as mãos.

— Grávida? Knutas repetiu, com as sobrancelhas levantadas. — Isso nós não sabíamos.

— O assunto foi escondido. Abortou. Nós a proibimos que voltasse a vê-lo. Falamos com o diretor e Hagman teve que sair. Conseguiu trabalho em outra escola, em algum lugar lá por Sudret. O tipo era casado e tinha dois filhos. O porco teve a coragem de ligar para a nossa casa. Dizia que amava Helena. Que degenerado... Tinha o dobro da idade dela. Estava disposto a largar a sua família e se encarregar de Helena e da criança. Ameacei-o de morte se voltasse a tentar entrar em contato com ela.

— O que aconteceu com Helena? Interveio Karin.

— Ficou muito deprimida no princípio. Havia se apaixonado por aquele idiota e se enfureceu conosco porque não a deixávamos vê-lo. Acreditava que não a compreendíamos. O aborto tampouco foi uma experiência agradável. Ficou triste muito tempo depois daquilo. Fizemos uma viagem às Antilhas para que se afastasse de tudo. No outono, começou o terceiro ano. Teve altos e baixos a princípio, mas se recuperou bem rápido. Helena sempre esteve rodeada de amigos, e com certeza isso foi muito importante, concluiu pensativo.

Seguiu-se uma longa pausa. Tanto Knutas como Jacobson se sentiam oprimidos; a história era muito dolorosa. Em uma das paredes estava pendurado um retrato grande de Helena com o marco dourado, uma fotografia de quando terminou a universidade. Aparecia sorridente, e o cabelo longo e escuro emoldurando o rosto. Partiu a alma de Knutas quando o viu. Era muito triste que seus dias tivessem terminado assim. Quebrou o silêncio.

— Como era a relação que tinham com a sua filha?

— Não era totalmente isenta de problemas, respondeu Hans Hilerströn. — Quando ficou adulta, deixou de falar conosco de coisas importantes. Ficou mais fechada. Não com os demais, só conosco. Não entendíamos o porquê.

— Tentaram descobrir a que se devia?

— Não, diretamente não. Pensamos que passaria com o tempo.

— Pelo que sei, continuaram mantendo a sua casa de veraneio em Gotland e ainda tem familiares na ilha. Sabem se Helena em alguma ocasião voltou a encontrar Jan Hagman?

— Não, que nós saibamos, respondeu Hans. — Nunca mais voltamos a falar do assunto. Então, pela primeira vez, a mãe falou:

— Eu tentei falar com ela várias vezes. De como se encontrava e de como se sentia. Disse-me que havia superado. Ela mesma compreendeu que era impossível prosseguir naquela relação. E quando a criança, disse que aceitara o aborto. Com certeza, não conseguiria se encarregar da criança. Nem queria tampouco. Via mais como algo ruim que tinha que tirar de cima. Como uma doença. Tremiam-lhe os lábios.

— Como era a relação de Helena e Per? Perguntou Karin.

— Era boa. Estavam juntos há muitos anos e eu tinha a impressão de que ele estava profundamente apaixonado por ela. Que fosse suspeito do assassinato no princípio foi muito duro para nós. Acho que Helena era tudo para ele. Casar-se-iam, com certeza... Se não tivesse acontecido isso, disse a mãe com voz afogada.

— Sabem se alguma vez, durante o tempo que estive com Per, teve alguma outra relação? Tiveram alguma crise em algum momento? Ao fim e ao cabo, ficaram juntos muitos anos.

— Não, não sabemos nada disso. Sempre diziam que iam muito bem, quando perguntávamos. Não é? Agneta Hilerströn olhou para o seu marido como que o interrogando.

— Sim, nunca soube de que tivessem algum problema, ele confirmou.

— Descobrimos algumas coincidências entre a segunda vítima, Frida Lindh, e Helena. Entre outras, que as duas frequentavam a academia Friskis & Svettis em Hornstul. Ouviram falar de alguma pessoa que ela conheceu ali? Ambos negaram com a cabeça.

— Por que não falaram antes a história com Jan Hagman? Perguntou Knutas.

— Não acreditávamos que tivesse importância, respondeu o pai. — Foi há tanto tempo... Acha que Hagman pode ser o assassino de Helena?

— Não podemos descartar nada. E tudo o que tenha a ver com Helena é de sumo interesse para a polícia. Existe alguma coisa a mais do passado de Helena que não nos contaram?

— Não, negou Hans Hilerströn. — Não creio.

— E algo mais recente, tampouco?

— Não.

O comissário se perguntava como foram realizados os interrogatórios anteriores do casal Hilerströn. Como era possível que nada daquilo fora descoberto no princípio? Decidiu discuti-lo mais tarde com Karin. “Se todos os interrogatórios foram assim incompletos, nos veremos obrigados a refazê-los um por um”, pensou irritado. Doía-lhe o estômago. Era hora de saírem.

— Bem, é tudo por agora. Helena ainda conservava seu quarto aqui na casa?

— Sim, no andar de acima.

— Podemos dar uma olhada?

— Sim, claro. A polícia já o inspecionou, mas claro, podem vê-lo se quiserem.

Hans Hilerströn os guiou pela soberba escada. O andar superior tinha os tetos tão altos quanto o de baixo. Cruzaram um corredor amplo e luminoso, depois uma sala de estar de onde Knutas vislumbrou uma varanda, e fora, a intermitência do mar. Havia lareiras por todos os lados. O quarto de Helena era espaçoso; com janelas altas que davam ao jardim. Notava-se que fazia tempo que não era utilizado. Havia uma cama antiga de madeira, com cabedal alto colocado em um canto; ao lado, uma mesinha de cabeceira. Junto a uma das janelas havia uma mesa, tipo secretária, uma cadeira giratória antiga e algumas estantes com livros. Hans Hilerströn os deixou trabalhar tranquilos e fechou a porta. Revistaram as gavetas, as estantes e os armários sem encontrar nada de interesse. De repente, Karin assobiou. Detrás de uma fotografia da casa de veraneio de Gotland, o papel estava solto. Ao separá-lo, apareceu outra fotografia.

— Olhe isto.

Nela se via um homem em um barco de grande calado, um transporte de passageiros. Provavelmente o transporte de Gotland. Estava na coberta, com o vento lhe alvoroçando o cabelo e o céu azul às suas costas. Sorria feliz ao fotógrafo, com uma mão metida no bolso da calça. Era Jan Hagman, quase vinte anos mais jovem e com outros tantos quilos a menos que a última vez que o viram.

— Olhe, disse Karin. — Só alguém que acaba de se apaixonar pode mostrar um rosto de entusiasmo tão ridículo. Com certeza foi Helena quem tirou a foto.

— Ficaremos com ela, decidiu Knutas. — Venha, vamos embora.

Foi um alívio sair daquela casa deprimente e entrar em pleno verão. Os jardins ofereciam um espetáculo magnífico, algumas crianças brincavam na rua, fora da casa, e em um gramado, algo mais além, estavam preparando um churrasco.

— A história com Hagman terá que ser investigada mais cuidadosamente. Teremos que verificar de novo o seu álibi. Não disse nem meia palavra sobre o aborto. Por que se calou? Por que iria querer matar Helena? Gostava dela, segundo parece. E por que tantos anos depois? Teve um acesso de ciúmes? Viu-a com seu novo noivo e ficou maluco?

— Parece inverossímil, admitiu Karin. — E já se passaram quase vinte anos desde que tiveram aquele romance. Por outra parte, por que matar agora a mulher dele? Por que não o fez então?

— Sim, eu me pergunto isso também. E o que isso tem a ver com a morte de Frida Lindh? E com a de Gunila Olsson?

— Não pode estar relacionado com Hagman, reflexionou Karin. — Pode ser que estejamos nos equivocando. Todas as vítimas têm relação com Estocolmo. O assassino, de fato, pode estar aqui em algum lugar.

— Talvez tenha razão, admitiu Knutas. — Bem, já são mais das sete e meu estômago está clamando a gritos. Amanhã falaremos com os pais de Frida Lindh e daremos uma olhada naquela loja antiga, a Gamla Stan, onde vendiam a cerâmica de Gunila Olsson. Agora o que preciso é de um trago forte e um bom prato de comida. O que acha?

— Soa bem, sorriu Karin Jacobson lhe dando uma palmadinha no ombro.

Wittberg bateu à porta da sala de Kihlgård e entrou sem alento agitando um papel.

— Fizemos uma lista com as pessoas chegadas à vítima e que sofrem de asma. Olhe só, disse, deixando o papel sobre a mesa de Kihlgård, — Aqui estão os nomes e sobrenomes de todas as que têm asma ou sofrem de outras doenças do tipo alérgico.

Kihlgård leu a relação, onde apareciam vinte nomes. Tanto Kristian Nordströn como Jan Hagman figuravam nela.

— Hum, murmurou olhando para Wittberg. — Vejo que Nordströn é asmático. Knutas acabou de me informar que teve relações com Helena Hilerströn.

— Não brinque! Recentemente?

— Não, há uns anos. Quero que dois de vocês vão até a casa de Hagman e outros dois à casa de Nordströn. Sem prévio aviso. Quero pegá-los de surpresa. Interroguem-nos ali mesmo. Consigam um inalador. De cada um deles.

* * *

Estavam sentados, um à frente do outro na mesa da cozinha. As xícaras do café estavam sobre a mesa. As crianças continuavam no campo, em casa de seus primos. Olle havia voltado a Roma, para falar com Ema. Havia inquietação em seus olhos enquanto observava sua esposa do outro lado da mesa. Ao mesmo tempo, não conseguia ocultar a sua frustração.

— O que está acontecendo? Perguntou.

— Não sei. Ele alçou a voz:

— Está muito estranha há várias semanas, Ema. Desde que Helena morreu. O que está acontecendo?

— Não sei, repetiu impassível.

— Merda! Não pode ficar aí só dizendo que não sabe, gritou irritado. — Não quer abraços, nem mimos, não temos relações íntimas há um monte de tempo. Tento ajudá-la falando de Helena, mas tampouco é isso o que quer. Afasta-se de mim e das crianças; vai para a cidade e deixa a minha mãe cuidando dos pequenos a cada dois por três. Pode se saber o que está acontecendo? Outro homem?

— Não, respondeu com presteza ocultando o rosto entre as mãos.

— E que diabo quer que eu pense? Gritou Olle. — Não é a única que sofre, sabe? Também eu conhecia Helena. A mim também me parece horrível o que aconteceu. E estou chocado, claro, mas você não pensa mais do que em você mesma. De repente, Ema explodiu.

— Então mandamos tudo isto à merda e nos separamos! Gritou. Ao fim e ao cabo, já não temos nada em comum! Levantou-se correndo, desapareceu no banheiro e fechou a porta.

— Nada em comum! Tronou Olle. — Por todos os demônios, temos dois filhos! Dois filhos pequenos! Você também não dá à mínima! Tampouco significam algo para você?

Ema se sentou sobre a tampa do sanitário e abriu a torneira do lavabo no máximo para não

ouvir as acusações de seu marido. Apertou com força os dedos contra os ouvidos. Não sabia o que pensar. O que ia fazer? Era impensável contar sobre Johan. No momento, não. Não poderia ser. Mas, ao mesmo tempo em que ficava com Olle, a consciência a atormentava. Estava presa em uma armadilha. Ao cabo de uns minutos, fechou a torneira. Voltou a se sentar na tampa do sanitário. Permaneceu ali durante um bom tempo. Sua vida estava um caos. Alguém havia matado a sua melhor amiga. O assassino poderia ser inclusive algum conhecido seu. Não era a primeira vez que pensava isso, mas lhe parecia demasiado espantoso que fosse verdade. O que sabia das pessoas que a rodeavam? Que escuros segredos se escondiam atrás as portas de cada casa? O assassino havia feito em pedaços a sua tranquilidade habitual. A que poderia se agarrar? Continuou pensando. Sim, só havia uma pessoa no mundo em que confiava plenamente. Olle. Se havia alguém que sempre havia se sacrificado por ela, era o seu esposo. Que sempre tinha tempo para escutar, que se levantava no meio da noite para preparar um chá quando tinha pesadelos, que se ocupou dela na gravidez. Que limpou os seus vômitos quando ficou doente do estômago e lhe secou a testa quando deu à luz a seus filhos. Que a amou quando chorava e o nariz escorria, quando teve varicela ou quando sofria com a menstruação. Esse era Olle. Que diabos estava fazendo? Levantou-se decidida e lavou o rosto. O silêncio do outro lado da porta era total. Abriu-a sem fazer ruído.

Não estava ali. Entrou na sala de estar. Tampouco. A casa estava imersa no silêncio. Subiu a escada e olhou no quarto. Estava ali, deitado. De bruços, abraçado a um travesseiro. Tinha os olhos fechados como se estivesse adormecido. Deitou-se a seu lado e o abraçou. Encheu o seu rosto de beijos.

— Amo-o, sussurrou Ema.

* * *

Tinha ante si, sobre a mesa, um sem fim de notas escritas a mão. Em algumas inclusive havia pintado figuras. Johan havia escrito tudo o que sabia sobre os três assassinatos. E começara a tentar montar o quebra-cabeças. Primero, Helena. A reunião. A briga. O assassinato na praia. O machado. Kristian. Per, o noivo. Seguiu da mesma maneira com as outras. Quando terminou, colocou os papéis em três montes. “Que nexo comum existe entre estes três montes?”. Perguntou-se. Frida Lindh esteve com um homem na noite que saiu com as amigas. Por que não havia se dado a conhecer? Isso poderia significar que tinha algo a ver com o assassinato. Salvo que tivesse viajado ao estrangeiro, claro. Em um papel escreveu: Frida + homem 30-35. Em seguida, o homem se esfumou. Desapareceu como por arte de magia. A vizinha de Gunila Olsson com quem havia falado mencionou a presença de um homem na casa de Gunila. Tinha também uns 30-35 anos e era atraente. Em outro papel escreveu: Gunila + homem 30-35. E quando a Helena, pelo que parecia havia se divertido com Kristian na reunião, na noite antes que a assassinaram. Kristian tinha trinta e cinco anos e bom aspecto. Em um papel escreveu: Helena + homem 35 = Kristian.

A polícia havia interrogado várias vezes a Kristian, de modo que sem dúvida ele tinha um bom álibi para a noite do crime; do contrário, estaria preso. Contudo, era o mais suspeito. Seria o homem que apareceu no Munkkälarem na noite em que Frida Lindh foi assassinada? Como era possível então que nenhum dos garçons nem os clientes o reconhecessem? Deveriam reconhecê-lo. Certo que viajava muito para o estrangeiro, mas ainda assim... Ainda que, pudesse se disfarçar... Agora bem, que

motivo poderia ter para fazer isso? Levantou-se e começou a preparar a que ia a ser a sua terceira cafeteira aquela noite. Eram quinze para a meia-noite. Bocejou. Esforçou-se para focar as coisas de alguma outra maneira. Se prescindisse de Kristian, o que restaria então? Os chefões da polícia local estavam em Estocolmo. O que significava aquilo? Provavelmente seguiam alguma pista nova que ele desconhecia. Havia tentado puxar algo de Knutas antes que partisse, sem resultado. Ema tampouco pudera se lembrar de algo mais relativo à Helena. Apesar de que se conhecessem desde a escola. O desejo se apossou dele. Ema. Sua imagem da última vez que se viram... A luz se filtrando através de seus cabelos quando estava sentada na cadeira, pálida, ao lado da janela. Sua maneira de ser o tinha enfeitiçado. A força que havia nela lhe assustava e ao mesmo tempo o atraía. Pensou em ligar, mas se deu conta de que era muito tarde. Apoiou a cabeça sobre os de papéis e adormeceu.

* * *

Os jovens saíram da festa quando ela estava no auge. Havia reservado o restaurante da praia em Nisseviken para aquela noite e a pista de baile estava repleta de jovens. A música estava nas alturas. No balcão, os copos eram servidos um atrás do outro. O ambiente era de absoluta loucura. Era noite de domingo, a última de um fim de semana destinado à farra. Carolina sorria para Peter, que a levava pela mão até a praia.

— Louco... O que está fazendo? Peter se dirigia até as cabines da praia que eram alugadas durante a temporada turística.

— Vem, vem aqui, disse beijando-a no pescoço.

Os dois estavam alcoolizados. E alegres. Dentro de um par de dias se separariam. Carolina iria para os Estados Unidos estudar e a ele aguardavam onze longos meses de serviço militar em Boden. Tentavam aproveitar o tempo que restava. Iam dando tropeções pela praia. Peter puxava à jovem atrás dele ao mesmo tempo em que a ia beijando na nuca. Suas mãos se aventuraram debaixo do vestido, enquanto que seus corpos enlaçados seguiam adiante, se afastando da praia e da gente. Eram quase três da madrugada. Já havia amanhecido e com certeza muitos casais iriam à praia e procurariam encontrar um lugar mais afastado. Quando chegaram perto do quebra-mar viram uma cabine solitária um pouco mais além.

— Vamos até lá.

— Está louco, é muito longe para ir andando, protestou Carolina. — E pode ter alguém ali...

— Vamos ver!

Segurou a mão de Carolina e apresaram o passo sobre as pedras da beira da praia. Confirmaram que a cabine estava abandonada. Parecia que estava há muito tempo sem ser utilizada.

— Ótimo. Vamos entrar, decidiu Peter. Um cadeado enferrujado era a única coisa que os impedia.

— Tem um grampo?

— Está certo disso?

— Claro, aqui poderemos ficar tranquilos todo o tempo que quisermos.

— E se vier alguém?

— Bah! Isto está completamente fechado. Com certeza que por aqui não vem ninguém há anos, respondeu Peter enquanto trabalhava freneticamente para abrir o cadeado com o grampo.

Carolina se pôs na ponta dos pés e tentou olhar para dentro através da única janela que havia na parte de trás. Uma cortina azul-escuro protegia o interior de olhares indiscretos. “Isto veio a calhar”, pensou ela muito animada. A excitação de Peter era contagiosa. Aquilo parecia realmente emocionante. Fazer amor em uma velha cabine abandonada...

— Pronto.

A porta se abriu com um rangido. Deram uma olhada. A cabine tinha só um aposento. Havia um banco de cozinha de madeira, uma mesa caindo aos pedaços e uma cadeira. As paredes estavam amarelas de pura sujeira, e frias. Um velho calendário do supermercado ICA estava pendurado em um prego. Cheirava a humidade e a fechado. Encantados, estenderam o casaco com capuz de Peter no chão.

Já estavam dormindo há horas quando Carolina despertou com vontade de urinar. No princípio não tinha ideia de onde se encontrava. Em seguida se lembrou. Sim, claro. A festa. A cabine. Liberou-se dos braços do rapaz e conseguiu, não sem dificuldades, se levantar. Sentia-se mal. Saiu da cabine tropeçando e urinou. Depois se lavou no mar claro e frio. Agora acordaria Peter. Perguntou-se como iam voltar para casa. Estavam longe, em uma área despovoada. Tremendo de frio, voltou a entrar. Peter estava estendido no chão com uma manta velha em cima. A mesa estava coberta por uma toalha vermelha com manchas secas de café. Havia uma garrafa térmica no chão. Apesar de a cabine parecer em desuso, Carolina teve a sensação de que alguém estivera ali recentemente. Tinha frio depois de sua rápida ablução. A manta que cobria Peter parecia muito fina. Ao mesmo tempo, tinha vontade de deitar, para tentar dormir um pouco, e ver se passava o mal-estar que sentia. Olhou ao seu redor procurando algo para se cobrir e se deu conta de que o banco tinha uma tampa que se poderia abrir. Levantou-a. Ali tinha um embrulho com roupas, ou melhor, vários embrulhos. Apanhou um daqueles andrajos e olhou. Era um jersey e tinha grandes manchas do que parecia ser sangue seco. Começou a pegar na roupa com cuidado. Uma saia, um top, uns jeans também com sangue seco, um sutiã rasgado, uma correia de cachorro... Começou a se sentir mareada. Sacudiu Peter até que ele acordou.

— Olhe o que tem dentro do banco!

Peter se levantou morto de sono e observou toda aquela roupa. Arrancou o banco da mão dela, apanhou o celular e ligou para a polícia.

* * *

Dezessete

Segunda-feira 25 de Junho

GAMLASTAN, o bairro antigo de Estocolmo, tinha uma grande semelhança com Visby. Este pensamento sempre assaltava Knutas quando visitava a capital. Apreciou o ambiente. Muitos dos belos edifícios com adornos de ferro nas fachadas e esculturas sobre os pórticos eram do século XVII, quando a Suécia era uma grande potência na Europa e Estocolmo conhecia um grande desenvolvimento. As casas eram muito próximas umas a outras e lembravam como era povoada a capital naqueles tempos. As estreitas ruas pavimentadas se bifurcavam desde o centro histórico da cidade, a Praça Stortorget, como os braços de um polvo. Agora, Gamla Stan era cheio de restaurantes, cafés e pequenas lojas que vendiam antiguidades, artesanatos e, naturalmente, uma infinidade de bugigangas. O bairro de Gamla Stan e Visby tinham muitas coisas em comum. A influência alemã fora muito grande nas duas cidades durante a Idade Média. Os alemães haviam dominado ambas por igual e deixaram sua marca nos edifícios e nos nomes das ruas. Também Gamla Stan fora rodeada por uma muralha defensiva, demolida no século XVII para dar lugar aos muitos edifícios que se construíram então. Do outro lado do muro que dava para a rua de paralelepípedos podiam ser vistos pequenos oásis verdes e jardins em flor, como em Visby.

Anders Knutas e Karin Jacobson foram até a Rua Österlånggatan. Ele gostava era da Rua Västerlånggatan, mais comercial. Ao longo de Österlånggatan havia mais galerias de arte, lojas de artesanato e restaurantes. Lá também ficava a loja que vendia a cerâmica de Gunila Olsson. Na vitrine estavam expostos alguns objetos de cerâmica. Uma campainha tilintou quando abriram a porta. Não havia clientes. A dona era uma mulher elegante de uns sessenta anos. Knutas se apresentou, apresentou a sua colega e explicou o motivo da visita. A senhora mostrou um gesto de preocupação.

— Foi horrível o assassinato. Absolutamente incompreensível.

— Sim, concordou Knutas, E neste momento o mais importante é apanhar o assassino. Estamos seguindo várias pistas, uma delas aqui, em Estocolmo. Segundo eu entendi, esta loja vende a cerâmica de Gunila. Há quanto tempo?

— Só uns meses. Tinha boa saída. Vi suas peças em uma exposição em Gotland no inverno e gostei delas. Tinha talento. Os clientes pensavam o mesmo. Vendia suas peças quase no mesmo momento que as recebia. Estes vasos são muito apreciados, explicou apontando um vaso alto e amplo com numerosos furinhos, que se destacava em sua própria estante.

— Gunila contou algo de sua vida particular? Perguntou Knutas.

— Não. Era muito reservada. Não tivemos muito contato pessoal. No geral nos falávamos apenas por telefone; da entrega dos pedidos outras pessoas se encarregavam. Gunila esteve aqui na

primavera, e eu fui vê-la em Gotland há apenas duas semanas.

— O que aconteceu nessa ocasião?

— Eu me hospedei em um hotel de Visby e fui visitar vários artistas. Um dia fui até a sua casa e foi muito agradável. Almoçamos juntas e estive em sua oficina.

— Não notou nada estranho?

— Não. Nada em absoluto.

— Comentou algo sobre novas amizades, algum namorado, quem sabe?

— Não, ainda que, um rapaz tenha passado por ali. Estávamos almoçando naquele momento, e ele foi embora porque não queria atrapalhar quando ela tinha visita. De qualquer maneira, me cumprimentou amavelmente e conversamos um momento, antes que saísse.

— Lembra-se do seu nome?

— Henrik. Lembro muito bem porque meu irmão se chama assim.

— E o sobrenome?

— Isso não disse.

— Pareciam amigos íntimos?

— Não sei, é difícil saber. Entrou um momento apenas. Deu-me a impressão de que morava próximo dali, quem sabe fosse um vizinho.

— Como o descreveria? Perguntou Knutas.

— Era da mesma idade que Gunila. Alto e bem parecido. Cabelo escuro e forte, com uns olhos especialmente bonitos. Verdes, creio eu. “Dá gosto conversar com os artistas; que capacidade de observação eles têm”, pensou Knutas.

— Observou algo mais?

— Bem, sim, me pareceu que se tratava de um vizinho, mas não era de När, porque falava com acento de Estocolmo. Nenhum acento de Gotland.

Soou o celular de Knutas. No outro extremo, com voz alterada, Kihlgård informava que uns jovens haviam encontrado a roupa das mulheres assassinadas em uma cabine em Nissevikken. Knutas concluiu em seguida a conversa e agradeceu à mulher. Já na rua, informou a Karin a descoberta das roupas.

— O melhor será que voltemos o quanto antes, dispôs Knutas. — De qualquer maneira, já conseguimos quase tudo o que queríamos daqui.

Uns par de horas mais tarde se achavam sentados em um avião de volta a Visby.

* * *

Dormira mal. Ema teve a sensação de ter acordado muito cedo. Deu uma olhada no relógio. Eram cinco e meia. A seu lado estava Olle, que parecia dormir profundamente com a boca aberta. Levantou-se e foi ao banheiro. Sentada no sanitário enquanto urinava, a imagem de Johan passou por sua cabeça, mas rejeitou-a no mesmo instante. De agora em diante tudo iria bem entre Olle e ela. Abriu a torneira da ducha e gostou da água que resvalava sobre o seu corpo. Envolveu-se em uma toalha de banho e foi se deitar ao lado de Olle. Com a cabeça junto à dele. “Claro que o amo”, pensou, ao mesmo tempo em que a sombra da dúvida não a deixava em paz. “Mas se...”. Como estava farta dela mesma! Tantas hesitações, tanta insegurança... Por quê não conseguia se decidir de

uma vez por todas? Sentou-se para olhá-lo. Ali estava, ignorante de que o estava olhando. Nu e indefeso como uma criança. Constatou que já não estava apaixonada por ele. Talvez tivesse acabado. Só pensar lhe dava vertigem. O pai de seus filhos. Mas acaso estar apaixonado era o mais importante de tudo? Ela havia feito uma promessa para a vida toda. Amá-lo nas alegrias e nas tristezas. Nas alegrias e nas tristezas. E se não havia mais alegrias?

Percorreu com o olhar a testa e as pálpebras de Olle. Perguntava-se o que se esconderia ali dentro. O que ele pensaria. E as crianças. Seus dois maravilhosos filhos. Como pais, tinham uma responsabilidade infinita. E ela mesma? Quem era ela para estar disposta a sacrificar tudo de uma maneira tão irresponsável? Que implicava riscos. Era uma temeridade. Como era capaz? Não se tratava só de Olle e Ema. Tratava-se do futuro de toda a família. Do futuro das crianças. Ao mesmo tempo, a sua paixão por Johan fazia que subisse e descesse como um barco em alto mar.

Levantou-se, foi à cozinha e acendeu um cigarro. Seis e quinze. À merda não fumar em casa. Teria tempo de ventilá-la antes que chegassem as crianças. Os pensamentos se modificavam a cada tragada. Era melhor esperar. Aceitar a sua confusão interior. Não precisava tomar nenhuma decisão agora. Melhor deixar passar um tempo. Deixar passar o tempo... Já não tinha forças para continuar pensando em sua caótica vida sentimental. De repente soou o celular. Apanhou-o da bolsa e apertou a tecla dos SMS:

“Não posso dormir. E você?/Johan”.

Saiu fora, à escada, e ligou. Ele atendeu imediatamente.

— Alô? Uma labareda vermelha de paixão passou através do seu corpo, indo da cabeça ao estômago, dos braços para os dedos..

— Alô, sou eu.

— Alô. Eu senti a sua falta.

— Eu também.

— Quando poderemos nos ver?

— Não sei. Ele está aqui. Conversamos. Hoje vai voltar com as crianças. Estão na casa do irmão de Olle, em Burgsvik. Os avós também estão lá.

— Então poderemos nos encontrar...

— Não sei. O que quer dizer?

— Se o seu marido vai sair, você ficará sozinha. Posso ir aí.

— Aqui? Não, isso não. Não podemos nos encontrar aqui, em nossa casa.

— Então, você poderá vir aqui?

— Não tenho vontade de andar por aí com medo de que alguém me veja.

— Sinto tanto a sua falta! Preciso vê-la. Ema teve uma ideia. Insensata, claro, mas que demônios.

— Bem, olhe, tenho que ir à casa de meus pais na ilha de Farö um dia destes. Não tem ninguém lá. Meus pais estão fora, tiraram umas longas férias, e prometi dar uma passada por lá. Pensei em levar a minha amiga Viveka e ficarmos uns dias. Mas gostaria muito de ir consigo. Vou ficar maluca se continuar em casa. Realmente tenho que ir. A casa se encontra bem ao lado do mar. É um belo lugar.

— E a sua amiga?

— Não tem nenhum problema. Com certeza poderá ir mais tarde. Falarei com ela. Bem, o certo é que já sabe algo de você.

— De verdade? Sentiu calor nas faces. Não pôde evitar se sentir lisonjeado. — Parece maravilhoso, mas não posso ficar mais de um dia. Agora tenho muito trabalho, com o último assassinato, mas essa noite com certeza eu posso ir. E poderei voltar ao trabalho um pouco mais tarde amanhã. Mas esta tarde não estarei livre antes das seis.

— Não importa. Posso ir antes.

Ema entrou de novo em casa. Tinha no corpo a sensação de se encontrar na borda do abismo, mesclada com a expectativa e uma boa dose de consciência pesada. Quando Olle acordou, ela lhe serviu o café da manhã na cama.

— Tomei uma decisão, disse. — Preciso pensar. Preciso me distanciar. Passaram-se tantas coisas ultimamente, que estou muito confusa. Já não sei o que quero.

— Mas se ontem à noite você disse... Começou a dizer desiludido.

— Eu sei, eu sei, mas ainda tenho dúvidas, se justificou. — Sobre nós. Não sei o que nos resta. Também pode ser que seja só Helena e todas essas mortes. Preciso sair daqui.

— Entendo, admitiu compreensivo. — Sei que foi muito duro para você. O que pensa fazer?

— A primeira coisa que farei é ir à casa de meus pais. De qualquer maneira tinha que ir lá.

— Sozinha?

— Não, Viveka prometeu me acompanhar. Já falei com ela, mentiu. Sentiu uma agulhada no peito. Outra mentira. Envergonhava-se da facilidade com que o fazia.

— Eu esperara que viesse hoje comigo, claro. O que vou dizer às crianças?

— Diga a verdade. Que por uns dias ficarei na casa dos avós.

— Está bem. Com certeza vão entender. De qualquer maneira, teremos muito tempo para ficar juntos no resto do verão.

Sentiu remorsos ao ver como ele era compreensivo. “Seria mais fácil se tivesse se aborrecido”, pensou Ema, cuja irritação ia aumentando.

— Obrigado, querido, disse secamente, e lhe deu um ligeiro abraço.

* * *

Knutas havia pedido a Kihlgård que convocasse todos para uma reunião nas dependências policiais à tarde, quando Karin e ele chegassem de volta a Gotland. Abriu a reunião:

— Descobrimos o que acreditamos serem as roupas das vítimas numa cabine em Nisseviken. Os técnicos estão analisando-as neste momento, antes de enviá-las ao Laboratório Nacional de Ciências Forenses. A cabine está isolada e estamos tentando descobrir quem é o dono. Parece que estava abandonada e que não era usada há muitos anos. Os familiares das vítimas estão a caminho daqui, para tentar identificá-las. O achado demonstra que o mais provável é que o assassino esteja aqui, em Gotland. A partir deste momento vamos concentrar nossos esforços de busca aqui. Até nova ordem. Temos alguma novidade?

— Chegaram hoje os resultados das impressões digitais que estavam no inalador encontrado fora da casa de Gunila Olsson, disse Kihlgård. — Não existe nenhum registro no arquivo de criminosos

que coincida com elas. Verificamos quais pessoas no círculo de amizades das vítimas sofrem de asma ou doenças similares de tipo alérgico. O resultado é que tanto Jan Hagman como Kristian Nordströn são asmáticos. Seus inaladores serão comparados hoje com o que apareceu em casa de Gunila Olsson.

— Bem, disse Knutas. — O que conseguiu nos interrogatórios?

— Pelo que se refere ao interrogatório de Hagman, perguntamos por que não comentou nada sobre o aborto quando estivemos em sua casa. Deu-nos uma explicação bastante razoável: não pensou que o aborto tivesse importância para nós, e seus filhos não sabem nada da sua relação com Helena Hilerströn, por isso não queria aprofundar muito a questão. Quando estivemos ali, parecia sentir pânico de que o filho pudesse escutar o que dizíamos.

— Entendo, disse Knutas. — Deveríamos ter lhe pedido que viesse aqui, em vez de interrogá-lo em sua casa. E Nordströn?

— Salta à vista que é incompreensível que todo o tempo negasse ter mantido uma relação com Helena e voltou a negar. Quando dissemos que tínhamos toda a correspondência, veio abaixo e reconheceu imediatamente. Contudo, não pôde explicar por que havia negado antes. Só disse que não queria parecer suspeito.

— O que mais?

— Testemunhas declararam que viram um homem desconhecido em casa de Gunila Olsson nas últimas semanas. Viram entrar na casa ou sair dela tanto de manhã como de tarde, pelo que não parece inverossímil que se tratasse de um amigo, continuou Kihlgård. — As testemunhas descreveram-no como um tipo alto, de aspecto agradável e da mesma idade que ela.

— Mostraram às testemunhas alguma fotografia? Por exemplo, de Kristian Nordströn ou Hagman?

— Não, não mostramos, admitiu Kihlgård algo surpreso.

— Como é possível?

— Pois a verdade é que não sei. Alguém sabe? Kihlgård dirigiu a pergunta a seus colegas.

— Precisamos reconhecer que falhamos nisso, admitiu Wittberg.

— Pois se encarreguem de mostrá-las. Imediatamente após a reunião, ordenou Knutas resolvido. — Bem, e sobre os álibis de Nordströn e de Hagman? Continuou. — Foram verificados outra vez?

— Sim, respondeu Sohlman, — E parecem sólidos.

— Parecem?

— Hagman tem o seu filho e um vizinho como testemunhas. O vizinho declarou que saíram juntos para esvaziar as redes, quando aconteceu o primeiro assassinato. Regressaram às oito da manhã. Quando mataram Frida Lindh, Hagman tinha o seu filho em casa, que estava de visita. Os dois afirmaram que estavam dormindo na hora do crime, já que foi à noite. E no dia do último assassinato, se encontrava fora pescando com o mesmo vizinho com o que esvaziara as redes. Isso foi na véspera do solstício. Em seguida estiveram comemorando na casa do vizinho e Hagman ficou dormindo no sofá.

— E Nordströn?

— O certo é que não tem álibi para o primeiro assassinato, continuou Sohlman. — Ficou na reunião em casa de Helena Hilerströn quase até três da madrugada. Em seguida dividiu um táxi até Visby com Beata e John Dumar, e depois continuou até sua casa, aonde chegou pouco antes das quatro. Mora em Brissund. O taxista declarou que desceu do táxi ao chegar a sua casa e que estava bêbado. Que em seguida tivesse percorrido de volta os sessenta quilômetros até a casa dos Hilerströn, esperar na praia para assassinar Helena, parece no mínimo inverossímil. Além disso, viajou para

Copenhague nesse mesmo dia. Tomou um avião de Visby para Estocolmo nesta mesma tarde. E quando se cometeram os outros dois assassinatos, nem sequer se encontrava em Gotland. No de Frida Lindh estava em Paris e no de Gunila Olsson, em Estocolmo. Nenhuma das pessoas que estiveram no Munkkälarem na noite em que Frida foi assassinada viu Kristian Nordström ali. Se o tivessem visto, teriam reconhecido. Pode tê-la esperado no caminho de volta a casa, é uma possibilidade. Por outro lado, o homem que esteve falando com Frida Lindh no bar ainda não apareceu. E isso o converte em sumamente suspeito. É sueco, com o que sabe de nossos pedidos para que se ponha em contato com a polícia.

— Bem, podem existir outras razões para que não se ponha em contato conosco. É possível que tenha algum outro assunto para ocultar, opinou Karin Jacobson.

— Sim, claro, também pode ser isso, admitiu Sohlman.

— A senhora que vendia a cerâmica de Gunila diz que viu um homem de uns trinta e cinco anos na casa dela, que era um tipo alto e bem parecido, explicou o comissário. — Se apresentou como Henrik. Não tinha pronúncia de Gotland, mas soava como se fosse de Estocolmo. Segundo as amigas de Frida Lindh, o homem com quem esteve no Munkkälarem se chamava Henrik. O garçom afirmou que o homem com que ela estava no bar falava com a pronúncia de Estocolmo. Claro que isso não quer dizer que não seja daqui. Pode se tratar de uma pessoa de Gotland que foi morar em Estocolmo há muito tempo. Ou talvez um de seus pais seja peninsular e isso faça que não fale com o acento de Gotland, ou que evite fazê-lo para não ser reconhecido. Cabe também a possibilidade de que seja um peninsular que conheça bem a ilha e que esteja aqui neste momento. Eu me inclino mais a pensar que; quem estamos procurando é alguém daqui. Sim, começaremos por este ponto. O que sabemos do assassino? Pode se chamar Henrik. Que é alto e calça 45. Que tem entre trinta e trinta e cinco anos e sofre de asma. Somos menos de sessenta mil habitantes na ilha. Não podem existir tantas pessoas assim que coincidam com essa descrição. Além disso, agora temos tal número de descrições das testemunhas sobre esse homem que deve ser possível fazer um retrato falado. Talvez seja o momento de fazer.

— Não acho oportuno, rechaçou Kihlgård. — Isso vai aumentar o pânico. Vários dos presentes concordaram com um murmúrio.

— Alguém tem alguma proposta melhor? Perguntou Knutas abrindo os braços. — Tudo aponta a que o assassino esteja na ilha. Um assassino em série, que pode voltar a agir a qualquer momento. Localizamos a roupa, mas o que mais temos? Não encontramos nenhuma conexão entre as vítimas que pareça relevante para a investigação. Não temos testemunhas de nenhum assassinato. Agiu quando as vítimas estavam sós e não havia ninguém próximo. Em todas as ocasiões desapareceu como um fantasma. Ninguém ouviu nada, alguém viu nada. Ao mesmo tempo, um monte de pessoas deve tê-lo visto. Merda, ele se movimenta por toda a ilha: Fröjel, Visby, När, Nisseviken. Esteve em bares, em praias, dando voltas pela cidade e em När. Um retrato falado pode nos oferecer a possibilidade de prendê-lo em seguida.

— Parece a única solução, disse Sohlman dando a razão a ele. — Temos que fazer algo radical. Pode voltar a matar a qualquer momento. Além disso, não se passou mais do que uma semana entre os dois últimos assassinatos. Agora, pode não deixar passar mais que uns dias antes de agir de novo. O tempo nos escapa.

— Isso é uma loucura, tronou Kihlgård. — O que pensam que acontecerá quando as pessoas virem o retrato? Relacioná-lo com qualquer pessoa que conheçam. Vão bloquear o PABX dando pistas. Vamos desatar a histeria, asseguro. E então, nós seremos os responsáveis. E de onde vamos tirar tempo para fazer frente a isso? Estamos totalmente ocupados tentando parar esse louco.

— Que dados temos para fazer um retrato falado? Objetou Karin. — Temos duas testemunhas que viram a pessoa que poderia ser o assassino. A vendedora da cerâmica de Gunila Olsson e a vizinha que viu um homem próximo de sua casa. Além disso, as amigas de Frida Lindh, que viram um homem no bar. Ainda não sabemos se é o assassino. Não é mais que uma suspeita. Coincidem as descrições das testemunhas? E se estivermos errados? Existem dois grandes riscos com um retrato falado. Por um lado, pode ser que as testemunhas não recordem bem e que publiquemos um retrato que não tenha nada a ver com a realidade. Por outro, é possível que não tenham visto o assassino, mas a qualquer outra pessoa. A mim me parece um grande risco publicar um retrato falado. Parece-me um absurdo adotar uma medida tão drástica justo agora.

— Drástica! Repetiu Knutas com sarcasmo. — Parece-lhe estranho que se tomem medidas drásticas nesta situação? Temos três assassinatos sobre a mesa e uma ilha inteira paralisada pelo medo, mulheres que não se atrevem a colocar o pé na rua em pleno verão e, em geral, toda a Suécia pendente de nós. De repente liga até o primeiro ministro! Temos que resolver este caso, e já. Quero prender o assassino em uma semana. Custe o que custar. Vamos chamar um desenhista imediatamente, para fazer um retrato falado. E o daremos a conhecer tão logo seja possível. Além disso, quero que Hagman e Nordström sejam trazidos aqui imediatamente, para interrogá-los de novo. E quero interrogar pessoalmente todos os que estiveram à reunião na casa dos Hilerström. A todos e a cada um deles, o mesmo que às amigas de Frida Lindh. O que temos da investigação do passado das vítimas? Encontramos algo interessante? Björn Hansson, da polícia nacional, respondeu.

— Estamos trabalhando a marcha forçada nisso. Helena Hilerström foi morar em Estocolmo quando tinha vinte anos e tudo parece indicar que não conhecia Frida Lindh. Helena Hilerström e Gunila Olsson estudaram o último ciclo da escola básica e o superior em centros diferentes e parece que não tinham os mesmos hobbies. Entre Gunila e Frida não conseguimos encontrar nenhuma conexão. Frida Lindh morava, como sabem, em Estocolmo. Seu verdadeiro nome era Anni-Fride e o sobrenome de solteira, Persson. Estas coisas levam algum tempo. E não é nada fácil, agora que estamos no verão. Todo o mundo está de férias.

— Sim, sim, disse Knutas impaciente. — Continue com isso e aumente o ritmo ao máximo. Não temos tempo a perder.

Após a reunião, Knutas se fechou em sua sala. Estava irritado. Contudo e com todos. Sentou-se ante a mesa. Tinha a camisa pregada ao corpo. Nela se estendiam grandes manchas de suor. O calor, tão esperado, já estava começando a ficar difícil de suportar. Não conseguia pensar. Era quase impossível se concentrar. O que mais gostaria era de ir para casa, tomar um longo banho refrescante e beber um par de litros de água gelada. Levantou-se e desceu as persianas. Na Comissaria não tinham ar condicionado. Achavam que custava muito caro instalá-lo, já que precisariam dele tão poucos dias no ano. Tinha as suas esperanças colocadas nas obras de reforma que iam ser realizadas no outono; era de supor que teriam o senso comum de instalar então o ar. “Merda, para resolver estes assassinatos tão complicados, precisarei me concentrar”, pensou Knutas irritado. O achado da roupa era de qualquer maneira um passo adiante. Iria inspecionar a cabine mais tarde. Naquele momento, o melhor era deixar os técnicos trabalharem tranquilos no lugar.

Começou a folhear as pastas que continham as transcrições dos interrogatórios. Três pastas: uma para Helena Hilerström, outra para Frida Lindh e outra mais recente para Gunila Olsson. Tinha a desagradável impressão de que as coisas fugiam de suas mãos naquela investigação. Ao menos, isso havia demonstrado sua viagem a Estocolmo, com o interrogatório dos pais de Helena Hilerström e o

aborto a que ninguém havia se referido antes. Como haviam se realizado os outros interrogatórios? Decidiu repassar todas as atas dos interrogatórios uma vez mais. As dos pais das vítimas, em primeiro lugar. Gunila Olsson era órfã, e o seu irmão ainda não fora localizado. Abriu a pasta de Frida Lindh. Gösta e Majvor Persson. Rua Gulvivegränd 38, em Jakobsberg. Tinha pensado em ir vê-los durante a sua visita a Estocolmo, mas o achado da roupa o impediu. Começou a ler. O interrogatório parecia em regra, mas Knutas queria de qualquer maneira falar com os pais. Atenderam ao telefone no quarto toque. Ouviu uma débil voz feminina do outro lado.

— Persson. Knutas se apresentou.

— Será melhor que fale com o meu marido, disse a mulher com voz ainda mais débil, quase inaudível. — Está lá fora no jardim. Espere um momento. Em seguida ouviu o marido:

— Alô.

— Sou o comissário da polícia judicial de Visby, Anders Knutas. Encarrego-me da investigação do assassinato de sua filha. Sei que a polícia já os interrogou, mas gostaria de fazer mais algumas perguntas.

— Bem...

— Quando viram a sua filha pela última vez? Uma pequena pausa. O homem respondeu com a voz apagada.

— Foi há muito tempo. Não nos víamos muito frequentemente, por desgraça. A relação poderia ter sido melhor. Encontramo-nos quando se mudaram. As crianças queriam se despedir. Essa foi a última vez. Houve outra pausa, um pouco mais longa. Em seguida voltou a ouvir a sua voz. — Mas eu falei com ela por telefone na semana passada, quando Linnea fez cinco anos. Bem, ao menos queria falar com os netos no dia de seu aniversário.

— Como lhe pareceu que Frida estava então?

— Parecia contente. Contou-me que começava a se sentir a gosto em Gotland. Foi duro para ela no princípio. Na realidade não queria ir morar lá. O fez porque Stefan queria. Foi a gota d'água, se casar precisamente com um rapaz de Gotland. Ela detestava Gotland, nunca quis falar do tempo em que moráramos lá.

Knutas ficou estupefato. Custava assimilar o que acabava de ouvir daquele homem ao outro lado do telefone.

— Alô! Ouviu-se a voz do pai ao cabo de uns segundos.

— O que disse? Moraram em Gotland? Resmungou Knutas.

— Sim, nos mudamos para testar, mas ficamos só uns meses.

— E o que fizeram aqui?

— Eu estava no exército e fui transferido para o regimento P18. Mas isso já faz muito tempo. Nos anos setenta. Alugamos a nossa casa aqui, em Jakobsberg. Mas não nos sentíamos a gosto. Sobretudo, para Frida foi terrível. Faltava a aula e em casa estava muito mudada. Era impossível lidar com ela.

— Como não contou nada disto no primeiro interrogatório que lhe fez a polícia? Perguntou Knutas indignado. Não conseguia controlar a sua raiva.

— Não sei. Ficamos tão pouco tempo... E há tantos anos...

— Em que ano moraram em Visby?

— Vamos ver... Sim, foi na primavera de 78. Chegou em muito mau momento para Frida.

Teve que mudar de escola na metade do último semestre, o sexto. Fizemos a mudança durante a Semana Santa.

— Quanto tempo residiu aqui?

— Havíamos pensado em ficar pelo menos um ano, mas a minha mulher teve câncer e quis voltar para casa, em Estocolmo, para ficar próximo de seus familiares. Retornamos para Estocolmo no começo do verão.

— Onde moravam?

— Em... Como se chamava a rua? De qualquer maneira, era algo afastada da muralha. Iris... Algo assim. Irisdalsgatan é isso.

— Então, Frida ia à escola de Norrbackaskolan, não?

— Exato, assim se chamava.

Terminada a conversa, o comissário ligou imediatamente a Kihlgård para o seu telefone celular. Seu colega o fez saber que naquele momento estava comendo umas chuletas de cordeiro no restaurante Lindgården.

— Frida Lindh viveu em Visby em sua infância.

— O que me diz?

— Sim, ainda que só uns meses, quando estava no sexto ano. Seu pai era militar e esteve servindo em Visby.

— Quando foi isso?

— Em 1978. Na primavera. Foi à escola de Norrbackaskolan e moravam na Rua Irisdalsgatan. É na mesma área que a Rua Rutegatan, onde morava Helena. Esta pode ser a pista que precisamos.

— Estou indo para lá.

— Ótimo.

A polícia não demorou muito em descobrir que também Gunila Olsson estivera na mesma escola. Frida Lindh era um ano mais nova que as outras, mas entrara na escola com seis anos. A polícia soube em seguida qual era o denominador comum: as três vítimas do assassino haviam frequentado a mesma turma no sexto ano.

* * *

O tempo parecia que ia a ser como os meteorologistas haviam prognosticado. O céu estava de um ameaçador cinza escuro e do oeste vinha uma massa de nuvens negras, que pareciam pressagiar chuvas abundantes. Ema, na proa do transportador, olhava para ilha de Farö, cada vez mais próxima. A travessia do estreito só durava uns minutos, mas queria aspirar a brisa marinha e aproveitar a vista. Farö era um de seus lugares favoritos. A ilha, agreste e solitária, com suas originais formações calcárias e suas longas praias de areia, não atraía só a Ema. No verão, aquilo era um enxame de turistas. Seus pais tiveram uma sorte enorme ao comprar a dez anos aquela casa de pedra, situada ao norte, ao lado da praia de Norsta Auren, que se estendia ao longo de vários quilômetros. Um parente da família conhecia a dona, interessada em vender. Mas só a alguém de Gotland. No geral era gente endinheirada de Estocolmo quem adquiria as poucas casas que se colocavam à venda. Muitas pessoas conhecidas se refugiavam na ilha, para ter tranquilidade: atores, artistas e políticos, para não falar de Ingmar Bergman, que morava ali o ano todo. Seus pais se mudaram de Visby, sem pensar duas vezes.

Não haviam se arrependido nem por um segundo.

À caminho parou no Konsum, para comprar mantimentos. Deu uma olhada nas manchetes dos jornais da tarde ao entrar no local. Nas duas aparecia uma fotografia da última assassinada: uma mulher de sua idade, com o cabelo longo e moreno recolhido em tranças. Agora publicavam também o nome dela. Comprou os dois jornais. No carro deu uma olhada. Uma mulher brutalmente assassinada, igual às outras. O mal-estar lhe deu voltas no estômago. Quando chegasse a casa leria os diários com calma. No caminho até o norte de Farö dirigiu a grande velocidade. Em um cruzamento, antes de chegar a Sudersand, virou à esquerda. Parou em frente a padaria, onde sempre comprava algo quando ia ver seus pais. Conversou um pouco com as moças que a atenderam. Ali conhecia todo o mundo. O céu ficava cada vez mais escuro.

Quando saiu da estrada, para percorrer o último trecho do caminho, muito acidentado, em direção à praia, onde se encontrava a casa, notou um Saab vermelho atrás dela, com um só ocupante, o motorista. Viu que havia um binóculo no painel de instrumentos. “Com certeza é um ornitólogo”, deduziu. O estreito ao lado da casa de seus pais era um lugar muito frequentado pelos ornitólogos. Quando estacionou o carro fora da casa, viu que o automóvel dava a volta e seguia pelo mesmo caminho por onde havia vindo. Bem, um observador de pássaros sem sentido da orientação.

Acabava de fechar a porta atrás dela quando começou a chover. Ao deixar as bolsas no chão da entrada, viu o primeiro relâmpago do outro lado da janela, em seguida retumbou o trovão e a chuva começou a tamborilar no telhado de zinco. Com a tormenta, o interior da casa estava quase totalmente às escuras. Cheirava a fechado; seus pais já estavam fora há uma semana. Foi à cozinha e tentou com cuidado abrir uma janela, mas com o vento que soprava era impossível. Depositou as bolsas na bancada e começou a encher os armários. Fizera bem em fazer algumas compras, porque estavam vazios. Seus pais haviam planejado passar uma longa temporada fora. Durante mais três semanas viajariam pela China e Índia. Desde que os dois se aposentaram, uns anos antes, faziam uma longa viagem a cada ano. Apanhou as coisas. Primero ia guardar toda a comida na cozinha, depois colocaria lençóis limpos na cama dupla de seus pais. Estava desejando que Johan chegasse, para passar o fim de tarde e a noite com ele. Jantariam e tomariam o café da manhã juntos.

Nos últimos dias, a sua vida sentimental fora uma verdadeira montanha russa. Em um momento queria continuar com a sua vida tranquila ao lado de Olle, no seguinte estava disposta a largar todo por Johan. Sem dúvida estava apaixonada por Johan, mas o que sabia dele na realidade? Era fácil se apaixonar agora, no verão, e se ver às escondidas havia funcionado como um tempero especial. Ele não tinha responsabilidades. Vivía só e não tinha filhos, não devia pensar mais do que em si mesmo. Para ele era fácil, claro. Mas no seu caso havia uma família na qual pensar, sobretudo nas crianças. Estava disposta realmente a desbaratar as suas vidas só porque havia se apaixonado por outro? E quanto tempo duraria esse amor? Parou de pensar. Ligou o rádio; ouviu um pouco de música e em seguida subiu ao andar de cima para colocar os lençóis limpos. Sufocou ao pensar que ia se entregar mais tarde naquela cama. A chuva golpeava as janelas, mas não pode evitar abrir uma para que entrasse algo de ar fresco. Ali em cima era mais fácil. A janela do quarto dava para o bosque. Quando já estava tudo em condições, desceu, preparou café, se sentou à mesa da cozinha com um cigarro e olhou para fora.

Havia um muro baixo de pedra ao redor da casa. Por em cima dele podia ver diretamente a superfície do mar, que se agitava com o vento. Ali a praia era estreita, para se ampliar mais e mais conforme a pessoa se afastava. No extremo, onde era mais ampla, muita gente tomava banho nu. Quantas vezes ela não havia se metido nua no mar, após correr diretamente até a água gritando de felicidade? Abafando o som das ondas. “Amanhã pela manhã, talvez possamos tomar banho nus”, pensou. Antes que Johan voltasse para o trabalho. Se não estivesse chovendo. Viveka havia dito que chegaria a tempo de almoçar no dia seguinte. Ema não queria ficar só.

Levantou-se e deu uma volta na casa. Fazia tempo que não visitava os seus pais. A relação não era muito boa. Sempre houvera distância entre eles, desde pequena. Sempre sentira que devia fazer algo mais para que ficassem contentes com ela. E ficaram muitas vezes. Quando fazia um desenho bonito, tirado boa nota em um exame ou tivera alguma boa atuação nos esportes. Mas a distância não diminuía com os anos e agora era impossível superá-la. Era difícil se relacionar de maneira natural. Com frequência sentia remorsos porque não ligava nem os visitava o suficiente. Ao mesmo tempo, pensava que eles, que estavam aposentados e, em sua opinião, dispunham de muito tempo, deveriam mostrar mais interesse em visitar a sua filha. Brincar com as crianças. Levá-los num passeio alguma que outra vez, ou a Pippiland, que os pequenos adoravam. Era o tipo de coisas que seu marido e ela tinham muito pouco tempo para fazer. Quando por fim iam visitá-los, se sentavam no sofá como se os tivessem pregado, esperando que os servissem. Por outro lado, comentavam frequentemente a bagunça que Olle e ela faziam ou que as crianças precisavam cortar o cabelo. Era exaustivo, mas não via modo de mudar as coisas. Seus pais aceitavam mal as críticas, e quando em alguma ocasião havia se atrevido a reprovar algo, haviam se chateado. Suas observações sempre terminavam com o seu pai irritado.

A sala de estar tinha o aspecto de sempre. O sofá de flores e a mesa antiga, comprada em alguma das inumeráveis feiras às que seus pais iam. A lareira parecia não ser usada há tempos. Estava admiravelmente limpa. Observou com satisfação que havia lenha no cesto ao lado da lareira. A escada de madeira que levava ao andar superior rangia. Entrou nos aposentos dos convidados, que tanto ela quanto sua irmã Julia achavam que lhes pertencia. Ali dormiam sempre quando iam visitar os pais, em meio das coisas que haviam deixado, quando saíram de casa. Sentou-se na cama. O quarto cheirava ainda mais a fechado e alguma poeira se acumulava nos cantos. A estante que cobria uma das paredes estava repleta de livros. Passou o olhar pelas lombadas: Nancy e Drew, Os Cinco, Barm 312, os livros de cavalos de Bruta e Silver, Kula-Gula e os velhos livros da mãe quando era criança. Apanhou um da estante e sorriu ao ver o estilo e a capa. Decorada com o desenho de uma mulher jovem e esbelta, com os lábios vermelhos e um lenço, disposta a subir em um carro esportivo com um homem moreno, tipo Ken, ao volante. Kärlek mede förhinder (Amor com impedimentos) era o apaixonante título. “Aquele título encaixava com ela agora”, pensou com amargura.

Encontrou um monte de revistas muito manuseadas de **STARLET OCH MITT LIVS NOVEL**. Sorriu interiormente ao lembrar com que paixão sua irmã e ela as liam, para em seguida discutir sobre do destino comovedor ao qual enfrentavam aquelas jovens moças. Em outra prateleira havia um monte de antigos álbuns de fotos. Ficou longo tempo absorta olhando as fotos de sua infância e adolescência. Festas de aniversário, acampamentos, reuniões de fim de ano. Com seus amigos na praia, uma reunião com churrasco numa tarde de verão, e com seu pai, sua mãe e Julia no parque de atrações de Grona Lund, em Estocolmo. Em muitas das fotografias também aparecia

Helena. Ali estavam elas: crianças esqueléticas de onze anos na praia; com treze, em uma reunião da escola com os olhos demasiadamente pintados, e no coro, vestidas com muito esmero. Meninas alegres que gostavam de cavalos, na escola de equitação; vestidas de branco no dia da primeira comunhão, e como resplandecentes senhoritas, com seus vestidos longos, no baile de formatura.

Fixou-se em um monte de velhos álbuns escolares, com as fotos das turmas. Apanhou uma delas e procurou a sua turma e a de Helena. Turma 6A se lia na parte superior. Depois da foto da escola, a do diretor e a da professora, apareciam as fotografias de seus colegas, cada uma delas com o nome por baixo. “Como éramos pequenos!”, pensou. Alguns com rostos infantis, redondos e rosados. Outros, pálidos e com cara de tédio. Em alguns já se viam as impressões de um incipiente rosto adolescente; as moças, maquiadas, e no lábio superior de algum rapaz já aparecia o buço. Viu a si mesma, a um lado na fila de baixo, já que quando solteira tinha o sobrenome Östberg. E ali estava Helena. Bonita, com o cabelo escuro e longo que lhe tampava a metade do rosto. Olhava muito séria para a câmera. Seguiu com o indicador as fotografias, uma atrás outra. Ewa Ahlberg, Fredrik Andersson, Gunila Broströn. Parou o dedo ante a fotografia daquela moça ruiva, com um lenço no pescoço e que olhava lateralmente ao fotógrafo por debaixo da franja. Gunila Broströn. Acabara de ver aquele rosto em uma pessoa adulta. Era ela, a do jornal. A mesma Gunila assassinada. Ema desceu correndo até a cozinha em busca dos jornais. Claro que era ela. Então tinha o cabelo ruivo, mas o rosto era o mesmo. Não se lembrava de Gunila; a verdade é que não foram muito amigas. Assim que tanto Gunila como Helena haviam topado com o mesmo assassino.

No mesmo instante ficou claro o que havia em comum entre elas, e foi como se alguém lhe tivesse dado uma paulada na cabeça. Anni... Onde está Anni-Fride? Claro, tem que ser Frida... Não poderia ser verdade. Percorreu as fotografias com os olhos... Por que não encontrava Anni? Ah, sim, claro, não chegara antes da primavera. De Estocolmo. Depois voltaram ali de novo. Nós a chamávamos de Anni, ainda que se chamasse Anni-Fride, recordou. — Deve ser a mesma pessoa, sem dúvida. As três estavam na mesma turma. As três assassinadas. Agora só restava ela.

Na realidade o quarteto de perseguidoras não eram amigas. Helena e ela eram, enquanto que Gunila não se separava de Anni, a recém-chegada. Mas alguma coisa acontecera para que precisamente as quatro se juntassem. Aquilo não durou muito, quem sabe uns meses. Começou meio de brincadeira, beliscando um pouco e dando alguns empurrões. Em seguida foi piorando. Instigavam umas às outras. Todas participavam, mas Helena era a voz principal. Na realidade, era a única ligação existente entre todas elas, o assédio. Para Gunila e Anni, aquilo talvez fosse uma maneira de ficarem amigas de Helena e dela, que tinham fama de serem as mais legais da escola. Quem sabe fosse um modo de entrar no grupo. Mas não foi assim. Chegaram as férias de verão e todas se dispersaram. Não voltou a ver Anni, sua família retornara a Estocolmo. Só Helena e ela continuaram na mesma turma no ciclo superior. Para elas, os abusos não significaram nada. Depois do verão, com certeza que as quatro haviam se esquecido deles.

Mas, evidentemente, ele não; ele não havia esquecido.

Tremiam-lhe as mãos enquanto passava as folhas do álbum. Um par de folhas adiante. Turma 6C. Procurou entre os rostos. Ali estava. A quinta foto contando da esquerda. Tinha o rosto redondo, pálido e sério, com um esboço de papada dupla. O cabelo cortado rente. Era ele. O

denominador comum das quatro. Sentiu um mal-estar profundo. Apenas teve tempo de reagir: vomitou com violência no chão. Então soou o telefone. O toque retumbou por toda a casa. Em lugar de responder, foi ao banheiro se lavar. O enjoo fazia com que lhe tremessem as pernas. Havia matado as três, uma atrás outra. Agora só restava ela. Voltou a sonar o telefone. Desceu a escada tropeçando. Era Johan.

— Alô, sou eu. Terminei antes. Vou sair agora. Ema não conseguia articular a palavra. — O que aconteceu?

Deixou-se cair no chão com o fone batendo em sua face. Sussurrou as palavras.

— Descobri a relação que existe entre as vítimas. As três estavam na mesma turma no sexto ano. A minha turma... Éramos um grupo de moças que nos divertíamos com um rapaz que estava uma turma paralela. Tem de ser o assassino. Uma vez lhe enfiamos as cuecas na boca. Exatamente o que fez com elas. Assassinou todas menos a mim. Entendeu? Sou a próxima. Imagino que já esteja aqui. Talvez eu esteja demasiado alterada, mas um carro me seguiu durante o último trecho até aqui, até a casa. Depois, deu a volta. Era um homem que dirigia.

— Que carro era?

— Um Saab velho. Acho que era vermelho e...

Não conseguiu falar mais. A linha fora cortada.

* * *

A ducha havia começado a lançar jatos de água fria sobre a sua cabeça ensaboada, quando tocou o celular. Knutas havia tirado um tempo para ir a casa comer. Queria tomar uma ducha de água fria, para ver se as ideias aclaravam. Ouviu que a sua esposa atendia. Não passaram mais de vinte segundos quando começou a bater na porta do banheiro.

— Anders, Anders, saia! Precisa atender ao telefone. É urgente!

Fechou a torneira, abriu a porta e segurou o fone. Sua mulher lhe deu uma toalha de banho e o ajudou a se secar, enquanto ele escutava. A voz do outro lado estava muito alterada.

— Johan Berg de Notícias Regionais. Envie carros e gente à ilha de Farö. Em seguida! Ema Winarve se encontra ali na casa de seus pais, só, e acha que o assassino está atrás dela. Pensa que já esteja lá neste momento. Encontrou a relação. Todas as vítimas frequentavam à mesma turma no sexto ano e formaram um grupo que se divertia com um rapaz de outra turma. Matou todas exceto ela.

— Que demônios está me dizendo?

— Ema está certa de que o rapaz com quem se divertiam é o assassino. Elas enfiaram as cuecas dele na boca uma vez.

— Como se chama?

— Não sei. Não teve tempo para me dizer. A ligação foi cortada. Mas tem certeza que o tipo

está lá agora. Um carro a seguiu até a casa. Em seguida desapareceu. Era um velho Saab. Vermelho. Precisam ir para lá urgentemente. Eu já estou a caminho.

— Onde, em Farö?

Johan leu em voz alta a descrição do caminho que Ema havia lhe dado.

— É preciso cruzar Ekeviken e passar a placa de Skär. Em seguida se chega a um quiosque de sorvetes que está fechado. Vire à esquerda e entre num caminho através do bosque que dará no mar. Vá até o final do caminho. Ali fica a casa.

— Espere, disse Knutas tranquilo. — Não se adiante.

— Uma merda! Preocupe-se em de chegar ali e rápido.

Johan desligou o telefone e Knutas discou o número do oficial de plantão.

— Envie três carros a Farö. Agora mesmo! É provável que o assassino das mulheres que andamos procurando que se encontre lá. Ordene à polícia local de Farö que se dirija a Norsta Auren. Que todos estejam armados e com coletes de proteção. O suspeito parece que está em um Saab vermelho de modelo antigo. Diga que se ponham em marcha agora, darei mais instruções em seguida. Bloqueie o transportador, ao menos o que sai de Farö, até que nós cheguemos. Ninguém pode sair da ilha. Compreendeu? Eu liguei para Jacobson, localize Wittberg e Norrby. Peça que se ponham em contato comigo. Tem que se dirigir também a Farö. Além disso, localize Olle Winarve. Também peça que se ponha em contato comigo. Knutas cortou a comunicação e discou o número do celular de Karin.

— Anders. Onde está?

— Fazendo compras em Hemköp.

— Deixe tudo e saia. Espere-me na Rua Norra Hansegatan, no lado da Comissaria. Vou passar para apanhá-la.

— O que aconteceu?

— Quando nos encontrarmos em contarei.

Vestiu as calças. Sua mulher não perguntou nada; se limitou a lhe dar o colete e a arma regulamentar. Ele não teve de explicar nada, e agradecia isso. Um minuto depois se encontrava no carro policial com as luzes piscando, a sirene ululando e xampu no cabelo.

* * *

Lavou as mãos minuciosamente. Esfregando sabão uma e outra vez. Queria se sentir totalmente limpo quando chegasse o momento. Tomara um banho longo e quente, lavado a cabeça e fazendo a barba. Usou água quente, algo que seus pais sempre haviam economizado. Depois colocou as calças, a camisa e a gravata, se vestindo com esmero. A gravata tinha sido presente de sua mãe em algum Natal passado. Agora caía bem. Estava só em casa. Seu pai saíra para pescar com o vizinho. Sua mãe estava fazendo compras, mas voltaria em seguida. Ouviu o barulho do cascalho quando o carro entrou no pátio. Estava absolutamente tranquilo. Havia preparado tudo muito bem. Todo o que precisava estava no celeiro. Limpo e arrumado. Olhou-se no espelho, e se sentiu satisfeito com o que viu. “Um homem em seus melhores anos, que por fim vai se colocar à frente de sua própria vida”, pensou antes de fechar

a porta do banheiro e descer a escada para se encontrar com a mãe. Ela estava carregada de bolsas.

— *Por que não veio me ajudar? Espetou em tom de reprovação. — Não me ouviu chegar? Deveria imaginar que tinha muitas coisas para descarregar.*

Nem sequer o olhava enquanto falava. Tampouco notou que havia se arrumado. Não fez mais do que retirar os sapatos, deixar o seu casaco velho e feio em um cabide da entrada e começar a apanhar as bolsas. Como sempre, aquele tom de reprovação com voz de mártir, carregado de autocompaixão. Ficou imóvel olhando-a fixamente em silêncio. Sempre a decepcionava. Nunca foi de outra maneira. Suas esperanças não se correspondiam com a realidade. Sempre exigia dele algo mais. Algo excepcional. Nunca teve a sensação de que sua mãe estivesse de todo satisfeita com algo que tivesse feito. Em troca, favorecia a sua irmã. Sua irmã menor, a quem gostava tanto. Que nunca discutia, nunca criava nenhum problema, que era aplicada na escola, tinha muitas amigas e jamais se queixava nem protestava. Durante anos e anos ansiava por um cálido abraço, um amor sem exigências, uma mãe que não esperasse nada, que só estivesse ali. Nunca teve. Em vez disso, o excluía, e constantemente estava procurando falhas. Esforçou-se, e se esforçou, mas nunca foi suficientemente bom. Sua mãe não imaginava que fora atormentado e humilhado. Teve que aceitar tudo sozinho, vergonha incluída. Nunca sentiu que pudesse contar para ela.

Seus próprios fracassos ela jogara nele. Por sua culpa, não pôde ver realizado o seu sonho: estudar enfermagem. Ele tinha de sofrer porque a mãe estava insatisfeita com a vida. Porque não conseguia um bom trabalho. Porque não gostava de seu marido. Havia se convertido em uma mulher amargurada que só sentia compaixão de si mesma. De que se responsabilizara a sua mãe? De sua própria vida? Da vida de seus filhos? Dele? Sentiu tal onda de ódio que o impedia de pensar, enquanto ela, resmungando, ia apanhando as coisas. Que pessoa mais deplorável. Já não poderia esperar mais. Em três passadas chegou onde ela estava e a segurou por trás.

— *O que está fazendo? Gritou, quando ele a agarrou por trás.*

Apanhou um pedaço de fita que havia guardado anteriormente num bolso e amarrou as mãos dela por trás. Em seguida, empurrou-a até a entrada, abriu a porta com o cotovelo e a arrastou através do pátio até o celeiro. Ela gritava e chutava. Mordeu-lhe a mão com tal força que começou a sangrar. A dor não o fez perder a calma. Não disse nada. Ele tinha a vantagem. Segurou-a com mais força ainda, enquanto localizava a grossa corda que tinha deixada pendurada de manhã. Já tinha feito o laço e amarrado-a em uma das vigas do teto. Segurou bem os seus pulsos, obrigou-a a abrir os dedos e se aproximar da cadeira, antes de empurrá-la para que subisse nela. Subiu por uma escada que havia ao lado e a obrigou a enfiar a cabeça no laço da corda. Quando tudo estava pronto, viu que ela o olhava com expressão de assombro. Havia se calado; lhe tremia o lábio inferior. “Como é feia”, constatou com frieza. Testou o laço uma última vez. Colocou-se em frente a ela e ela o olhou com um olhar carregado de ódio. Sentiu uma paz interior que nunca sentira. Uma tranquilidade absoluta que o completou como se fosse leite quente.

Sem duvidar, deu um pontapé na cadeira.

* * *

O telefone não funcionava. Por que a linha caíra? Já acontecera outras vezes do telefone parar de funcionar quando havia tempestade. Ou quem sabe o cabo fora cortado? O pensamento apavorou

Ema. Precisaria usar o telefone celular. Estava na cozinha. Correu até lá e discou o número de Johan. Não conseguiu se comunicar com ele. Ah, sim, a cobertura ali também era muito ruim. Merda. E se o assassino estivesse próximo? Não poderia ter entrado na casa, escutaria. Johan demoraria uma longa hora em chegar. Quem sabe hora e meia. Lembrou que deixara uma janela aberta no quarto, e subiu correndo para fechá-la. Quando se pôs na ponta dos pés para empunhar o passador da janela, o viu.

Estava do outro lado do muro, bem ao lado do jardim, olhando-a. Imaginou que fosse ele, ainda que não o tivesse reconhecido. Conseguiu notar que usava roupa escura, antes de se esconder atrás das cortinas. Não teria nenhuma possibilidade de se defender dele. Saiu apressada do quarto e procurou algo que pudesse servir de arma. “Johan já terá ligado para a polícia”, pensou. Tenho que lidar com isso até que cheguem. Mas como demônios eu vou conseguir? Tentaria entrar, agora que a vira. Teria mais possibilidades de encontrar uma arma na cozinha. Ali, ao menos, encontraria umas facas. Quando tomou a decisão de descer a escada, ouviu que a porta da rua se abria. Lembrou de que não passara a chave. Como poderia ter esquecido? Amaldiçoou a si mesma. Descobriu o bastão de beisebol de sua irmã, apoiado contra a parede em um dos cantos do quarto. Julia trouxera-o, depois de um ano nos Estados Unidos, quando realizara um intercâmbio. Nunca o havia usado, mas agora poderia ser de alguma utilidade.

* * *

Tingstäd, Lärbro e em seguida, à toda velocidade, até o estreito de Färösund. Knutas voltou a consultar o relógio do painel de instrumentos. Os minutos voavam. Havia falado com os dois policiais locais de Färösund, achava que estavam muito lentos, mas já se encontravam no cruzamento de Sudersand e acabavam de pegar o desvio até Ekevikem e Skär. A chuva caía como uma cortina diante do carro, dificultava a visibilidade e não contribuía para tornar a viagem mais fácil. Eram seis e quinze da tarde, e por sorte o trânsito não era intenso. Karin estava sentada a seu lado com o celular no ouvido, ocupada em informar Kihlgård. Tentara em várias ocasiões se colocar em contato com Ema através do telefone celular. Uma obstinada voz metálica repetia que o número discado não estava disponível naquele momento e que tentasse novamente passados uns minutos. O telefone da casa não dava sinal de vida.

Knutas dirigia depressa, concentrado na estrada principal que ia até Färösund. Tinha de chegar onde estava Ema Winarve à tempo. Pisou fundo no acelerador olhando fixamente para a estrada através da cortina de água que caía sobre o para-brisa. Traçava as curvas o melhor que podia. Karin acabara a conversa.

— Kihlgård está a caminho com alguns de seu grupo. Está bem atrás de nós. Merda! Exclamou olhando-o.

— Quantos estão indo para a casa?

— Os dois policiais locais, que rapidamente estarão ali, nós e três carros-patrulha. No total seremos dez. Todos com colete, menos eu.

— Você ficará fora vigiando, disse Knutas. — O essencial é que não chegue antes de nós. Vamos precisar de reforços, pode ser que tenhamos que isolar a área. Ligue e peça mais carros e que também tragam os cachorros. Além disso, temos esse jornalista louco da televisão que está a caminho sozinho. Tentei dissuadi-lo, e agora também não atende o celular. Oxalá não complique as coisas

ainda mais.

O museu ao ar livre de Bunge apareceu à direita da estrada e pouco depois já estavam em Färösund. No cais dos transportadores se encontraram com o cordão policial e com vários bombeiros que moravam em Färösund e que receberam ordens da polícia local para que vigiassem o cordão de isolamento até que chegasse a polícia. Knutas cumprimentou agradecido e imediatamente o transportador que os estivera esperando se pôs em marcha sobre as águas do estreito.

* * *

O vento e a chuva haviam parado. Ema estava detrás da porta do quarto de hóspedes. Não pensou em outro lugar para se esconder. Ouvia debilmente o som do rádio no andar de baixo. Só queria poder atravessar a parede e desaparecer. Tinha os músculos tensos e se concentrava em tentar conter a respiração. Os rostos de seus filhos passaram ante seus olhos. Tinha vontade de chorar, mas se reprimiu. De repente ouviu o conhecido rangido da escada. Em silêncio, olhou para o corredor através da fresta da porta. Seu coração batia com tanta força que pensou que ele ouviria. Viu a mão; segurava um cabo. Era um machado. Escapou-lhe um soluço trêmulo. Mordeu a mão para evitar outro. O homem entrou no quarto de seus pais. Tomou uma decisão instantânea. Saiu ao corredor e deu dois saltos escada abaixo, antes que ele fosse atrás dela. Tropeçou e caiu de cabeça no chão da sala de estar. Ele agarrou-a pelo tornozelo quando tentava de se levantar do chão. Voltou-se com um grito e conseguiu golpear em cheio essa mão com o bastão de beisebol. O intruso gritou e afrouxou o suficiente para que ela pudesse ficar de pé. Soluçando, chegou aos tropeções até a entrada, com o olhar fixo na porta da rua. Agarrou o puxador, mas a porta estava fechada e não teve tempo para abri-la antes que ele pulasse sobre ela. Agarrou-a pelo cabelo e arrastou-a até a cozinha.

— Desgraçada, cadela fodida, berrou. — Filha da puta. Agora vai se calar. Maldita puta asquerosa. Empurrou-a até tê-la sentada, segurando-a pelo pescoço com uma mão. — Agora toca a você, cadela. Chegou a sua vez.

Seu rosto, a só uns centímetros do seu, refletia uma cólera infinita. O alento cheirava a menta, e isso lhe recordou alguém. O avô. Era o mesmo aroma. Pastilhas para a garganta. Grandes, brancas e transparentes, que se poderiam chupar uma eternidade. Vinham em uma bolsa marrom de papel. O avô sempre oferecia.

Enquanto levantava o machado e calculava o golpe, afrouxou a pressão ao redor do pescoço de Ema. De algum lugar ela conseguiu retirar uma força selvagem. Com um grito gutural, levantou as duas mãos e conseguiu se soltar da que lhe oprimia o pescoço, e ao mesmo tempo o atirou ao chão. Caiu sobre ele e o mordeu na face, com tanta força que sentiu o sabor de sangue na boca. Desta vez teve tempo de alcançar a porta e sair. Correu até o muro de pedra e saltou por cima dele até o outro lado. Encontrava-se abaixo, na praia. Maldisse a luminosidade e continuou se afastando. A areia era firme e poderia correr com facilidade. Além disso, estava acostumada. Ali já havia corrido centenas de vezes para se manter em forma. Quando havia avançado um trecho não pôde evitar de se voltar, para ver a que distância ele estava.

Para seu espanto descobriu que não a perseguia. Parou e olhou desesperada ao seu redor. Não se

via ninguém. “Deve estar mais ferido do que eu imaginei”, pensou. Aliviada, continuou correndo até o farol. Somente ali encontraria pessoas. Se conseguisse chegar até lá, estaria a salvo. Ainda não podia vê-lo, precisava rodear o cabo, e para chegar até lá ainda faltava um bom trecho. Agora corria mais depressa. A praia parecia quase fantasmal. Não se via nem uma alma. Só ouvia a sua respiração arquejante e o suave som surdo de seus próprios pés. A última parte era coberta de pedras em lugar de areia. Ficou a ponto de cair, mas conseguiu manter o equilíbrio. Quando chegou ao outro extremo da praia, estava extenuada. O suor lhe escorria pelas costas abaixo. Continuava sem ver uma alma, mas rapidamente chegaria à estrada, e então a salvação não estaria tão longe.

No caminho até o farol se permitiu tomar ar um momento. O pequeno conjunto de casas que havia no lugar parecia deserto. Continuou correndo em direção ao estacionamento e viu um carro estacionado algo mais longe, no limite do bosque. Quando estava um pouco mais próxima, notou que era um Saab vermelho. Toda a corrida fora em vão. Só teve tempo de pensar que ele só devia ter subido no carro e ido até o farol.

* * *

Havia dos policiais fora da casa, quando Johan, por fim, chegou. Não se via Ema. Estacionou o carro ao lado do muro e entrou no jardim.

— Me chamo Johan Berg, e sou jornalista, disse mostrando sua identidade de jornalista. — E amigo de Ema Winarve. Onde ela está?

— Não sabemos. A casa está vazia e estamos esperando reforços. Tem de sair daqui agora mesmo.

— Onde está Ema?

— Já disse que não sabemos, respondeu um dos policiais com brusquidão.

Johan se voltou, correu ao redor do muro que rodeava a casa e desceu até a praia. Ignorou os policiais que o chamavam. E quando chegou à praia descobriu as impressões na areia. Pisadas muito claras. Correu atrás as impressões de Ema, deu a volta ao cabo e avistou o farol. As pisadas continuavam. Descobriu meio aliviado que eram impressões de uma só pessoa. Provavelmente se dirigira ao farol em busca de ajuda. Mas onde estava o assassino? Ele olhou para cima, para a crista gramada que corria paralela à praia antes que começasse o bosque. Poderia tê-la perseguido por ali. Dali também teria uma boa visão. Cansado e arquejante, chegou ao farol e entrou por um caminho que dava no estacionamento.

— Ema! Gritou.

Não obteve resposta. Não havia nenhum carro no estacionamento e tampouco viu alguém. Que seria dela? Tentou encontrar impressões no barro, mas não encontrou nenhuma e decidiu continuar por cima, na estrada asfaltada. Estava completamente vazia, silenciosa e deserta, com o bosque a um e outro lado. Olhou em direção das casas mais próximas. Pareciam vazias. De repente ouviu o ruído de um motor que se aproximava e deu meia volta. Um carro de polícia parou com uma forte freada e dele saíram Knutas e Jacobson.

— Viu ou ouviu algo?

— Não. Só o que vi são as pisadas de Ema na areia. Vinham até aqui.

Soou o celular de Knutas. A conversa foi curta. O comissário se dirigiu a Karin.

— É provável que o assassino seja Jens Hagman. O filho de Jan. Encontraram o registro escolar. Tem a mesma idade que as vítimas, e cursava uma turma paralela à delas no sexto ano. Além disso, seu pai, Jan Hagman, tem um Saab vermelho, um modelo 87. O carro desapareceu. Karin o olhou estupefata.

— Foi o filho? E nós na ignorância! Exclamou.

— Não prossiga, cortou Knutas. — Vamos deixar a autocrítica para mais tarde. Agora temos é de encontrá-lo.

Na estrada principal que descia até o molhe dos transportadores foram colocados controles em vários pontos. A polícia montou uma base provisória junto ao camping de Sudersand. Um grupo de policiais e cachorros formou uma corrente para dar uma batida na área do bosque entre Skärsänd e o farol. Olle Winarve já tinha chegado. Depois de falar com Grenfors em Estocolmo, Johan chamou Peter. Agora tinham que informar o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo, a inquietação que sentia por Ema estava a ponto de consumi-lo.

Quando encontrou a carta, tomou a decisão de matar Helena. Estava no quarto de sua mãe. Seus pais ocupavam quartos separados há muitos anos. Para ele não parecia estranho. Nunca os viu se abraçarem, nem alguma demonstração de carinho. Sua mãe estava enforcada no celeiro. Seu pai demoraria em voltar para casa. Dispunha de algumas horas para revistar o quarto dela antes de se ver obrigado a ligar para a polícia e avisar que encontrara a sua mãe pendurada no celeiro. Abriu as gavetas da cômoda e as revistou a fundo. Papéis velhos com anotações quase ilegíveis, recibos, fotografias do maldito gato do qual sua mãe gostava tanto. “Gostava mais dele do que de nós”, pensou com amargura. Algumas joias feias, um dedal, canetas que em sua maior parte a tinta já havia acabado. “Quanto tempo faria que não olhava as suas gavetas?”, se perguntou irritado. Então encontrou algo que lhe chamou a atenção. No fundo de uma das gavetas havia um envelope amarelado e amassado. Leu o que estava por fora. “Para Gunvor”. Era a letra de seu pai. Franziu a testa e abriu o envelope. A carta só estava escrita de um lado. Não tinha data.

Gunvor:

Fiquei acordado a noite toda pensando e agora estou preparado para contar o que me tem acontecido ultimamente. Sei que você deveria ter perguntado, mas não disse nada, como de costume. O caso é que conheci outra mulher. Acho que pela primeira vez em minha vida conheci o que é o amor de verdade. Não planejei isso; só aconteceu sem que eu pudesse resistir. Estamos nos vendo há meio ano. Pensei que talvez se tratasse de algo accidental, que passaria, mas foi ao contrário. Amo-a com todo o meu coração e decidi que quero dividir a minha vida com ela. Além disso, está grávida. E agora quero me encarregar dela e de nosso filho. Nós dois sabemos que nunca gostou de mim. Muitas vezes me surpreendi, inclusive me assustei com a sua frieza. Tanto para comigo como para com as crianças. Agora acabou. Encontrei alguém que me ama. É uma aluna minha e se chama Helena Hilerströn. Quando encontrar esta carta, eu já terei me mudado para um apartamento na cidade. Ligarei mais tarde.

Jan.

Amassou a carta, enquanto as lágrimas lhe abrasavam os pálpebras por dentro. Não havia outra Helena Hilerströn, tinha que ser precisamente ela.

A decisão fora fácil de tomar.

* * *

Ema despertou porque tinha frio. Estava às escuras e o ar, carregado de humidade. Achava-se deitada sobre uma superfície dura e fria. Seus olhos demoraram a se acostumar à escuridão. A luz se filtrava pela fresta de uma pequena janela que havia na parte superior de uma das paredes. Encontrava-se em algo que parecia ser um refugio subterrâneo. O chão e as paredes eram de cimento e o aposento estava vazio, salvo dois bancos fixos, um de cada lado. Ela estava deitada em um deles. Calculou que o aposento teria uns seis ou sete metros quadrados. O teto inclinado era baixo e fazia com que o espaço parecesse ainda mais estreito. No centro, onde era mais alto, teria dois metros de altura no máximo. Não havia nenhuma porta, só um alçapão de ferro no teto, até o qual se chegava por uma escada de ferro enferrujada fixa na parede. Compreendeu que devia estar presa em um bunker do exército. Havia muitos em Gotland e em Farö. Ela e suas amigas gostavam de brincar neles quando eram crianças.

Tinha a garganta seca e um sabor ácido de vômito na boca. E, além disso, sentia uma dor cruciante na nuca. Quis se apalpar para verificar se sangrava, mas era impossível. Tinha as mãos e os pés atados com cordas. Observou as paredes cinzentas, cheias de humidade. O alçapão do teto era a única saída para o exterior, e estava fechado. Com certeza teria um cadeado por fora. O que fazia ali? Onde estava Hagrnam e por que não a matara quando a alcançou? De qualquer maneira, já que estava viva, ainda havia esperança. Não tinha noção do tempo, nem sabia a quanto estava ali. Tinha o corpo dolorido e congelado. Com não poucos esforços, conseguiu se sentar. Colocou-se de pé e tentou olhar para fora através da janelinha, mas não conseguiu. Tentou girar as mãos. A corda tornava quase impossível. Consequia mover os pés só uns centímetros.

Esforçou-se para escutar algum ruído, mas não ouviu nada. O aposento estava isolado e parecia que nenhum ruído do exterior chegaria até ali. Ouvia um estalar de folhas secas. Uma rã com manchas marrons havia entrado no bunker. Mais além viu outras, assim como algumas mariposas dormindo no teto. O ar era úmido e cheirava a fechado. Deitou de novo e fechou os olhos, esperando que passasse a dor. Precisava poder pensar com clareza.

De repente ouviu um ruído. Abriu-se a alçapão do teto. Apareceu um par de pernas e um homem desceu até o bunker. Era Jens Hagman. Olhou-a friamente e aproximou uma garrafa de água à boca. Com a sua ajuda, bebeu com ansiedade, a grandes goles, sem se atrever a levantar os olhos. Quando terminou de beber, ficou sentada em silêncio. Não sabia o que fazer e preferiu aguardar. Ver o que ele fazia. Jens se sentou no banco em frente. Havia fechado o alçapão e o aposento estava de novo quase às escuras. Ema podia ouvir a respiração dele na escuridão. Finalmente rompeu o silêncio.

— O que pensa fazer?

- Cale-se! Não têm o direito de falar. Dito isso, se recostou contra a parede e fechou os olhos.
- Tenho que fazer xixi, sussurrou Ema.
- Isso há mim pouco importa.
- Por favor.

De má vontade, se levantou e desatou as cordas. Teve que se agachar e urinar enquanto ele observava. Quando terminou, voltou a amarrá-la. Olhou-a com expressão maligna, depois subiu a escada e desapareceu.

* * *

As horas passavam. Estava deitada de lado no banco, em tempos adormecida e em tempos acordada. Os sonhos se misturavam com os pensamentos. Não conseguia diferenciar uns dos outros. Pairava sobre ela uma pesada onda de apatia. Estava em suas mãos. Não poderia fazer nada. Poderia se deitar e morrer ali. Terminar seus dias em um bunker na ilha de Farö. Então brilharam como cristais as lembranças de seus filhos, Sara e Filip. A última vez que se viram fora na casa do irmão de Olle, em Burgsvik. Fixara a imagem das crianças dando adeus com as mãozinhas, quando já estava no carro. Seria a última vez que se veriam?

Doíam as articulações e sentia formigamento nas mãos. Estavam ficando dormentes. Levantou-as até o estreito raio de luz. As cordas, muito apertadas, haviam deixado os seus pulsos roxos. Decidiu começar a pensar de maneira positiva e voltou a se sentar. Quais as possibilidades? Poderia tentar atacá-lo quando abrisse o alçapão da próxima vez? Dificilmente. Era muito maior que ela e também não tinha nada que pudesse utilizar como arma. Pensou onde poderia se encontrar o bunker. Provavelmente longe das casas mais próximas. Ainda que, agora no verão, sempre havia gente próxima. A gente se movia e passeava pelo bosque e pelos campos, aproveitando ao máximo a proximidade da natureza. Olhou a pequena janelinha. Atrever-se-ia a gritar? Hagman talvez estivesse ali fora. Imaginou que estivesse em seu carro. E se a ouvisse, o que tinha a perder? O mais provável era que ainda estivesse viva porque precisaria dela para sair dali. O que significaria que havia polícia procurando-a. De modo que, enquanto a polícia permanecesse em Farö, não iria matá-la.

Não tinha as pernas tão fortemente atadas como da primeira vez. Era difícil se mover, mas conseguia. Foi até a parede. Aproximou-se da janelinha o quanto pôde e gritou com todas as suas forças pedindo auxílio. Gritou uma e outra vez, até que já não pôde mais. Sentou-se no banco esperando, com os olhos cravados na janelinha. Os minutos passavam. Nem o menor sinal, nem de Hagman nem de alguém. Repetiu o procedimento até ficar extenuada. Deitou-se de novo. Talvez fosse melhor tentar ser sutil. Falar com ele. Pedir perdão. Convencê-lo de que estava arrependida. Sim, faria isso.

* * *

Dezoito

Terça-feira 26 de Junho

ANDERS KNUTAS estava sentado ante uma xícara de café e um pedaço de queijo em uma construção com aspecto de barracão que fazia às vezes de cafeteria e quiosque no camping de Sudersand. Eram seis e meia da manhã e Ema Winarve continuava sem aparecer. A polícia prendera Jan Hagman e o levava para a Comissaria. Não sabiam se o pai estava implicado ou não, mas não queriam correr nenhum risco. A inquietação devorava o comissário. Ema estaria viva? Hagman deveria estar ainda em Farö. O transportador ficara fechado desde o princípio, o mesmo que os acessos às docas. Não poderia ter saído da ilha, salvo em seu próprio barco, possibilidade que Knutas considerava quase completamente descartada. A polícia havia passado um pente fino nas costas de Farö, e, por outro lado, aonde ele poderia ir? Não havia nenhuma ilha próxima para onde pudesse escapar. Era impossível que pudesse chegar até a ilha de Gotska Sandön ou até a Península sem que o descobrissem. Assim, a única possibilidade era que tivesse navegado em seu próprio barco até algum ponto da costa de Gotland. E isso parecia impossível.

“Em consequência, temos de partir do fato de que ainda se encontra na ilha”, pensou, comendo açúcar e colocando café na xícara. Aprendera com o seu pai, colocar café na xícara e tomar um gole com o cubo de açúcar entre os dentes. Pelo que se sabia, Jens Hagman não tinha amigos nem familiares na ilha. Segundo o pai, a família não conhecia ninguém em Farö, mas estiveram ali vários verões quando as crianças eram pequenas, numa casa alugada em Ekeviken. “Assim Hagman conhece a área muito bem”, pensou Knutas. Na área norte da ilha a polícia revistara todos os estábulos, celeiros, barracões, casas de veraneio, lojas e campings. As revistas ainda continuavam. Poderia se esconder em algum outro lugar? Claro que poderia ter se escondido fora dali. Mas era pouco provável. O risco de que o descobrissem era muito grande. Poderia ter algum comparsa? Sim, mas não era o mais provável. Quem iria querer ajudar a um louco que poderia fazer qualquer barbaridade?

* * *

Ema havia imaginado vários planos alternativos, quando o alçapão se abriu. Hagman trazia uma faca.

— Por favor, não me machuque, suplicou, quando o teve ante si. Tinha a faca na mão; o gume brilhava na escuridão. Hagman olhou-a com um sorriso inescrutável.

— E por que não?

— Entendi por que matou às outras. Foi horrível o que lhe fizemos.

— Você não entendeu nada, guinchou ele com raiva, com os olhos muito abertos.

A única arma que Ema dispunha era a palavra. Assim continuou.

— Sei que é imperdoável, e depois daquilo eu pensei muitas vezes em entrar em contato consigo. Queria pedir perdão. Sinto muito. Mas éramos só umas crianças.

— Só umas crianças... Repetiu com sarcasmo. — Assim você acha. Sofri um inferno toda a minha vida pelo que me fizeram. Vivo sempre acovardado. Nunca pude me relacionar com mulheres, nunca me atrevi a me aproximar de ninguém. Vivo só, terrivelmente só... Só umas crianças... Voltou a dizer com voz cheia de ódio. — Sabiam muito bem o que faziam. Destruíram a minha vida. Agora chegou a hora de pagar.

Ema tentou desesperadamente encontrar algo mais para dizer. Ganhar tempo. Por outra parte, tinha um medo atroz de provocá-lo.

— Por que sou a última?

— Não acredite que foi uma casualidade. Calculei tudo com muito cuidado. Queria me vingar de quem me fez sofrer segundo uma ordem e começando com a pior. Quando acabei com ela, chegou a vez de Helena.

— Com ela? Quem? Por um momento, o medo deu passagem à surpresa. Ele olhava-a na escuridão.

— Minha mãe, para chamá-la de alguma maneira. Todos acham que se suicidou, adicionou, e riu com tristeza. — A polícia é tão inábil... Engoliram todo o anzol. Mas fui eu. Matei-a e gostei. Não tinha nenhum direito a viver. Uma mãe que tem dois filhos, mas que não quer saber de nada... Que tipo de mãe é essa?

Jens Hagman havia aumentado o tom de voz e quase gritava. Notava-se a falta de ar no bunker.

— Não se preocupava com você? Sussurrou Ema, tentando acalmá-lo.

— Sou um aborto. Sempre fui. Um filho não desejado... Comentou com dureza. — Mas essa bruxa pagou por isso. Sim, teve o seu, declarou com ar triunfal, olhando-a fixamente.

Não pôde deixar de ver a loucura que brilhava naquele olhar. A ideia abriu passagem com toda rudez: não tinha escapatória. Não voltaria a ver os seus filhos. Esforçou-se ao máximo para não começar a chorar, para não perder a calma. Nesse momento se ouviu ao longe um ruído de helicóptero. Hagman estremeceu e escutou com atenção.

— Não se mova, ou mato-a imediatamente, gritou. — E mantenha a boca fechada.

O helicóptero parecia que voava em círculo bem por cima deles. De repente se ouviu a voz de Knutas através de um megafone.

— Jens Hagman! Somos da polícia. Sabemos que está aí dentro. É melhor que se entregue. Está cercado e temos o seu carro. Não têm nenhuma possibilidade de fugir. O melhor que pode fazer é se entregar. Saia com as mãos na cabeça!

Hagman levantou Ema do banco com tanta força, que esta esteve a ponto de cair no chão. Pôs-lhe a faca no pescoço, enquanto avançava de costas até a janelinha. Olhou para fora. Ema vislumbrou o mar. Era notório que ficara desconcertado. Estava em apuros, e isso o tornava ainda mais perigoso. Ela desejava que afrouxasse a pressão sobre o seu pescoço. Houve uns momentos de silêncio. Depois voltou a se ouvir a voz do megafone.

— Hagman! É a polícia. Não têm saída. Saia com as mãos na cabeça!

Jens Hagman reagiu em silêncio e com rapidez. Cortou a corda dos tornozelos, empurrou-a na frente dele escada acima e levantou o alçapão. Estava bem por trás dela. O ar quente a golpeou. Ema viu a possibilidade de fugir. Ela chegaria acima antes dele. A escada era estreita e a abertura do bunker tão apertada que seria impossível que saíssem os dois ao mesmo tempo. Quando se encontrava quase ao nível do chão e ia dar o último passo para sair do bunker, chutou Hagman com todas as suas forças. O chute o alcançou-o no rosto e ele disse um palavrão. No momento seguinte sentiu a sua mão ao redor do tornozelo e caiu. A tentativa de fuga havia fracassado antes mesmo de começar. Hagman lhe sussurrou ao ouvido:

— Outra brincadeira como esta e estará morta.

Ema entornou os olhos para poder ver algo na luz da manhã e observou tanto como lhe foi possível da sua posição. Encontravam-se ao lado de um bosque, com o mar a um lado e verdes colinas ao outro, rodeados de policiais armados. Em uma colina algo mais afastada se encontrava Anders Knutas com o megafone. Hagman levava-a diante dele como um escudo.

— Que se retirem todos os policiais! Se não, mato-a aqui e agora. Só o comissário pode ficar. Quero um carro com o tanque cheio e cem mil coroas em dinheiro dentro. Além disso, comida e bebida suficiente para duas pessoas durante três dias. Se não fizerem o que digo, corto o pescoço dela. Entenderam? E rápido! Se não tiver o carro aqui dentro de duas horas, mato-a. Knutas desceu a mão que segurava o megafone. Passaram-se uns minutos.

— Faremos o que pede, atendeu.

Voltou-se até um colega que estava do seu lado e trocaram umas palavras. Cinco minutos depois todos os policiais haviam desaparecido. Hagman continuava na mesma posição que antes. Ema olhava o mar e as gaivotas que sobrevoavam a água, as papoulas em flor, as rosas azuis. Uma beleza que doía. Voltou a pensar em seus filhos. Havia começado as férias de verão e aqui estava ela. A um milímetro da morte. Knutas falava num telefone celular. Quando terminou a conversa, gritou para eles.

— Teremos problemas para conseguir o dinheiro tão depressa. Precisamos de mais tempo.

Hagman segurou-a com mais força.

— À merda os seus problemas. Consiga o dinheiro. Agora só dispõem de uma hora e cinquenta

minutos. Se não conseguirem, ela morrerá! Para sublinhar as suas palavras, cortou Ema no pescoço, que começou imediatamente a sangrar.

* * *

Quase duas horas mais tarde apareceu na estrada um Audi verde, a uns cem metros de onde se encontravam. Um policial desceu do carro. Knutas se dirigiu a Hagman.

— O carro tem o tanque cheio e as chaves na ignição.

O policial levantou uma maleta, abriu e mostrou o conteúdo. Apanhou um maço de notas.

— E na maleta encontrará cem mil coroas em notas de cem, gritou Knutas. — Além de comida e bebida. Exatamente o que pediu.

— Bem, respondeu Hagman gritando. — Afastem-se pelo menos duzentos metros do carro. Depois, quero um salvo-conduto para o transportador. Terá que nos levar até Färösund. Se não, vou matá-la, voltou a dizer.

— Certo!

Jens Hagman empurrou Ema diante dele em direção ao carro. Seu captor olhava sem cessar para os lados. Saiu derrapando. O Audi deu a volta e muito rapidamente estavam na estrada principal em direção a Färösund. Em Ema giravam os pensamentos. Teria de fazer algo. Tão logo se visse livre da polícia, ele a mataria. Estava convencida disso. Já estavam se aproximando do barco, como se podia ver nas palavras marcadas no asfalto da estrada. Hagman reduziu a velocidade. Ali estava o transportador esperando. Podia ver capitão na cabine. Um marinheiro, no cais, estava a postos para soltar as amarras.

Em seguida, aconteceu tudo muito depressa.

Os polícias saíram correndo do nada. Jens Hagman reagiu em seguida e escapou. Tentaram abrir as portas, mas foram jogados longe quando Hagman deu uma guinada no volante e o carro girou bruscamente. Um pouco mais adiante encontraram mais carros da polícia. Deixou o caminho e continuou pelo campo, entre juníperos e pedras. O veículo avançava sem controle e Ema só teve tempo de gritar antes que batessem contra uma árvore. O impacto foi violento. Foi projetada contra o para-brisa, que quebrou. Uma explosão de cacos caiu sobre ela. Conseguiu ver que Hagman saía do carro e se afastava correndo. Uma fumaça espessa a envolvia. Abriu a porta com o pé e se jogou para fora do carro, desabando no chão. Karin Jacobson viu o carro de longe. Rapidamente viu Ema no chão ao lado do veículo e Hagman que se afastava correndo. Retirou a pistola da cartucheira e soltou o pino de segurança.

— Hagman! Gritou aos policiais. — Lá!

Jens Hagman notou a sua presença no mesmo momento e aumentou a corrida em direção ao bosque. As suas costas, Karin ouviu vozes. Com a arma à frente apontando para as pernas do fugitivo, foi atrás dele.

— Alto! Ordenou.

Em vez de parar, ele se escondeu detrás de um velho moinho. Karin diminuiu o passo. Sabia que estava armado. Poderia acertá-la facilmente se não agisse com precaução. Deslizou em silêncio rodeando o moinho por um lado. Ouviu um ruído e se voltou. De repente sentiu Hagman pulando sobre ela. Rolaram pelo chão. O estrondo do disparo foi ensurdecedor. O corpo que estava em cima dela ficou imóvel.

* * *

Quando despertou no hospital de Visby, Ema demorou uns momentos em lembrar o que acontecera. Então vieram as imagens, uma atrás outra. O bunker. Knutas com o megafone. Hagman com a faca junto a seu pescoço, a fuga, a batida. Abriu os olhos. Viu duas figuras borradas ao lado da cama. Alguém estava sentado um pouco mais longe.

— Mamãe, disse uma vozinha. Era Filip. Agora via com clareza. Tinha o rosto pálido e sério, os olhos brilhantes. Estava em sua cama. Sara também. Abraçou-os.

— Meus filhos queridos. Já acabou tudo.

Viu com o rabo do olho como o seu marido se levantava da cadeira e se aproximava. Olle se sentou na borda da cama e tomou as mãos de Ema entre as suas. Tudo terminara. Por fim. Entrou uma enfermeira e disse que poderiam voltar no dia seguinte. Deram um último abraço.

Ema se deu conta de como estava cansada. Tinha que dormir. Só se levantou para ir ao banheiro. Tudo dava voltas. “O tempo passado no bunker fechada com Hagman já parecia estar longe”, pensou, enquanto escutava o jorro de água do sanitário. Lavou-se, bebeu um copo de água e voltou ao quarto. Ao lado da cama havia um jarro com margaridas e rosas, e um cartão pregado em um dos talos. Sorriu ao ler. Era de Knutas. Desejava uma pronta recuperação e dizia que ligaria no dia seguinte. Meteu-se na cama. Ajeitou o travesseiro. Tinha o corpo cheio de machucados e doía a cabeça. Agora só queria dormir. Quando se dispunha a apagar a lâmpada da mesinha de cabeceira, reparou em um outro jarro, este com rosas amarelas que estava na janela. Tirando forças de fraqueza se levantou da cama e foi até lá. Encontrou um envelope dentro dele. Era um cartão de Johan. “Quer dividir uma plantação de batatas comigo?”.

* * *

Knutas deu uma tragada forte no cachimbo, o que lhe provocou um violento acesso de tosse. Normalmente não tragava, só se entretinha com o cachimbo, que enchia de tabaco e aspirava sem acender. Um método muito eficaz para evitar o câncer de pulmão. Mas nos últimos dias havia fumado mais do que nunca. Dentro de meia hora ia se reunir o grupo que havia dirigido a investigação, para escrever um relatório sobre os trágicos acontecimentos que haviam convulsionado Gotland naquele verão.

Repassou mentalmente os acontecimentos.

Quando estava sentado no camping de Sudersand, o seu colega Lars Norrby ligara de Visby. Contou que uma vizinha de Gunila Olsson havia reconhecido Jens Hagman como o homem a quem vira junto à casa de Gunila, nas semanas anteriores ao seu assassinato. “Que sangue frio ele teve”, pensou Knutas. “Se preocupou em travar amizade com ela antes de assassiná-la”.

Fora o próprio Knutas que pensou que Jens Hagman poderia ter se escondido em um dos velhos bunkers do exército que havia em Farö, onde eram muito numerosos. A polícia vasculhou o noroeste da ilha, e não demorou muito para encontrar o carro de Hagman estacionado no bosque. O Saab estava precariamente camuflado com ramos de zimbro, mas se achava em um lugar tão protegido que era muito difícil que o descobrissem do ar.

Knutas recriminava a si mesmo que o drama tivesse terminado com a morte de Hagman.

Karin Jacobson sofrera uma forte comoção e se viu obrigada a ficar uns dias no hospital. Nunca havia ferido uma pessoa antes, e agora corria o risco de que a acusassem de ter extrapolado as suas funções. Poderia inclusive ser acusada de homicídio por imprudência. Isso diria a investigação interna que iria levar a cabo a polícia de Estocolmo. Na realidade, a falha fora sua.

Ele era quem dirigia a operação. Quem sabe as coisas tivessem sido diferentes se não tivesse aceitado as condições de Hagman. Se tivessem pedido um mediador, ou invadido o bunker...

Suspirou profundamente. Era impossível saber. Havia pensado muito em Hagman. Toda a sua vida marcada pelo ódio, que se enraizara com força dentro dele durante a infância. Era evidente que aquilo afetara as suas relações com as mulheres. Jamais conseguira manter alguma relação com elas. Vivia só e tinha problemas na área social. Terminara os estudos na universidade e trabalhava vigiando os torniquetes de acesso do metrô de Estocolmo. Inclusive a relação com sua irmã era estranha. Nunca haviam se dado bem, em que pese a que a diferença de idade era só de dois anos. Os pais não fizeram nada para melhorar a relação entre os irmãos. A mãe favorecia sempre à irmã. O pai, Jan Hagman, com os anos, se ocupou cada vez menos da família. Recuou para dentro de si mesmo, como a mãe. Nenhum dos dois era consciente do que estava se passando com o seu filho: as humilhações a que fora submetido, sua solidão, a angústia que sentia... O resultado foi desolador.

Os filhos se converteram em duas ilhas que não se comunicavam, cujas vidas flutuavam a mercê da corrente, sem apoio nem ajuda de alguém. Cada um deles devia se ocupar de seus próprios problemas e de sua vida afetiva. Não havia nenhuma união, nenhum compromisso familiar. De certo modo, podia compreender Jens Hagman. Talvez não fosse necessário ser um doente psíquico para chegar a cometer um assassinato. Quem sabe bastaria ter sido cruelmente humilhado.

A má relação com os pais era um fio condutor ao longo de toda aquela investigação. Também acontecera com as vítimas. Helena Hilerströn, Frida Lindh e Gunila Olsson tiveram relações tensas com seus pais. Knutas tinha a impressão de que outro tanto acontecera com Ema Winarve. Era algo que vítimas e assassino tinham em comum, não conseguiam ter e manter relações pessoais. Perguntava-se que importância poderia ter tido aquilo para que os fatos acontecessem como aconteceram.

Levantou-se e olhou o estacionamento, onde batia um sol escaldante. Uma joaninha trepava pelo peitoril da janela. Deixou que subisse até o seu dedo e abriu a janela.

A joaninha abriu as asas e desapareceu voando.

Fim